

HUDSON LUCAS MARQUES MARTINS

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO, PINTOR NAS MINAS SETECENTISTAS

Mariana
Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP
2010

HUDSON LUCAS MARQUES MARTINS

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO, PINTOR NAS MINAS SETECENTISTAS

Monografia apresentada ao Curso de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Juam Carlos Thimóteo

Mariana
Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP
2010

A todos os meus amigos, em especial a Rodrigo
César Coura Martins, *in memoria*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Juam Carlos Thimóteo, essencial para a realização desse trabalho. Ao professor José Arnaldo Coêlho de Aguiar Lima, ao pesquisador Herinaldo Oliveira Alves e ao revisor Alderacy Pereira da Silva Júnior. Sem o trabalho e a dedicação de todos vocês essa monografia não seria possível. Aos meus colegas Bráulio Gomes Felisberto e Filipe Bortoleto.

Agradeço ainda a todos os funcionários da Universidade Federal de Ouro Preto, principalmente aos que trabalham no Instituto de Ciências Humanas e Sociais. A todos os meus professores, que desde o começo me incentivaram. A todos os funcionários do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, minha casa durante incontáveis tardes. Agradecimentos especiais a Luciana Assunção, Adelma dos Santos, Fabiani Moreira e Elaine Ferreira pelo carinho com que sempre me receberam. Aos funcionários do Arquivo Histórico Eclesiástico da Paróquia do Pilar, principalmente a Carlos José Aparecido de Oliveira, conhecido por Caju. Aos funcionários do Museu da Inconfidência, principalmente ao restaurador Aldo Celso Araújo, a museóloga Celina Santos Barboza e ao diretor Rui Mourão. A Nelson Viera de Souza Filho, zelador da capela Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de Mariana. Ao zelador da capela da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto, Jovenilson Tomaz. A Raquel Oliveira e Rogério Costa pelas imagens gentilmente cedidas. Aos funcionários do Arquivo Municipal de Ouro Preto.

Acima de tudo tenho que agradecer aos meus pais, Wanilda Marques Castro Martins e Wilde Glézio Martins Gomes, por tudo o que já fizeram por mim. Ao meu irmão Hugo Lázaro Marques Martins, sempre ao meu lado em todos os momentos da minha vida. Aos meus avôs pelo carinho. Aos meus tios e tias. A todos os meus primos e primas. Agradecimento especial a todos os meus amigos, essa monografia é dedicada a vocês.

...o tempo é um rato roedor das cousas, que as diminui ou altera no sentido de lhes dar outro aspecto. Demais, a matéria era tão propícia ao alvoroço que facilmente traria confusão à memória. Há, nos mais graves acontecimentos, muitos pormenores que se perdem, outros que a imaginação inventa para suprir os perdidos, e nem por isso a história morre.

Machado de Assis.

RESUMO

Esse trabalho busca contribuir para o estudo da arte colonial mineira, para tanto, concentramos nossa pesquisa em volta do nome do pintor João Nepomuceno Correa Castro. Esse importante artista ainda não havia sido alvo de nenhuma pesquisa acadêmica, apesar da sua importância reconhecida por toda a bibliografia consultada. Autor dos painéis da nave e da capela mor do santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, João Nepomuceno Correa Castro é um dos mais importantes pintores do século XVIII em atuação na capitania de Minas Gerais, período esse anterior ao vivido por Manoel da Costa Ataíde. Nosso trabalho volta às fontes primárias, colecionado recibos dos trabalhos executados e documentos pessoais do artista. Assim esperamos contribuir para o estudo da vida e das obras desse importante artista colonial, seja revisando a documentação já consultada, descobrindo novos documentos ou catalogando as suas obras. A arte sacra é um importante patrimônio que deve ser estudado e conservado, ela pertence a todos nós e temos o dever de preservá-la para a posteridade.

ABSTRACT

This paper seeks to contribute to the study of colonial art mining to this end, we focus our research around the name of the painter João Nepomuceno Correa Castro. This important artist had not been the target of no academic research, despite its importance recognized throughout the historiography. Author of the panels of the nave and chancel of the sanctuary of Bom Jesus de Matozinhos in Congonhas City, John Nepomuceno Castro Correa is one of the most important painters of the eighteenth century in operation in Minas Gerais, prior to this period experienced by Manuel da Costa Athayde. Our work back to primary sources, collected receipts of work performed and personal documents of the artist. Hopefully contribute to the study of the life and works of this important colonial artist, is already reviewing the documentation consulted, discovering new documents and cataloging their work. Sacred art is an important asset that should be studied and preserved, it belongs to us all and we must preserve it for posterity.

SUMÁRIO

Introdução	p. 8
1. A Pintura colonial em Minas Gerais	
1.1. A Pintura em perspectiva na Europa	p. 13
1.2. A Pintura em perspectiva no Brasil	p. 18
1.3. A Pintura em perspectiva em Minas Gerais, o ciclo Barroco	p. 21
1.4. A Pintura em perspectiva em Minas Gerais, o ciclo Rococó	p. 25
1.5. Chienesices, retratos e ex-votos no período colonial	p. 37
1.6. A Influência dos modelos europeus na pintura colonial mineira	p. 42
Índice de imagens do capítulo 1	p. 48
2. João Nepomuceno Correa Castro, vida e obra	
2.1. Os Anos iniciais de João Nepomuceno Correa Castro	p. 51
2.2. O Santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, as suas obras pictóricas e a sua documentação	p. 54
2.3. Questão de autoria, historiografia e volta às fontes primárias	p. 57
2.4. Vila de Congonhas do Campo, abrem-se horizontes para João Nepomuceno Correa Castro	p. 65
2.5. Os últimos anos de João Nepomuceno Correa Castro, posses e derradeiras vontades	p. 67
Conclusão	p. 70
Bibliografia	p. 72
Glossário	p. 77
Quadro genealógico de João Nepomuceno Correa Castro	p. 80
Catálogo das fichas das obras de João Nepomuceno Correa Castro	p. 81
Fichas de catalogação	p. 83
Índice de documentos transcritos	p. 132
Documentos transcritos	p. 134

INTRODUÇÃO

Muitas foram as dificuldades encontradas durante o decorrer da pesquisa. Vários foram os momentos críticos, quando tive que fazer escolhas que influenciaram diretamente o produto final dessa monografia de bacharelado. Os seus resultados podem não ser espetaculares, mas busca demonstrar de maneira prática o aprendizado adquirido durante o curso de bacharelado em História, pela Universidade Federal de Ouro Preto durante os anos de 2006 a 2010.

A escolha do tema passou pelo interesse pelas artes coloniais mineiras, principalmente a pintura. Quando me deparei dentro da Universidade estudando as manifestações do Barroco e do Rococó no período colonial mineiro, as lembranças da minha infância voltaram. Oriundo de uma família muito religiosa, sempre frequentei as centenárias capelas mineiras da minha região, principalmente a capela de Santa'Ana, no distrito de Sant'Ana do Alfié na cidade de São Domingos do Prata. Local esquecido pelos turistas, pelos estudiosos, pelas instituições e até mesmo pelas autoridades que a deveriam preservar. Logo me identifiquei com o campo da história que gostaria de me dedicar.

A escolha do pintor João Nepomuceno Correa Castro como objeto de pesquisa, se baseou no pensamento objetivo de contribuir com informações novas para o estudo da arte colonial mineira. Não teria muito a acrescentar ao que já foi dito sobre Manuel da Costa Ataíde ou Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, em uma pesquisa monográfica. Escolhi também João Nepomuceno Correa Castro pela importância e pelo volume de suas obras, além da total falta de informação sobre a sua história. Esse importante artista foi o principal pintor do santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, templo mineiro de extrema importância histórica e religiosa. Assim, espero que minha pesquisa possa contribuir para a construção de um conhecimento mais sólido sobre as artes plásticas coloniais.

Quanto à escrita dessa monografia, optamos por dividi-la em três partes. O primeiro capítulo é uma introdução à pintura em perspectiva, desde as origens européias até o seu uso em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. Para tanto, nós atemos aos nomes mais famosos que usaram a técnica, exemplificado as suas obras. Ainda nessa primeira parte, fazemos um rápido levantamento da produção pictórica do século XVIII na colônia, ressaltando a pintura de retratos, os ex-votos, as chinesices e a influência dos modelos europeus na pintura colonial.

Esse capítulo introdutório está embasado na leitura da obra de duas autoras clássicas, Hannah Levi e Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira. Muito já se avançou após as publicações destas duas historiadoras, mas escolhemos não avançar nesse sentido dentro da nossa monografia. Ressaltamos mais uma vez que esse primeiro capítulo é uma introdução ao nosso leitor de assuntos relevantes para o desenrolar da mesma, suas informações buscam nortear e contextualizar o pintor João Nepomuceno Correa Castro dentro de uma tradição de pintura de perspectiva e dentro de um ambiente de produção pictórica colonial.

O segundo capítulo da nossa monografia concentra-se em torno do nome do pintor João Nepomuceno Correa Castro. É uma primeira tentativa de escrever uma narrativa histórica e cronológica da vida do pintor mineiro, sustentada por uma pesquisa documental. Nesse capítulo também há um levantamento dos autores que já escreveram sobre o pintor ou sobre as suas obras, com especial destaque aos painéis no santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas. Esse capítulo é o resumo dos resultados obtidos com a pesquisa documental empreendida durante a execução da monografia.

A última parte da monografia é formada pelos diversos anexos. Chamamos a atenção para as fichas de catalogação das obras de pintura do pintor João Nepomuceno Correa Castro, primeira tentativa de agrupar de forma sistemática a produção do pintor. Ressaltamos também o grande volume de documentos transcritos, sendo esse o foco principal do nosso trabalho: revisar a documentação já encontrada e avançar na pesquisa com as fontes primárias referentes ao pintor João Nepomuceno Correa Castro, seja transcrevendo documentos, agrupando informações sobre as suas obras e em última instância, construindo uma narrativa histórica sobre a vida do pintor.

A falta de informações publicadas sobre João Nepomuceno Correa Castro nos levou a priorizar a transcrição e revisão de documentos já encontrados. Referência para essa pesquisa foi o dicionário publicado na década de 1970 pela pesquisadora Judith Martins¹, ao qual acrescentamos mais alguns documentos ainda inéditos. Todas as transcrições foram executadas obedecendo aos três modelos definidos a priori. O primeiro modelo é chamado de transcrição diplomática, nessa primeira fase os documentos são transcritos respeitando a grafia das palavras e a disposição das frases no documento. A mudança de linha no documento original é representado na transcrição por duas barras em itálico (//) seguido do número da folha. À margem esquerda da transcrição diplomática encontra-se a contagem das linhas da fonte, e no título há uma nota de rodapé em que consta a citação arquivística do

¹ MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. 2 v. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

documento consultado. O primeiro modelo busca aproximar-se o máximo possível da fonte original.

O segundo modelo é conhecido por transcrição crítica. Nesse momento desdobram-se as abreviaturas, colocando o seu complemento entre colchetes e negrito. As frases e os parágrafos são organizados, para representar a mudança de linha no documento original é colocada uma barra em itálicos (/) na transcrição crítica. São inseridas ainda notas de rodapé com a definição de termos em desuso ou específicos do vocabulário das artes plásticas que aparecem na fonte.

O último modelo, conhecido por transcrição popular, busca aproximar a linguagem da fonte consultada à grafia atual. Para tanto são retirados qualquer marcação referente a linhas ou parágrafos e a pontuação é modificada. Ao final do último modelo consta o nome e a data do pesquisador e do revisor das transcrições. Durante os três modelos são utilizados os colchetes ([]) para representar que não houve entendimento do termo utilizado na fonte, e o colchete preenchido com três hífen ([---]) para representar a impossibilidade da leitura da palavra por perda física nos documentos, geralmente manchas ou buracos nas fontes.

Apesar de todo o apuro e dedicação na transcrição de volumosa documentação, há consciência quanto aos vários possíveis erros de leitura das fontes, principalmente referente aos termos e cargos em desuso. A pouca experiência na lida com a documentação, principalmente se tratando de fontes do século XVIII, são próprios do meu aprendizado de historiador em formação. Aliado à falta de experiência, houve a indisponibilidade de revisores, então é consciente os possíveis pequenos erros nos três modelos, apesar de não comprometer as informações utilizadas nessa monografia, é um ponto a ser destacado.

Durante mais de dois anos convivi dentro dos arquivos da região de Mariana e Ouro Preto efetuando as transcrições que seguem em anexo. Nesse tempo presenciei o descaso com a documentação e com os arquivos mineiros, negligência essa que já percorre séculos. Foi comum encontrar documentação grifada ou danificada pelos consulentes durante as várias décadas de consulta, assim como a desorganização generalizada de certos códices. Alguns livros do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, por exemplo, são formados por papéis aglutinados sem nenhuma ordem própria. Vale ressaltar ainda que algumas instituições não ofereçam espaço e nem material apropriado para os seus arquivos. Há apenas alguns anos essa situação vem melhorando, com a profissionalização das pesquisas e dos próprios arquivos.

A maior dificuldade para a elaboração dessa monografia foi referente à obtenção de imagens. A maioria dos administradores dos templos mineiros é rígida quanto as fotografias

dentro das capelas, no caso do santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas a situação é mais difícil ainda. Esse templo sempre foi ameaçado pela ação de ladrões, pois possui valioso acervo artístico aliado à falta de um sistema eficaz de segurança. Buscamos a autorização para fotografar os painéis e o forro da nave da capela pelo intermédio do professor José Arnaldo Coêlho de Aguiar Lima e da Universidade Federal de Ouro Preto, mas só foi autorizado pelo padre Benedito Pinto da Rocha a obtenção de 10% das imagens, ou seja, dois ou três painéis. Quando recorremos à bibliografia referente ao santuário, também não encontramos imagens publicas sobre os painéis internos do templo. Uma série de 14 imagens de péssima qualidade, e em preto e branco, foi publicada em 1962 pelo historiador Edgard Cerqueira Falcão², essas são as melhores reproduções encontradas e por esse motivo são elas que constam nessa monografia. Essas são as únicas imagens publicadas que foram encontradas dessas obras, mesmo assim de parte dos painéis do interior do templo e não de sua totalidade. Não havendo solução para esse problema, minha monografia fica muito prejudicada. Nas fichas de catalogação no capítulo 3 deveríamos fazer análises iconográficas e iconológicas, mas as poucas imagens de que dispomos e a péssima qualidade das mesmas comprometeu esse planejamento. Optamos por um modelo mais simples para a catalogação das obras de João Nepomuceno Correa Castro.

Gostaria de acrescentar ainda que a historiografia não chegou a um consenso referente à grafia do nome de João Nepomuceno Correa Castro. As formas mais comuns de se escrever o seu nome são João Nepomuceno Correia e Castro³ e João Nepomuceno Corrêa e Castro⁴. Voltando à documentação primária, encontramos maior variação ainda da grafia do nome do pintor mineiro. É comum o uso de abreviações, principalmente com relação aos seus dois últimos sobrenomes, como por exemplo, João Nepomuceno Corr.^a Castro⁵, além de João

2. FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. 336 p.

3. Entre outros; FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. p. 52. MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. v 1. p. 171. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27). OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. p. 171. MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*. 3^a ed. São Paulo: Perspectiva S. A., 1978. p. 305. (Debates, 11).

4. ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. A Pintura colonial em Minas Gerais. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978. p. 28. (Publicação da revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 18). BOSCHI, Caio César. *O Barroco mineiro; artes e trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 34. (Tudo é história, 123).

5. **AEAM**. Livro de fábrica da Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Mariana. f. 30. Prateleira P, livro número 25. **AEAM**. Livro de termos, contratos, posse dos irmãos da mesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário das Congonhas. f. 23. Prateleira H, código 29.

Nepomuceno Correa de Castro⁶. Comparando com a grafia encontrada nos documentos dos seus familiares, acreditamos na maior recorrência do sobrenome Correa sem a utilização do “de”, como no do seu irmão Francisco Correa Rabelo⁷ ou o seu pai Domingos Correa Rabelo⁸. Embasados na falta de homogeneidade na grafia do nome do artista mineiro, tanto no que diz respeito à historiografia quanto às fontes, optamos por grafá-lo João Nepomuceno Correa Castro.

6. **AEAM**. Livro 1º de despesa do santuário de N. S. Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo. f. 14 v. Prateleira H, código 26. **AEAM**. Processo matrimonial de João Nepomuceno Correia de Castro e Germana Cândida Xavier de Noronha. 11 f. Registro 3930, armário 04, pasta 393.

7. **AEAM**. *De genere et moribus*. f. 2. armário 3, pasta 527.

8. **AEAM**. Testamento de João Nepomuceno Correia Castro. f. 3. Testamentos, pasta 619.

CAPÍTULO 1 – A PINTURA COLONIAL EM MINAS GERAIS

1. Pintura em perspectiva na Europa

A perspectiva⁹ é a técnica de representar objetos em uma superfície, mas esses objetos estão em uma forma e disposição de como aparecem à vista e não como são geometricamente. Ou seja, os objetos são desenhados de tal maneira que causam a ilusão de tridimensionalidade no espectador. A imagem 1 exemplifica a utilização da técnica de desenho em perspectiva, a escada representada causa a sensação de profundidade no observador. Essa técnica aplicada à decoração de tetos e forros é conhecida por pintura ilusionista, monumental ou em perspectiva. As pinturas podem utilizar elementos arquitetônicos para provocar essa sensação de profundidade, ou optam pelo contraste das cores para tal efeito, como veremos adiante. As obras mais bem feitas utilizando essa técnica criam a ilusão de infinito nos espectadores, com as várias figuras humanas em posição de *scorcio*¹⁰. Esse tipo de ornamentação foi elaborada na Itália, onde desde o século XVI artistas praticavam monumentais pinturas em perspectiva¹¹.

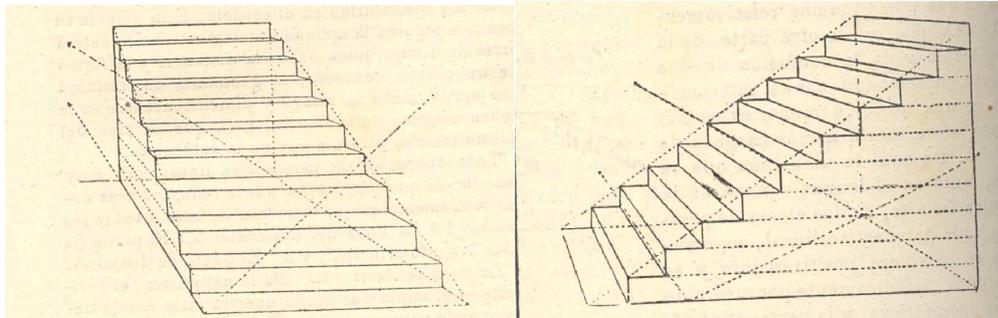


Imagem 1: Desenho de uma escada em perspectiva. **Fonte:** ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANA. Madrid: Spasa-Calpe, 1926. v 43. p. 1196.

Nesse primeiro século da pintura em perspectiva, destacamos o italiano Antonio Allegri (1494-1534), mais conhecido pelo nome da sua cidade natal, Corregio¹². É autor dentre outras obras da cúpula da igreja de São João Evangelista (imagem 2) e da cúpula do Duomo (imagem 3), ambas em Parma. Em suas pinturas ilusionistas é comum encontrar as

⁹. Para mais informações consultar o verbete; “Perspectiva” *in*: ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANA. Madrid: Spasa-Calpe, 1926. v 43. p. 1187.

¹⁰. Termo italiano usado para designar as figuras humanas desenhadas em perspectiva.

¹¹. RIBEIRO, Myriam. Pintura de perspectiva em Minas colonial. *Barroco*, Belo Horizonte, 1978-9. v. 10. p. 27.

¹². ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANA. Madrid: Spasa-Calpe, 1926. v 15. p. 896.

suas figuras humanas em *scorcio* e a utilização das nuvens para o efeito de fuga da perspectiva.



Imagem 2: A morte de são João. Antonio Allegri Correggio. 1520 – 24. Afresco. Igreja de são João Evangelista, Parma. **Fonte:** www.wga.hu. Acessado em 05/04/2010.



Imagem 3: Assunção da Virgem. Antonio Allegri Correggio. 1526 – 30. Afresco. Duomo, Parma. **Fonte:** www.wga.hu. Acessado em 05/04/2010.

No século XVII aumenta o número de pinturas em perspectiva por toda Itália¹³. Destaca-se nesse momento o nome de Pietro Berrettini, nascido em Cortona e conhecido pela alcunha de Pietro de Cortona¹⁴. Foi pintor e arquiteto, o seu primeiro mestre era também o seu tio, chamando Felipe Berrettini. Dentre as suas obras, a mais impressionante foi feita a mando da poderosa família Barberini em Roma (imagem 4). Nessa pintura monumental exaltam-se as virtudes dos Baberinis, empregando-se diversas alegorias nesse sentido. A representação da família é feita a partir do seu brasão, as três abelhas inseridas em uma coroa de louros

¹³. RIBEIRO, Myriam. Pintura de perspectiva em Minas colonial. *Barroco*, Belo Horizonte, 1978-9. v. 10. p. 28.

¹⁴. Para mais informações biográficas, consultar; ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANA. Madrid: Spasa-Calpe, 1926. v 15. p. 1064.

(imagem 5). Com grandes conhecimentos do uso da perspectiva, Pietro da Cortona, consegue sobre um teto plano criar a sensação de vários andares superiores, arrematando em um céu iluminado pela figura alegórica da Glória.



Imagem 4: O Triunfo da Divina Providência. Pietro Berrettini da Cortona. 1633 – 39. Afresco. Palácio Barberini, Roma. **Fonte:** www.wga.hu. Acessado em 05/04/2010.



Imagem 5: O Triunfo da Divina Providência (detalhe). Pietro Berrettini da Cortona. 1633 – 39. Afresco. Palácio Barberini, Roma. **Fonte:** www.wga.hu. Acessado em 05/04/2010.

No final do século XVII surge um dos maiores mestres da técnica de pintura em perspectiva, o padre Andrea Pozzo. Foi pintor, arquiteto e religioso da Companhia de Jesus,

nasceu em Trento em 1642 e faleceu em Viena 1709¹⁵. A sua obra mais aclamada é a pintura do teto da nave da igreja de Santo Inácio em Roma (imagem 6), um grande e movimentado afresco sobre o trabalho missionário dos Jesuítas. Ao centro, encontra-se São Inácio de Loyola (imagem 7), fundador da Companhia de Jesus, e ao seu redor, centenas de anjos, santos e figuras alegóricas. Esse grande pintor também teorizou sobre a sua prática, escreveu um tratado sobre a pintura em perspectiva intitulado *Perspectivae Pictorum atque Architectorum*¹⁶. Foram recorrentes os escritos teóricos sobre a pintura de perspectiva, na península Ibérica, por exemplo, o português Filipe Nunes escreveu um tratado intitulado “Arte de pintura, symmetria e perspectiva”, editado em Lisboa, em 1767¹⁷.



Imagem 6: Alegoria do trabalho missionário dos Jesuítas. Andréa Pozzo. 1691-94. Afresco. Igreja de Santo Inácio, Roma. **Fonte:** www.wga.hu. Acessado em 05/04/2010.

¹⁵. Para mais informações biográficas, consultar; ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANA. Madrid: Spasa-Calpe, 1926. v 46. p. 1162.

¹⁶. PICTORUM ATQUE ARCHITECTORUM. Roma: sem editora, 1693-1700.

¹⁷. Citado por JARDIM, Luiz. A Pintura do guarda-mor José Soares de Araújo. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 222. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).



Imagem 7: Alegoria do trabalho missionário dos Jesuítas (detalhe). Andréa Pozzo. 1691-94. Afresco. Igreja de Santo Inácio, Roma. **Fonte:** www.wga.hu. Acessado em 05/04/2010.

O outro tipo de pintura em perspectiva, a que não usava as formas arquitetônicas ou figuras em *scorcio* e sim as nuances de cor para criar a ilusão de profundidade, também foi recorrente por toda a Europa¹⁸. Essa técnica foi difundida na Europa Central pelo precoce Juan Bautista Tiepolo¹⁹ no século XVIII. Nasceu em Venécia 1696 e aos quinze anos já era responsável pela pintura de forros em igrejas. Trabalhou na Itália, na Alemanha e na Espanha, morrendo em Madri no ano de 1769. Foi um grande pintor em perspectiva, executando centenas de forros e painéis, como por exemplo, o afresco O Sacrifício de Efigênia (imagem 8), já nos moldes do Neoclassicismo.



Imagem 8: O Sacrifício de Efigênia. Juan Bautista Tiepolo. 1757. Afresco. Vila Valmarana, Vicenza, Itália. **Fonte:** www.wga.hu. Acessado em 05/04/2010.

A pintura em perspectiva na Península Ibérica sofre forte influência da Itália, sendo os primeiros trabalhos executados por artistas italianos. O modelo de ornamentação em perspectiva viria a substituir os arabescos e os tetos em caixotão difundidos já na primeira metade do século XVIII em Portugal. Característica da maioria das pinturas em perspectiva da

¹⁸. RIBEIRO, Myriam. Pintura de perspectiva em Minas colonial. *Barroco*, Belo Horizonte, 1978-9. v. 10. p. 28.

¹⁹. Para maiores informações biográficas, consultar; ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANA. Madrid: Spasa-Calpe, 1926. v 61. p. 893-907.

Península²⁰ e posteriormente em seus domínios coloniais, mostraria as figuras centrais “chapadas”, como se fosse painéis de altar. As figuras humanas não possuem a devida perspectiva de profundidade ou posição em *scorcio*, ao contrário das figuras italianas. A insuficiência técnica dos pintores portugueses não pode ser apontada como único fator determinante desta prática. O espírito português estaria predisposto a uma comunicação mais direta com as imagens sagradas, assim a preferência por essa solução²¹.

Em 1755, Lisboa foi atingida por um grande terremoto, edifícios, ruas e todo tipo de infra-estrutura foi destruída. Todo o Império Português teve de colaborar doando recursos para a reconstrução da capital do Império. A maioria das pinturas em perspectivas em Lisboa foi destruída nessa catástrofe, e os novos ou reerguidos templos recebiam decoração diferente: grandes medalhões ou painéis emoldurados²², já anunciando um novo gosto artístico.

2. Pintura de perspectiva no Brasil.

No Brasil, as primeiras pinturas em perspectiva datam da metade do século XVIII, algumas décadas depois que em Portugal. Os primeiros trabalhos identificados²³ na colônia foram os dois forros pintados pelo português Caetano da Costa Coelho, na capela mor e na nave da capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência no Rio de Janeiro, em 1732 (imagem 9 e 10). Um contínuo muro parapeito envolve todo o tema central, representado por São Francisco de Assis ao centro. Quase simultaneamente teriam surgido outros trabalhos em perspectiva na Bahia, feitos também por um português, Antônio Simões Ribeiro entre 1735 e 1745. Atribui-se²⁴ a ele uma série de obras desaparecidas em Salvador. O maior representante da pintura baiana em perspectiva teria sido José Joaquim da Rocha²⁵, com alto padrão erudito teria influenciado vários discípulos e artistas. Sua obra mais conhecida é o belo forro da nave da capela da Conceição da Praia em Salvador (imagem 11), datado entre 1772-74. O tema central da pintura é a glorificação da Virgem, executada em complexa perspectiva arquitetônica.

²⁰. RIBEIRO, Myriam. Pintura de perspectiva em Minas colonial. *Barroco*, Belo Horizonte, 1978-9. v. 10. p. 29.

²¹. *Ibid.* p. 29.

²². *Ibid.*

²³. *Ibid.* p. 30.

²⁴. *Ibid.* p. 30.

²⁵. *Ibid.* p. 30.



Imagem 9: Interior da capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Caetano da Costa Coelho. 1732. Capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, Rio de Janeiro, Brasil. **Fonte:** www.farm4.flickr.com/3582/3320210049_78df16d5d9.jpg. Acessado em 05/04/2010.



Imagem 10: Forro da nave da capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Caetano da Costa Coelho. 1732. Capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, Rio de Janeiro, Brasil. **Fonte:** www.veja.abril.com.br/040401foto8.html. Acessado em 05/04/2010.



Imagem 11: Forro da nave da capela da Conceição da Praia. José Joaquim da Rocha. 1772-74. Capela da Conceição da Praia, Salvador, Brasil. **Fonte:** pt.wikipedia.org/wiki/Bas%C3%ADlica_de_Nossa_Senhora_da_Concei%C3%A7%C3%A3o_da_Praia. Acessado em 05/04/2010.

Além da Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais outros centros coloniais apresentam obras em perspectiva arquitetônica no ciclo Barroco. Em Recife, por exemplo, destaca-se João de Deus Sepúlveda, autor do forro da nave da capela de São Pedro dos Clérigos entre 1764-68²⁶ (imagem 12). Esse teto em perspectiva apresenta ao centro São Pedro sentado em seu trono episcopal, rodeado por fiéis.

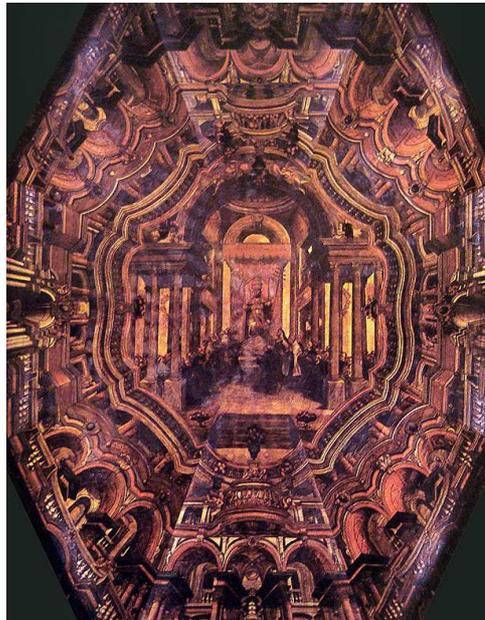


Imagem 12: Forro da nave da capela de São Pedro. João de Deus Sepúlveda. 1764-68. Capela de São Pedro dos Clérigos, Recife, Brasil. **Fonte:** upload.wikimedia.org-wikipedia-commons-3-34-Sepulveda-clerigos-recife. Acessado em 05/04/2010.

²⁶. *Ibid.* p. 31.

3. Pintura em perspectiva em Minas Gerais, o Barroco.

Os artistas portugueses foram os introdutores das primeiras pinturas em perspectiva em todo o Brasil colonial. Foram eles também os responsáveis pela difusão desta técnica de pintura em Minas Gerais, onde essas obras foram muito populares. Há divergências sobre quais seriam os primeiros forros em perspectiva na região de Minas Gerais²⁷. Do forro da capela de Padre Faria em Ouro Preto (imagem 13), infelizmente não se sabe a data nem o autor da obra, mas estilisticamente estaria entre as pinturas em perspectiva mais antigas. Uma pesada trama arquitetônica composta de dois balcões laterais e molduras quadradas sustentam o medalhão central. Esse trabalho teria sido executado em concordância estética com as demais obras da capela²⁸, entre os anos de 1740 e 1755. Em termos estilísticos seriam os retábulos conhecidos como Dom João V, sobretudo os que possuem coroamento em dossel e totalmente dourados que se harmonizaria com a pintura do teto da capela.

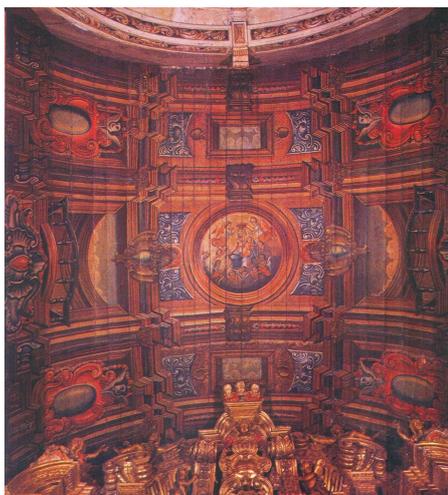


Imagem 13: Forro da nave da capela de Nossa Senhora do Rosário dos Brancos, do Padre Faria. Autor desconhecido. 1740. Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Brancos, do Padre Faria, Ouro Preto, Brasil. **Fonte:** MANUEL, Pedro. *Arte no Brasil*. São Paulo: Abril, 1979. p. 361.

Do Barroco colonial, destacamos ainda os forros da capela mor da catedral de Nossa Senhora da Assunção em Mariana (imagem 14) e o da nave da capela de Santa Efigênia de Ouro Preto (imagem 15), ambos de autoria de Manuel Rebelo e Souza²⁹, natural da freguesia de Braga, em Portugal³⁰. No primeiro forro aparecem doutores da Igreja Católica desenhados

²⁷. *Ibid.* p. 32.

²⁸. *Ibid.* p. 32.

²⁹. MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. v. 2. p. 273 e 274. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

³⁰. RIBEIRO, Myriam. Pintura de perspectiva em Minas colonial. *Barroco*, Belo Horizonte, 1978-9. v. 10. p. 32.

entre as rígidas colunas. O artista não conseguiu se esquivar de um esquema de perspectiva ingênua, que não chega a causar a ilusão de profundidade. O forro da capela de Santa Efigênia é pioneiro no contexto mineiro, pois foi a primeira pintura a apresentar a rocalha como ornamento em sua composição, mesmo que ainda dentro de uma tradição barroca, sombria³¹. O teto da capela mor da igreja matriz de Santo Antônio em Ouro Branco (imagem 16) aproxima-se do partido utilizado na capela mor da catedral de Nossa Senhora da Assunção de Mariana, com suas colunas rígidas e falta de mobilidade de suas figuras humanas.



Imagem 14: Forro da capela mor da Catedral Basílica de Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana. Manuel Rebelo e Sousa. 1760. Catedral Basílica de Nossa Senhora da Assunção, Mariana, Brasil. **Fonte:** MANUEL, Pedro. *Arte no Brasil*. São Paulo: Abril, 1979. p. 430.



Imagem 15: Forro da nave da capela de Santa Efigênia. Autor desconhecido. 1768. Capela de Santa Efigênia, Ouro Preto, Brasil. **Fonte:** Raquel Oliveira.



³¹. *Ibid.* p. 32.

Imagem 16: Forro da capela mor da igreja matriz de Santo Antônio. Autor desconhecido. Data desconhecida. Igreja matriz de Santo Antônio, Ouro Branco, Brasil. **Fonte:** Arquivo do autor.

Na região da comarca do Serro do Frio³², a pintura em perspectiva barroca é representada pelo nome do pintor José Soares de Araújo. Nasceu no termo de Braga, em Portugal, chegando a exercer a função de guarda mor no Distrito Diamantino, faleceu em 1799³³. Entre suas obras documentadas estão o forro da nave e o da capela mor da capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo (imagens 17), o da capela mor (imagem 18) de Nossa Senhora do Rosário (imagem 19) e o da capela mor de São Francisco de Assis (imagem 20), todas da cidade de Diamantina. Nos três primeiros trabalhos o artista demonstra erudição na construção de um complexo sistema arquitetônico em perspectiva, enquadrando o tema central. No teto da capela mor da capela da Ordem de São Francisco de Assis, José Soares de Araújo opta por adotar um fundo branco com o medalhão central, mas em todas as suas obras destacam-se as tonalidades escuras das cores utilizadas. O pesquisador Luiz Jardim destaca que “... em vista do colorido sempre escuro, tem uma particularidade que não se encontra em nenhum outro pintor diferente: o dourado como cor”³⁴.



³². A capital da comarca era a antiga Vila do Príncipe, atual cidade do Serro. Nessa comarca ficava ainda o distrito diamantino, hoje cidade de Diamantina.

³³. Para maiores informações biográficas e sobre a documentação referente as suas obras consultar MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. v. 1. p. 52 a 54. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

³⁴. JARDIM, Luiz. A Pintura do guarda-mor José Soares de Araújo. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 228. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

Imagem 17: Forro da nave da capela de Nossa Senhora do Carmo. José Soares de Araújo. 1766 a 1784. Capela de Nossa Senhora do Carmo, Diamantina, Brasil. **Fonte:** Rogério Costa.



Imagem 18: Forro da capela mor da capela de Nossa Senhora do Carmo. José Soares de Araújo. 1766 a 1784. Capela de Nossa Senhora do Carmo, Diamantina, Brasil. **Fonte:** Rogério Costa.



Imagem 19: Forro da nave da capela de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. José Soares de Araújo. 1779-80. Capela de Nossa Senhora dos Homens Pretos, Diamantina, Brasil. **Fonte:** ZANINI, Walter (org.). *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983. 1 v.



Imagem 20: Forro da capela mor da capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis. José Soares de Araújo. 1799-80. Capela da Venerável Ordem de São Francisco de Assis, Diamantina, Brasil. **Fonte:** Rogério Costa.

4. A pintura em perspectiva em Minas Gerais, ciclo Rococó.

As lacunas documentais ainda não permitem definir precisamente quando teria começado as pinturas em perspectiva Rococó, provavelmente após a segunda metade do século XVIII³⁵. Um dos primeiros forros a apresentar a rocalha como motivo ornamental, seria o já citado forro da nave da capela de Santa Ifigênia em Ouro Preto (imagem 15), datado de 1768. Apesar do uso da rocalha, esse forro está inserido em uma tradição Barroca de pintura, sendo apontado com um período de transição de estilos³⁶.

Alguns anos mais tarde já havia grandes trabalhos sendo executados com ornamentação rococó, como é o caso do forro da capela mor do santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas (imagem 21), executado por Bernardes Pires da Silva³⁷ nos anos de 1773 – 4, apenas cinco anos depois do forro da nave da capela de Santa Efigênia. A obra de Bernardo Pires da Silva utiliza um contínuo muro parapeito com figuras bíblicas ao redor do tema central e as pilastras possuem o formato de rocalha. Toda esta estrutura sustenta o medalhão central, possuindo como tema o corpo de Cristo sendo carregado ao sepulcro. Ainda nesse templo há outro trabalho dentro da tradição de pintura em perspectiva rococó, é o forro

³⁵. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. p. 171.

³⁶. *Ibid.*

³⁷. MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. v. 2. p. 138. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

nave da capela (imagem 22). Quanto a este voltaremos mais tarde, por nosso interesse o abordaremos de forma mais aprofundada nos capítulos seguintes.



Imagem 21: Forro da capela mor do santuário Bom Jesus de Matozinhos. Bernardes Pires. 1773-4. Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Brasil. **Fonte:** Pedro. *Arte no Brasil*. São Paulo: Abril, 1979. p. 424.

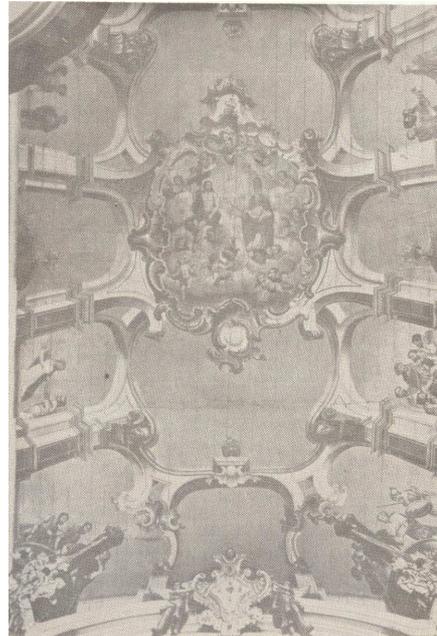


Imagem 22: Forro da nave do santuário Bom Jesus de Matozinhos. João Nepomuceno Correa Castro. 1777-87. Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Brasil. **Fonte:** OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12.sem p.

Durante os anos iniciais da pintura em perspectiva Rococó destacam-se ainda dois artistas, Antônio Martins Silveira e João Batista Figueiredo. O primeiro é autor³⁸ do forro da capela mor da capela de Nossa Senhora da Boa Morte (imagem 23), no Seminário Menor de

³⁸. Para maiores informações sobre suas obras documentadas consultar MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. v. 2. p. 247. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

Mariana³⁹. Essa pintura possui dois balcões nos extremos da imagem, quatro grandes pilastras complementam a estrutura arquitetônica que sustenta o medalhão central. Segundo a historiadora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira essa pintura “... decorre do partido (do forro) da nave de Congonhas, com redução entretanto do número de arcadas, em virtude das menores dimensões do espaço a decorar.”⁴⁰. A delicada pintura é toda arrematada por ramos de flores, ao centro a invocação da virgem rodeada de anjos e querubins.



Imagem 23: Forro da capela mor da capela de Nossa Senhora da Boa Morte. Antônio Martins da Silveira. 1782. Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, Mariana, Brasil. **Fonte:** MANUEL, Pedro. *Arte no Brasil*. São Paulo: Abril, 1979. p. 428.

Sobre João Batista Figueiredo⁴¹, nascido em Catas Altas do Mato Dentro⁴², Rodrigo Mello Franco de Andrade⁴³ levanta a hipótese de ser o mestre de Manoel da Costa Ataíde. Atribui-se a ele três forros localizados em Santa Rita Durão⁴⁴, atual distrito de Mariana e antigo arraial do Inficionado. Entre os três destaca-se o teto da capela mor da igreja matriz de

³⁹. Hoje Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto. Esta pintura encontra-se em deplorável estado de conservação, correndo sérios riscos de ser perdida.

⁴⁰. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. p. 172.

⁴¹. Para maiores informações sobre a documentação referente as suas obras consultar MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. v. 1. p. 285. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

⁴². ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. A Pintura colonial em Minas Gerais. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978. p. 31. (Publicação da revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 18).

⁴³. *Ibid.* p. 34.

⁴⁴. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. p. 172.

Nossa Senhora de Nazaré (imagem 24), datado de 1778. O tema central da pintura representa o milagre da figuração de Nossa Senhora de Nazaré. Mais uma vez são adotadas as pilastras desenhadas em perspectiva para dar sustentação ao medalhão central. Do século XVIII há ainda o forro da nave da pequena capela do Bom Jesus de Matozinhos (imagem 25) da cidade de Itabirito. Nele temos um dos primeiros forros com um partido que não usa estruturas arquitetônicas em perspectiva para sustentar o medalhão central. Ele inauguraria “... na região um partido novo, que teria ampla posteridade em Minas no período seguinte. Nele o quadro central de personagens, simplesmente emoldurado de nuvens, flutua no espaço, sem se ligar diretamente à perspectiva arquitetônica das laterais, reduzido a um muro parapeito, interrompido por balcões.”⁴⁵

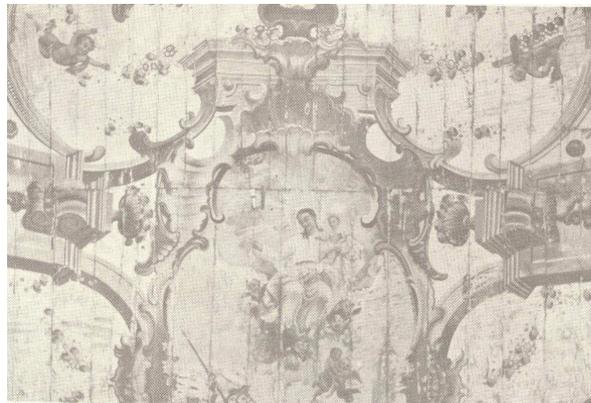


Imagem 24: Detalhe da capela mor da igreja matriz de Nossa Senhora de Nazaré. João Batista Figueiredo. 1778. Igreja matriz de Nossa Senhora de Nazaré, Santa Rita Durão, Mariana, Brasil. **Fonte:** OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. sem p.



Imagem 25: Detalhe do forro da nave da capela do Bom Jesus de Matozinhos. Autor desconhecido. Final do século XVIII. Capela do Bom Jesus de Matozinhos. **Fonte:** OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. sem p.

⁴⁵. *Ibid.* p. 173.

A partir dos primeiros anos do século XIX é introduzido um novo gosto na pintura de perspectiva em Minas Gerais, figura de destaque neste período é Manuel da Costa Ataíde. Sua fama o leva a ser citado em parte da documentação como mestre de pintura⁴⁶. O mesmo chega a solicitar ao rei Dom João VI a abertura de uma escola de artes em sua cidade natal Mariana⁴⁷, possivelmente não foi atendido. Possui várias obras documentadas⁴⁸, destacando-se principalmente as pinturas em perspectiva arquitetônica e os variados painéis. Ressaltamos que Manoel da Costa Ataíde continua a pintar utilizando os elementos arquitetônicos diretamente ligados ao medalhão central, sendo que o maior número de trabalhos dos seus contemporâneos estava sendo executado segundo o partido da nave da capela do Senhor Bom Jesus de Matozinhos de Itabirito. A mais famosa obra de Ataíde é a nave da capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de Ouro Preto (imagem 26), há na mesma capela diversos painéis pintados pelo mesmo artista. Nesse belíssimo forro o tema principal é emoldurado por um medalhão feito por rocalhas que se liga a quatro grandes colunas de sustentação. Ao centro a imagem da virgem sendo aclamada por dezenas de anjos, alguns inclusive portam partituras e instrumentos musicais. Entre os seus outros forros pintados em perspectiva arquitetônica estão os da capela mor da matriz de Santo Antônio de Santa Bárbara (imagem 27), da capela mor da matriz de Itaverava (imagem 28) e da capela mor de Nossa Senhora do Rosário de Mariana (imagem 29). Para Myriam Ribeiro de Oliveira a composição dos forros de Ataíde segue em linhas gerais ao seguinte esquema:

um medalhão ricamente emoldurado de rocalhas, formando no centro da abóbada uma espécie de baldaquino suntuoso, sustentado por quatro possantes pilastras interligadas por arcos plenos, sobre os quais repousam diretamente as laterais da moldura do medalhão.⁴⁹

Podem ser atribuídas ainda a ele ou aos seus aprendizes as naves das matrizes de Ouro Branco e Santa Bárbara⁵⁰.

⁴⁶. *Ibid.*

⁴⁷. Transcrição integral em MENEZES, Ivo Porto de. *Manoel da Costa Ataíde*, Belo Horizonte, s.d.. p. 107 a 109.

⁴⁸. MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. v. 1. p. 79 a 87. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

⁴⁹. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. p. 173.

⁵⁰. *Ibid.*

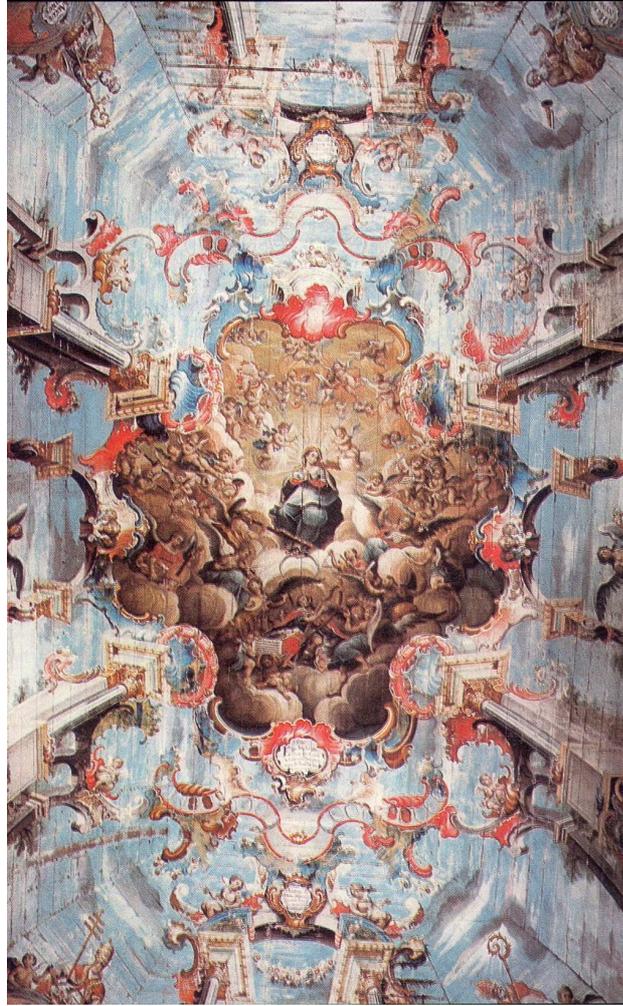


Imagem 26: Forro da nave da capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Manuel da Costa Ataíde. Entre 1801 e 1812. Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, Mariana, Brasil. **Fonte:** FROTA, Lélia Coelho, MORAES, Pedro de. *Ataíde*; vida e obra de Manuel da Costa Ataíde. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p 41.



Imagem 27: Forro da capela mor da matriz de Santo Antônio. Manuel da Costa Ataíde. 1806. Matriz de Santo Antônio, Santa Bárbara, Brasil. **Fonte:** MANUEL, Pedro. *Arte no Brasil*. São Paulo: Abril, 1979. p 440.



Imagem 28: Forro da capela mor da matriz de Santo Antônio. Manuel da Costa Ataíde. 1808. Matriz de Santo Antônio, Itaverava, Brasil. **Fonte:** FROTA, Lélia Coelho, MORAES, Pedro de. *Ataíde*; vida e obra de Manuel da Costa Ataíde. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 114.



Imagem 29: Forro da capela mor da capela de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Negros. Manuel da Costa Ataíde. 1823. Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Negros, Mariana, Brasil. **Fonte:** FROTA, Lélia Coelho, MORAES, Pedro de. *Ataíde*; vida e obra de Manuel da Costa Ataíde. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 97.

O partido utilizado da nave da capela do Senhor Bom Jesus de Matozinhos em Itabirito é mais simples que o partido que usa da arquitetura em perspectiva. No primeiro, um muro-parapeito contínuo faz o efeito da perspectiva, e ao centro, como que flutuando no forro, um amplo medalhão⁵¹. Foi essa a solução adotada pela maioria dos pintores na região das Minas no século XIX. Entre eles estar Francisco Xavier Carneiro, filho de escrava e nascido em Mariana⁵². Possui obras documentadas⁵³ e atribuídas⁵⁴, como a nave da capela de Nossa Senhora da Conceição da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de Mariana (imagem 30) e o forro da nave da capela da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Mariana, destruído em um incêndio. Na primeira pintura, o tema que

⁵¹. *Ibid.* p. 174.

⁵². *Ibid.*

⁵³. MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. v. 1. p. 152 a 155. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

⁵⁴. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. p. 174.

ocupa o medalhão é o Dilúvio Universal, emoldurado por graciosas rocalhas e arrematado por vasos de flores.

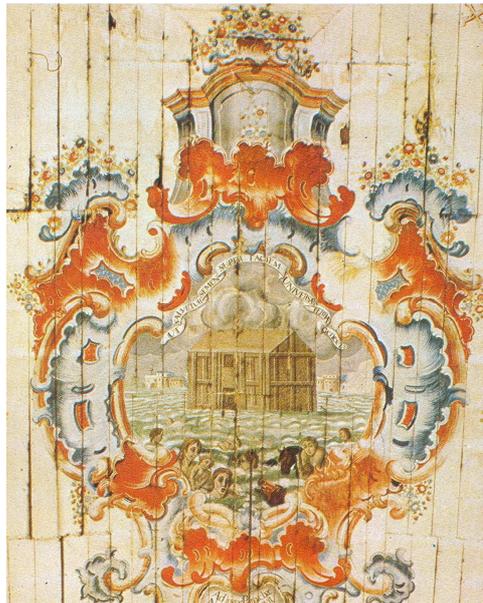


Imagem 30: Forro da nave da capela Nossa Senhora da Conceição da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Francisco Xavier Carneiro. 1826. Capela de Nossa Senhora da Conceição da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, Mariana, Brasil. **Fonte:** MANUEL, Pedro. *Arte no Brasil*. São Paulo: Abril, 1979. p 432.

Na região de São João del Rey pesquisas revelaram o nome de dois importantes pintores; Manoel Victor de Jesus⁵⁵ e Joaquim José da Natividade, ambos do segundo período do ciclo rococó. Ao primeiro pode ser atribuído⁵⁶ o forro da nave da igreja de Nossa Senhora das Mercês de Tiradentes (imagem 31) além da capela mor (imagem 32) e nave (imagens 33) da igreja matriz de Nossa Senhora da Penha de Vitoriano Veloso, nas proximidades da cidade de Prados. Ambas possuem perspectivas ingênuas e aplicação ilógica de alguns elementos arquitetônicos, possivelmente um artista autodidata⁵⁷. Singularidade de suas obras são os anjos adultos, geralmente nos balcões que emolduram os forros. Em suas obras o medalhão central é construído a partir de as nuvens e não mais de rocalhas, como nos forros anteriores.

⁵⁵. MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. v. 1 . p. 338. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

⁵⁶. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. p. 175.

⁵⁷. *Ibid.* p. 176.



Imagem 31: Forro da nave da capela de Nossa Senhora das Mercês. Manoel Victor de Jesus. Entre 1804-24. Capela de Nossa Senhora das Mercês, Tiradentes, Brasil. **Fonte:** OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. sem p.



Imagem 32: Forro da nave da matriz de Nossa Senhora da Penha de Vitoriano Veloso. Manoel Victor de Jesus. Entre 1804-24. Igreja matriz de Nossa Senhora da Penha, Vitoriano Veloso, Prado, Brasil. **Fonte:** OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. sem p.

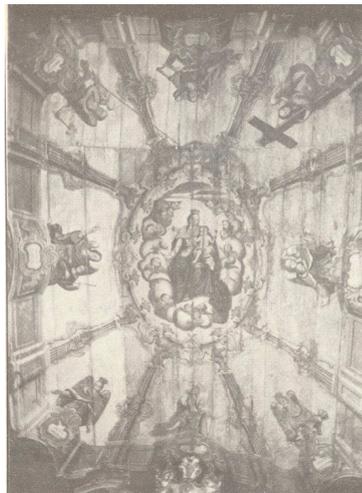


Imagem 33: Forro da capela mor da matriz de Nossa Senhora da Penha de Vitoriano Veloso. Manoel Victor de Jesus. Entre 1804-24. Igreja matriz de Nossa Senhora da Penha, Vitoriano Veloso, Prado, Brasil. **Fonte:** OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. sem p.

De Joaquim José da Natividade foram identificados⁵⁸ até agora os forros da nave (imagem 34) e da capela mor (imagem 35) da matriz de São Tomé, em São Tomé das Letras. Nessa utilizou-se o muro para-peito e preenche-se o vazio entre esse e o medalhão central com esparsas nuvens que emoldurarão o tema, a Santíssima Trindade. Na capela mor, oito pequenas colunas em rocalha estruturam o medalhão, voltando mais uma vez ao modelo de partido adotado em Congonhas. Pouca coisa se sabe sobre esse artista, o mesmo teria executado obras menores no santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas entre 1785 a 1790⁵⁹.

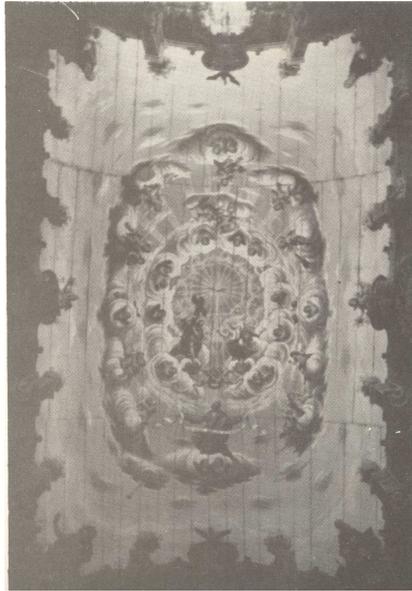


Imagem 34: Forro da nave da igreja matriz de São Tomé. Joaquim José da Natividade. Antes de 1824. Igreja matriz de São Tomé, São Tomé das Letras, Brasil. **Fonte:** OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. sem p.



Imagem 35: Forro da capela mor da igreja matriz de São Tomé. Joaquim José da Natividade. Antes de 1824. Igreja matriz de São Tomé, São Tomé das Letras, Brasil. **Fonte:** OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. sem p.

⁵⁸. *Ibid.*

⁵⁹. MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. v. 2 . p. 67. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

Para a região da comarca do Rio das Mortes, capital em Sabará, não há muitas referências sobre autoria dos forros das capelas, pois grande parte da documentação se perdeu. Atribuída⁶⁰ a Joaquim Gonçalves da Rocha é a nave da capela da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo (imagem 36). Nesse forro utiliza-se o partido dos muros-parapeitos e balcões contínuos, interessante notar são nuvens que emolduram o tema central. Nesse caso, o tema refere-se à subida de São Elias em carro de fogo aos céus, enquanto esse passa a São Elizeu o manto Carmelita, símbolo da Ordem⁶¹.



Imagem 36: Forro da nave da capela da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Joaquim Gonçalves da Rocha. Data desconhecida. Capela de Nossa Senhora do Carmo, Sabará, Brasil. **Fonte:** FROTA, Lélia Coelho, MORAES, Pedro de. *Ataíde*; vida e obra de Manuel da Costa Ataíde. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p 132.

Na região de Diamantina encontramos o grande pintor Silvestre de Almeida Lopes⁶², autor de belos desenhos e composições como o forro da capela mor da capela do Bom Jesus de Matozinhos (imagem 37) na cidade do Serro⁶³. Esse trabalho é bem detalhado e elaborado, cujo o tema refere-se ao lendário recolhimento da imagem do corpo de Cristo Crucificado nas praias de Matozinhos em Portugal. Rodrigo Mello Franco de Andrade ressalta “um fundo

⁶⁰. DEL NEGRO, Carlos. *Contribuição ao estudo da pintura mineira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958. p. 118 a 120. (Publicação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 20). Mias informações sobre a documentação referente às suas obras consultar. Para mais informações sobre obras documentadas MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. v. 2. p. 170. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

⁶¹. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. p. 177.

⁶². Para mais informações, consultar; MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. v. 1. p. 400. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

⁶³. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. p. 177.

pitoresco de marinha, um colorido vivo e vibrante, que conferem à cena fúnebre uma espécie de movimento gracioso e alegre, de maior imprevisto”⁶⁴. Entre as obras comprovadas ou atribuídas⁶⁵, há o forro da sacristia da capela da Ordem Terceira de São Francisco em Diamantina (imagem 38). Essa obra segue o mesmo esquema do forro do Santuário Bom Jesus de Matozinhos na cidade do Serro, um medalhão de rocalhas arrematadas por anjos emoldura o tema central.



Imagem 37: Forro da nave da capela do Bom Jesus de Matozinhos. Silvestre de Almeida Lopes. 1797. Capela do Bom Jesus de Matozinhos, Serro, Brasil. **Fonte:** ÁVILA, Affonso, GONTIJO, João Marcos, MACHADO, Reinaldo Guedes. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1980. p 99.

⁶⁴. ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. A Pintura colonial em Minas Gerais. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978. p. 35. (Publicação da revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 18).

⁶⁵. Para mais informações OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. p. 178.



Imagem 38: Forro da sacristia da capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Silvestre de Almeida Lopes. 1795. Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, Diamantina, Brasil. **Fonte:** MANUEL, Pedro. *Arte no Brasil*. São Paulo: Abril, 1979. p 431.

5. Chinesices, retratos e ex-votos no período colonial.

Não pela quantidade de trabalhos executados, mas pelo exotismo das obras, com a presença de pinturas desenvolvidas a partir de temas orientais, conhecidas como chinesices. Esses desenhos aparecem com decorações secundárias em ilhargas de capela mor e arcos-cruzeiros, como na capela de Nossa Senhora do Ó em Sabará (imagem 39) e na catedral de Nossa Senhora da Assunção em Mariana. Essas delicadas pinturas teriam sido introduzidas em Minas por artistas orientais na primeira metade do século XVIII⁶⁶. Nas chinesices predomina os temas mundanos, geralmente animais ou paisagens são representados.

⁶⁶. Rodrigo Melo Franco de Andrade atribuí a Jacinto Ribeiro a autoria das chinesices na capela de Nossa Senhora do Ó em Sabará, segundo documentação transcrita, esse artista seria proveniente da Índia. *In*; ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. A Pintura colonial em Minas Gerais. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978. p. 16. (Publicação da revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 18).



Imagem 39: Chinesices desenhadas no arco-cruzeiro da capela de Nossa Senhora do Ó. Jacinto Ribeiro. 1720. Capela de Nossa Senhora do Ó, Sabará, Brasil. **Fonte:** Arquivo do autor.

Juntamente com as pinturas de forros, os retratos e os ex-votos constituem a grande parte do acervo pictórico do período colonial, e foram gêneros muito populares no período. Os retratos geralmente estão presentes em conventos, Irmandades e nas Santas Casas de Misericórdia espalhadas por toda a colônia. Essas pinturas preservavam a imagem dos fundadores, benfeitores, provedores e beneméritos dessas instituições⁶⁷. Interessante notar que a grande parte desse acervo constitui-se de retratos individuais, com raras reproduções em grupos ou em famílias. Há ainda grande supremacia de personagens masculinas sobre as femininas, que apenas figuram no século XIX com o surgimento dos salões na alta sociedade baiana, pernambucana e carioca, daí que os retratos femininos tornaram-se mais recorrentes⁶⁸. Dessa forma, apenas um público bem restrito era retratado nesses painéis, nunca houve lugar para escravos, pequenos comerciantes ou crianças.

As pessoas retratadas pertencem basicamente a três grupos⁶⁹, a primeira e mais numerosa são de pessoas que ocupam lugar de relevo dentro das diversas Irmandades e Ordens Terceiras. Geralmente este grupo fazia doações de terrenos ou dinheiro, ocupavam cargos de relevância ou participavam da fundação dessas instituições. Dentre eles podemos destacar o retrato de José de Souza Barros, na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro (imagem 40). Geralmente são retratos simples, com cores escuras, tendo o retratado em primeiro plano no centro da composição. As figuras humanas são rígidas, pecando pela falta de delicadeza e expressão. Tem que se notar ainda que não há retratos com referências

⁶⁷. LEVY, Hannah. Retratos coloniais. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 147. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

⁶⁸. *Ibid.* p. 148.

⁶⁹. Para mais informações em relação à categorização dos tipos de pessoas retratadas consultar Idem. p. 149 e 150.

mitológicas ou alegóricas na colônia, assim com não há nos trajes a exuberância dos retratos europeus⁷⁰. Os cenários também são muito simples, em alguns casos consta alguma mesa ou uma prateleira de livros, na maioria, não há nenhuma referência sobre o cenário, apresentando o fundo com cores escuras e sem objetos.



Imagem 40: Retrato de José de Sousa Barros. Artista desconhecido. Século XVIII. Santa Casa de Misericórdia, Rio de Janeiro, Brasil. **Fonte:** LEVY, Hannah. Retratos coloniais. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 152. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

O segundo grupo abrange indivíduos ligados à administração civil ou eclesiástica responsáveis por altos cargos burocráticos, como bispos e governadores⁷¹. Geralmente esse grupo é representado como intelectuais, pessoas instruídas e cultas. Exemplo desse grupo são os painéis do padre José Gonçalves dos Santos, no convento de Santa Teresa do Desterro, no Rio de Janeiro (imagem 41) e o do governador Gomes Freire de Andrade no mesmo local (imagem 42). Geralmente nessa categoria de retratados, os pintores buscam atrelar a imagem desses homens à de eruditos. A maioria deles porta objetos como penas, livros, pergaminhos, artefatos eclesiásticos ou outro símbolo de poder.

⁷⁰. *Ibid.* p. 151.

⁷¹. *Ibid.* p. 163.

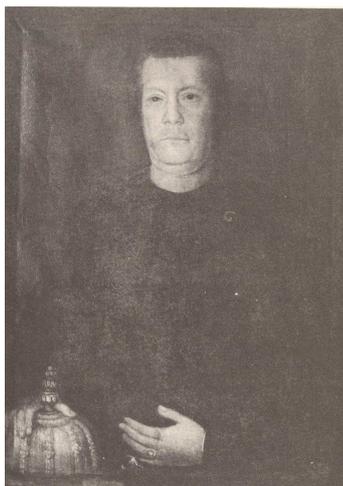


Imagem 41: Retrato do padre José Gonçalves dos Santos. Artista desconhecido. Século XVIII. Convento de Santa Teresa, Rio de Janeiro, Brasil. **Fonte:** LEVY, Hannah. Retratos coloniais. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 161. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).



Imagem 42: Retrato do Governador Gomes Freire de Andrade. Artista desconhecido. Data desconhecida. Convento de Santa Teresa, Rio de Janeiro, Brasil. **Fonte:** LEVY, Hannah. Retratos coloniais. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 171. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

O terceiro grupo de retratos coloniais seriam os retratos da família real portuguesa ou de grandes personalidades da colônia⁷². Essa categoria, ao contrário das outras duas anteriores, possui mais similitudes aos retratos europeus apesar de não se compararem às obras de Rubens ou Velásquez, que atuavam no mesmo período⁷³. O pintor tenta impressionar o observador de todas as formas possíveis: a atitude imponente dos retratados, o olhar imperioso, o rico vestuário, o cenário detalhado e movimentado são alguns dos artifícios desses artistas. Nessa categoria poderíamos citar como exemplo o painel de D. Pedro III no Museu da Inconfidência de Ouro Preto (imagem 43).

⁷². *Ibid.* p. 165-166.

⁷³. *Ibid.* p. 166.

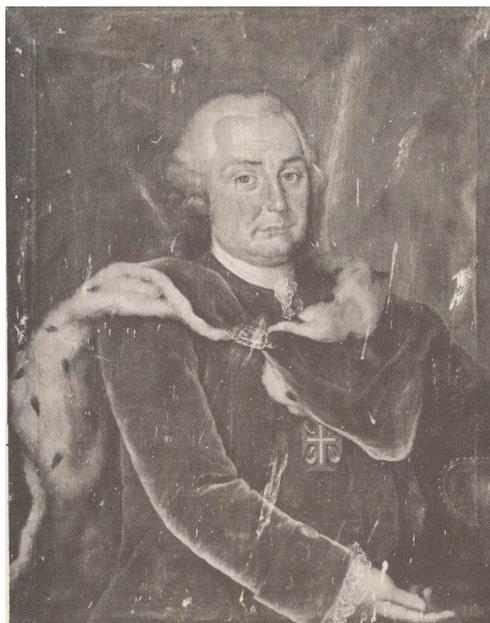


Imagem 43: Retrato de Pedro III. Artista desconhecido. Data desconhecida. Museu da Inconfidência, Ouro Preto, Brasil. **Fonte:** LEVY, Hannah. Retratos coloniais. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 175. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

Todas as três categorias de retratos buscam em última instância perpetuar a imagem dos retratados, como lembranças de quem eram e o que fizeram. A necessidade de assegurar para a posteridade a memória destes homens é maior do que um cuidado propriamente artístico dos pintores,

o baixo nível técnico e artístico dos pintores, as exigências dos retratados e a ambição da imagem fiel, geraram uma espécie de realismo moderado, como clima característico dos retratos coloniais⁷⁴.

Comparando os retratos executados em todo o período colonial com os seus contemporâneos da metrópole, fica evidente a semelhança de concepção, forma e colorido, apesar da pior qualidade artística dos retratos coloniais⁷⁵.

Outro grupo de imagens importantes no período em análise são os ex-votos (imagem 44). São pequenas tábuas pintadas que são ofertadas pelos fiéis, geralmente como mercê à cura de alguma doença ou salvas de algum perigo eminente⁷⁶. É comum a representação de cenas em que consta o fiel em situação de risco ou deitados em camas, normalmente há a respectiva santidade que executou a graça. Os ex-votos são obras populares, feitas geralmente por pintores pouco qualificados. Os clientes não estavam preocupados com o valor artístico

⁷⁴. *Ibid.* p. 167.

⁷⁵. *Ibid.*

⁷⁶. *Ibid.* p. 181.

das obras e sim com a lembrança do milagre recebido⁷⁷. Esse gênero de pintura abrangia todas as classes sociais, nos próprios desenhos representam-se os mais variados móveis e roupas da época. Algumas camas ricamente talhadas e outras de simplicidade rústica. É comum encontrar por toda a colônia diversos ex-votos, principalmente nos locais de peregrinação como os santuários do Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas, e o santuário da Santíssima Trindade, em Tiradentes.

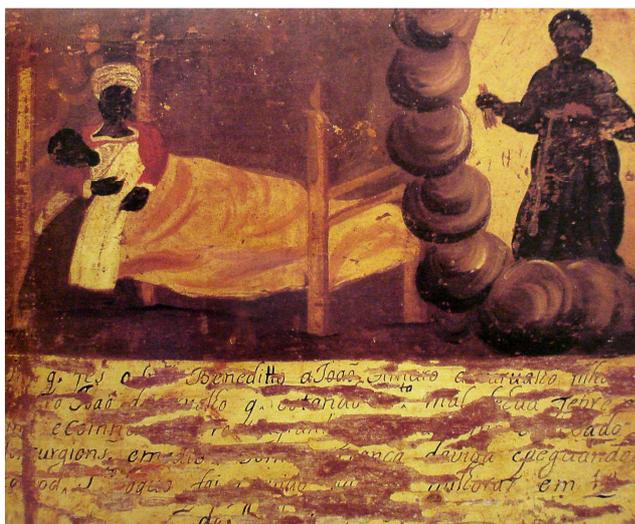


Imagem 44: Ex-voto de invocação a São Benedito. Artista desconhecido. Século XVIII. Museu da Inconfidência, Ouro Preto, Brasil. **Fonte:** http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0f/Ex-voto_de_invoca%C3%A7%C3%A3o_a_S%C3%A3o_Benedito_-_s%C3%A9culo_XVIII.jpg. Acessado em 05/04/2010.

6. A influência dos modelos europeus na pintura colonial mineira.

Foi recorrente o uso de gravuras europeias na composição de pinturas coloniais⁷⁸. Essas imagens chegavam à América Portuguesa ilustrando bíblias e missais ou até mesmo vendidas avulsas. Os artistas usavam as gravuras europeias como modelos para as diversas composições pictóricas, mas não necessariamente copiavam o original, são várias as adaptações e soluções encontradas pelos pintores para resolverem os problemas locais. Há casos onde se retiram elementos decorativos das imagens europeias, como no painel de Manuel da Costa Ataíde na capela mor da capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de Ouro Preto (imagem 45), gravura de um livro conhecido como

⁷⁷. *Ibid.* p. 182.

⁷⁸. LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 99. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

bíblia de Demarne⁷⁹ de 1728 (imagem 46). Comparando as duas imagens, logo se nota a diminuição dos elementos arquitetônicos e da figuras humanas. De maneira geral o artista simplifica e molda a ilustração européia de acordo com as suas necessidades, seja de espaço, seja técnica.



Imagem 45: Abraão oferece hospitalidade aos anjos. Manoel da Costa Ataíde. 1804. Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. **Fonte:** FROTA, Lélia Coelho, MORAES, Pedro de. *Ataíde*; vida e obra de Manuel da Costa Ataíde. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.



Imagem 46: Abraão oferece hospitalidade aos anjos. Artista Desconhecido. Data desconhecida. Calcogravura. Bíblia de Demarne. **Fonte:** LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 106. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

Há casos em que os artistas optam pela ampliação dos elementos ornamentais, como nos azulejos de autoria desconhecida na capela da Jaqueira em Recife (imagem 47), gravura também retirada da bíblia de Demarne (imagem 48). Aproveita-se o tema central da estampa européia e cria-se toda uma estrutura paisagística para a cena.

⁷⁹. *Histoire sacrée de la providence et de la conduite du Monde Jusqu'aux temps prédits dans l'Apocalypse, tirée de l'ancien et du Nouveau Testamen., représentée em cinq cent tableaux gravez d'après Raphael at autres grands maitres et expliquée par lès paroles même de l'écriture en latin et en François, 3 columes em qto. Dédiée à la Reyne par Demarne architecte et graveur Ord.re de sa Majesté. A paris chez l'Auter rues du foin, entrant por la rue de la Harpe, au Heaume, quartir de Sorbonne.* Há um exemplar na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro.



Imagem 47: José e a mulher de Putifar. Artista Desconhecido. Data desconhecida. Tinta sobre azulejo. Capela da Jaqueira, Recife, Brasil. **Fonte:** LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 113. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

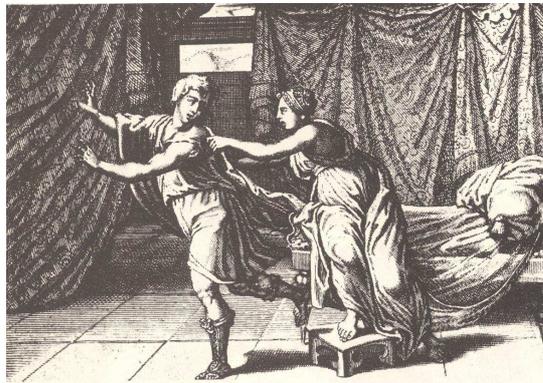


Imagem 48: José e a mulher de Putifar. Artista Desconhecido. Data desconhecida. Calcogravura. Bíblia de Demarne. **Fonte:** LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 112. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

Há ainda curiosos casos de substituição ou inserção de objetos do cotidiano colonial na composição das pinturas que usam os modelos europeus. No painel “A morte de Abraão” (imagem 49), que é mais um dos painéis de Ataíde na capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de Ouro Preto e gravura da Bíblia de Dermane (imagem 50). Nesta obra Ataíde insere uma escarradeira por baixo da cama do moribundo patriarca, objeto este que não consta no modelo europeu. Observa-se também a mudança das janelas ao fundo das imagens, além da diminuição das personagens humanas.



Imagem 49: A morte de Abraão. Manoel da Costa Ataíde. 1804. Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. **Fonte:** FROTA, Lélia Coelho, MORAES, Pedro de. *Ataíde*; vida e obra de Manuel da Costa Ataíde. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.



Imagem 50: A morte de Abraão. Artista desconhecido. Data desconhecida. Calcogravura. Bíblia de Demarne. **Fonte:** LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 112. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

Poderíamos citar várias outras adaptações e liberdades tomadas pelos pintores coloniais frente aos seus modelos, como mudança de posição de personagens, traços físicos e personagens com cores mulatas. Deve-se levar em conta ainda a mudança de materiais e técnicas entre a gravura européia e a pintura local, apenas essa transposição do desenho impresso para a pintura já pressupõem uma adaptação às imagens. As gravuras européias são imagens talhadas em uma superfície de metal (calcogravura), pedra (litogravuras) ou madeira (xilogravura). Feito o desenho, as chapas ganham tinta e são prensadas contra o papel, carimbando a ilustração escolhida. Foi comum a venda deste material para todas as regiões do mundo sobre a influência dos europeus, essa técnica de reprodução se difundiu junto ao desenvolvimento da imprensa, ainda no século XV. Já as pinturas coloniais são painéis de tinta sobre madeira, os desenhos são ampliados e recebem coloração, são várias as

pigmentações terrosas, a tabatinga⁸⁰, o fubá, o ovo e o uso de tintas importadas de centros maiores. Cabia ao artista escolher as tonalidades empregadas, em alguns casos constava no próprio contrato com a Irmandade⁸¹ essa escolha.

Foram identificados outros artistas que utilizaram os modelos europeus em suas composições pictóricas. O painel “Adão e Eva no paraíso” (imagem 51) atribuído⁸² a Antônio Rodrigues na igreja matriz de Nossa Senhora de Nazareth em Cachoeira do Campo. O seu modelo (imagem 52) advém de um antigo livro, o *Historiae celebriores veteris testamenti iconibus representatae et ad excitandas bonas meditationes selectis epigrammatibus exornatae in lucem datae*, do editor Christophoro Weigelio, Noribergae 1712⁸³. Sobre a influência dos modelos europeus na pintura colonial, a pesquisadora Hannah Levy aponta que

(...) é fora de dúvida que grande número de pintores nacionais se utilizou de modelos da arte européia. Daí o caráter eclético da pintura colonial, vista em conjunto, e daí também o caráter heterogêneo que se nota freqüentemente nas obras de um mesmo artista⁸⁴.

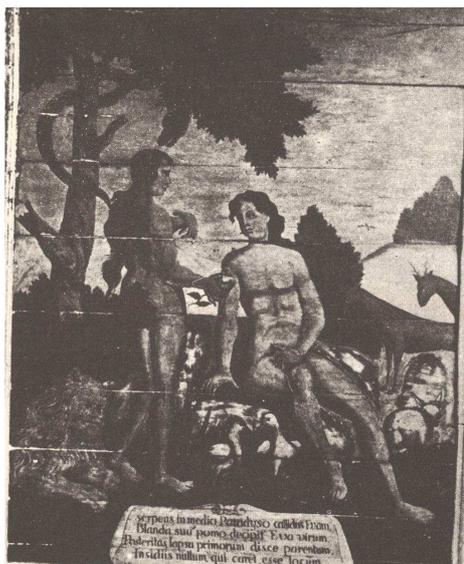


Imagem 51: Adão e Eva no paraíso. Atribuído a Antônio Rodrigues. Data desconhecida. Igreja matriz de XX, Cachoeira do Campo **Fonte:** LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 122. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

⁸⁰. Argila.

⁸¹. É o caso do contrato entre João Nepomuceno Correa Castro e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Congonhas. **AEAM**. Termo que se faz para a pintura do forro da capela de Nossa Senhora do Rosário de Congonhas, 28 de março de 1784. *In:* Livro de termos, contratos, posse dos irmãos da mesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário das Congonhas. f. 23-23 v. Prateleira H, códice 29.

⁸². LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 114. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

⁸³. Há um exemplar na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro.

⁸⁴. LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 115. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

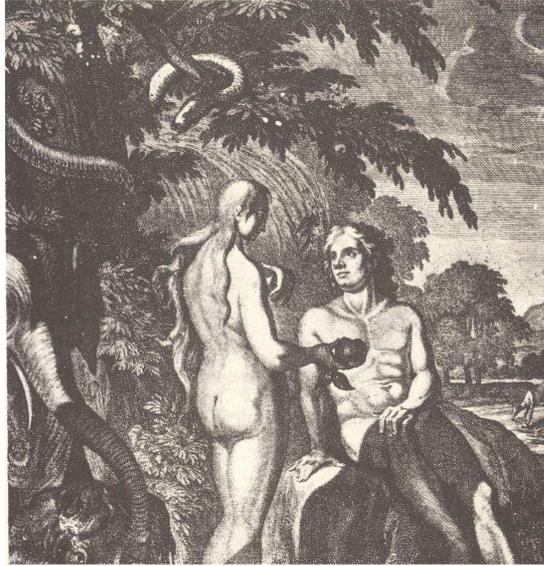


Imagem 52: Adão e Eva no paraíso. Cristóforo Meigélio. Data desconhecida. Calcogravura. *Historiae celebriores veteris testamenti iconibus representatae et ad excitandas bonas meditationes selectis epigrammatibus exornatae in lucem datae.* **Fonte:** LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 123. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

ÍNDICE DE IMAGENS DO CAPÍTULO 1:

- Imagem 1:** Desenho de escada em perspectiva.
- Imagem 2:** A morte de São João. Antonio Allegri Correggio.
- Imagem 3:** Assunção da Virgem. Antonio Allegri Correggio.
- Imagem 4:** O Triunfo da Divina Providência. Pietro Berrettini da Cortona.
- Imagem 5:** O Triunfo da Divina Providência (detalhe). Pietro Berrettini da Cortona.
- Imagem 6:** Alegoria do trabalho missionário dos Jesuítas. Andréa Pozzo.
- Imagem 7:** Alegoria do trabalho missionário dos Jesuítas (detalhe). Andréa Pozzo.
- Imagem 8:** O Sacrifício de Ifigênia. Juan Bautista Tiepolo.
- Imagem 9:** Interior da capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Caetano da Costa Coelho.
- Imagem 10:** Forro da nave da capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Caetano da Costa Coelho.
- Imagem 11:** Forro da nave da capela da Conceição da Praia. José Joaquim da Rocha.
- Imagem 12:** Forro da nave da capela de São Pedro. João de Deus Sepúlveda.
- Imagem 13:** Forro da nave da capela de Nossa Senhora do Rosário dos Brancos, do Padre Faria. Autor desconhecido.
- Imagem 14:** Forro da capela mor da Catedral Basílica de Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana. Manuel Rebelo e Sousa.
- Imagem 15:** Forro da capela mor da igreja matriz de Santo Antônio. Autor desconhecido.
- Imagem 16:** Forro da nave da capela de Nossa Senhora do Carmo. José Soares de Araújo.
- Imagem 17:** Forro da capela mor da capela de Nossa Senhora do Carmo. José Soares de Araújo.
- Imagem 18:** Forro da capela mor da capela de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. José Soares de Araújo.
- Imagem 19:** Forro da nave da capela de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. José Soares de Araújo.
- Imagem 20:** Forro da capela mor da capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis. José Soares de Araújo.
- Imagem 21:** Forro da capela mor do santuário Bom Jesus de Matosinhos. Bernardes Pires.

- Imagem 22:** Forro da nave do santuário Bom Jesus de Matozinhos. João Nepomuceno Correa Castro.
- Imagem 23:** Forro da capela mor da capela de Nossa Senhora da Boa Morte. Antônio Martins da Silveira.
- Imagem 24:** Detalhe da capela mor da igreja matriz de Nossa Senhora de Nazaré. João Batista Figueiredo.
- Imagem 25:** Detalhe do forro da nave da capela do Bom Jesus de Matozinhos. Autor desconhecido.
- Imagem 26:** Forro da nave da capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Manuel da Costa Ataíde.
- Imagem 27:** Forro da capela mor da matriz de Santo Antônio. Manuel da Costa Ataíde.
- Imagem 28:** Forro da capela mor da matriz de Santo Antônio. Manuel da Costa Ataíde.
- Imagem 29:** Forro da nave da capela de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Negros. Manuel da Costa Ataíde.
- Imagem 30:** Forro da nave da capela Nossa Senhora da Conceição da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Francisco Xavier Carneiro.
- Imagem 31:** Forro da nave da capela de Nossa Senhora das Mercês. Manoel Victor de Jesus.
- Imagem 32:** Forro da nave da matriz de Nossa Senhora da Penha de Vitoriano Veloso. Manoel Victor de Jesus.
- Imagem 33:** Forro da capela mor da matriz de Nossa Senhora da Penha de Vitoriano Veloso. Manoel Victor de Jesus.
- Imagem 34:** Forro da nave da igreja matriz de São Tomé. Joaquim José da Natividade.
- Imagem 35:** Forro da capela mor da igreja matriz de São Tomé. Joaquim José da Natividade.
- Imagem 36:** Forro da nave da capela da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Joaquim Gonçalves da Rocha.
- Imagem 37:** Forro da nave da capela do Bom Jesus de Matozinhos. Silvestre de Almeida Lopes.
- Imagem 38:** Forro da sacristia da capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Silvestre de Almeida Lopes.
- Imagem 39:** Chinesices desenhadas no arco-cruzeiro da capela de Nossa Senhora do Ó. Jacinto Ribeiro.
- Imagem 40:** Retrato de José de Sousa Barros. Artista desconhecido.
- Imagem 41:** Retrato do padre José Gonçalves dos Santos. Artista desconhecido.
- Imagem 42:** Retrato do Governador Gomes Freire de Andrade. Artista desconhecido.

Imagem 43: Retrato de Pedro III. Artista desconhecido. Data desconhecida.

Imagem 44: Ex-voto de invocação a São Benedito. Artista desconhecido.

Imagem 45: Abraão oferece hospitalidade aos anjos. Manoel da Costa Ataíde.

Imagem 46: Abraão oferece hospitalidade aos anjos. Artista Desconhecido.

Imagem 47: José e a mulher de Putifar. Artista Desconhecido. Data desconhecida.

Imagem 48: José e a mulher de Putifar. Artista Desconhecido. Data desconhecida.

Imagem 49: A morte de Abraão. Manoel da Costa Ataíde.

Imagem 50: A morte de Abraão. Artista desconhecido.

Imagem 51: Adão e Eva no paraíso. Atribuído a Antônio Rodrigues. Data desconhecida.

Imagem 52: Adão e Eva no paraíso. Cristóforo Meigélio.

CAPÍTULO 2 – JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO, VIDA E OBRA.

2.1. Os anos iniciais de João Nepomuceno Correa Castro.

No dia 16 de maio de 1752⁸⁵, aconteceu uma cerimônia de batismo na Catedral de Nossa Senhora da Assunção na cidade de Mariana. Consta que entre os que compareceram estavam Antonio Alves Castro e dona Clara⁸⁶, padrinhos do bebê a ser batizado. Os pais da criança eram Domingos Correa Rabelo e Páscoa da Ressurreição Castro. O cônego Francisco de Sousa foi o responsável pelo batismo de João Nepomuceno Correa Castro, quando esse devia possuir alguns meses de vida. Recebeu o nome do santo confidente, são João Nepomuceno, homem assassinado por guardar um segredo⁸⁷. Não por coincidência 16 de maio é o dia em que a Igreja Católica comemora a festa de São João Nepomuceno⁸⁸, e por ser batizado nessa data o pintor mineiro foi seu homônimo, costume comum em uma sociedade muito religiosa.

João Nepomuceno Correa Castro nasceu em uma família com pelo menos mais três irmãos já identificados, Francisco Correa Rabelo⁸⁹, Laureano Correa Rabelo⁹⁰ e Catarina Clara de Jesus⁹¹. O primeiro possuía 15 anos⁹² quando João foi batizado e junto com Laureano foram alunos⁹³ do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte em Mariana, uma das poucas instituições de ensino na região. Laureano inclusive participou do coro da Catedral de Nossa Senhora da Assunção, desde a sua criação⁹⁴. Catarina auxiliou João durante toda a vida,

⁸⁵. **AEAM**. Registro de batismo de João Nepomuceno Correa Castro, 16 de maio de 1752. *In*: Livro de batismo da Catedral Basílica de Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana. f. 13 v-14. Prateleira O, código 10.

⁸⁶. Desconhece até o presente momento o nome completo da madrinha de João Nepomuceno Correa Castro.

⁸⁷. São João Nepomuceno foi martirizado por não contar os segredos da rainha para o rei da Bohemia, Wenceslao IV. Para mais informações consultar o verbete Juan Nepomuceno. *In*: ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANA. Madrid: Spasa-Calpe, 1926. v 28. p. 2975-6.

⁸⁸. *Ibid.*

⁸⁹. **AEAM**. *De genere et moribus* do padre Francisco Corrêa Rabelo, 1759. *In*: *Degenerere et moribus*. f. 77. armário 3, pasta 527.

⁹⁰. *Ibid.*

⁹¹. **AEAM**. Contas de testamento de João Nepomuceno Correia, 1794 - 1806. *In*: Testamentos de João Nepomuceno Correia Castro. 13 f. Testamentos, pasta 619.

⁹². Francisco Correa Rabelo foi batizado em 25 de outubro de 1736. **AEAM**. Registro de batismo de Francisco Correa, 25 de outubro de 1736. *In*: Livro de batismo da Vila do Carmo. f. 63 v. Prateleira O, código 5.

⁹³. **AEAM**. *De genere et moribus* do padre Francisco Corrêa Rabelo, 1759. *In*: *Degenerere et moribus*. f. 77. armário 3, pasta 527.

⁹⁴. *Ibid.*

inclusive no momento derradeiro do seu falecimento, e após ele, cuidando da burocracia testamentária⁹⁵.

O pai de João Nepomuceno, Domingos Correa Rabelo era português, natural da freguesia de Vilarinho de São Rumão, termo de Vila Real, Arcebispado de Braga⁹⁶. Os pais de Domingos Correa, avôs de João Nepomuceno, Francisco Gonçalves e Úrsula Correa também nasceram nesta freguesia⁹⁷. Com as notícias da descoberta do ouro na colônia, Domingos Correa Rabelo, solteiro, saído de uma pequena povoação no interior de Portugal, vai tentar a vida na colônia, destino comum a muitos dos seus contemporâneos⁹⁸. Utilizando o *status* conferido por sua origem metropolitana, consegue um bom casamento na colônia. Casa-se com Páscoa da Ressurreição Castro, filha do sargento-mor Bernardo Spinola Castro. O pai de Páscoa nasceu em uma pequena vila no Bispado de Angra nas ilhas dos Açores⁹⁹, possessão portuguesa. A mãe, Maria de Godois, é natural do Bispado de São Paulo¹⁰⁰. O avô materno de João Nepomuceno além de ser português, possuía a patente de sargento-mor, importante cargo para a organização e defesa das vilas¹⁰¹. Os pais de Páscoa da Ressurreição foram atraídos pela promessa de riqueza da região das minas. Eles se estabeleceram em uma pequena povoação chamada São Sebastião no termo da vila de Mariana, onde Páscoa da Ressurreição nasceu¹⁰².

Pouco tempo após a cerimônia de batismo de João Nepomuceno, seu pai Domingos Correa Rabelo falece¹⁰³, agora Páscoa da Ressurreição era a responsável pela criação dos filhos. O seu irmão Francisco Correa Rabelo se consagra padre em 1759¹⁰⁴. Nada se sabe ainda sobre os outros irmãos nesse período. João cresce sobre a influência da mãe e dos irmãos mais velhos, provavelmente uma família muito ligada às tradições da religião católica.

Nada se sabe da juventude de João Nepomuceno Correa Castro, provavelmente é nesse período que entra em contato com a pintura e os modelos europeus das Bíblias

⁹⁵. **AEAM**. Contas de testamento de João Nepomuceno Correia, 1794 - 1806. In: Testamentos de João Nepomuceno Correia Castro. 13 f. Testamentos, pasta 619.

⁹⁶. **AEAM**. *De genere et moribus* do padre Francisco Corrêa Rabelo, 1759. In: *Degenerere et moribus*. f. 77. armário 3, pasta 527.

⁹⁷. *Ibid.*

⁹⁸. O governo português chega a tentar proibir a emigração de homens para a colônia. Consultar IGLÉSIAS, Francisco. *Três séculos de Minas*. 2 ed. Belo Horizonte: Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, 1985. p. 7. (Caderno de Minas, 1).

⁹⁹. **AEAM**. *De genere et moribus* do padre Francisco Corrêa Rabelo, 1759. In: *Degenerere et moribus*. f. 77. armário 3, pasta 527.

¹⁰⁰. *Ibid.*

¹⁰¹. SALGADO, Graça (coord.). *Fiscais e meirinhos*; a administração no Brasil colonial. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 312-13.

¹⁰². *Ibid.*

¹⁰³. Consta que, em 28 de abril de 1755, Domingos Correa Rabelo já havia falecido. **AEAM**. *De genere et moribus* do padre Francisco Corrêa Rabelo, 1759. In: *Degenerere et moribus*. f. 77. armário 3, pasta 527.

¹⁰⁴. *Ibid.*

importadas. O historiador Rodrigo Mello Franco de Andrade assim se expressa em relação à formação artística desse artista:

...não se conhece o mestre que teve, mas não há dúvida sobre a segurança e a proficiência do seu ensinamento, à vista da correção, por assim dizer acadêmica que caracteriza o desenho, o colorido e a composição na obra do discípulo¹⁰⁵.

Voltamos a ter informações sobre João Nepomuceno Correa Castro, quando ele atinge os 21 anos. Nessa idade já havia completado sua formação enquanto pintor, e já era reconhecido com digno de competência pelos seus semelhantes - tratado com distinção. No dia 9 de fevereiro de 1774¹⁰⁶, foi convidado a comparecer ao consistório da igreja matriz de Nossa Senhora

...tal circunstância demonstra que, na época, sua situação era de mestre ou, pelo menos, de oficial de capacidade reconhecida, pois a perícia para o julgamento de serviço daquela importância, executado em templo tão prestigioso, não poderia ser incumbida senão a profissional de idoneidade notória.¹⁰⁸

Algum tempo depois, quando João Nepomuceno já contava ter 24 anos, fora contratado¹⁰⁹ para encarnar¹¹⁰ uma imagem de Nossa Senhora da Conceição (ficha 1) na Catedral de Nossa Senhora da Assunção em Mariana, templo em que foi batizado. Encarnar imagens era um dos vários serviços feitos pelos pintores do período colonial, como também o de dourar altares e estofar¹¹¹ imagens sacras.

¹⁰⁵. ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. A Pintura colonial em Minas Gerais. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978. p. 28. (Publicação da revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 18).

¹⁰⁶. AHEPP. Livro de termos da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Ouro Preto. f. 139 v. Volume 224.

¹⁰⁷. Árbitro, avaliador, perito, pessoa nomeada pela autoridade competente ou por particulares para, juntamente com outras, procederem à avaliação de bens móveis ou imóveis. In: MICHAELIS; moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. p. 1279.

¹⁰⁸. ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. A Pintura colonial em Minas Gerais. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978. p. 29. (Publicação da revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 18).

¹⁰⁹. AEAM. Livro da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Mariana. f. 30. Prateleira P, códice 25.

¹¹⁰. “Encarnação; termo de pintor Da côr da carne em todas as partes nuas de hum corpo pintado” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v. 3, p. 208. “Encarnar: Dar cor de carne a pinturas ou imagens, aplicando polimento às partes do corpo que devem aparecer” in: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 143.

¹¹¹. “Estofa; termo de pintor, figura, roupa, ou outra cousa estofada. O estofa de figuras, ou de roupas não se faz, se não sobre ouro brunido” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v. 3, p. 330.

Como vemos, pouca coisa se sabe sobre os primeiros anos de João Nepomuceno Correa Castro, principalmente referente à sua formação como pintor e os seus primeiros trabalhos. Sabe-se que é em Congonhas que esse artista faria as suas maiores obras, principalmente no santuário Bom Jesus de Matozinhos.

2.2. O santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, obras e documentação.

O santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas foi construído como pagamento a uma promessa feita pelo português Feliciano Mendes. Encontrando muito enfermo, esse promete erguer uma ermida dedicada ao Bom Jesus de Matozinhos, caso se salve. Alcançado a graça pretendida, Feliciano Mendes começa a construir esse templo no Alto do Maranhão, morro defronte ao arraial de Congonhas do Campo, isso por volta de 1757¹¹². Nessa empreitada dedica todos os seus esforços, inclusive a doação de seus bens. Veio a falecer em 1765¹¹³, e a devoção que começou até os dias de hoje leva milhares de fiéis ao santuário todos os anos.

Erguido através de doações dos fiéis, o santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas foi construído pelas mãos dos grandes artistas e artífices do período, atestado pela historiadora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira: “o que de melhor havia em Minas no momento”¹¹⁴. São vários os artistas e artífices que trabalharam nessa obra: pintores, escultores, entalhadores, carpinteiros e uma infinidade de outros profissionais. Os grandes nomes do período foram contratados para a construção do templo. Para talhar os altares, Antunes Carvalho¹¹⁵ e Jerônimo Félix Teixeira¹¹⁶. Para a pintura de um¹¹⁷ dos altares laterais, João de Carvalhais¹¹⁸; para pintar o outro altar lateral¹¹⁹ e o forro da capela mor, Bernardo

“Estofamento; diz-se do processo de policromia usado para fingir a indumentária de imagens de santos e anjos. Pode consistir na aplicação de pintura sobre o douramento da peça” in: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p XX.

¹¹². FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. p. 45.

¹¹³. *Ibid.* 49.

¹¹⁴. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *Aleijadinho*; passos e profetas. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002. p. 18.

¹¹⁵. AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 9. Prateleira H, código 26.

¹¹⁶. MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. v. 2. p. 284. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

¹¹⁷. Altar dedicado a santo Antônio.

¹¹⁸. AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 9 v. Prateleira H, código 26.

Pires¹²⁰; para pintar parte das imagens em madeira dos Passos e as suas respectivas capelas¹²¹, foi contratado Manuel da Costa Ataíde¹²². O último ainda recebe por “Retocar a Capella mor”¹²³ (*sic*). Na escultura em madeira, Francisco Vieira Servas¹²⁴. Não bastando todos esses grandes nomes da arte colonial mineira, é no santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas que está o mais importante conjunto de obras de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, artista máximo de todo o período colonial. São 64 esculturas em madeira e 12 esculturas em pedra sabão¹²⁵, formando um dos principais acervos do grande artista. E entre todos esses grandes nomes das artes, trabalhou também João Nepomuceno Correa Castro¹²⁶, pintor máximo desse templo.

Há dentro do santuário Bom Jesus de Matozinhos 35 painéis distribuídos pelo coro, nave e capela mor do templo. São painéis de tamanhos e formatos diversos e não há referência direta sobre autoria de nenhuma dessas obras no livro de despesas do santuário. Assim como também não há referência direta ao autor do forro da nave. Referente à discussão sobre a autoria dessas obras, voltaremos mais adiante. Desses 35 painéis, 31 obedecem a uma cronologia bíblica e 4 estão embasadas na tradição católica¹²⁷. Nas paredes do coro da capela encontram-se os quatro primeiros painéis, a saber: A Expulsão de Adão e Eva do Paraíso e o Pecado Original (ficha 2), esses estão pintados no alto do coro. Assassinato de Abel (ficha 3), Sacrifício de Noé (ficha 4) e Aviso do nascimento de Isaac a Abraão (ficha 5) nas paredes do coro. Todos os painéis desse primeiro grupo têm a sua temática inspiradas no Antigo Testamento.

O segundo grupo de pinturas são três painéis que estão pintados em baixo do coro da capela, acima dos fiéis que entram no santuário pela porta principal. São os três patriarcas do Antigo Testamento: Abraão (ficha 6), Isaac (ficha 7) e Jacob (ficha 8).

¹¹⁹. Altar dedicado a São Francisco.

¹²⁰. **AEAM**. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 9 e 9v. Prateleira H, códice 26.

¹²¹. Os dois grupos de Passos pintados por Manuel da Costa Ataíde são o Horto e a Prisão.

¹²². **AEAM**. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 86 e 87 v. Prateleira H, códice 26.

¹²³. *Ibid.* f. 87 v.

¹²⁴. MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. v. 2. p. 216. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

¹²⁵. Para maiores informações sobre as obras de Antônio Francisco Lisboa no santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas consultar. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *Aleijadinho; passos e profetas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002. 74 p.

¹²⁶. **AEAM**. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 16, 18 v., 20 v., 21 e 22. Prateleira H, códice 26.

¹²⁷. Todas as referências às passagens bíblicas representadas nos painéis do santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas foram identificadas por; NEVES, Padre Gabriel T. Através da beleza artística, a fala de Deus a nós homens. *in*; FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. p. 135 a p.150.

Espalhadas pelas paredes da nave da capela do santuário há 16 painéis. Três dos quatro primeiros painéis tem as suas temáticas voltadas à tradição eclesiástica¹²⁸, sendo eles Anunciação a Sant'Ana (ficha 9), Nascimento de São João Batista¹²⁹ (ficha 10), Apresentação de Nossa Senhora no templo (ficha 11) e Esposais de Nossa Senhora com São José (ficha 12). Os outros 12 painéis possuem sua temática retirada do Novo Testamento, sendo eles, Anunciação a Nossa Senhora (ficha 13), Visita a Santa Isabel (ficha 14), Nascimento de Nosso Senhor (ficha 15), Apresentação do menino Jesus no templo (ficha 16), Fuga para o Egito (ficha 17), Jesus entre os doutores no templo (ficha 18), Batismo de Jesus no Jordão (ficha 19), Sermão da Montanha (ficha 20), Jesus expulsa os vendilhões do templo (ficha 21), Tentação de Jesus (ficha 22), A Samaritana (ficha 23) e Ressurreição de Lázaro (ficha 24).

Na capela mor do santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas estão mais 12 painéis com temas ligados ao Novo Testamento, sendo eles Entrada em Jerusalém (ficha 25), Ceia e Lava pés (ficha 26), Instituição da Santíssima Eucaristia (ficha 27), Agonia no Horto (ficha 28), Prisão de Jesus (ficha 29), Jesus diante de Anás (ficha 30), Jesus diante de Caifás (ficha 31), Jesus diante de Pilatos, no Pretório (ficha 32), Coração de Espinhos (ficha 33), Encontro com Maria Santíssima (ficha 34) e Crucificação (ficha 35).

Fonte valiosíssima para os estudos sobre o santuário e as suas obras artísticas é o primeiro o livro de receitas e despesas¹³⁰ do santuário Bom Jesus de Matozinhos, fundamental para entender o desenrolar da construção desse importante templo. Por outro lado, esse livro traz poucas informações sobre as obras contratadas; apenas apresenta lançamentos rápidos dos vários trabalhos executados pelos artistas e artífices que ali trabalharam. Geralmente são lançamentos em uma ou duas linhas, onde consta o nome, o valor e tipo de serviço prestado. Essa falta de informação até hoje ainda é alvo de diversas especulações sobre a autoria de vários trabalhos, principalmente referentes à produção de João Nepomuceno Correa Castro.

João Nepomuceno Correa Castro aparece recebendo grandes quantias por trabalhos de pintura dentro da capela, são ao total 11 lançamentos¹³¹. O primeiro recibo de João Nepomuceno Correa Castro no santuário Bom Jesus de Matozinhos data entre outubro de 1777 e fevereiro de 1779, “P[or]. que dei ao Guarda Mor João Nepomuceno a conta da

¹²⁸. NEVES, Padre Gabriel T. Através da beleza artística, a fala de Deus a nós homens. *in*; FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. p. 141.

¹²⁹. Segundo o padre Gabriel T. Neves esse painel corresponderia ao Nascimento de Nossa Senhora, essa referência é contestada pelo pesquisador Herinaldo de Oliveira Alves, em artigo ainda não publicado.

¹³⁰. *AEAM*. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. Prateleira H, códice 26.

¹³¹. *Ibid.* f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v.

Pintura do Corpo / da capella”¹³² (*sic*), o segundo entre março de 1779 a dezembro de 1782, “P[or]. que dei ao Pintor João Nepomuceno resto do pr[imeir].o ajuzte da pintura da Capella”¹³³ (*sic*), e assim sucessivamente até o ano de 1787. Todos os recibos trazem poucas informações específicas sobre qual seria exatamente as obras pagas ao pintor, ao contrário do autor da pintura do forro da capela mor, Bernardo Pires, que em seu recibo consta “aconta dapinturadacapella mor”¹³⁴ (*sic*) por exemplo. Ao total, João Nepomuceno recebe por esses trabalhos não-identificados de pintura um montante aproximado de 1541 oitavas de ouro em 10 anos¹³⁵. Para efeito comparativo, esse valor é próximo ao gasto total do santuário entre outubro de 1777 a fevereiro de 1779, período de muitas obras na capela.

2.3. Questões de autoria, historiografia e volta às fontes primárias.

João Nepomuceno Correa Castro é constantemente citado nos clássicos estudos sobre a pintura colonial mineira. Ele é lembrado sempre por sua atuação no santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, onde recebeu vultosa quantia como pagamento. O grande poeta Manuel Bandeira, um dos primeiros autores a se debruçarem sobre o tema, atribuiu em 1938¹³⁶ a Manuel Rodrigues Coelho a autoria das pinturas da nave e capela mor do santuário. O mesmo autor revisa essa atribuição na 3ª edição da mesma obra¹³⁷; desta vez o nome de João Nepomuceno Correa Castro é lembrado como o pintor das ditas pinturas da nave e capela mor. Nessa revisão Manuel Rodrigues Coelho aparece como entalhador dos alteres laterais.

Hannah Levy, clássica historiadora, escreveu um artigo na década de 1940¹³⁸ e nele contestou que os dois painéis¹³⁹ “Caim e Abel” (imagem 1) e “Abraão oferece hospitalidade aos anjos” (imagem 3) foram feitos por um mesmo pintor. Baseada na comparação entre os

¹³². *Ibid.* f. 12 v.

¹³³. *Ibid.*

¹³⁴. *Ibid.* f. 9.

¹³⁵. *Ibid.* f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v.

¹³⁶. Esse texto está publicado na 1ª edição do Guia de Ouro Preto, publicação nº2 do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, à página 87 e citada por FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. p. 65.

¹³⁷. A 3ª edição é de 1957, João Nepomuceno é citado à página 93. Citado por FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. p. 65.

¹³⁸. LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 97-154. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

¹³⁹. Foram reproduzidas as 4 imagens que constam no próprio artigo da historiadora Hannah Levy, os dois painéis do santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas e os dois modelos europeus.

dois painéis e seus respectivos modelos europeus (imagem 2 e 4), ambos os modelos presentes na Bíblia do editor Cristóforo Meigélio, *Historiae celebriores veteris testamenti iconibus representatae et ad excitandas bonas meditationes selectis epigrammatibus exornatae in lucem data*¹⁴⁰.. Ao analisar as soluções encontradas na execução dos dois painéis, a pesquisadora se fundamenta principalmente em relação à adaptação feita pelos dois possíveis artistas, que transformaram modelos verticais em painéis horizontais. Segundo Hannah Levy, a diferença de técnica entre os dois pintores era grande, um seria “um pintor fraquíssimo, sem personalidade alguma” e outro “um copista que pensa e age com personalidade”¹⁴¹. Mais o clássico artigo apresenta uma interessante nota de rodapé: “Cumprir assinalar que conhecemos apenas estas obras através de reproduções fotográficas, de modo que nada podemos dizer sobre colorido”¹⁴². Vale salientar ainda que as fotografias vistas por ela foram tiradas antes das restaurações que ocorreram no santuário, e as suas conclusões nesse caso, está embasada em imagens em preto e branco. Relevante notar é a contribuição dessa pioneira historiadora para os estudos das obras de pintura em todo o território colonial.



Imagem 1: Caim e Abel. João Nepomuceno Correa Castro (atribuído). Data desconhecida. Óleo sobre madeira. Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Brasil. **Fonte:** LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 126. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

¹⁴⁰. *Ibid.* p. 114.

¹⁴¹. *Ibid.* p. 115.

¹⁴². *Ibid.* p. 117.

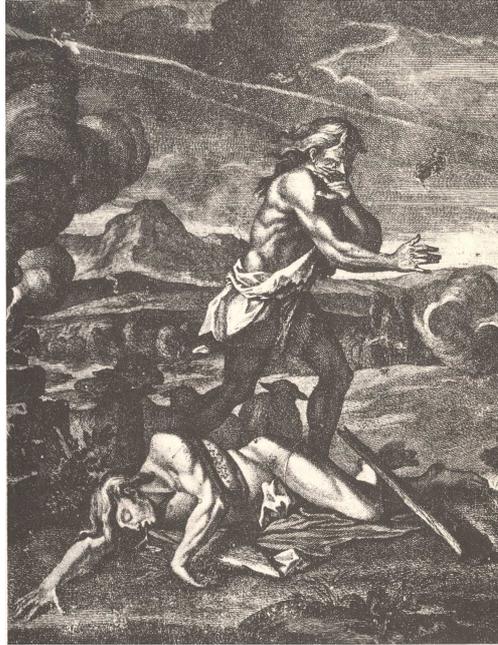


Imagem 2: Caim e Abel. Cristóforo Meigélio. Data desconhecida. Calcogravura. *Historiae celebriores veteris testamenti iconibus representatae et ad excitandas bonas meditationes selectis epigrammatibus exornatae in lucem datae*. **Fonte:** LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 127. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).



Imagem 3: Os anjos na casa de Abraão. João Nepomuceno Correa Castro (atribuído). Data desconhecida. Óleo sobre madeira. Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Brasil. **Fonte:** LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 126. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

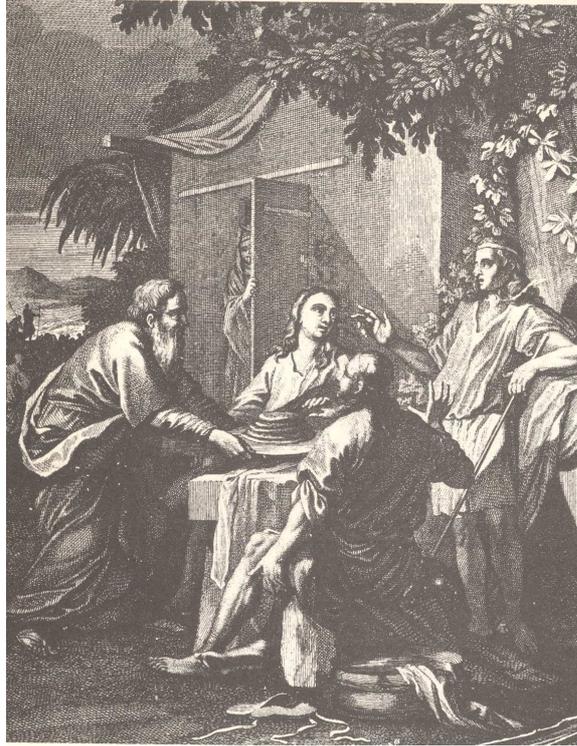


Imagem 4: Os anjos na casa de Abraão. Cristóforo Meigélio. Data desconhecida. Calcogravura. *Historiae celebriores veteris testamenti iconibus representatae et ad excitandas bonas meditationes selectis epigrammatibus exornatae in lucem datae*. Fonte: LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 132. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).

O professor Carlos Del Negro, referência no estudo da pintura mineira, também busca resolver o problema da autoria das diversas obras pictóricas dentro do santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas. As conclusões que chega são que

O quadro do teto e as duas cenas de Adão e Eva na parede do coro devem ser atribuídos a um artista. As cenas do Velho Testamento sob os arcos, próxima às paredes laterais, a outro artista...

João Nepomuceno Corrêa Castro é o pintor que desde 1777 a 1784 e mais tarde em 1787 recebeu grandes somas para executar a “pintura da capela” como consta do livro de despesa do Santuário Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. A ele se deve atribuir a (sic) autoria da pintura do teto da nave¹⁴³.

Apesar de atribuir a autoria do forro da nave da capela a João Nepomuceno Correa Castro, alerta Carlos Del Negro para os possíveis retoques que haviam sido feitos por Manoel da Costa Ataíde¹⁴⁴. Esse autor ainda tenta identificar partes repintadas, que se assemelhariam a maneira de pintar de Ataíde,

¹⁴³. DEL NEGRO, Carlos. *Contribuição ao estudo da pintura mineira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958.p. 35. (Publicação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 20).

¹⁴⁴. *Ibid.* p. 31-32.

... tratou-se o capitel com molduras e denticulos ocre-dourados e faixa verde-esmeralda (maneira de Ataíde); com toda a probabilidade se deve isso aos retoques de Ataíde. Os balcões-pútipos, um em cada canto e um em cada eixo da abóbada são vermelho-cinábrio (maneira de Ataíde), salientando-se do muro branco. Ornamentaram-se os balcões dos cantos com concheado azul; os outros, singelos, trazem flores¹⁴⁵.

Em outra passagem o autor continua identificando os possíveis retoques feitos por Manoel da Costa Ataíde na nave do forro da capela,

...as figuras sob os arcos, próximas ao arco-cruzeiro, foram muito repintadas com cores vibrantes adquirindo as cabeças o tipo de Ataíde. As do coro mais apagadas conservam ainda um pouco do caráter original. Além de alguns anjos pintados dentro do medalhão central¹⁴⁶.

Cabe-nos ressaltar que a documentação afirma que a intervenção do pintor Manoel da Costa Ataíde havia sido no forro da capela mor do santuário; “Retocar a Capella mor”¹⁴⁷ (*sic*). Tal informação possivelmente não passou despercebida por Carlos Del Negro, mas esse amparado em análises formais encontra características próprias do estilo de Manoel da Costa Ataíde de pintar no forro da nave do santuário Bom Jesus de Matozinhos.

Lourival Gomes Machado esteve no santuário Bom Jesus de Matozinhos logo após a restauração da capela pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1957¹⁴⁸. Esse autor, estudioso das artes coloniais, assume que várias obras pictóricas haviam sido grosseiramente retocadas através dos tempos¹⁴⁹. Ele descreve parte do trabalho dos restauradores, inclusive uma narrativa detalhada sobre os procedimentos de restauração adotados no forro da nave do santuário; que segundo o mesmo é de autoria de João Nepomuceno Correa Castro, assim como todos os painéis da nave e capela mor do templo - como veremos adiante. Após pesquisa e reflexões, Lourival Gomes Machado é categórico quanto à autoria desses trabalhos no santuário, refutando diretamente Hannah Levy:

Já sobre o que mais de pintura deixara Bernardo Pires em Congonhas, e se supunha fossem todas as pinturas de forro (nave e capela mor), padecera forte dúvida desde que Rodrigo M. F. de Andrade descobria, no Livro de Despesas da igreja, pagamentos por andaimes erguidos na nave já concluída, indicando a existência, nesse setor, de trabalho de João

¹⁴⁵. *Ibid.* p. 31.

¹⁴⁶. *Ibid.* p. 32-33.

¹⁴⁷. **AEAM**. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 87 v. Prateleira H, código 26.

¹⁴⁸. MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva S. A., 1978. p. 305. (Debates, 11).

¹⁴⁹. *Ibid.* p. 337.

Nepomuceno Correia, que recebeu aquele dinheiro. Aliás, identificando-se os quadros que decoram as paredes da nave e da capela mor, mais se consolidava a indicação. Verdade é que, em seu famoso artigo sobre os “modelos” coloniais, Hannah Levy pensara descobrir dois estilos nesses quadros – um, de copista servil, e outro, de criador livre –, porém, com sua infatigável exatidão, registrava que escrevia o que lhe sugeria reproduções fotográficas e não as pinturas propriamente ditas. Ora, os trabalhadores da restauração, pondo a nu a primitiva feição dos quadros e dos forros, além de oferecer a Edison Motta, na chefia da restauração, uma direta inspeção da técnica e maneira do pintor, veio concorrer para que se acolha o nome de João Nepomuceno Correia e Castro como o grande pintor de Congonhas: seu é o forro da nave, seu são todos os quadros da mesma nave e também da capela mor (a cujo teto se resumiu a atividade de Bernardo Pires), como talvez sejam suas outras obras que se encontram na sacristia. As duas mãos entrevistadas por Hanna Levy, livres de desfiguração, não passam de uma só mão – a mesma mão que subiu aos andaimes pagos pela igreja para decorar o teto da nave.¹⁵⁰

Quanto aos retoques feitos por Manoel da Costa Ataíde, Lourival Gomes Machado se prende à documentação analisada, aprofundar muito na questão,

...o Ataíde, no ano de 1819, andou a retocar pinturas da capela-mor, mas não é por esse título que se prende, substancialmente, ao Santuário de Congonhas...¹⁵¹

Um dos historiadores que melhor escreveu sobre o santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, Edgard de Cerqueira Falcão publica um excelente livro¹⁵² sobre a construção do templo. Trata-se de uma das mais completas e de maior fôlego documental, expondo sua opinião sobre a identificação das obras de João Nepomuceno Correa Castro:

...no interior da capela, outro empreedimento, de não menor envergadura, ocorreu, abrangendo boa parte da gestão do 3º ermitão: as pinturas dos quadros das naves e do teto do corpo da igreja, por João Nepomuceno Correia e Castro, artista plástico de largos recursos e aprimorada técnica, e de elevada posição social¹⁵³.

Reafirma ainda mais tarde que

¹⁵⁰. *Ibid.* p. 338 e 339.

¹⁵¹. *Ibid.* p. 290.

¹⁵². FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. 336 p.

¹⁵³. *Ibid.* p. 52.

Nepomuceno é assim, comprovadamente, autor dos belos quadros que ornaram as paredes de todo o templo (nave maior e menor), ostentando cenas da vida de Nossa Senhora e de Cristo, e também, segundo consenso unânime de entendidos, do painel do tecto (*sic*) do corpo da igreja, a representar a Santíssima Trindade¹⁵⁴.

A historiadora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, especialista em pintura colonial brasileira, também aborda superficialmente o problema da autoria das obras de João Nepomuceno Correa Castro no santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas:

...a pintura do forro da nave, executada entre 1777 e 1787 por João Nepomuceno Correa e Castro, também autor de toda a extensa série de painéis que recobrem as paredes da nave e capela mor do templo¹⁵⁵.

Outro historiador que não pode deixar de ser mencionado é Rodrigo Mello Franco de Andrade¹⁵⁶, autor que mais levantou informações biográficas sobre João Nepomuceno Correa Castro. Esse teve acesso aos documentos constam no Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais¹⁵⁷, da pesquisadora Judith Martins. Rodrigo Mello Franco de Andrade narra de forma cronológica a execução das obras identificadas de João Nepomuceno Correa Castro até aquele momento, além de importantes traços biográficos que voltaremos a discutir aos poucos (em momentos oportunos). Esse historiador não se envolve diretamente na discussão sobre quais obras seriam de João Nepomuceno Correa Castro no santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, afirmando que “(...) é constituída por um número muito considerável de painéis”¹⁵⁸.

Para buscar elucidar a questão da autoria das obras de pintura no santuário Bom Jesus de Matozinhos, propomos voltar às fontes primárias. Nos anos iniciais de atuação de João Nepomuceno Correa Castro no santuário, entre 1º de outubro de 1777 até o final de fevereiro de 1779, ele foi o único pintor em atuação no santuário¹⁵⁹, interessante notar quatro outros lançamentos desse mesmo período. Consta “P[or]. que dei a Antonio Domingues de gasto que

¹⁵⁴. *Ibid.* p. 53.

¹⁵⁵. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. p. 171.

¹⁵⁶. ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. A Pintura colonial em Minas Gerais. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978. p. 28 a 31. (Publicação da revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 18).

¹⁵⁷. MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. 2 v. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

¹⁵⁸. *Ibid.* p. 30 e 31.

¹⁵⁹. **AEAM**. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v. Prateleira H, código 26.

se fizerão com a Serrage / do taboado p[ar].a os andaimes e construções”¹⁶⁰ e mais abaixo “P[or]. que ao M[estr].e Carapina Manoel Marques de fazer os andaimes p[ar].a a pintura”¹⁶¹. Por esses dois primeiros lançamentos comprovam a construção de andaimes para as pinturas de João Nepomuceno Correa Castro, fato que não consta mais no livro de despesas do santuário quando os outros pintores estavam em ação, seja nos anos em que trabalharam Manoel da Costa Ataíde¹⁶², Bernardo Pires¹⁶³ e João de Carvalhais¹⁶⁴. Os outros dois lançamentos interessantes entre 1777 e 1779 são referentes à compra de materiais para pintura no Rio de Janeiro e o seu transporte para o santuário. Há saber, “P[or]. 371\$79 De que dei a Joze Roiz da Costa a conta do que mandou / vir do Rio de Jan[ei]r.o tintas, ovo, e outras miudezas p[ar].a a Capella em oiro”¹⁶⁵ e “P[or]. que dei a Joze de Souza Velloso de Carreto, do q[ue]’ trouxe do Rio p[ar].a a cap[e].la”¹⁶⁶. Ressaltamos dessa forma o valorizado trabalho de João Nepomuceno Correa Castro no santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, além dos altos valores recebidos ainda utilizou da melhor estrutura disponível no momento para executar o seu trabalho.

A historiografia não é unânime quanto à autoria das obras pictóricas do santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas. Mas todas as clássicas publicações sobre o assunto afirmam que João Nepomuceno Correa Castro é o grande pintor desse templo. A documentação comprova que ele é o pintor que recebe maior quantia e o que ficou mais tempo trabalhando dentro do santuário. Mas a documentação deficitária deixa dúvidas sobre quais seriam exatamente as suas obras. Caberia nesse momento a busca por análises comparativas entre as diversas obras pictóricas dentro da capela, além dos possíveis retoques de Manoel da Costa Ataíde no forro da nave ou da capela mor.

Por não haver imagens de boa qualidade publicadas e nem permissão para fotografar o interior do santuário, não foi possível realizar a análise comparativa que aqui necessitávamos.

2.4. Arraial de Congonhas do Campo; abrem-se horizontes para João Nepomuceno Correa Castro.

¹⁶⁰. *Ibid.*

¹⁶¹. *Ibid.*

¹⁶². *Ibid.* f 13 v., 86 e 87 v.

¹⁶³. *Ibid.* f. 9 e 9 v.

¹⁶⁴. *Ibid.* f. 9 v.

¹⁶⁵. *Ibid.* f. 12 v.

¹⁶⁶. *Ibid.*

A história de vida de João Nepomuceno Correa Castro se liga o arraial de Congonhas do Campo, próximo a Ouro Preto. Renomado na região de Ouro Preto e Mariana como pintor de habilidades comprovadas, é contratado¹⁶⁷ para a ornamentação interna de importante templo mineiro, o santuário Bom Jesus de Matozinhos. Contratado para trabalhar no santuário, João Nepomuceno Correa Castro mudou-se para Congonhas¹⁶⁸, isso por volta de 1777. Sabe-se que em 1787 havia se mudado novamente¹⁶⁹, ou seja, por aproximadamente 10 anos teria residido o pintor no arraial de Congonhas do Campo. Nesse arraial chegou já nomeado guarda mor¹⁷⁰, cargo responsável por fiscalizar e dividir as datas minerais recebendo ordenado da Fazenda Real¹⁷¹. Nesse arraial se apaixonou e dentre as suas moradoras escolheu sua mulher. Assim, Congonhas é fundamental na história de vida do pintor João Nepomuceno Correa Castro.

Cândida de Noronha Xavier, moradora de Congonhas¹⁷², começou a se relacionar com João Nepomuceno enquanto esse estava trabalhando no arraial. Talvez ela freqüentasse os cultos no santuário, ou João Nepomuceno Correa Castro poderia ter relações profissionais com o pai de Cândida, o capitão Antônio Monteiro de Noronha¹⁷³. Isso porque ambos possuíam a patente de guarda mor¹⁷⁴. Sabe-se que Cândida Noronha de Xavier foi batizada na catedral Nossa Senhora da Assunção em Mariana e é filha do já citado capitão e Luiza Maria da Rocha¹⁷⁵. Cândida foi batizada no dia 12 de setembro de 1764¹⁷⁶, ou seja, era aproximadamente 12 anos mais nova que João Nepomuceno Correa Castro.

Entre as obras do santuário, a mudança para Congonhas e o relacionamento com Cândida Noronha de Xavier, João Nepomuceno Correa Castro foi ainda contratado para uma série de outras obras. Como para fazer o risco dos alterais laterais (ficha 37) da capela da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto, desenho esse que se

¹⁶⁷. **AEAM**. Despesas do santuário Bom Jesus de Matozinhos, outubro de 1777 a 1790. *In*: Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12v, 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 16, 18 v., 20 v., 21 e 22. Prateleira H, códice 26.

¹⁶⁸. Não se sabe quanto tempo ao certo teria residido na vila, consultar; **AEAM**. Processo matrimonial de João Nepomuceno Correia de Castro e Germana Cândida Xavier de Noronha. f. 7. Registro 3930, armário 04, pasta 393.

¹⁶⁹. *Ibid.*

¹⁷⁰. **AEAM**. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v. Prateleira H, códice 26.

¹⁷¹. SALGADO, Graça (coord.). *Fiscais e meirinhos*; a administração no Brasil colonial. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 283-84.

¹⁷². **AEAM**. Processo matrimonial de João Nepomuceno Correia de Castro e Germana Cândida Xavier de Noronha. 11 f. Registro 3930, armário 04, pasta 393.

¹⁷³. *Ibid.* f. 2.

¹⁷⁴. *Ibid.*

¹⁷⁵. *Ibid.*

¹⁷⁶. *Ibid.* f 3 v.

encontra na parede do consistório da capela, anterior a 1784¹⁷⁷. Em 1784 é contratado¹⁷⁸ por 94 oitavas para a pintura do forro da nave da capela de Nossa Senhora do Rosário de Congonhas¹⁷⁹ (ficha 38). A pintura que subsistiu até alguns anos atrás foi possivelmente alvo de repinturas, mas o forro foi retirado e hoje se encontra desmontado e mal alojado no coro da capela¹⁸⁰ - motivo que não permite melhores análises da obra. Interessante notar são as várias especificações presentes no contrato¹⁸¹ para esse trabalho, a Irmandade define até mesmo as cores a serem usadas. Em 1784 João Nepomuceno ainda recebe cerca de 40 oitavas¹⁸² de ouro por outras obras no santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, sendo elas para estofar uma imagem de São Francisco de Paula e para pintar uma lâmina para Nossa Senhora das Dores.

Em uma época de grande produção artística, João Nepomuceno Correa Castro casou-se com Cândida Noronha de Xavier. Ele possuía aproximadamente 35 anos e ela 23. O casamento aconteceu no dia 24 de janeiro de 1787¹⁸³, na pequena capela de Nossa Senhora do Bom Fim, em uma fazenda no povoado chamado Paraopeba, próximo de Congonhas. Nesse mesmo ano João Nepomuceno recebe a última parcela referente às obras de pintura não especificadas no santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas - um último montante de 132 oitavas de ouro¹⁸⁴. Essas foram as informações encontradas até o momento referente aos 10 anos em que João Nepomuceno viveu em Congonhas, onde deixou suas maiores obras.

¹⁷⁷. O livro 1º de deliberações da Ordem Terceira de N. S. do Carmo onde consta o recibo pago a João Nepomuceno Correa Castro está desaparecido, mas na década de 1970 é citado por Judith Martins em, MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. v. 1. p. 171. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).

¹⁷⁸. **AEAM**. Livro de termos, contratos, posse dos irmãos da mesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário das Congonhas. f. 23-23 v. Prateleira H, códice 29.

¹⁷⁹. Agradeço a indicação desse documento ao pesquisador Herinaldo Oliveira Alves.

¹⁸⁰. Encontra-se na justiça um processo referente ao procedimento da retirada do forro da capela de Nossa Senhora do Rosário de Congonhas, movido pelo pesquisador Herinaldo Oliveira Alves.

¹⁸¹. **AEAM**. Livro de termos, contratos, posse dos irmãos da mesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário das Congonhas. f. 23-23 v. Prateleira H, códice 29.

¹⁸². **AEAM**. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 16. Prateleira H, códice 26.

¹⁸³. **AEAM**. Processo matrimonial de João Nepomuceno Correia de Castro e Germana Cândida Xavier de Noronha. f. 10-10v. Registro 3930, armário 04, pasta 393.

¹⁸⁴. **AEAM**. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 18 v. Prateleira H, códice 26.

2.5. Os últimos anos de João Nepomuceno Correa Castro; posses e derradeiras vontades.

Quando se casou, João Nepomuceno Correa Castro já estava morando em Itabirito¹⁸⁵. Ele havido sido contratado em 1786¹⁸⁶ para a pintura do forro da nave, da capela mor e das sacristias da capela de Nossa Senhora do Rosário de Itabirito¹⁸⁷, por 300 oitavas de ouro. Até 1790¹⁸⁸, o pintor colonial ainda recebe pequenas quantias dos administradores do santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas por encanar imagens e pequenas obras de pintura. Em 1791¹⁸⁹ é contratado para encarnar uma imagem de são Francisco de Assis para a capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência em Mariana, recebeu uma pequena quantia pela mesma Irmandade em 1794¹⁹⁰ - o último recibo pago à João Nepomuceno Correa Castro.

No final do ano de 1794, João Nepomuceno já doente faz seu testamento na vila de Mariana¹⁹¹, datado de 24 de dezembro de 1794. Nele afirma que; “Eu João Nepomuceno Correa Castro, estando enfermo e de cama, temendo a morte que é certa, faço este meu testamento...”. Possuía aproximadamente 42 anos de idade e a apenas 7 anos estava casado, sem que tivesse filhos com sua esposa, Cândida de Noronha Xavier¹⁹². Nesse difícil momento de sua vida, João Nepomuceno recorre às pessoas que estão mais próximas a ele, a sua família. São seus testamenteiros¹⁹³ a sua irmã Catarina Clara de Jesus, o seu irmão e padre Francisco Correa Rabelo, e sua mulher Cândida de Noronha Xavier¹⁹⁴.

Pelo testamento do artista, é possível notar que João Nepomuceno Correa Castro possuía posição social privilegiada na sociedade mineira. Era irmão de várias Irmandades em Mariana, como a Irmandade do Santíssimo Sacramento, da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência¹⁹⁵. Essas irmandades eram as mais importantes da vila. Entre os seus bens estão quatro escravos de nomes Pedro, Domingos e Fabiana, todos vindos de Angola e a crioula Lucinha, um cavalo, talheres de prata, esporas

¹⁸⁵. **AEAM**. Processo matrimonial de João Nepomuceno Correia de Castro e Germana Cândida Xavier de Noronha. f. 7. Registro 3930, armário 04, pasta 393.

¹⁸⁶. **AEAM**. Livro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Itabirito. f. 61 v. Prateleira L, código 23.

¹⁸⁷. Os forros foram substituídos e não há mais obras de João Nepomuceno Correa Castro nessa capela.

¹⁸⁸. **AEAM**. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 20v., 21 v. e 22. Prateleira H, código 26.

¹⁸⁹. **AHSFM**. Livro 1º de recibos da ordem 3ª de São Francisco. f. 5 v.

¹⁹⁰. *Ibid.* f. 15.

¹⁹¹. **AEAM**. Testamento de João Nepomuceno Correa Castro. 13 f. Testamentos, pasta 619.

¹⁹². *Ibid.* f. 3.

¹⁹³. Os responsáveis pela administração dos bens, após a morte do autor do testamento.

¹⁹⁴. **AEAM**. Testamento de João Nepomuceno Correa Castro. f. 3 v. Testamentos, pasta 619.

¹⁹⁵. *Ibid.* f. 3 v.

de prata, baús, arcas, livros caixa além objetos do seu “ofício de pintor”¹⁹⁶. Interessante notar objetos requintados, como os talheres e as esporas em prata, sinônimos de maior prestígio social. Entre os objetos que utilizava nas suas obras, destina como herança “todas as estampas, risco e debuxos¹⁹⁷ os deixo Francisco de Paula e a Bernardinho da Serra, meus aprendizes”. O costume de legar ferramentas de trabalho aos aprendizes é comum aos mestres de ofício desde o Renascimento¹⁹⁸. Fato interessante é que João Nepomuceno só deixa objetos de herança para dois de seus aprendizes, consta em seu testamento que ainda há outro aprendiz, Joaquim da Natividade¹⁹⁹. João Nepomuceno declara dever 30 oitavas de ouro a Joaquim da Natividade, que o seu testamenteiro deverá satisfazer cego. A razão da diferença de comportamento de João Nepomuceno diante dos seus três aprendizes ainda não pode ser elucidada, mas fato é que, nenhum dos três viria a se destacar como grandes pintores do período posterior à morte de João Nepomuceno.

Apenas pelo seu testamento ficamos sabendo sobre uma obra acertada por João Nepomuceno Correa Castro com o capitão Silvestre de Almeida, no valor de 3 mil cruzados²⁰⁰. Essa obra foi executada na fazenda do dito capitão, erguida sobre a proteção de Nossa Senhora da Conceição. Nessa capela João Nepomuceno além de pintá-la, ainda faz vários acréscimos, como azulejos nas paredes, uma pintura sobre a cimalha do arco-cruzeiro e estofar uma imagem de São Bento. A dívida por essa obra ainda não havia sido paga em 1794, possivelmente a última obra de João Nepomuceno Correa Castro, e ainda não identificada. Há mais duas pessoas que possuíam dívidas de empréstimo com João Nepomuceno: o padre João Francisco da Rocha devia ao pintor 90 mil réis e o alferes Domingos Francisco 20 oitavas de ouro²⁰¹.

No dia 12 de janeiro de 1795 falece João Nepomuceno Correa Castro²⁰², com o acompanhamento de religiosos e os irmãos leigos é sepultado na capela de Nossa Senhora da Conceição da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência em Mariana, Ordem da qual era irmão.

¹⁹⁶. *Ibid.* f. 4.

¹⁹⁷. Desenhos.

¹⁹⁸. ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. A Pintura colonial em Minas Gerais. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978. p. 31. (Publicação da revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 18).

¹⁹⁹. **AEAM**. Testamento de João Nepomuceno Correa Castro. f. 4. Testamentos, pasta 619.

²⁰⁰. *Ibid.*

²⁰¹. *Ibid.* f. 11.

²⁰². **AEAM**. Livro de óbitos da cidade de Mariana. f. 111. Prateleira Q, códice 18.

Todo o processo testamentário de João Nepomuceno Correa Castro dura até agosto de 1806²⁰³, sendo os principais beneficiários da herança do pintor a sua mulher Cândida de Noronha Xavier, viúva aos 31 anos, sua mãe Páscoa da Ressurreição e a sua irmã, Catarina Clara de Jesus, além dos seus aprendizes Bernardino da Serra e Francisco de Paula.

Há ainda mais três obras atribuídas a João Nepomuceno Correa Castro, são três painéis de Nossa Senhora da Conceição: dois localizados no Museu da Inconfidência em Ouro Preto (ficha 39 e 40) e outro, no Museu de Arte Sacra da Arquidiocese de Mariana (ficha 41). João Nepomuceno Correa Castro faleceu prematuramente aos 42 anos, legando à posteridade um belo acervo de obras pictóricas.

²⁰³. **AEAM**. Testamento de João Nepomuceno Correa Castro. f. 12 v. Testamentos, pasta 619.

CONCLUSÃO

João Nepomuceno Correa Castro sempre foi reconhecido pela historiografia com um dos maiores pintores mineiros no período colonial, mas apesar de sua importância, nunca foi alvo de nenhuma pesquisa acadêmica. Assim como ele, a maioria dos artistas coloniais vive em um verdadeiro ostracismo histórico, exceto principalmente Manoel da Costa Ataíde e Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Essa pesquisa proporcionou maiores informações referentes à trajetória de vida de João Nepomuceno Correa Castro, além de agrupar as suas obras, sejam elas documentadas ou atribuídas. Assim, esperamos contribuir para o estudo da arte colonial mineira, nosso patrimônio.

Sempre pairou dúvidas sobre quais seriam as obras de pinturas feitas por João Nepomuceno Correa Castro no santuário Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas, local onde melhor foi pago. A historiografia está longe de um consenso, a documentação é deficitária. Há forte dúvida sobre ser um mesmo pintor a executar os painéis do coro e os painéis do resto da capela. Sobre o forro, pode ter Manoel da Costa Ataíde retocado a pintura de João Nepomuceno Correa Castro ou não. Do forro da capela de Nossa Senhora do Rosário de Itabirito nada nos restou, da Irmandade homônima em Congonhas há poucas fotos, mesmo assim de uma pintura provavelmente muito retocada. Há mais três painéis de Nossa Senhora da Conceição atribuídos a João Nepomuceno Correa Castro, um no Museu de Arte Sacra de Mariana e dois no Museu da Inconfidência, todas não possuem documentação. Como vemos há sérias dificuldades para identificar as obras de João Nepomuceno e conseqüentemente as características da sua pintura. Esperamos ter em momento vindouro a oportunidade de elucidar tais questões tão instigantes.

Essa monografia não toca em ponto tão crítico como o de atribuir obras ao pintor João Nepomuceno Correa Castro, mas expõem e catalogar todas as obras encontradas, sejam elas documentadas ou atribuídas. Sabe-se que João Nepomuceno Correa Castro executou dezenas de trabalhos em diversos templos mineiros, pintou forros, painéis, encarnou e estofou imagens sacras além de várias outras pequenas obras que não chegaram até nós. Filho de um português com uma paulista advinda de uma família também portuguesa, João Nepomuceno desfrutou do prestígio conferido pela posição social de seus pais. Nascido em Mariana, exerceu o cargo de guarda mor com salários pagos pela Coroa Real. Alcançou o reconhecimento dos seus contemporâneos enquanto pintor, fato notado pelo serviço prestado de louvado na matriz de

Nossa Senhora do Pilar em Ouro Preto, quando contava ter apenas 21 anos. O precoce artista, possivelmente branco e com elevado *status* social, viveu na segunda metade do século XVIII, período anterior ao vivido por Manoel da Costa Ataíde. Está inserido no contexto dos primeiros artistas nascidos e formados na própria capitania, substituindo os primeiros portugueses que para a região se dirigiam e eram responsáveis pela ornamentação dos templos.

João Nepomuceno Correa Castro foi um grande desenhista, ele conseguiu resolver a anatomia de suas figuras humanas como poucos pintores coloniais, a postura de suas personagens são verossímeis. João Nepomuceno Correa Castro deixou um importante legado para a arte colonial mineira, mesmo morrendo prematuramente, aos 42 anos. O estudo sistemático dos seus trabalhos e das suas obras vem contribuir para o conhecimento de nosso passado e a instrução das nossas futuras gerações. A arte é peça fundamental para ampliar nossos horizontes culturais.

BIBLIOGRAFIA GERAL:

Fontes Primárias:

1.1. Manuscritas:

1.1.1. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

Registro de batismo de Francisco Correa, 25 de outubro de 1736. *In: Livro de batismo da Vila do Carmo.* f. 63 v. Prateleira O, código 5.

Registro de batismo de João Nepomuceno Correa Castro, 16 de maio de 1752. *In: Livro de batismo da Catedral Basílica de Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana.* f. 13v-14. Prateleira O, código 10.

De genere et moribus do padre Francisco Corrêa Rabelo, 1759. *In: Degenere et moribus.* f. 2, 3 e 77. armário 3, pasta 527.

Recibo por encarnar a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Catedral de Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana, 30 de janeiro de 1777. *In: Livro da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Mariana.* f. 30. Prateleira P, código 25.

Despesas do santuário Bom Jesus de Matosinhos, outubro de 1777 a 1790. *In: Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo.* f. 9, 9 v., 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 16, 18 v., 20 v., 21, 22, 86 e 87 v. Prateleira H, código 26.

Termo que se faz para a pintura do forro da capela de Nossa Senhora do Rosário de Congonhas, 28 de março de 1784. *In: Livro de termos, contratos, posse dos irmãos da mesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário das Congonhas.* f. 23-23 v. Prateleira H, código 29.

Termo de obrigação da pintura do corpo da igreja, capela mor, ambas as sacristias, portas e janelas da capela de Nossa Senhora do Rosário de Itabirito, 21 de dezembro de 1786. *In: Livro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Itabirito.* f. 61 v. Prateleira L, código 23.

Processo matrimonial de João Nepomuceno Correa de Castro e Germana Cândida Xavier de Noronha, 1786 – 1787. *In: Processo matrimonial de João Nepomuceno Correia de Castro e Germana Cândida Xavier de Noronha.* 11 f. Registro 3930, armário 04, pasta 393.

Contas de testamento de João Nepomuceno Correia, 1794 - 1806. *In: Testamentos de João Nepomuceno Correia Castro.* 13 f. Testamentos, pasta 619.

Registro de óbito de João Nepomuceno Correa Castro, 12 de janeiro de 1795. *In: Livro de óbitos da cidade de Mariana.* f. 111. Prateleira Q, código 18.

1.1.2. Arquivo Histórico Eclesiástico da Paróquia do Pilar.

Termo que fazem os irmão da Irmandade do Santíssimo Sacramento da aceitação dos painéis e douramento feito na capela mor da matriz de Nossa Senhora do Pillar, 9 de fevereiro de 1774. *In: Livro de termos da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Ouro Preto*. f. 139 v. Volume 224.

1.1.3. Arquivo Histórico da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de Mariana.

Recibos pagos a João Nepomuceno Correa Castro, 1791 – 1794. *In: Livro 1º de recibos da ordem 3ª de São Francisco*. f. 5 v. e 15.

1.2. Impressas:

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. 8 v.
CÓDICE COSTA MATOSO; coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-geral das de Ouro Preto, de que tomou posse em fevereiro de 1749, e vários papéis. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1999. 2 v. (Mineiriana; série obras de referências).

Referência bibliográfica:

2.1. Livros e artigos:

2.1.1. Contexto histórico:

- ÁVILA, Affonso. *O Lúdico e as projeções do mundo barroco*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1994. 2v. (Debates, 35).
- BOSCHI, Caio César. *Os Leigos no poder; irmandades leigas e a política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986. 254 p. (Ensaio, 116).
- DIAS, Fernando Correia. Para uma sociologia do barroco mineiro. *Barroco*, Belo Horizonte, 1969. v. 1. p. 63-74.
- FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. 336 p.
- FURTADO, Junia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador de diamantes; o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 402 p.
- IGLÉSIAS, Francisco. *Três séculos de Minas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, 1985. 32 p. (Caderno de Minas, 1).
- MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008. 248 p. (Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros, 12).
- SALGADO, Graça (coord.). *Fiscais e meirinhos; a administração no Brasil colonial*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 452 p.

2.1.2. Artes plásticas:

- ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. A Pintura colonial em Minas Gerais. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978. p. 11-74. (Publicação da revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 18).
- BAZIN, Germain. *A Arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Tradução Glória Lúcia Nunes. Rio de Janeiro: Record, 1983. 2 v.
- BOSCHI, Caio César. *O Barroco mineiro; artes e trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1988. 78 p. (Tudo é história, 123).
- COELHO, Beatriz (org.). *Devoção e arte; imaginária religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: Edusp, 2003. 290 p.
- DEL NEGRO, Carlos. *Contribuição ao estudo da pintura mineira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958. 160 p. (Publicação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 20).
- DEL NEGRO, Carlos. *Nova contribuição ao estudo da pintura mineira; norte de Minas*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1978. 431 p. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 29).
- FROTA, Lélia Coelho, MORAES, Pedro de. *Ataíde; vida e obra de Manuel da Costa Ataíde*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. x p.
- JARDIM, Luiz. A Pintura decorativa em algumas igrejas antigas de Minas. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 185-212. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).
- JARDIM, Luiz. A Pintura do guarda-mor José Soares de Araújo. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 213-230. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).
- LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 97-154. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).
- LEVY, Hannah. Retratos coloniais. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 154-185. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).
- LEVY, Hannah. A Propósito de três teorias sobre o barroco. *Pintura e escultura I*, São Paulo: FAUUSP/MEC/IPHAN, 1978. p. 9-35. (Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 7).
- MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*. 3^a ed. São Paulo: Perspectiva S. A., 1978. 434 p. (Debates, 11).
- MANUEL, Pedro. *Arte no Brasil*. São Paulo: Abril, 1979. X p.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, história visual; balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 2003. v. 23, n.45. p 11-35.
- MENEZES, Ivo Porto de. *Manoel da Costa Athaíde*, Belo Horizonte, s.d.. 149 p.
- MENEZES, Ivo Porto de. Visão atual do ambiente cultural artístico de Minas Gerais barroca. *IV Seminário de estudos mineiro*, Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1977. p. 71-87.
- O MUSEU DA INCONFIDÊNCIA*. São Paulo: Banco Safra, 1995. p. 288-9.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O Rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. 342 p.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12. p. 171-180.

- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *Aleijadinho*; passos e profetas. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002. 74 p.
- PANOFISKY, Erwin. Significado nas artes visuais. Tradução Maria Clara F. Keneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1979. 439 p. (Debates, 99).
- RAMOS, Adriano (org.). GUTIERREZ, Ângela (coord.). *Francisco Vieira Servas*; e o ofício da escultura na capitania das Minas do ouro. Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2002. 224 p.
- RIBEIRO, Myriam. Pintura de perspectiva em Minas colonial. *Barroco*, Belo Horizonte, 1978-9. v. 10. p. 27-37.
- SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. Pintura colonial em Minas Gerais. *Pintura colonial*, São Paulo: ICI, 1994. p. 9-12. (Instituto Cultural Itaú).
- SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. Manoel Victor de Jesus; pintor mineiro do ciclo rococó. *Barroco*, Ouro Preto. 1982/3. v. 12. p. 231-42.
- TAINÉ, Hippolyte. *Filosofia da arte*. São Paulo: Formar, s. d., 2v.
- WÖLFFLIN, Herinck. *Conceitos fundamentais de história da arte*; o problema da evolução dos conceitos na arte mais recente. Tradução João Azanha Jr. São Paulo: Martins Fontes, 1984. 278 p.
- VASCONCELLOS, Silvio de Carvalho. A Arquitetura colonial mineira. *Barroco*, Belo Horizonte, 1957. p. 59-77.
- ZANINI, Walter (org.). *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983. x v.

2.2. Glossários, dicionários e atlas:

- ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. 220 p.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico e geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Saterb, 1971. 549 p.
- ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANA*. Madrid: Spasa-Calpe, 1926. 70 v.
- CADERNO DE PESQUISA*; iconografia. s/editora. 1982. 79 p. (Publicação do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1).
- MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: SPHAN, 1974. 2 v. (Publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 27).
- MICHAELIS*; moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. 2267 p.
- TELLES, Augusto Carlos da Silva. *Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil*. Rio de Janeiro: FE NAME/DAC, 1975. p. 235.

2.3. Outros.

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Esau e Jacob*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. 284 p.

3. Bibliotecas utilizadas:

Biblioteca Affonsus Guimarães, Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), Universidade Federal de Ouro Preto.

Rua do Seminário, s/n, bairro Centro, Mariana, Minas Gerais.

Biblioteca Dom Oscar de Oliveira, Seminário São José, Instituto de Teologia.

Rua Cônego Amando, 57, bairro São José, Mariana, Minas Gerais.

Biblioteca do Instituto de Filosofia e Artes Cênicas, Universidade Federal de Ouro Preto (IFAC).

Rua Conel Alves, 33, bairro Centro, Ouro Preto, Minas Gerais.

Biblioteca Murilo Rubião, Fundação de Artes de Ouro Preto (FAOP).

Casa Bernardo Guimarães, rua Irmãos Kennedy, 601, bairro Cabeças, Ouro Preto, Minas Gerais.

3.1 Abreviações dos arquivos freqüentados:

AEAM – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

AHEPP – Arquivo Histórico Eclesiástico da Paróquia do Pilar.

AHSFM – Arquivo Histórico da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de Mariana.

GLOSSÁRIO

Amortalhar; envolver o corpo do defunto numa mortalha²⁰⁴.

Aviamento; disposição, & ordem prompta, com que se dá principio à execução de hum negócio²⁰⁵.

Brunido; brunido, ou segundo o vulgo, bornido. Polido com brunidor. Ouro brunido²⁰⁶.

Canto; pedra grande e aparelhada geralmente para servir no cunhal de um edifício, esquadra de pedra²⁰⁷.

Cimalha; arremate superior da parede que faz a concordância entre esta e o plano do forro ou do beiral²⁰⁸.

Consistório; sala localizada geralmente na parte posterior das igrejas, no piso superior, acima da sacristia, onde se reuniam os religiosos²⁰⁹.

Coro; balcão situado por cima da porta central de entrada da igreja, destinada a abrigar os cantores em cerimônias religiosas²¹⁰.

Contencioso; litigiosos, verdade litigiosa²¹¹.

²⁰⁴. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v 1. p. 229.

²⁰⁵. *Ibid.* v 1. p. 374.

²⁰⁶. *Ibid.* v 2. p. 101.

²⁰⁷. ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p 30.

²⁰⁸. *Ibid.* p 31.

²⁰⁹. *Ibid.* p. 33.

²¹⁰. *Ibid.* p 34.

²¹¹. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v 2. p. 357.

Debuxar; diz do que se obra na pintura sem dar cor, nem sombras, mas só com lápis, & pena²¹².

Encarnar; dar cor de carne a pinturas ou imagens, aplicando polimento às partes do corpo que devem aparecer²¹³.

Encarnação; termo de pintor, a côr da carne em todas as partes nuas de hum corpo pintado²¹⁴.

Estofa; termo de pintor, figura, roupa, ou outra cousa estofada. O estofa de figuras, ou de roupas não se faz, se não sobre ouro brunido²¹⁵.

Estofamento; diz-se do processo de policromia usado para fingir a indumentária de imagens de santos e anjos. Pode consistir na aplicação de pintura sobre o douramento da peça²¹⁶.

Louvado; Árbitro, avaliador, perito, pessoa nomeada pela autoridade competente ou por particulares para, juntamente com outras, procederem à avaliação de bens móveis ou imóveis²¹⁷.

Matiz; mistura, & união de cores diversas em payneis, em tecidos, em obras de agulha, etc. com tão suave proporção, que não offenda, mas agrade a vista²¹⁸.

Mortalha; o lençol, em que se envolve o corpo do defunto²¹⁹.

²¹². *Ibid.* v 3. p. 16.

²¹³. ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 143.

²¹⁴. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v. 3, p. 208.

²¹⁵. *Ibid.* v. 3, p. 330.

²¹⁶. ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 144.

²¹⁷. MICHAELIS; moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. p. 1279.

²¹⁸. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v 5. p. 199.

²¹⁹. *Ibid.* v 5. p. 312.

Púlpito; he nas igrejas o lugar levantado, em que se prega a palavra de Deos²²⁰.

Tarja; peça de pintura, escultura ou talha, quase sempre com ornamentos em forma de ramos, flores, festões, etc., cercando um claro onde se vê um escudo, símbolo ou alguma inscrição²²¹.

²²⁰ *Ibid.* p. 418-19.

²²¹ ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979.

QUADRO GENEALÓGICO DE JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO.

Francisco Gonçalves ²²⁴	Úrsula Correa ²²⁵	André Miz' de Castro ²²²	Maria da Fonceca ²²³
	Domingos Correa Rabello ²²⁸	Sargento mor Bernardo Spinola e Castro ²²⁶	Maria de Godois ²²⁷
Padre Francisco Correa Rabello ²³⁰	Guarda mor João Nepomuceno Correa Castro	Catharina Clara de Jezus ²³¹	Paschoa da Ressurreição e Castro ²²⁹ Laureano Correa Rabello ²³²

222. AEAM. *De genere et moribus* do padre Francisco Corrêa Rabelo, 1755. *In: De genere et moribus.* f. 3. armário 3, pasta 527.

223. Ibid.

224. Ibid. f. 77.

225. Ibid.

226. Ibid. f. 2.

227. Ibid.

228. AEAM. Registro de batismo de João Nepomuceno Correia Castro, 16 de maio de 1752. *In:* Livro de batismo da Catedral Basílica de Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana. f. 30 v. Prateleira O, códice número 10.

229. Ibid.

230. AEAM. Contas de testamento de João Nepomuceno Correia Castro, 28 de dezembro de 1794 a 30 de julho de 1804. *In:* Testamento de João Nepomuceno Correia Castro. f. 4. Testamentos, pasta 919.

231. Ibid. f. 1v.

232. AEAM. *De genere et moribus* do padre Francisco Corrêa Rabelo, 1755. *In: De genere et moribus.* f. 76. armário 3, pasta 527.

CATÁLOGO DAS FICHAS DAS OBRAS DE JOÃO NEPOMUCENO CORREA
CASTRO

- Ficha 1:** Imagem de Nossa Senhora da Conceição, catedral de Nossa Senhora da Assunção de Mariana.
- Ficha 2:** A Expulsão de Adão e Eva do Paraíso e o Pecado Original, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 3:** Assassinato de Abel, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 4:** Sacrifício de Noé, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 5:** Aviso do nascimento de Isaac a Abrão, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 6:** Abraão, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 7:** Isaac, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 8:** Jacob, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 9:** Anunciação a Sant'Ana, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 10:** Nascimento de são João Batista, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 11:** Apresentação de Nossa Senhora no Templo, santuário Bom Jesus de Matozinhos.
- Ficha 12:** Esposais de Nossa Senhora com são José, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 13:** Anunciação a Nossa Senhora, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 14:** Visita a santa Isabel, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 15:** Nascimento de Nosso Senhor, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 16:** Apresentação do menino Jesus no Templo, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 17:** Fuga para o Egito, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 18:** Jesus entre os doutores no Templo, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 19:** Batismo de Jesus no Jordão, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 20:** Sermão da montanha, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 21:** Jesus expulsa os vendilhões do Templo, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 22:** Tentação de Jesus, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.

- Ficha 23:** Jesus, junto ao poço de Jacob e a Samaritana, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 24:** Ressurreição de Lázaro, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 25:** Entrada em Jerusalém, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 26:** Ceia e Lavapés, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 27:** Instituição da Santíssima Eucarística, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 28:** Agonia no Horto, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 29:** Prisão de Jesus, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 30:** Jesus diante de Anás, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 31:** Jesus diante de Califás, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 32:** Jesus diante de Pilatos no Pretório, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 33:** Coroação de espinhos, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 34:** Encontro com Maria Santíssima, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 35:** Crucificação, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 36:** Santíssima Trindade, santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas.
- Ficha 37:** Risco para altar, capela da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto.
- Ficha 38:** Nossa Senhora do Rosário, capela de Nossa Senhora do Rosário em Congonhas.
- Ficha 39:** Nossa Senhora da Conceição, Museu da Inconfidência de Ouro Preto.
- Ficha 40:** Nossa Senhora da Conceição, Museu da Inconfidência de Ouro Preto.
- Ficha 41:** Nossa Senhora da Conceição, Museu de Arte Sacra da Arquidiocese de Mariana.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 1

INVENTÁRIO DE OBRA



Encarnar a imagem de Nossa Senhora da Conceição

João Nepomuceno Correa Castro

1777

Madeira dourada e policromada

Catedral Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Contrato para encarnar a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Catedral Sé de Mariana, 30 de janeiro de 1777. *In:* Livro da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Mariana. Prateleira P, livro número 25. p. 30.

Imagem: Arquivo do autor.

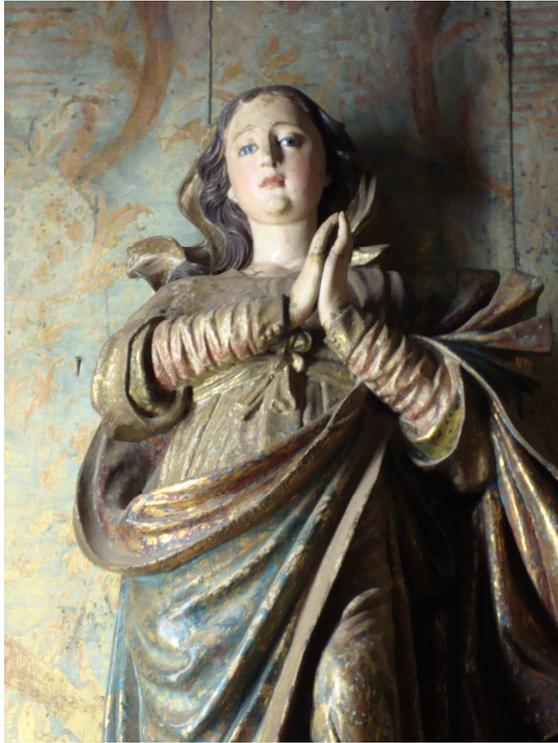


Imagem: Arquivo do autor.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 2

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM

A expulsão de Adão e Eva do Paraíso e o Pecado Original

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Gn. III, 23. “E o Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 3

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM

Assassinato de Abel

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Gn. IV, 8. “Caim disse a seu irmão Abel: Saíamos fora. E, quando estavam no campo, investiu Caim contra seu irmão Abel, e matou-o”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 4

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM

Sacrifício de Noé

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Gn. VIII, 20-21. “E Noé edificou um altar ao Senhor e, tomando de todos os animais e de todas as aves puras, ofereceu-os em holocausto sobre o altar. E recebeu o Senhor um suave odor, e disse: não amaldiçoarei mais a terra por causa do homem; porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua infância. E jamais tornarei a ferir a todos os seres viventes, como fiz”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 5

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM

Aviso do nascimento de Isaac a Abraão

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

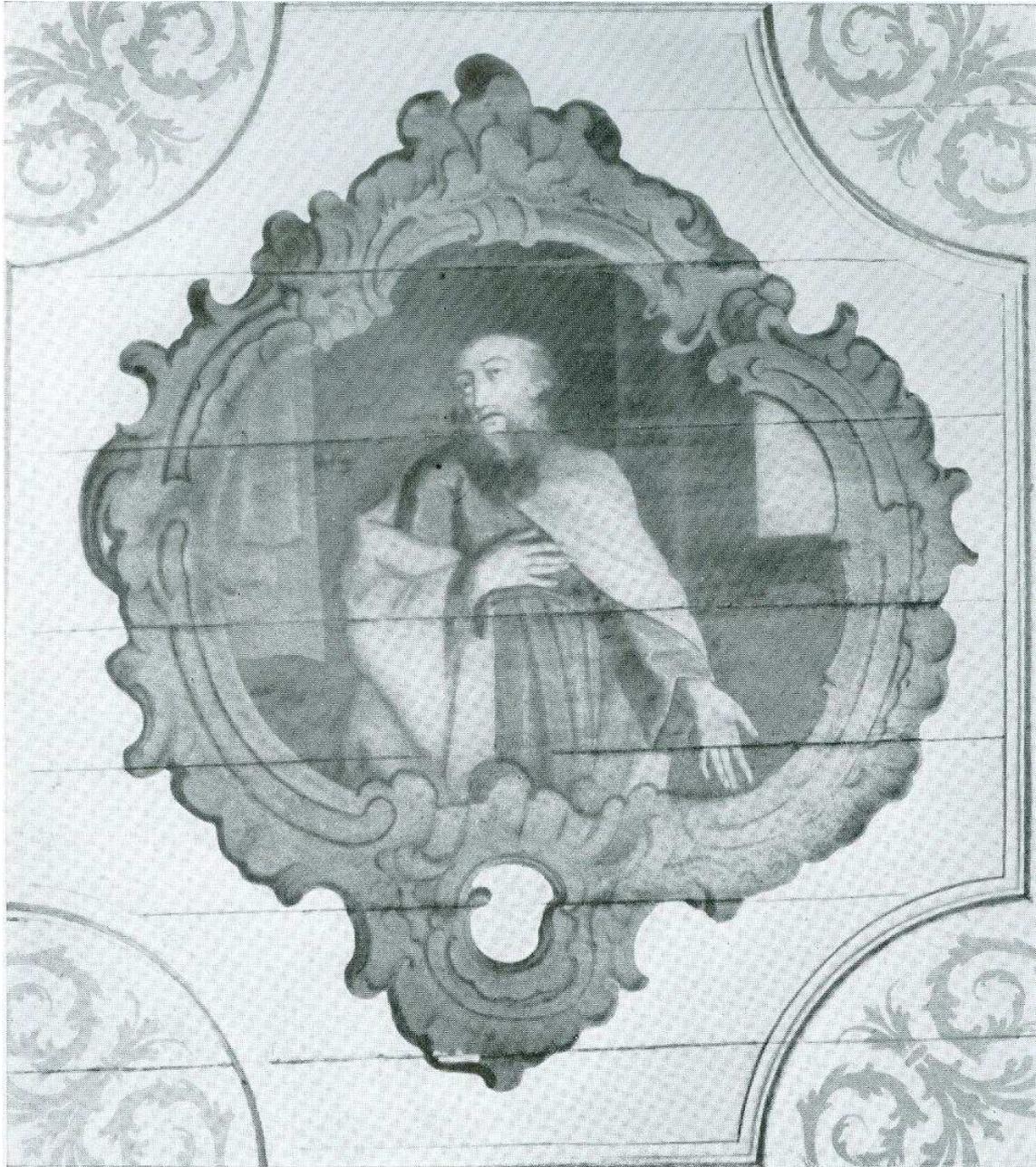
Referência Bíblica: Gn. XVIII, 10. “Tornarei a vir ter contigo neste mesmo tempo no próximo ano, e Sarah, tua mulher, terá um filho. Sarah, ao ouvir isto, riu-se detrás da porta da tenda”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

FICHA N.º 6

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

INVENTÁRIO DE OBRA

**Abraão**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Imagem: FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. Estampa 18.



Imagem: Herinaldo Oliveira Alves...

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 7

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM

Isaac

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, código 26.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 8

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM**Jacob**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 9

INVENTÁRIO DE OBRA

**Anunciação do anjo a Sant'Ana**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

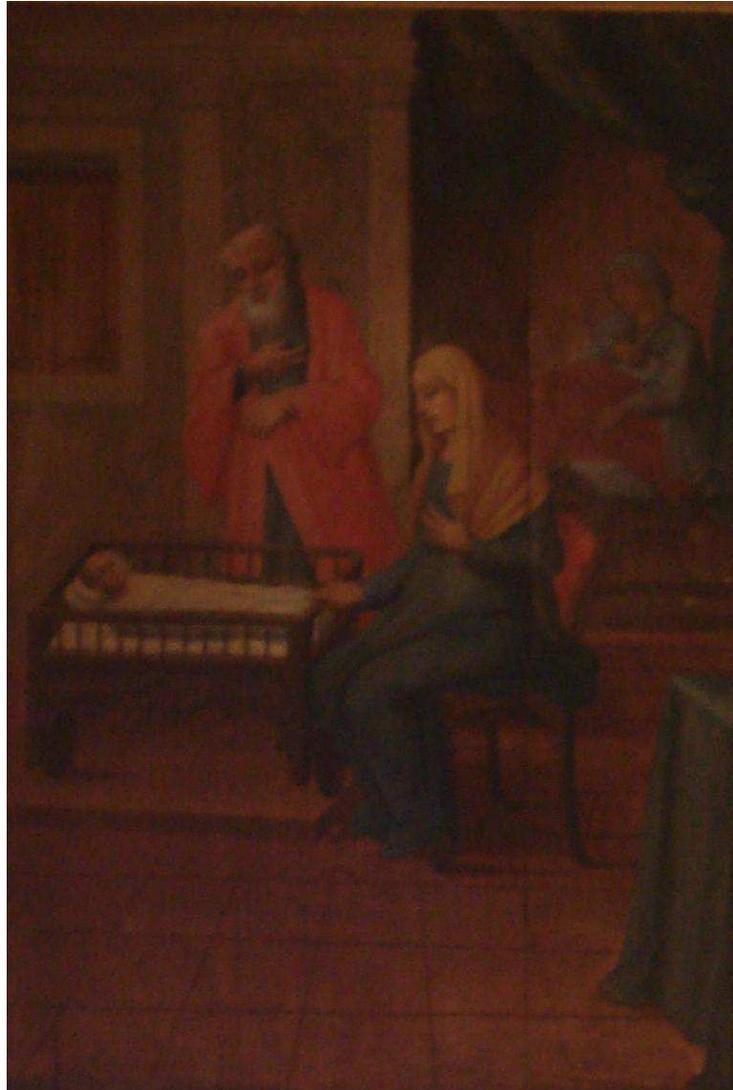
Imagem: FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. Estampa 19.

Embasado na tradição eclesiástica.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 10

INVENTÁRIO DE OBRA

**Nascimento de são João Batista**

João Nepomuceno Correa Castro

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Imagem: Herinaldo Oliveira Alves.

Referência bíblica: Lc. I, 36. “Até Izabel, tua prima, concebeu um filho em sua velhice, sendo este o sexto mês para aquela que era considerada estéril”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

FICHA N.º11

INVENTÁRIO DE OBRA

**Apresentação de Nossa Senhora no Templo**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Imagem: FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. Estampa 21.

Embasado na tradição eclesiástica.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
 Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
 2010

FICHA N.º 12

INVENTÁRIO DE OBRA



Esposais de Nossa Senhora com são José

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

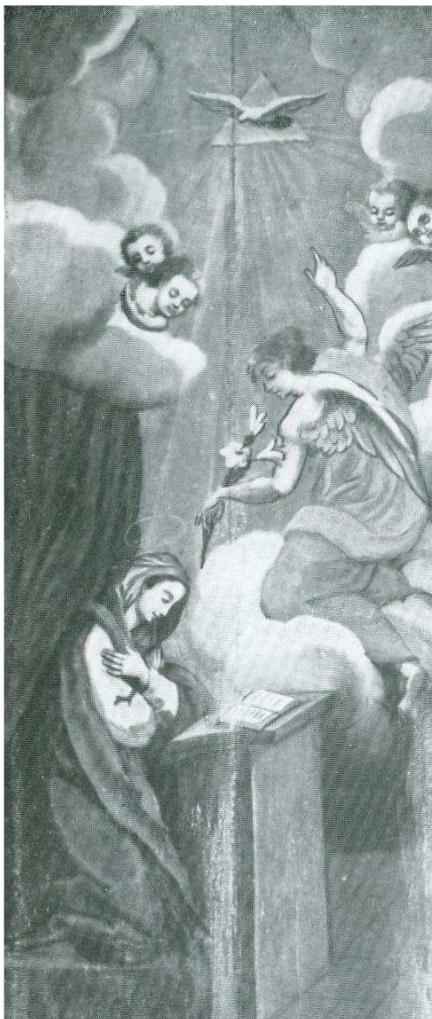
Imagem: FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. Estampa 22.

Embasado na tradição eclesiástica.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
 Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
 2010

FICHA N.º 13

INVENTÁRIO DE OBRA



Anunciação a Nossa Senhora

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Imagem: FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. Estampa 23.

Referência Bíblica: Lc. I, 26-27. “E (estando Izabel) no sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado da parte de Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazareth, a um Virgem desposada com um varão de nome José, da casa de David; e o nome da Virgem era Maria”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

FICHA N.º 14

INVENTÁRIO DE OBRA

**Visita a santa Isabel**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Imagem: FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. Estampa 23.

Referência Bíblica: Lc. I, 39-40. “E pôs Maria a caminho, naqueles dias e com presteza foi às montanhas, a uma cidade de Judá, entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 15

INVENTÁRIO DE OBRA

**Nascimento de Nosso Senhor**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Imagem: Herinaldo Oliveira Alves.

Referência Bíblica: Lc. II, 7. “E ela deu à luz seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o em uma manjedoura, por não haver para eles lugar na estalagem”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

FICHA N.º 16

INVENTÁRIO DE OBRA

**Apresentação do menino Jesus no Templo**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Imagem: FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. Estampa 25.

Referência Bíblica: Lc. II, 22-27. “E depois que foram concluídos os dias da purificação de Maria, segundo a lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor... E foi (Simeão) ao Templo (consuzido) pelo Espírito de Deus”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 17

INVENTÁRIO DE OBRA

**Fuga para o Egito**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Imagem: Herinaldo Oliveira Alves.

Referência Bíblica: Mt. II, 21. “levantando-se, de noite, ele (José) tomou o menino e a mãe, e partiu para o Egito”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 18

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM**Jesus entre os doutores no Templo**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Lc. II, 46. “No fim de três dias, acharam-no (Maria e José) no Templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

FICHA N.º 19

INVENTÁRIO DE OBRA

**Batismo de Jesus no Jordão**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Imagem: FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. Estampa 26.

Referência Bíblica: Lc. III, 21-23. “Depois veio Jesus da Galiléia ao Jordão, e apresentou-se a João para ser por ele batizado. Opunha-se João, dizendo: Sou eu quem deve ser por ti batizado, e tu vens a mim? Porém, Jesus respondeu-lhe: Permite-o agora, pois convém que cumpramos toda a justiça. Então ele cedeu. Batizado, Jesus saiu logo da água. E eis que se lhe abriram os céus, e via o Espírito de Deus descer como pomba e vir sobre ele, enquanto uma voz do céu dizia: Este é o meu filho muito amado em quem tenho minha complacência”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
 Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
 2010

FICHA N.º 20

INVENTÁRIO DE OBRA



Sermão da montanha

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Imagem: FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. Estampa 27.

Referência Bíblica: Mt. V, 1-12. “Vendo Jesus aquela multidão, subiu a um monte, e tendo-se sentado, aproximou-se dele os seus discípulos. E ele, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo: Bem aventurados os pobres de espírito...”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 21

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM**Jesus expulsa os vendilhões do Templo**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Lc. XIX, 45-46. “E tendo entrado no Templo, começou a expulsar os que vendiam e compravam nele, dizendo-lhes: Esta escrito; a minha casa é casa de oração, e vós fizestes dela um covil de ladrões”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

FICHA N.º 22

INVENTÁRIO DE OBRA

**Tentação de Jesus**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Imagem: FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. Estampa 26.

Referência Bíblica: Lc. IV, 2-13. “Disse-lhe então o Demônio: Se és filho de Deus, dize a esta pedra que se converta em pão. E Jesus respondeu-lhe: Está escrito que nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra de Deus”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 23

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM**Jesus, junto ao poço de Jacob e a Samaritana**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Jo. IV, 10. “Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: Dá-me de beber, tu pedirias a ele e ele te daria água viva”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 24

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM**Ressurreição de Lázaro**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Jo. XI, 43. “Tendo dito estas palavras, bradou em voz alta: Lázaro, sai para fora. E imediatamente saiu o que estava morto”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 25

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM**Entrada em Jerusalém**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Jo. XII, 12-15. “E, no dia seguinte, uma grande multidão de povo, que tinha ido à festa, ouvindo dizer que Jesus ia a Jerusalém, tomaram ramos de palmas, e saíram ao seu encontro, e clamaram: Hosana! Bendito o rei de Israel, que vem em nome do Senhor. E Jesus encontrou um jumentinho, e montou em cima dele, segundo está escrito: Não temas, filhas de Sião, eis que o teu rei vem montado sobre um jumentinho”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 26

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM**Ceia e Lavapés**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Jo. XIII, 4-5. “Levantou-se da ceia, e depôs de seu manto, e, pegando numa toalha, cingiu-se. Depois lançou água numa bacia, e começou a lavar os pés dos discípulos, e a limpar-lhes com a toalha com que estava cingido”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 27

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM**Instituição da Santíssima Eucaristia**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Mt. XXVI, 26-28. “E enquanto ceavam, Jesus tomou o pão, e o benzeu, e o partiu, e deu-o a seus discípulos, e disse: Tomai e comei, isto é o meu corpo. E, tomando o cálice, deu graças, e deu-lhe, dizendo: Bebei dele todos, porque isto é o meu sangue do novo testamento, o qual será derramado por muitos para a remissão dos pecados”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 28

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM**Agonia no Horto**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Mr. XIV, 32-35. “E chegaram a uma herdade chamada Getsêmani... Tendo ido um pouco mais adiante, prostrou-se em terra, e orava para que, se fosse possível, passasse dele aquela hora”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

FICHA N.º 29

INVENTÁRIO DE OBRA

**Prisão de Jesus**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Jo. XVIII, 10-12. “Então Simão Pedro, que tinha uma espada, puxou dela, e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita. O nome do servo era Malco. Mas Jesus disse a Pedro: Mete a tua espada na banha! Não beberei o cálice que o pai me deu? Então a escolta, o comandante e os guardas dos judeus prenderam a Jesus e o amarraram”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 30

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM**Jesus diante de Anás**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Jo. XVIII, 13. “Levaram-no primeiro a Anás, por ser sogro de Caifás, o sumo sacerdote aquele ano”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 31

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM**Jesus diante de Caifás**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Jo. XVIII, 24. “Então Anás mandou-o, ainda amarrado, ao sumo sacerdote Caifás”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 32

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM**Jesus diante de Pilatos, no Pretório**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Jo. XVIII, 28-29. “Então os judeus levaram Jesus da casa da Caifás para o pretório. Era cedo de manhã, e para não se contaminarem, mas poderem comer a páscoa, não entram no pretório. Então Pilatos saiu, e lhes disse: Que acusação trazeis contra esse homem?”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 33

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM**Coroação de espinhos**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Referência Bíblica: Jo. XIX, 2. “Os soldados teceram uma coroa de espinhos, puseram-na em sua cabeça, e vestiram-no com um manto de púrpura”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 34

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM**Encontro com Maria Santíssima**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Tema motivado na tradição eclesiástica.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 35

INVENTÁRIO DE OBRA

NÃO HÁ IMAGEM**Crucificação**

João Nepomuceno Correa Castro.

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

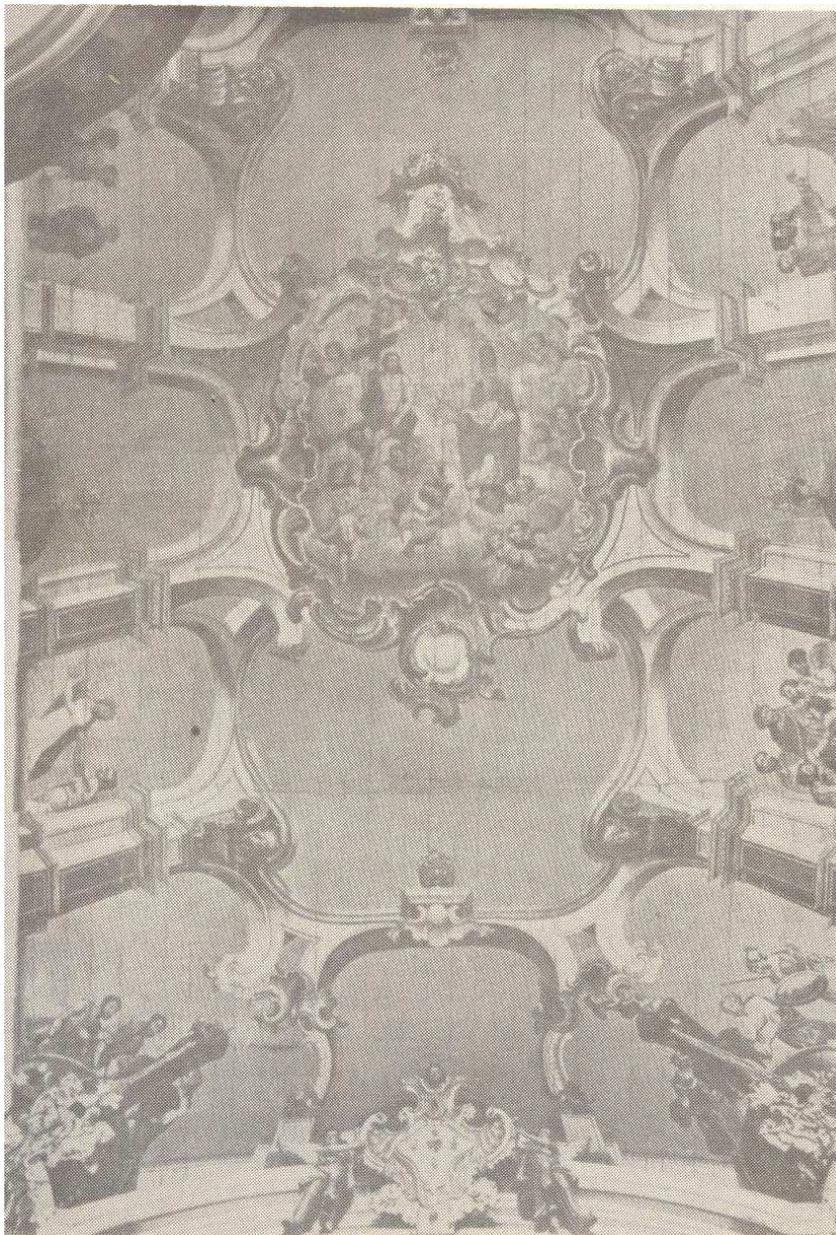
Referência Bíblica: Lc. XXIII, 33. “E, depois que chegaram ao lugar que se chama Calvário, ali o crucificaram a Ele e aos ladrões, um à direita e outro à esquerda”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

FICHA N.º 36

INVENTÁRIO DE OBRA

**Santíssima Trindade**

João Nepomuceno Correa Castro

1777 a 1787

Tinta a óleo sobre madeira

Forro da nave da capela do santuário Bom Jesus de Matozinhos, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, código 26.

Imagem: OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Gerais; o ciclo rococó. *Barroco*, Belo Horizonte, set. 1982-83. v. 12.sem p.

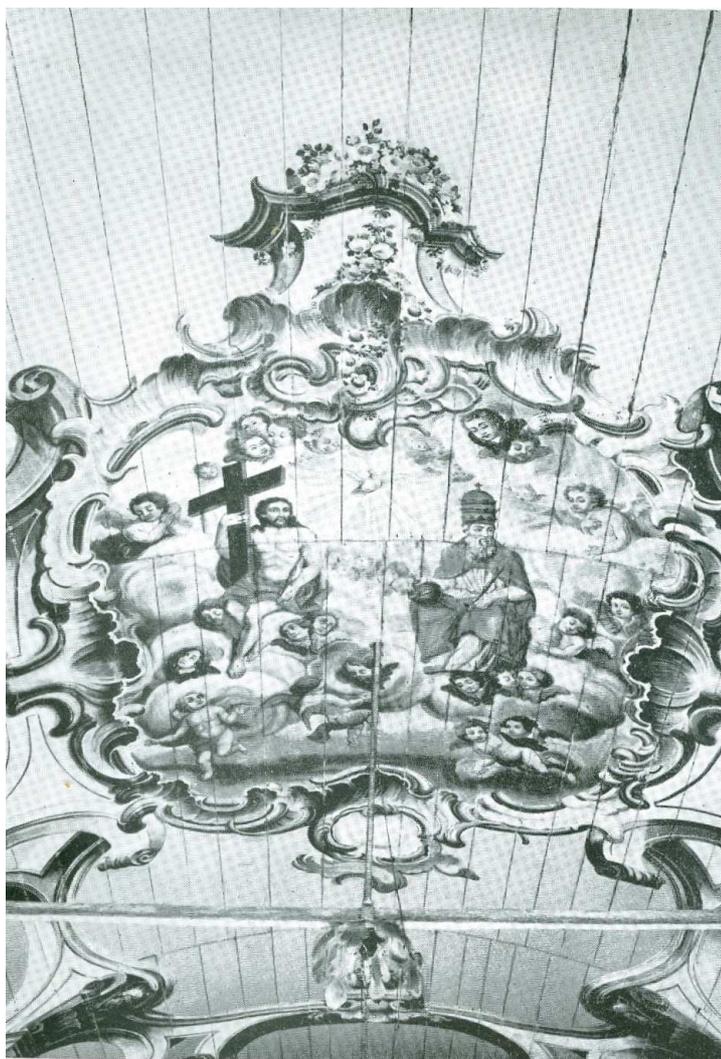


Imagem: FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. Estampa 17.

Ao redor do medalhão central estão mais oito pinturas referentes à história do Antigo Testamento. É narrada pictoricamente a história de José do Egito, o filho caçula de Jacob que é vendido aos ismaelitas. São as seguintes as passagens bíblicas que se referem às oito pinturas ao redor do medalhão central na nave do santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas:

1ª. José é vendido pelos irmãos. Gn. XXXVII, 28. “E quando passaram os negociantes madianitas, tiraram-no da cisterna e venderam-no por vinte dinheiros de prata aos ismaelitas; e estes levaram-no para o Egito”.

2ª. Notícias a Jacob. Gn. XXXVII, 31-32. “Então tomaram a túnica de José, mataram um cabrito, e a molharam no sangue. Enviaram a sua túnica a seu pai, e disseram: Achamos esta túnica. Vê-se é a túnica de teu filho, ou não.”

3ª. José foge da mulher de Putifar. Gn. XXXIX, 12. “Ela o pegou pela capa, dizendo: Deita-te comigo! Mas ele deixou a sua capa nas mãos de e fugiu, escapando para fora”.

4ª. José interpreta sonhos na prisão. Gn. XL, 1-23. José interpreta os sonhos do padeiro e do copeiro do Faraó que estavam presos.

5ª. José interpreta os sonhos do Faraó. Gn. XLI, 15-16. “Disse o faraó a José: Eu tive um sonho, e não há quem o interprete. Mas de ti ouvir dizer que, ouvindo contar um sonho, podes interpretá-lo. Respondeu José ao Faraó: Isso não está em mim, mas Deus é que dará uma resposta ao Faraó”.

6ª. José dá-se a conhecer aos irmãos. Gn. XLIV, 3-4. “E disse a seus irmãos: Eu sou José; vive ainda meu pai? Não podia responder-lhe seus irmãos, possuídos de excessivo terror. Ele, porém, com benignidade, disse-lhes: Aproximai-vos de mim”.

7ª. Notícias a Jacob de que José vive. Gn. XLV, 26. “à casa de seu pai Jacob. E deram-lhe a nova, dizendo: José, teu filho, vive, e governa toda a terra do Egito, Ouvindo isto, Jacob como que despertou de um profundo sono, e todavia não acreditava”.

8ª. Encontro de Jacob e José. Gn. XLVI, 29-30. “E quando chegou, tendo mandado aparelhar o coche, José foi ao encontro de seu pai no mesmo lugar; e logo que o viu, lançou-se ao seu pescoço, e, abraçando-o, chorou. E o pai disse a José: Agora morrerei contente porque vi a tua face e te deixo depois de mim”.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 37

INVENTÁRIO DE OBRA



Risco para os alteres colaterais

João Nepomuceno Correa Castro.

Anterior a 1784

Grafite

Capela da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, Ouro Preto, Minas Gerais.

Referência documental: AEAM. Livro 1º de despesas do santuário de N. S. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo. f. 12 v., 13, 13 v., 14, 14 v., 15, 18 v. Prateleira H, códice 26.

Imagem: Arquivo do autor.



Imagem: Arquivo do autor.



Imagem: Arquivo do autor.



Detalhe de um dos altares laterais da capela da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo.
Imagem: Arquivo do autor.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 38

INVENTÁRIO DE OBRA

**Nossa Senhora do Rosário**

João Nepomuceno Correa Castro

1784

Tinta a óleo sobre madeira

Capela de Nossa Senhora do Rosário, Congonhas, Minas Gerais.

Referência documental: Livro de termos, contratos, posse dos irmãos da mesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário das Congonhas. f. 23-23 v. Prateleira H, códice 29.

Imagem: Herinaldo Oliveira Alves.

Possivelmente repintado.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 39

INVENTÁRIO DE OBRA

**Nossa Senhora da Conceição**

.João Nepomuceno Correa Castro.

Data desconhecida

Tinta a óleo sobre madeira

Reserva técnica do Museu da Inconfidência, Ouro Preto, Minas Gerais.

Referência documental: Desconhecida. Obra adquirida pelo Museu da Inconfidência em 29 de dezembro de 2004 da colecionadora Solange Trindade de Almeida, já havia a atribuição da tela a João Nepomuceno Correa Castro desde o termo de comodato assinado entre o dito museu e o proprietário em 23 de agosto de 1994. Sem mais informações sobre a atribuição a João Nepomuceno Correa Castro. Todas as informações foram cedidas pelo Museu da Inconfidência.

Imagem: Anuário do Museu da Inconfidência.



Imagem: Museu da Inconfidência.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 40

INVENTÁRIO DE OBRA

**Nossa Senhora da Conceição**

João Nepomuceno Correa Castro

Data desconhecida

Tinta a óleo sobre madeira

Museu da Inconfidência, Ouro Preto, Minas Gerais.

Referência documental: Desconhecida. Segundo a ficha de catalogação do Museu da Inconfidência há uma inscrição no torso da tela em que consta “NC fec” (NC seria as iniciais de Correa Castro e fec a palavra *fecit* incompleta, que, em latim, significa fez). Essa tela foi doada pelo senhor arcebispo Dom Helvécio Gomes de Oliveira ao Museu da Inconfidência, em 30 de agosto de 1940. Atribuída a João Nepomuceno Correa Castro por Lygia Martins Costa e sua equipe na década de 1970, o documento de atribuição encontra-se no Arquivo Central do IPHAN, Seção Rio de Janeiro, número de inventário 674.

Imagem: Museu da Inconfidência, Ouro Preto.



Imagem: Museu da Inconfidência.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO
Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de
2010

FICHA N.º 41

INVENTÁRIO DE OBRA

**Nossa Senhora da Conceição**

João Nepomuceno Correa Castro

Data desconhecida

Tinta a óleo sobre madeira

Museu de Arte Sacra da Arquidiocese de Mariana, Mariana, Minas Gerais.

Referência documental: Desconhecida. A direção do Museu de Arte Sacra da Arquidiocese de Mariana não soube dar nenhuma informação sobre a autoria da atribuição, apesar de constar junto a tela o nome do pintor João Nepomuceno Correa Castro.

Imagem: Walter ZANINI

ÍNDICE DE DOCUMENTOS TRANSCRITOS:

- Documento 1:** Registro de batismo de Francisco Correa, 25 de outubro de 1736.
- Documento 2:** Registro de batismo de João Nepomuceno Correa Castro, 16 de maio de 1752.
- Documento 3:** *De genere et moribus* do padre Francisco Corrêa Rabelo, 1759.
- Documento 4:** Despesas do santuário Bom Jesus de Matozinhos, 1773 a 1776.
- Documento 5:** Termo que fazem os irmão da Irmandade do Santíssimo Sacramento da aceitação dos painéis e douramento feito na capela mor da matriz de Nossa Senhora do Pillar, 9 de fevereiro de 1774.
- Documento 6:** Recibo por encarnar a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Catedral de Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana, 30 de janeiro de 1777.
- Documento 7:** Despesas do santuário Bom Jesus de Matosinhos, outubro de 1777 a 1781.
- Documento 8:** Recibos pagos a João Nepomuceno Correa Castro no santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, 1782.
- Documento 9:** Termo que se faz para a pintura do forro da capela de Nossa Senhora do Rosário de Congonhas, 28 de março de 1784.
- Documento 10:** Recibos pagos a João Nepomuceno Correa Castro no santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, 1784.
- Documento 11:** Termo de obrigação da pintura do corpo da igreja, capela mor, ambas as sacristias, portas e janelas da capela de Nossa Senhora do Rosário de Itabirito, 21 de dezembro de 1786.
- Documento 12:** Processo matrimonial de João Nepomuceno Correa de Castro e Germana Cândida Xavier de Noronha, 1786-1787.
- Documento 13:** Recibo pago a João Nepomuceno Correa Castro no santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, 1787.
- Documento 14:** Recibo pago a João Nepomuceno Correa Castro no santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, 1789.
- Documento 15:** Recibo pago a João Nepomuceno Correa Castro no santuário Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, 1790.
- Documento 16:** Recibo pago a João Nepomuceno Correa Castro pela Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de Mariana, 1791.

Documento 17: Recibo pago a João Nepomuceno Correa Castro pela Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de Mariana, 1794.

Documento 18: Contas de testamento de João Nepomuceno Correa Castro, 1794-1806.

Documento 19: Registro de óbito de João Nepomuceno Correa Castro, 12 de janeiro de 1795.

Documento 20: Recibos pagos à Manuel da Costa Ataíde, 1818-19.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

DOCUMENTO N.º 1

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

<p>R. Fran^{co} Correa tirou em 8 de Junho [---] primeira Certidam [---] 1778</p> <p>5</p>	<p>Aos vinte, esinco de outubro de mil, sete centos e trinta eseis²³³ nesta igr.^a de N. Sra' da Conceição Matriz da vila do Carmo batizei e pus os santos oleos a Fra[---] filho legítimo de Domingos Correa Rabello [---] e desua mulher Pascoa da Ressurreição//63 v.</p>
--	---

Aos vinte e sinco de outubro de mil sete centos e / trinta e seis nesta igr[ej].a de N[ossa]. S[enho]ra' da Conceição Matriz / da vila do Carmo batizei e pus os santos óleos / a Fra[ncisco]²³⁴ filho legítimo de Domingos Correa Rabello / [---] e de sua mulher Pascoa da Ressurreição²³⁵//63 v.

Aos vinte e cinco de outubro de mil sete centos e trinta e seis, nesta igreja de Nossa Senhora da Conceição, matriz da vila do Carmo, batizei e pus os santos óleos a Francisco, filho legítimo de Domingos Correa Rabello e de sua mulher Páscoa da Ressurreição.

Transcrito por: Hudson Lucas Marques Martins

Em: 16 de dezembro de 2009.

Revisão: Hudson Lucas Marques Martins e José Arnaldo Coêlho de Aguiar Lima

Em: 19 de maio e 18 de agosto de 2009.

²³³. **AEAM**. Registro de batismo de Francisco Correa, 25 de outubro de 1736. *In*: Livro de batismo da Vila do Carmo. f. 63 v. Prateleira O, códice 5.

²³⁴. No manuscrito, este trecho é ilegível.

²³⁵. No manuscrito, em margem esquerda lê-se: R.[everendo] Fran[co] Correa / tirou em 8 de Junho / primeira Certidam / 1778.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

DOCUMENTO N.º 2

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

João
5
10

Aos dezaSes de Mayo de mil eSetecentos, eSin
coentaedois²³⁶ emestaCathedral bautizou Solem
nemente o ReverendoConego Francisco deSousa
a Joao filho de Domingos Correya edeDona Paschoa
daRessurreição, deque forao padrinhos Antonio
AlvesCrasto, eDona Clara todos destaCidade de
[qu]e // 13 v.
Deque fis Esteassento
O Coadjunto João Paes da Costa

Aos deza[s]Se[i]s de Mayo de mil e Setecentos, e Sin/coenta e dois em esta Cathedral bautizou Solem/nemente o Reverendo Conego Francisco de Sousa / a Joao²³⁷ filho de Domingos Correya e de Dona Paschoa / da Ressurreição, de quem forao padrinhos Antonio / Alves Crasto, e Dona Clara todos desta Cidade de / [qu]e // 13 v. / De que fis Este assento
O Coadjunto João Paes da Costa

²³⁶. **AEAM**. Registro de batismo de João Nepomuceno Correa Castro, 16 de maio de 1752. *In*: Livro de batismo da Catedral Basílica de Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana. f. 13v-14. Prateleira O, códice 10.

²³⁷. No manuscrito, em margem esquerda, lê-se: João.

Aos dezesseis de maio de mil setecentos e cinquenta e dois nesta catedral, batizou solenemente o reverendo cônego Francisco de Sousa a João, filho de Domingos Correya e de Dona Páscoa da Ressurreição, de quem foram padrinhos Antônio Alves Crasto e Dona Clara, todos desta cidade de que fiz este assento.

O coadjutor João Paes da Costa

Transcrito por: José Arnaldo Coêlho de Aguiar Lima

Em: 16 de junho de 2009.

Revisado por: Hudson Lucas Marques Martins

Em: 16 de junho de 2009.

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

Adm.^{dos} ao novo R. D. Provisor Mariana
ede Mayo 4 de 1759²³⁸

5

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sn.^{or}
AoIl. eR. Escrivão [] Mnn.^a
ede Mayo 5 de 1759
Ger.^{al}

10

Diz, Francisco Correa Rabelo, e Caetano Pin
to da Motta q' elles sup.^{es} seachão admittidos por V. Ex.^a p.^a faze
rem as deligencias necess.^{as} de genere comq' seachão pella parte
paterna, etambem pello q' pertence a suas mays cazo mater-
na, epella p.^e de seu a vô materno o sargt.^o mor Bernado
Spinola eCastro na da Ithagracioza pertendem justificar q'
o P.^e Fran.^{co} Corr.^a sacerdote do Habito de S. Pedro m.^{or} na v.^a
de S. João delRey he sobr.^o dod.^o. avó materno dos sup.^{es}, por
ser od.^o P.^e filho de Maria [Picansu] legitima eintr.^a Irmã do
avo materno dos sup.^{es}, e porq' nececitão p.^a isso deserem admitti
dos por V. Ex.^a

20

De A deduzão em Itens Justificativos
o queDefendem provar e Justificar.

²³⁸. **AEAM**. *De genere et moribus* do padre Francisco Corrêa Rabelo, 1759. In: *De genere et moribus*. f. 2, 3 e 77. armário 3, pasta 527.

Correa

- 25 Par.^o Ex.^a Sesfaça m^e admittir
os sup.^{es} ajustificar ad.^a fraternid.^e por p.^{te}
do d.^o avô materno, q' he só oq' falta
p.^a selhes julgarem suas inquericoes.
E.R.M./2
- 30 Diz Fran.^{co} Corr.^a Rabello, e Caetano Pinto da Motta na
turais ebaptizado nesta Sé Cathedral, filho legitimo od.^o Fran.^{co} Correa
de Domingos Corr.^a Rabello, n.^a ebaptizado em V.^a Real Arcebis.^{do} de
Braga, e de D. Pascoa da Ressurreição castro n.^a ebaptizada nafr.^a de
S. Seb.^{am} tr.^o desta cid.^e, netto pella paterna do Sarg.^{to} mor Bernardo
35 Spinola eCastro n.^a da Ithagracioza, e nella baptizado, e desua molher
D. Maria de Godois n.^a de São Paulo. Od.^o Caetano Pinto da Motta
filho legitimo deManoel Pinto daMotta, na.^l da frg.^a do gobe Bispado
do Porto, e de D. Violante de Godois eCastro n.^{al} e baptizada nafrag.^a deS.
Seb.^m tr.^o desta cid.^e, netto pella p.^{te} paterna deAn.^o Pinto da Motta n.^{al}
40 ebatizado nafrag.^a do gobe Bisp.^{do} do porto, epella materna do Sarg. mor
Bernado Spinola eCastro n.^{al} ebatizado na Ithagracioza, edesua
molher D. Maria deGodois n.^{al} e batizada em S. Paullo, q' elles
seachão admittidos por Sua Ex.^a Rm.^a a justificarem afraternidade que [---]
o d.^o seu avo materno oSarg.^{to} mor Bernado Spinola eCastro com o P.^e
45 Fran.^{co} Corr.^a n.^{al} da Itha Fra.^{co} filho legitimo de Maria Picaniu aqual
he legitima e intr.^a Irmã do sobredito avo materno dos sup.^{es} por serem
ambos filholegitimo de Andre Miz' deCastro, e de sua molher Maria da
Fons.^{ca}, eportais tidos ehavidos, egeral m.^{do} reputados, sem q' houvesse nunca
rumor, fama, ou susp.^{ta} de contr.^o
50 De A[---] como pedem
Correa

Pass.^o seia ser admitir ajusticado

55 deduzido em.^{dos} q' selle passe commicoes
 afrag.^a deGuarap.^a onde tem os sup.^{es} as tes
 temunhas q' por detrim.^{to} não podem vir
 aesta cid.^e
 E.R.M.//3

60 Admitt.^o, eremet.^a ao novo R. D.^r Provisor
 Mnn.^a, edeAbril 28 de 1755.

Ex.^{mo} E R.^{mo} Snr.^o

65 Dizem Fran.^{co} Correa Rabello e Laureano Correa
 Rabello estudantes do seminario desta cidade eo segundo tambem nosso
 doCoro desta Se desde a sua criação; naturais e baptizado nesta San
 ta Igr.^a Catedral, filhos Legítimos de Domingos Correa Rabello já de
 funto, natural e baptizado na fr.^a de vilarinho de S. Rumão termo
 davilla Real Arcebispado de Braga e de D. Paschoa da Ressureição e Castro
 natural Baptizada nafr.^a de S. Sebastiam termo desta cidade e Bis
 pado de Marianna q' elles dezejam muito servir a R.^e N. Snr. no
 70 habito deS. Pedro e porq' o não podem conseguir sem pr.^o serem
 admetidos por Nossa exm. eRm.^a e Se[---][abrirem] Suas inquericaoes
 est' de genere, vita e moribus.

75 [---] deprova Sepasse oprezet.^e
 p.^a fora, Comais destes os recebs.

[---] Exm.^a Rm Sei eSer
 tifico admitir os supp.^{es} ao [] serti
 fico q' pretendem e mandar lhe tirar [] das
 inquiricoens, e rogarão a d.^o [] vida []
 de [] de vossa Ex. Rm.

80 Declarão os supp.^{tes} p.^o serem Nettos pela parte Paterna De
 Fran.^{co} Gonçalves, ede Úrsula Correa natural, e baptizados Na freg.

de villarinho de S. Rumão termo de Villa Real Arcebispado
 De Braga
 100 E pella parte Materna Nettos do Sarg. Mor Bernado Spinola
 e castro natural e baptizado na fr.^a de N. Snr. deguada termo de Itha
 gracioza Bispado de Angra e Dona Maria de godois natural e Ba
 ptizada na Capella de Nossa Snr.^a da Penha filial dafr.^a da V.^a
 de [Pernais ba] Bispado de S. Paulo.
 105 E. R. M.//77

Adm[inistra].dos ao novo R[everendo]. D[outor]. Provisor Mariana / e de Mayo 4 de 1759

Ex[celentíssi].mo e R[everendíssi].mo S[e]n[h].or
 Ao Il[ustríssimo]. e R[everendíssimo]. Escrivão [] M[aria]nn.a / e de Mayo 5 de 1759
 Ger.al

Diz, Francisco Correa Rabelo, e Caetano Pin/to da Motta q[ue]' elles sup[licant].es se achão admittidos por V[ossa]. Ex[celentíssim].a p[ar].a
 faze/rem as deligencias necess[ari].as de genere com q[ue]' se achão pella parte / paterna, e tambem pello q[ue]' pertence a suas mays cazo
 mater/na, e pella p[art].e de seu a vô materno o sarg[en]t.o mor Bernado / Spinola e Castro na da Ithagracioza pertendem justificar q[ue]' / o
 P[adr].e Fran[cis].co Corr[e].a sacerdote do Habito de S[ão]. Pedro m[orad].or na v[il].a / de S[ão]. João Del Rey he sobr[inh].o do d[it].o. avô
 materno dos sup[licant].es, por / ser o d[it].o P[adr].e filho de Maria [Picansu] legitima e [intr.^a] Irmã do / avo materno dos sup[licant].es, e por
 q[ue]' nececitão p[ar].a isso de serem admitti/dos por V[ossa]. Ex[celênci].a

De A deduzão em Itens Justificativos / o que Defendem provar e Justificar.

Correa

Par[oc].o Ex[celentíssim].a Ses faça me admittir / os sup[licant].es a justificar a d[it].a fraternid[ad].e por p[ar].te / do d[it].o avô materno,
 q[ue]' he só o q[ue]' falta / p[ar].a se lhes julgarem suas inquericoes.

E[xcelentíssimo]. R[everendíssimo]. M[inistro].//2

Diz Fran[**cis**].co Corr[**e**].a Rabello, e Caetano Pinto da Motta na/turais e baptizado nesta Sé Cathedral, filho legitimo o d[**it**].o Fran[**cis**].co Correa / de Domingos Corr[**e**].a Rabello, n[**atur**].a[**l**] e baptizado em V[**il**].a Real Arcebispa[**a**].do de / Braga, e de D[**ona**]. Pascoa da Ressurreição castro n[**atur**].a[**l**] e baptizada na fr[**eguesi**].a de / S[**ão**]. Seb[**asti**].am t[**e**r[**m**].o desta cid[**ad**].e, netto pella paterna²³⁹ do Sarg[**en**].to mor Bernardo / Spinola e Castro n[**atur**].a[**l**] da Ithagracioza, e nella baptizado, e de sua molher / D[**ona**]. Maria de Godois n[**atur**].a[**l**] de São Paulo. O d[**it**].o Caetano Pinto da Motta / filho legitimo de Manoel Pinto da Motta, na[**tura**].l da fr[**e**g[**uesi**].a do gobe Bispado / do Porto, e de D[**ona**]. Violante de Godois e Castro n[**atur**].al e baptizada na frag[**uesi**].a de S[**ão**]. / Seb[**astia**].m t[**e**r[**m**].o desta cid[**ad**].e, netto pella p[**ar**].te paterna de An[**toni**].o Pinto da Motta n[**atur**].al / e batizado na frag[**uesi**].a do gobe Bisp[**a**].do do porto, e pella materna do Sarg[**ento**]. Mor / Bernado Spinola e Castro n[**atur**].al e batizado na Ithagracioza, e de sua / molher D[**ona**]. Maria de Godois n[**atur**].al e batizada em S[**ão**]. Paullo, q[**ue**]’ elles / se achão admittidos por Sua Ex[**celentíssim**].a R[**everendíssi**]ma a justificarem a fraternidade que [---] / o d[**it**].o seu avo materno o Sarg[**en**].to mor Bernado Spinola e Castro com o P[**adr**].e / Fran[**cis**].co Corr[**e**].a n[**atur**].al da Itha Fra[**cis**]co filho legitimo de Maria Picaniu a qual / he legitima e [intr^a] Irmã do sobredito avo materno dos sup[**licant**].es por serem / ambos filho legitimo de Andre Miz’ de Castro, e de sua molher Maria da / Fons[**ce**].ca, e por tais tidos e havidos, e geral m[**o**].do reputados, sem q[**ue**]’ houvesse nunca / rumor, fama, ou susp[**ei**].ta de contr[**ári**].o

De A[---] como pedem

Correa

Pass.o sei a ser admitir a justica do / deduzido [em.^{dos}] q[**ue**]’ se lle passe commicoes / a fr[**e**g[**uesi**].a de Guarap.a onde tem os sup[**licant**].es as tes/temunhas q[**ue**]’ por detrim[**en**].to não podem vir / a esta cid[**ad**].e

E[**xcelentíssimo**]. R[**everendíssimo**]. M[**inistro**].//3

Admitt.o, e remet.a ao novo R[**everendo**]. D[**outo**].r Provisor

M[**aria**]nn.a, e de Abril 28 de 1755.

Ex[**celentíssi**].mo E R[**everendíssi**].mo S[**e**]n[**ho**].r.

Dizem Fran[**cis**].co Correa Rabello e Laureano Correa / Rabello estudantes do seminario desta cidade e o segundo tambem nosso / do Coro desta Se desde a sua criação; naturais e baptizado nesta San/ta Igr[**ej**].a Catedral, filhos Legítimos de Domingos Correa Rabello já de/funto, natural e baptizado na fr[**eguesi**].a de vilarinho de S[**ão**]. Rumão termo / da villa Real Arcebispa[**a**].do de Braga e de D[**ona**]. Paschoa da Ressurreição e Castro / natural Baptizada na fr[**eguesi**].a de S[**ão**]. Sebastiam termo desta cidade e Bis/pado de Marianna q[**ue**]’ elles dezejam muito servir a

²³⁹. Erro do escrivão, Bernerdo Spinola e Castro é avô materno de Francisco Correa Rabelo.

R[ever].e[ndíssimo] N[osso]. S[e]n[ho]r. no / habito de S[ão]. Pedro e por q[ue] o não podem conseguir sem pr[imeir].o serem / admetidos por Nossa ex[celentíssi]m.[a] e R[everendíssi]m.a e Se[---][abrirem] Suas inquericoes / est[e] de genere, vita e moribus. [---] de prova Se passe o preze[n]t.e / p[ar].a fora, Com ais destes os receb[o]s.

[---] Ex[celentíssi]m.a R[everendíssi]m[a] Sei e Ser/tifico admitir os supp[licant].es ao [] serti/fico q[ue] pretendem e mandar lhe tirar [] / das / inquiricoens, e rogarão a d[it].o [] vida [] / de [] de vossa Ex[celentíssima]. R[everendíssi]m[a].

Declaração os supp[lican].tes p.o[r] serem Nettos pela parte Paterna De / Fran[cis].co Gonçalves, e de Úrsula Correa natural, e baptizados Na freg[uesia]. / de villarinho de S[ão]. Rumão termo de Villa Real Arcebispado / De Braga

E pella parte Materna Nettos do Sarg[ento]. Mor Bernado Spinola / e castro natural e baptizado na fr[eguesi].a de N[osso]. S[e]n[ho]r. deguada termo de Itha/gracioza Bispado de Angra e Dona Maria de godois natural e Ba/ptizada na Capella de Nossa S[e]n[ho]r.a da Penha filial da fr[eguesi].a da V[il].a / de [Pernais ba] Bispado de S[ão]. Paulo.

E[xcelentíssimo]. R[everendíssimo]. M[inistro].//77

Administrado ao novo reverendo doutor provedor. Mariana, 4 de maio de 1759.

Excelentíssimo e reverendíssimo senhor,
ao ilustríssimo e reverendíssimo escrivão []. Mariana 5 de maio de 1759.
Geral,

Dizem Francisco Correa Rabelo e Caetano Pinto da Mota como suplicantes se acham admitidos por vossa excelentíssima para fazerem as diligencias necessárias *de genere*, com que se acham pela parte paterna e também pelo que pertence a seu caso materno, pela parte de seu avô materno o sargento mor Bernado Spinola e Castro na da Itagracioza, pretendem justificar que o padre Francisco Correa sacerdote do hábito de São Pedro e morador na vila de São João del Rei é sobrinho do dito avô materno dos suplicantes, por ser o dito padre filho de Maria [Picansu] legítima e [intr.^a] irmã do avô materno dos suplicantes e porque necessitam para isso de serem admitidos por vossa excelência.

De a dedução em itens justificativos o que defendem provar e justificar.
Correa.

Pároco excelentíssimo se faça admitir os suplicantes a justificar a dita fraternidade por parte do dito avô materno, que é só o que falta para se julgarem suas inquirições.

Excelentíssimo reverendíssimo Ministro

Dizem Francisco Correa Rabelo e Caetano Pinto da Mota naturais e batizado nesta Sé Catedral. Filho legítimo o dito Francisco Correa de Domingos Correa Rabelo natural e batizado em Vila Real arcebispado de Braga, e de dona Pascoa da Ressurreição Castro natural e batizada na freguesia de São Sebastião termo desta cidade, neto pela materna do sargento mor Bernardo Spinola e Castro natural da Itagracioza e nela batizado, e de sua mulher dona Maria de Godois natural de São Paulo. O dito Caetano Pinto da Mota filho legítimo de Manoel Pinto da Mota natural da freguesia do Gobe bispado do Porto, e de dona Violante de Godois e Castro natural e batizada na freguesia de São Sebastião termo desta cidade, neto pela parte paterna de Antônio Pinto da Mota natural e batizado na freguesia do gobe bispado do Porto, e pela materna do sargento mor Bernado Spinola e Castro natural e batizado na Ithagracioza, e de sua mulher dona Maria de Godois natural e batizada em São Paulo. Que eles se acham admitidos por sua excelentíssima reverendíssima a justificarem a fraternidade que [---] o dito seu avô materno o sargento mor Bernado Spinola e Castro com o padre Francisco Correa natural da Itha. Francisco filho legítimo de Maria Picaniu a qual é legítima e [intr^a] irmã do sobredito avô materno dos suplicantes, por serem ambos filhos legítimos de Andre Miz' de Castro e de sua mulher Maria da Fonsceca e por tais tidos e havidos em geral modo reputados, sem que houvesse nunca rumor, fama ou suspeita de contrário.

De A[---] como pedem.

Correa.

Passo sei a ser admitir a justiça do deduzido [em.^{dos}] que se lhe passe comissões da freguesia de [Guarapa] onde tem os suplicantes as testemunhas que por detrimento não podem vir a esta cidade.

Excelentíssimo reverendíssimo ministro.

Admito e remeto ao novo reverendo doutor provedor.

Mariana, 28 de abril de 1755.

Excelentíssimo e reverendíssimo senhor,

Dizem Francisco Correa Rabelo e Laureano Correa Rabelo estudantes do seminário desta cidade, e o segundo também nosso do coro desta Sé desde a sua criação; naturais e batizado nesta santa igreja catedral, filhos legítimos de Domingos Correa Rabelo já defunto, natural e batizado na freguesia de Vilarinho de São Rumão, termo da vila Real Arcebispado de Braga e de dona Paschoa da Ressurreição e Castro, natural e batizada na freguesia de São Sebastião termo desta cidade e bispado de Mariana, que eles desejam muito servir ao reverendíssimo nosso senhor

no hábito de São Pedro e por que o não podem conseguir sem primeiro serem admitidos por vossa excelentíssima e reverendíssima e se[---]
][abrirem] suas inquirições, este *de genere, vita e moribus*.
 [---] de prova se passa o presente para fora, com ai deste o recebo.

[---] Excelentíssima reverendíssima sei e certifico admitir os suplicantes ao [] certifico que pretendem e mandar lhe tirar [] das inquirições e rogarão ao dito [] vida [] de [] de vossa excelentíssima reverendíssima.

Declaram os suplicantes por serem netos pela parte paterna de Francisco Gonçalves e de Úrsula Correa, naturais e batizados na freguesia de Villarinho de São Rumão, termo de Villa Real Arcebispado de Braga.

E pela parte materna netos do sargento mor Bernado Spinola e Castro, natural e batizado na freguesia de nosso senhor [Deguada] termo de Ithagracioza, bispado de Angra e dona Maria de godois natural e batizada na capela de Nossa Senhora da Penha, filial da freguesia da Vila de [Pernais ba] bispado de São Paulo.

Excelentíssimo reverendíssimo ministro.

Transcrito por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 26 de novembro de 2009.

Revisado por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 27 de novembro de 2009.

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

	De[---] que tenho feito desde opr.º de Agosto de 1773 ²⁴⁰		
	P. que dey ao R. D. ^r Vig.º da Vizita, contas, eProvizão p. ^a Benzer acap. ^{la} mor	7	¼ 4
	P. que dey por hum barril devinho branco p. ^a amissa	6	¼ 5
5	P. que dey aJoão Antunes deCarvalho resto datribuna do Snr.	345	½ 5
	P. que dey a Fr. Amaro daSacraFamília defrete, ecarretos das pedras tiras, minas, ecal que mandei vir p. ^a a cap. ^{la} do [---] Snr.	2	½ 5
	P. que dey ao M. ^e Pedr.º Antonio Carvalho de Azevedo de reboques e [tillado] do Corpo dacapela	64	
10	P. quedey aA[---] Glz' Roza, eoSeuFilho João Glz Roza a Conta da [rematação] da obradacapella	131	
	P. que dey aDom. ^s de Ar.º Barros por ordem deAntonio Glz Ro za eSeu filho aconta da Rematação daobradacapella	166	½ 6
15	P. que dey aBernardo Pires daS. ^a M. ^e Pintor aconta dapintura dacapella mor	166	
	P. que dey a Jacinto Pr.º Ribr.º Mercador queconta daSua [---] ta p. ^a vestuário dagente daza 1774	14	½ 3
	P. que dey a Dom. ^s Montr.º Feitor deSuaporção	40	
20	P. que dey por duasbruacas deSal	6	
	P. que dey ao M. ^e Pintor Bernardo Pires daS. ^a resto da pintura dacap. ^{la} mor	334	

²⁴⁰. **AEAM**. Despesas do santuário Bom Jesus de Matozinhos, 1773 a 1776. In: Livro 1º de despesa do santuário de N. S. Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo. f. 9 e 9 v.. Prateleira H, código 26.

	Pello q dey ao d. ^o de acrissimos	134	
	Pello q dey ao M. ^c Carapina João Glz' Roza pella factura do oratório da Sacristia	65	
	Pello q dey aod. ^o mais pello aparelho das cortinas datribuna	8	
25	Pello q dey ao M. ^c Faustino [] p. [] p. ^a o trono, e mais obra 1775	2	¼
	Pello q dey ao P. ^c Luiz Joze pordous Sermões p. ^a a d. ^a festivid. ^e	78	¾
	Por duas toxas	5	
	Por luão deCofre p. ^a as cortinas do Retabolo do altar mor	24	¾
30	Por tafetá p. ^a as cortinas daboca datribuna e mais Lo	26	½ 7
	Por ferrage p. ^a acapella aoferreiro Ant. ^o de Oliver. ^a	15	½ 1
	Pello que dey a Jacinto Pr. ^a Ribeir. ^o para ovestuario daCaza	26	1
	Pello q' dey a Antonio daConta da fazd. ^a p. ^a vestuário daCaza	21	7
	Pello que dey de [] a enterro na Matriz, eCapelladosGeraes	10	
35	Pello que dey ao M. ^c Pedr. ^o Ant. ^o Alex. ^e da Cunha pello concerto dehu cunhal	12	
	Pello que dey ao M. ^c ferreiro José Roiz Collar de ferrage p. ^a atribuna	6	½
	Pello que dey a hum homem do [] por 6 bruacas deSal p. ^a gastos daCaza	17	½
		187	6 1 //9
40	Vem daLauda Emfrente	187	6 ¾
	Pelloq dey datintas eoleo deLinhassa p. ^a asportas ejanelas dacap. ^{la}	36	¾
	Por hú barril de V. ^o branco p. ^a as missas	6	¼
	Pello q dey aMiguel Glz' de [---]	2	¼
	Pello q. dey a Domin. ^{os} Alz de carne p. ^a a caza	9	¾
45	Pello q' mandey p. ^a o Rio de Janr. ^o a José Roiz a conta p. ^a obra do ornam. ^{to} quemandey fazer p. ^a oSnr.	201	¾ 2
	Pello q paguey de dízimos da faz. ^{da} dos Geraes	42	½
	Pello que paguey ahú homem do cam. de 11 bruacas deSal p. ^a afazenda dos Geraes	33	½
50	Pello q pagey mais de 12 bruacas deSal p. ^a ad. ^a faz. ^{da}	36	½
	Soma a despezas Salvo erro	2:340	2

55	Esta despeza he oque tenho feito desde opr. ^o de Agosto de 1773 emthé hoje 31 de Dezembro <u>de 1775</u> Custodio glz' de []	
60	Declaro que alampada de prata que Seacha na capella a mandey fazer no Rio de Jan. ^o e costou 502\$000 ½ os quais já estão pagos de esmollas que tires pellos fizer de D. ^o p. ^a ad. ^a obra	502\$000 ½
65	Declaro que o ornamento que mandey fazer no Rio de Janr. ^o p. ^a o Snr' de Matozinhos por via de José Roiz da Costa eaod. ^o ja Remetti 584\$000 ½ das esmollas que os devotos [] na feição que sefez no dia da Sua collocação Serão Despeza q Sefes desde opr. ^o de Jan.r de 1776	584\$000 ½
70	1° P. Que dey a Ant. ^o da Costa pella Lâmpada do Snr. e [---] 2° P. Que dey em 29 de Mayo a João de Carvalhaes de dourar o Altar de S. Ant.o 3° P. Que dey em 6 de Junho a Bernardo Pires da S. ^a dedourar o Altar de S. Fr.co e das palmas 4° P. Que mandey p. ^a o Rio de Janr. ^o a José Roiz p. ^a o Resto do ornam. ^{to} do Snr. Pello R. Vig. ^o da Cachoeyra M. ^{el} José da Oliveira em 16 de Junho 270\$734 ½	418 ¼ 3 109 ¼ 4 146 ¼ 2 <u>225 ½ 3</u> 899 ½ 4
75	Esra he adespeza que sefes desde opr. ^o de Janr. ^o deste prez. ^e anno de 1776 athé 19 de Junho do d. ^o anno em cujo dia faleceo o admi nistrador Custodio Glz' de Vasc. ^{os} , e excede a Receita como dese no Seo L. ^o a p. 12 v. 36/8 e ¼ a esta despeza, asquais ficão em poder do novo adminis trador o Cap. Igna. ^o Glz' Pr.a o P. ^e Fran. ^{co} de Paula Naicentes	36 4 Soma 935 ¼

De[spesa] que tenho feito desde o pr[imeir].o de Agosto de 1773

P[or]. que dey ao R[everendíssimo]. D[outo].r Vig[ari].o da Vizita, contas, e Provizão p[ar].a Benzer a cap[e].la mor 7 ¼ 4			
P[or]. que dey por hum barril de vinho branco p[ar].a a missa	6	¼	5
P[or]. que dey a João Antunes de Carvalho resto da talha da tribuna do S[e]n[ho]r.	345	½	5
P[or]. que dey a Fr[ancisco]. Amaro da Sacra Família de frete, e carretos das pedras / tiras, minas, e cal que mandei vir p[ar].a a cap[e].la do S[e]n[ho]r.	2	½	5
P[or]. que dey ao M[estr].e Pedr.o Antonio Carvalho de Azevedo de reboques / e [tillado] do Corpo da capela	64		
P[or]. Que dey a A[---] G[onça]l[ve]z' Roza, e o Seu Filho João G[onça]l[ve]z Roza a / Conta da [rematação] da obra da capella	131		
P[or]. que dey a Dom[ingo].s de Ar[aúj].o Barros por ordem de Antonio G[onça]l[ve]z Ro/za e Seu filho a conta da Rematação da [o]bra da capella	166	½	6
P[or]. que dey a Bernardo Pires da S[ilv].a M[estr].e Pintor a conta da pintura / da capella mor	166		
P[or]. que dey a Jacinto Pr[ad].o Rib[ei]r.o Mercador que conta da Sua [---] / p[ar].a vestuário da gente da caza 1774	14	½	3
P[or]. que dey a Dom[ingo].s Mont[ei]r.o Feitor de Sua porção	40		
P[or]. que dey por duas bruacas de Sal	6		
P[or]. que dey ao M[estr].e Pintor Bernardo Pires da S[ilv].a resto da pintura da cap[e].la mor	334		
Pello q[ue] dey ao d[it].o de acessimos	134		
Pello q[ue] dey ao M[estr].e Carapina João G[onça]l[ve]z' Roza pella factura do oratório da Sacristia	65		
Pello q[ue] dey ao d[it].o mais pello aparelho das cortinas da tribuna	8		
Pello q[ue] dey ao M[estr].e Faustino [] p[ara]. [] o trono, e mais obra[s] 1775	2	¼	
Pello q[ue] dey ao P[adr].e Luiz Joze por dous Sermões p[ar].a a d[it].a festivid[ad].e	78	¾	
Por duas toxas	5		
Por luão de Cofre p[ar].a as cortinas do Retabolo do altar mor	24	¾	
Por tafetá p[ar].a as cortinas da boca da tribuna e mais Lo	26	½	7
Por ferrage[m] p[ar].a a capella aoferryro Ant[oni].o de Olive[i]r.a	15	½	1
Pello que dey a Jacinto Pr[ad].o Ribeir.o para o vestuario da Caza	26		1
Pello q[ue]' dey a Antonio da Conta da faz[en]d.a p[ar].a vestuário da Caza	21		7
Pello que dey de [] a enterro na Matriz, e Capella dos Geraes	10		
Pello que dey ao M[estr].e Pedr.o Ant[oni].o Alex[andr].e da Cunha pello concerto de hu[m] cunhal	12		

Pello que dey ao M[estr].e ferreiro José Roiz Collar de ferrage[m] p[ar].a a tribuna	6 ½
Pello que dey a hum homem do [] por 6 bruacas de Sal p[ar].a gastos da Caza	17 ½
	187 6 1 //9
Vem da Lauda Em frente	187 6 ¾
Pello q[ue] dey da[s] tintas e oleo de Linhassa p[ar].a as portas e janelas da cap[e].la	36 ¾
Por hú[m] barril de V[inh].o branco p[ar].a as missas	6 ¼
Pello q[ue] dey a Miguel G[onça]l[ve]z' de [---]	2 ¼
Pello q[ue]. dey a Domin[g].os Al[ve]z de carne p[ar].a a caza	9 ¾
Pello q[ue]' mandey p[ar].a o Rio de Jan[ei]r.o a José Roiz a conta p[ar].a obra / do ornam[en].to que mandey fazer p[ar].a o S[e]n[ho]r.	201 ¾ 2
Pello q[ue] paguey de dízimos da faz[en].da dos Geraes	42 ½
Pello que paguey a hú[m] homem do cam[ércio]. de 11 bruacas de Sal p[ar].a / a fazenda dos Geraes	33 ½
Pello q[ue] pagey mais de 12 bruacas de Sal p[ar].a a d[it].a faz[en].da	36 ½
Soma a despezas Salvo erro	2:340 2
Esta despeza he o que tenho feito desde o pr[imeir].o / de Agosto de 1773 em thé hoje 31 de Dezembro <u>de 1775</u>	
Custodio g[onça]l[ve]z' de []	
Declaro que a lampada de prata que Se acha na capella a mandey / fazer no Rio de Jan[eir].o e costou 502\$000 ½ os quais já estão pagos de / esmollas que tires pellos fizer p[ar].a a d[it].a obra	502\$000 ½
Declaro que o ornamento que mandey fazer no Rio de Jan[ei]r.o / p[ar].a o S[e]n[ho]r' de Matozinhos por via de José Roiz da Costa e ao d[it].o já / Remetti 584\$000 ½ das esmollas que os devotos [] na feição / que se fez no dia da Sua collocação Serão	584\$000 ½
Despeza q[ue] Se fes desde o pr[imeir].o de Jan[ei].r[o] de 1776	
1° P[elo]. Que dey a Ant[oni].o da Costa pella Lâmpada do S[e]n[ho]r. e [---]	418 ¼ 3
2° P[elo]. Que dey em 29 de Mayo a João de Carvalhaes de dourar o Altar de S[anto]. Ant[ôni].o	109 ¼ 4
3° P[elo]. Que dey em 6 de Junho a Bernardo Pires da S[ilv].a de dourar o Altar de S[ão]. Fr[ancis].co e das palmas	146 ¼ 2
4° P[elo]. Que mandey p[ar].a o Rio de Jan[ei]r.o a José Roiz p[ar].a o Resto do ornam[en].to do S[e]n[ho]r. / Pello	

R[everendíssimo]. Vig[ari].o da Cachoeira M[anu].el José da Oliveira em 16 de Junho 270\$734 ½

225 ½ 3

899 ½ 4

Esta he a despeza que se fes desde o pr[imeir].o de Jan[ei].r.o deste prez[ent].e anno / de 1776 a thé 19 de Junho do d[it].o anno em cujo dia faleceo o admi/nistrador Custodio G[onça]l[ve]z' de Vasc[oncel].os, e excede a Receita como des[s]e no Seo L[ivr].o / a p[ágina]. 12 v[erso].

36/8 e ¼ a esta despeza, as quais ficão em poder do novo adminis/trador o Cap[itão]. Igna[ci].o G[onçal]l[ve]z' Pr[ad].o	36	4
o P[adr].e Fran[cis].co de Paula Naicentes		
Soma	935	¼

Despesa que tenho feito desde o primeiro de agosto de 1773.

Por que dei ao reverendíssimo doutor vigário das visitas, contas e provisão para benzer a capela mor.	7	¼	4
Por que dei por um barril de vinho branco para a missa.	6	¼	5
Por que dei a João Antunes de Carvalho do resto da talha da tribuna do Senhor.	345	½	5
Por que dei a Francisco Amaro da Sacra Família, de frete e carretos das pedras, tiras, minas e cal que mandei vir para a capela do Senhor.	2	½	5
Por que dei ao mestre Pedro Antonio Carvalho de Azevedo de reboques e [tillado] do Corpo da capela .	64		
Por que dei a A[---] Gonçalvez Roza e o seu filho João Gonçalvez Roza a conta da rematação da obra da capela.	131		
Por que dei a Domingos de Araújo Barros por ordem de Antonio Gonçalvez Roza e seu filho a conta da rematação da obra da capela.	166	½	6
Por que dei a Bernardo Pires da Silva mestre pintor a conta da pintura da capela mor.	166		
Por que dei a Jacinto Prado Ribeiro mercador que conta da Sua [---] para vestuário da gente da casa.	14	½	3

1774.

Por que dei a Domingos Monteiro feitor de sua porção.	40
Por que dei por duas bruacas de sal.	6

Por que dei ao mestre pintor Bernardo Pires da Silva do resto da pintura da capela mor.	334
Pelo que dei ao dito de acrescemos.	134
Pelo que dei ao mestre carapina João Gonçalves Roza pela fatura do oratório da sacristia.	65
Pelo que dei ao dito mais pelo aparelho das cortinas da tribuna.	8
Pelo que dei ao mestre Faustino [] para [] o trono e mais obras.	2 ¼

1775

Pelo que dei ao padre Luiz José por dois sermões para a dita festividade.	78 ¾
Por duas tochas.	5
Por luão de cofre para as cortinas do retábulo do altar mor.	24 ¾
Por tafetá para as cortinas da boca da tribuna e mais [---].	26 ½ 7
Por ferragem para a capela ao ferreiro Antonio de Oliveira.	15 ½ 1
Pelo que dei a Jacinto Prado Ribeiro para o vestuário da casa.	26 1
Pelo que dei a Antonio da conta da fazenda para vestuário da casa.	21 7
Pelo que dei de [] a enterro na matriz e capela dos gerais.	10
Pelo que dei ao mestre Pedro Antonio Alexandre da Cunha pelo concerto de um cunhal.	12
Pelo que dei ao mestre ferreiro José Roiz, pelo colar de ferragem para a tribuna.	6 ½
Pelo que dei a um homem do [] por 6 bruacas de sal para gastos da casa.	17 ½
	187 6 1 //9
Vem da lauda em frente;	187 6 ¾
Pelo que dei das tintas e óleo de linhaça para as portas e janelas da capela.	36 ¾
Por um barril de vinho branco para as missas.	6 ¼
Pelo que dei a Miguel Gonçalves de [---].	2 ¼
Pelo que dei a Domingos Alves de carne para a casa.	9 ¾
Pelo que mandei para o Rio de Janeiro a José Roiz a conta para obra do ornamento que mandei fazer para o Senhor.	201 ¾ 2
Pelo que paguei de dízimos da fazenda dos gerais.	42 ½
Pelo que paguei a um homem do comércio de 11 bruacas de sal para a fazenda dos gerais.	33 ½

Pelo que paguei mais de 12 bruacas de sal para a dita fazenda.
Soma a despesas salvo erro.

$36 \frac{1}{2}$
 $2:340 \quad 2$

Esta despesa é o que tenho feito desde o primeiro de agosto de 1773 até hoje 31 de dezembro de 1775.
Custodio Gonçalves

Declaro que a lâmpada de prata que se acha na capela, mandei fazer no Rio de Janeiro e custou 502\$000 $\frac{1}{2}$, os quais já estão pagos de esmolas que tirei pelos fazer para a dita obra.

502\$000 $\frac{1}{2}$

Declaro que o ornamento que mandei fazer no Rio de Janeiro para o Senhor de Matozinhos por via de José Roiz da Costa e ao dito já remeti 584\$000 $\frac{1}{2}$ das esmolas que os devotos [] na feição que se fez no dia da sua colocação serão

584\$000 $\frac{1}{2}$

Despesa que se fez desde o primeiro de janeiro de 1776.

1º pelo que dei a Antônio da Costa pela lâmpada do Senhor e [---].

418 $\frac{1}{4} \quad 3$

2º pelo que dei em 29 de maio a João de Carvalhaes de dourar o altar de santo Antônio.

109 $\frac{1}{4} \quad 4$

3º pelo que dei em 6 de junho a Bernardo Pires da Silva de dourar o altar de são Francisco e das palmas.

146 $\frac{1}{4} \quad 2$

4º pelo que mandei para o Rio de Janeiro a José Roiz para o resto do ornamento do Senhor pelo reverendíssimo vigário da Cachoeira Manuel José da Oliveira em 16 de Junho 270\$734 $\frac{1}{2}$.

$\frac{225}{899} \frac{1}{2} \quad \frac{3}{4}$

Esta é a despesa que se fez desde o primeiro de janeiro deste presente ano de 1776 até 19 de junho do dito ano, em cujo dia faleceu o administrador Custodio Gonçalves de Vasconcelos, e excede a receita como desse no seu livro à página 12 verso, $\frac{36}{8}$ e $\frac{1}{4}$ a esta despesa, as quais ficam em poder do novo administrador o capitão Ignacio Gonçalves Prado.

36 $\frac{4}{8}$

O padre Francisco de Paula Nacentes

Soma

935 $\frac{1}{4}$

Transcrito por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 21 de maio de 2010.

Revisado por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 28 de maio de 2009.

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

**Termo que fazem os off. da Irmd.ª do S.º Sacram.º de
decepção dos Paynes e douram.º feito na Capela
Mor, como abaixo deve²⁴¹ –**

5

10

15

20

Aos 9 de Feve.º de 1774 Sendo no Consistorio desta Matriz de Nossa Se-
nhorado Pilar do Ouro Preto, onde se achavam presentes o Reverendo D.ºr Antonio
Correa Mayrique vigario collado na mesma Matriz, como poderes, e Comiçam
do Irmão Provedor actual o Cap.ºm M. Joze Alvi Maciel, e presentes os mais officiais
da mesma Irmandade, ahi apareceram presentes o R.ºdo D.ºr Antonio de Meyreles Rebelo,
e João Nepomuceno Correa, aquele por parte desta Irmand.ª, e este pelo do Rematante João
de Cavalhaes, e Sendo pelo Irmão Procurador actual Antonio Joze [---] Correa Repre-
sentado, que vinhão convidados os ditos pintores, para verem, e examinare[m] a obra de
pintura e douramento que se achava feito na dita Capela Mor, e que dos painéis em que
estão pintados os Evangelistas, huns dizem estam de morte cor, e outros, que tam as cores
muito impróprias, e que o d.º Rematante João de Cavalhaes, dizia que mandara fazer
os ditos painéis por Bernardo Pires, e que este estava para se auzentar, e pedia a Meza
actual examinasse os ditos painéis e achando-os bons lhos aceite, e não lhe agradando
retocasse os defeitos, para os mandar aperfeiçoar; o que ouvido pelos ditos, Respondeo
o Reverendo Doutor Antonio de Meyreles Rebelo, que na verdade entendia, estavam as d.ªs
pinturas bem feitas, e bem pintadas, e que se podião aceitar, com declaração que a pintura

²⁴¹. **AHEPP**. Termo que fazem os Irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento da aceitação dos painéis e douramento feito na capela mor da matriz de Nossa Senhora do Pilar, 9 de fevereiro de 1774. In: Livro de termos da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Ouro Preto. f. 139 v.. Volume 224.

do Evangelista S. João, não parecia bem com dezerem as Roupas como orizonte do mesmo
 paynel, e que era justo Se emendasse aquele erro, dando-lhe hum azul escuro, e que
 Sedavão avivar melhor Huas Espigas de trigo que Se achavão pintadas em hum Largo
 25 do entre meyo datahada Capela Mor, e que tudo o mais achava bom. E perguntando se
 a João Nepomuceno Correa, que tal estava o Douramento, e mais pinturada Capela
 Mor, na parte que feita estava, depois de ver as condições, Respondeo que em tudo
 estava conforme as ditas condições, e com exceção de melhora, Louvando tambem
 30 os ditos painéis na forma dita. En esta forma depois de emendados os defeitos Re
 feridos, Sedarão os ditos officiaes por entregues das ditas pinturas, e douramentos
 naquelaparte que feitos estão, o que na Realidade Boa estão pelo presente
 termo, ficando o d.º Rematante desobrigado na dita parte da pintura e douram.¹⁰
 feito, e a Irmandade correndo-lhe o Risco; ficando outro Sim o dito Rematante
 obrigado a fazer o mais pintura e douramento que lhe falta na forma das con
 35 dicioens e Escripura, e para contas do Referido mandarão Lavrar o presente
 termo que todos a Sinarão, com declaração que não a Sinou o R. D.º Meyreles por
 aver peja[---]re me falar não, e vir de favor ver as ditas pinturas [] instaneas do Irmão
 Procurador, por não aver nestas m.^{tas} da mesma Arte que o padecem fazer, mais
 40 que o d.º João Nepomuceno, e Eu o P. João Carvalho da Roza Escrivão
 da Irmandade, que os subs Escrevi e Acignei.

P.º João Carv.º da Roza

Joze Alves Maria

Como lolvado de doirado e Pintura da Capella mor da Matriz da
 Capella de N.ª S. Dopilar, do ouro Preto. João Nepomuceno Corr.ª Cª
 45 Fica aos 2 de Fr de 1774.

Domingos da Silva

Antonio Joze Muí Correa
 Pro.º cur// 139 v.

Termo que fazem os off.[iciais] da Irm[an]d[ad].e do S[antíssi].mo Sacram[en]to / de aceitação dos Paynes e douram[en].to feito na Capela / Mor, como abaixo deve–

Aos 9 de Feve[reir].o de 1774 Sendo no Consistorio desta Matriz de Nossa Se/nhora do Pilar do Ouro Preto, onde Se achavam presentes o Reverendo D[out].or Antonio / Correa Mayrique vigario collado na mesma Matriz, com os poderes, e Comiçam / do Irmão Provedor actual o Cap[ita].m M[anuel]. Joze Alvi[s] Maciel, e presentes os mais officiais / da mesma Irmandade, ahi apareceram presentes o R[everen].do D[out].or Antonio de Meyreles Rebelo, / e João Nepomuceno Correa, aquele por parte desta Irmand[ad].e, e este pelo do Rematante João / de Cavalhaes, e Sendo pelo Irmão Procurador actual Antonio Joze [---] Correa Repre/sentado, que vinhão convidados os ditos pintores, para verem, e examinarem a obra de / pintura e douramento que Se achava feito na dita Capela Mor, e que dos painéis em que / estão pintados os Evangelistas, huns dizem estam de morte cor, e outros, que [es]tam as cores / muito impróprias, e que o d[it].o Rematante João de Cavalhaes, dizia que mandara fazer / os ditos painéis por Bernardo Pires, e que este estava para Se auzentar, e pedia a Meza / actual examinace os ditos paineis e achando-os bons lhos aceite, e não lhe agradando / retocacem os defeitos, para os mandar a perfeição; o que ouvido pelos ditos, Respondeo / o Reverendo Doutor Antonio de Meyreles Rebelo, que na verdade entendia, estavam as d[it].as / pinturas bem feitas, e bem pintadas, e que Se podião aceytar, com declaração que a pintura / do Evangelista S[ão]. João, não parecia bem comederem as Roupas com o horizonte do mes/mo paynel, e que era justo Se emendace aquele erro, dando lhe hum azul escuro, e que / Se davão avivar melhor Huas Espigas de trigo que Se achavão pintadas em hum Largo / do entre meyo da talha da Capela Mor, e que tudo o mais achava bom. E perguntandose / a João Nepomuceno Correa, que tal estava o Douramento, e mais pintura da Capela / Mor, na parte que feita estava, dipois de ver as condições, Respondeo que em tudo / estava conforme as ditas condições, e com exeção de melhoria, Louvando também / os ditos painéis na forma dita. E nesta forma e dipois de emendados os defeitos Re/feridos, Se darão os ditos officiais por entregues das ditas pinturas, e douramentos / naquela parte que feitos estão, o que na Realidade Boa estão pelo presente / termo, ficando o d[it].o Rematante desobrigado na dita parte da pintura e douram[en].to / feito, e a Irmandade correndo lhe o Risco; ficando outro Sim o dito Rematante / obrigado a fazer o mais pintura e douramento que lhe falta na forma das com/dicoenz e Escripura, e para contas do Referido me mandarão Lavrar o presente / termo que todos aSinarão, com declaração que não aSinou o R[everendo]. D[out].or Meyreles por / aver peja[---]re²⁴² Me falar niço, e vir de favor ver as ditas pinturas [---]instaneas²⁴³ do Irmão / Procurador, por não aver nestas m[ui].tas da mesma Arte que o padecem fazer, mais / que o d[it].o João Nepomuceno, e Eu o P[adre]. João Carvalho da Roza Escrivão / da Irmandade, que o subs Escrevi e Acignei.

P[adr].e João Carv[alh].o da Roza

Joze Alves Maria

²⁴². Esse trecho está ilegível.

²⁴³. Esse trecho está ilegível.

Como lolvado de doirado e Pintura da Capella mor da Matriz da / Capella de N[oss].a S[enhora]. Do pilar, do ouro Preto. João Nepomuceno Corr[e].a Ca[stro]
Fica aos 9 de F[evere]i[r]o de 1774.

Domingos da Silva

Antonio Joze Muí Correa

Pro.cu[rado]r// 139 v.

Termo que fazem os oficiais da irmandade do Santíssimo Sacramento de aceitação dos painéis e douramento feito na capela mor, como abaixo deve;

Aos 9 de fevereiro de 1774 no consistório desta matriz de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto, onde se achavam presentes o reverendo doutor Antonio Correa Mayrique, vigário colado na mesma matriz com os poderes e comissão do irmão provedor atual, o capitão Manuel Joze Alvis Maciel, e presente os mais oficiais da mesma irmandade. Aí apareceram presentes o reverendo doutor Antonio de Meyreles Rebelo e João Nepomuceno Correa, aquele por parte desta irmandade, e este pelo do rematante João de Cavalhaes, e sendo pelo irmão procurador atual Antonio Joze [---] Correa representado, que vinham convidados os ditos pintores para verem e examinarem a obra de pintura e douramento que se achava feito na dita capela mor. Dos painéis em que estão pintados os evangelistas, uns dizem estão com cor de morte e outros que estão as cores muito impróprias, o dito rematante João de Cavalhaes dizia que mandara fazer os ditos painéis por Bernardo Pires, e que este estava para se ausentar, pedindo a mesa atual que examina se os ditos painéis e achando-os bons os aceitasse, não lhe agradando retocassem os defeitos, para mandar a perfeição. Ouvido pelos ditos, respondeu o reverendo doutor Antonio de Meyreles Rebelo que na verdade entendia, estavam as ditas pinturas bem feitas e bem pintadas, e que se podiam aceitar com declaração que a pintura do evangelista São João não parecia bem condizerem as roupas com o horizonte do mesmo painel, e que era justo se emendasse aquele erro dando lhe um azul escuro, além de avivar melhor umas espigas de trigo que se achavam pintadas em um largo entre o meio da talha da capela mor, tudo o mais achava bom. E perguntando se a João Nepomuceno Correa que tal estava o douramento e mais pintura da capela mor na parte que feita estava, depois de ver as condições, respondeu que em tudo estava conforme as ditas condições, com exceção das melhorias, louvando também os ditos painéis na forma dita. E nesta forma e depois de emendados os defeitos referidos se darão os ditos oficiais por entregues as pinturas e douramentos naquela parte que feitos estão, o que na realidade boa estão pelo presente termo, ficando o dito rematante desobrigado na dita parte da pintura e douramento feito, e a irmandade correndo lhe o risco. Ficando assim o dito rematante obrigado a fazer a pintura e douramento que lhe falta na forma das condições e escritura, e para contas do referido me mandarão lavar o presente termo que todos assinaram, com declaração que não assinou o reverendo doutor Meyreles

por haver peja[---]re²⁴⁴ me falar nisso, e vir de favor ver as ditas pinturas [---]instaneas²⁴⁵ do irmão procurador, por não haver nestas muitas da mesma arte que o padecem fazer, mais que o dito João Nepomuceno e eu o padre João Carvalho da Roza escrivão da irmandade, que o sub escrevi e assinei.

Padre João Carvalho da Roza

Joze Alves Maria

Como louvado do doirado e pintura da capela mor da matriz de Nossa Senhora do Pilar, do Ouro Preto. João Nepomuceno Correa Castro.
Fica aos 9 de Fevereiro de 1774.

Domingos da Silva

Antonio Joze Muí Correa
Procurador.

Transcrito por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 11 de setembro de 2009.

Revisado por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 02 de outubro de 2009.

²⁴⁴. Esse trecho está ilegível.

²⁴⁵. Esse trecho está ilegível.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

DOCUMENTO N.º 6

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

5 R.^{ce} do S. Alferes Luiz da Costa²⁴⁶ 4 8 ½ qme pagou de
inCarnar a St.^a Imagem de N. S.^{ra} da Conceição da
qual [---] ep.^r estar pago lhe passei 4 ½
este [So mt.^e] p.^r mim assignado. Mn.^a a 30 de Janr.^o de 77
João Nepomuceno Corr.['] Castro

R[e].ce[bi] do S[enhor]. Alferes Luiz da Costa 4 8 ½ q[ue] me pagou de / inCarnar²⁴⁷ a S[an]t.a Imagem de N[ossa]. S[enho].ra da Conceição da / qual [---] e p[o].r estar pago lhe passei / este [Som[en]t.e] p[o].r mim assignado. M[aria]n.a a 30 de Jan[ei]r.o de [17]77
João Nepomuceno Corr[ea]. Castro

Recebi do senhor alferes Luiz da Costa 4 oitavas e ½²⁴⁸ que me pagou de encarnar a santa imagem de Nossa Senhora da Conceição, da qual [---] e por está pago lhe passei este somente por mim assinado. Mariana a 30 de janeiro de 1777.
João Nepomuceno Correa Castro

²⁴⁶. **AEAM**. Recibo por encarnar a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Catedral de Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana, 30 de janeiro de 1777. *In*: Livro de fábrica da Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Mariana. f. 30. Prateleira P, livro número 25.

²⁴⁷. “Encarnação; termo de pintor A côr da carne em todas as partes nuas de hum corpo pintado” *in*: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v. 3, p. 208. “Encarnar: Dar cor de carne a pinturas ou imagens, aplicando polimento às partes do corpo que devem aparecer” *in*: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 143.

²⁴⁸. No manuscrito, em margem direita, lê-se: 4 oitavas e meia de ouro.

Transcrito por: José Arnaldo Coêlho de Aguiar Lima
Em: 17 de junho de 2009.

Revisado por: Hudson Lucas Marques Martins.
Em: 18 de agosto de 2009.

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

		[---] Despeza que tenho pago desde opr.º de Outubro de 1777 ²⁴⁹ em thé		
		Recibos Oultimo de Ferv.º de 1779		
5	1º	P. que dei ao M.º Pedr.º Gomes de Maya Brito e o seos off.ºs de pormaõs da pedreira	58 [---]	
	2º	P. que dei a Antonio Domingues de gasto que se fizerão com a serrage do taboado p.ª os andaimes e construções.	25 ½	
10	3º	P. que dei a Antonio Maria de Jesus, de Cozturaz e Lavagem de Roupa da Capella	1[---] ^{3/4}	
	4º	P. 38\$778 que dei a A[---]º da Cozta p. m. vir R.º fitas p.ª medidas em oiro	2 ½	5
15	5º	P. que ao M.º Carapina Manoel Marques de fazer os andaimes p.ª apintura P. que dei ao Secretario da recita da Capella	5 ½ 7 ½	4
20	6º	P. 371\$79 De que dei a Joze Roiz da Costa a conta do que mandou vir do Rio de Janr.º tintas, ovo, e outras miudezas p.ª a Capella em oiro P. que dei ao Al[---] Castro da viagem de cal. a obra do adro P. que dei ao [---] // 12	30 ¾	2
			85 [---]	

²⁴⁹. **AEAM**. Despesas do santuário Bom Jesus de Matosinhos, outubro de 1777 a 1801. In: Livro 1º de despesa do santuário de N. S. Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo. f. 12v, 13, 13 v.. Prateleira H, código 26.

		Vem daLauda atras	545 ½	1
		P. que dei por huã [Goveizão] conta sepulturas na[---] ag. ^{te} dacaza	3 ½	
25		P. que dei aJoão Rz. daBraga depror para os ortoxciros	3 ½	
	8°	P. qu dei aJoze de Souza Velloso deCarreto,do q' trouxe do Rio p. ^a a cap. ^{la}	12 ¾	
	9°	P. que dei ao Ferreiro João daCunha de ferrage p. ^a a cap. ^{la} ecaza do Snr.	26	
		P. hum barril devinho branco para asmissas	6	
	10°	P. eu dei ao M. ^e M. ^{el} Rioz Coelho de fazer ocaixão mais obras para a capella como conzta do Recibo	452 ½	6
30				
	11°	P. que dei ao Guarda Mor João Nepomuceno aconta da Pintura doCorpo dacapella	292 ¾	2
	12°	P. q dei ao M. ^e Pedro. ^o Gomes deMaya Brito a conta do ajuzte do adro	107 ¾	
35	13°	P. que dei aManuel Caetano Pr. ^a caxeta de gastos dessua venda p. ^a acaza	8	
	14°	P. que dei ao M. ^e Pedr. ^o Gomes deMaya eaos seos camarada dejornais dapedreira	48	3
		P. que dei defarinha p. ^a ogasto dacaza eofficiais	16 ½	
		P. toussinhos e miudezas para a caza eofficiais	24	3
		P. Coatro Surrões de Sal p. ^a o gosto da caza	11 ¾	
40		P. Carne de vaca para ogasto dacaza	13 ¾	4
		Este he a despeza que tenho feito desde o pr. ^o de Outubro de 1777 em te ultimo de Fevr.o de 1779.	1:573 ¼	6
		AgnacioPzPr. ^a		
	[---]			
45		Despeza decaza do Snr. deMatosinhos des o pr. ^o demarco de 1779 em té ultimo de Dezembro de 1782		
		P. que dei ao R. Vigr. ^o da Dezobriga dacaza do Smr. este anno de 1779	2 ¼	
	1°	P. q' dei ao Ferreiro Joze Gomes daS. ^a asferrage p. ^a acaza do Snr.		
50	2°	P. que dei ao Pintor João Nepomuceno resto do pr. ^o ajuzte dapinturadaCapella	36 ¾	1
		P. que dei por hum barril de azeite de mamano p. ^a ogazto dacaza	1 ¼	
	3°	P. que dei ao carapina João Gls. Roza de obras que fez p. ^a a capela	2	

	4°	P. que dei ao viajante Antonio de Abreu por hum barril devinho p. ^a asmissas	3	
		P. que dei por huã pano de V. ^o p. ^r ogasto dacaza	1 ½	
55	5°	P. que dei aJoze daSylv ^a Coelho de Serrage de taboado para acapella	70 ½	7
	6°	P. que dei ao Vereador Antonio daCosta defazenda [---] p. ^a ovistuario da caza	36 ½	6
	7°	P. que dei ao Carapina que ajudou a serrar o taboado Fran ^{co} CorreaCampos	10 ½	
	8°	P. que dei ao M. ^e [---] Ro[---] Brito aconta do ajust do adro	83 ½	
		P. três [---] deSal p. ^r o [---] da caza ahún viajante	9 ¼	4
60		P. [---] barril de azeite para gasto decaza	1	4
	9°	P. dei as Carapina Gomes de Syv[---] consertar ascazas	16 ¼	
	10°	Porque ao R. Coneg. Mag. ^{al} João Roiz [---] p. ^r pagar os gastos de 3 breves [---]	808 ½	
		[---]	1 ½	
		[---]	1 ¼	
65		<i>// 12 v.</i>	396	
		Em daLeda emfrente	396 ½	
	11°	P. dei ao [Terfo] Baltazar Jorge de Olivr. ^a por retalhar aCapela	18 ¼	4
70	12°	P. que dei ao river Dom. ^{os} Alves. deAr. ^o por hun plandor e húa coroa de prata	8 ¾	2
	13°	P. que dei aD. Ant. ^o Sl. ^a de Jezus dejornal doSeo escravo Carapina que ajudou aSerrar	12	
		P. que paguei mais da farinha e fuba p. ^a o gasto dacaza em varias mãos	2	
		Anno de 1780		
75	14°	P. que dei do viajnte Ant. ^o deAbreu por húa caixa de garrafas p. ^a o v. ^e das missas	11 ¼	
	15°	P. que dei ao R. Cônego Mag. ^{al} deLivro, escriptor, editais e outras despezas, que fez em opromotor nacamera Ecl. ^a 8 breves q. ^e vierão deRoma p. ^a capella	8	
	16°	P. que dei ao carapina Joaq. ^m Marques Fran. ^{co} de armar os andaimes para apinturadacap ^{La}	2 ¼	
80	17°	P. q. dei ao Pintor João Nepomuceno do ajuzte dapintura	166 ½	5
	18°	P. q dei ao Carapina Fran. ^{co} Correa Campos, de Serrage detaboado p. ^a acapella	8 ½	
		P does barris de azeite de mamona p. ^a pgasto da caza	2	

	19°	P. que de a Miguel Pardo forro de dour a. ^e que Serv. ^e acaza do Snr	25 ¼	
	20°	P. que ao M. ^e carapina M. ^{el} Roiz Coelho de forrar asparedes detoda a cap. ^{la} 50\$000	216 ½	
85	21°	P. q' ao Muzico Caetano Roiz daS. ^a do Concerto do Orgão	8	
		P. q. de Missa cantada no dia emq' sepublicarão osObitos	2	
		P. que segeitou de Sera p. ^a at. ^e função	8 ½	
		P. que dei a música	4	
		P. q' dei por duas Termos [---] defazer varios cadernos atrelados degraças	4	
90		P. que dei a 10 RR. P. que assitirão afunção de tres deMayo dopres. ^e anno	30	
	22°	P. que dei a João Miranda pello Órgão dacapella 100\$000 de oiro são	83 ¼	
		P. que dei pella missa cantada nasseção de 14 de D. ^{bro} e a 11. Sacerdotes quesetirão	20	
	23°	P. q' ao M. ^e Pedr. ^o [---] MayaBrito p. ^r abrir nasparedes osburacos p. ^a seassentar aobra	44	6
		P. [---] deSal p. ogasto da caza egado	6	
95		P. [---] panos det. ^e p. ^a o gasto da caza	3	
		P. Seis atg. ^e de farinha	1 ½	
	24°	P. q. dei ao ferreiro João da Cunha Sobr. ^a de obrar acapela	31 ½	4
		P. [---] barril deazeite de mamona p. ^a a caza	1 ½	
	25°	Pq' dei a Jose daSylar. ^a de jornaes deSeos escravos que andarao no dezaterro dacapella	6 ½	
100				
	26°	P. que dei aoRev. ^o Joze deNazareth de curativos e remedios p. ^a os doentes da caza	6	
	27°	P. que dei depão oefermo Marci[---] Jezus p. ^a o doente da caza	4 ½	
		P. q. dei ao M. ^e Pedr. ^o Gomes deMaya Brito de fazer as [Relas] de arame p. ^a assentar	20 ¾	
	29°	P. q. dei ao carniceiro Diogo Duarte de carnep. ^a a caza	2 ¾	4
105	30°	P. que dei aoFerr. ^o João dacunha Sobr. ^a defeitura [---] grades p. ^a assentar dacap. ^{la}	24	
		P. que dei por hum barril de azeire de mamona [---] acaza	2	
		P. que dei ao R. Capellão dacaza da suaporção emissa dos domingos edias santos		
		Menção dos bom feitores dacaza Imr. Vivos, e defuntos finda a 13 de 8. ^{bro} deste anno		
		comta dasua certidão que [---] Livro afolhas	100	
110				
		P. hua bruaca de[---] que como [---] viajante p. ^a a caza egado	3	2
		P. Seus panos daN. ^a e banhos p. ^a o gasto da caza	4	
		P. que paguei em varias mãos de farinha fubá emilho p. [---] da caza		

		P. q. paguei ao R. ^o [---]a dezobriga da caza	4	
		Anno de 1781		
115	[---]	P. q. ao M. ^e Pedr[---] Maya de [---]de oiro	96 ¼	
		//13	1: [---]27 ½	6
		Vem da Lauda atraz	1:627	6
	32°	P. que dei ao carniceiro Diogo Duarte Couras, decarne p. ^a acaza	13	6
	33°	P. que dei ao Alf. ^{er} Sylvestre Frr. ^a daS. ^a o calpreta p. ^a asobras da capella	35	1
120	34°	P. que dei a M. ^e Pedr. ^o Gomes deMaya Brito do Seo ajuste do adro	36	4
		P. duas bruacas de Sal ahú viajante p. ogasto dacaza, egado	6	4
		P. hum barril de azeite demamona	1 ¾	
		P. 6 alq. ^{er} defarinha para ogasto dacaza	[---] ½	
		P. hú pano det. ^o e húa Roupa de cunho	3	
125	35°	P. q. dei ao cap. ^m Joze Roiz daCosta 162\$960 para o contador ornam. q' mandou do Rio	135 ¾	3
	36°	P. que dei a o boticário Pedro deFreitas Rocha de remédio p. ^a os doentes dacaza	12 ¼	
		P. duas bestas defarinha	1 ½	
		P.hum barril deazeitede mamonas	1 ½	
130		P. que dei ao R. Capellão da[---] do Snr. o P. ^e João Ribei. ^{ro} Roza da Sua porção e missas das sextas p. ^a [---] perfeição dos Irmãos, vivos, edefuntos venei rada a 17 de julho do prez. ^e anno de 41 aconta dadas cartidão neste L. ^o a 138	80	
	37°	P. quedei ao M. ^e Pedr. ^o Gomes deMaya Brito dejornais seos, deofficiaes, eaescravos Negros que andão na pedr. ^e	163 ¾	
135	38°	P. que dei ao Pintor Manoel da CostaAtayde deencarnar duas Imagens de Christo	8	
	39°	P. quedei David Vir. ^o Urzedo do concerto das cortinas da capella	¾	
	40°	P. que dei ao Pintor M. ^{el} da Costa Atayde de dourar e pintar 20 medi[---]	2 ½	
		P. que dei ao R. capellão da caza de sua porção emissa dos domingos e diassantos menção dos bemfeitores acomta daSua certidão neste L. ^o f. 138	100	
140	41°	P. que dei a João de Carvalhas de feitio de duas Imagens de Christo, [---]	8	
	42°	P. que dei ao pintor João Nepomuceno 304\$947 aconta dos [---] ajuste	256 ½	4
	43°	P. que dei ao sinero M. ^{el} JozeGomes Frr. ^a p. ^a [garrida] p. ^a acap. ^{la} efr. ^a Euzébio da		

		Costa pello badalo dad. ^a quietudo consta em hú mesmo recibo como deve	30	4
	44°	P. que dei ao mercado Vicente Fr. ^a deAndra. ^a defazenda p. ^a acaza	45 ¼	1
150	45°	P. que dei ao mascate Roberto Fran. ^{co} Roíz de fazenda seu p. ^a [---]	45 ¼	1
	46°	P. que dei a David Ver. ^a Urzedo depão p. ^a doentes dacaza	7 ¾	6
		P. quedei a 8 R.R. Pr. ^e de assitirem afunção de 3 de Myao ea 10 de mais que Assitirão afunção de 14 deSetembro do prez. Anno de 1783	[---]	
	47°	P. que dei aJoze daMota por húa aRoba debanha	[---]	
155	48°	P. que dei ao mercador Vicente Fr. ^a deAndr. ^e de fazenda sua p. ^a acaza	[---]	
	49°	P. que dei ao alfayate Bernado Nogr. ^a deAzevedo de obras feitas p. ^a acaza	6	2
	50°	P. que dei ao R. Cônego Mag. ^{al} João Roíz Corr. ^a de feitio ecoberta [---] deoro	1 ¾	
	51°	P. que dei ao Muzico Sylvestre Joze dacosta por vir tocar o órgão emhua função	4 ¼	
		P. humbarril deazeite [---] p. ^a acaza	1 ½	4
160		P. [---] farinha, fubá, emilho em varias mãos	7 ½	

Despeza que tenho pago desde o pr[imeir].o de Outubro de 1777 em thé / O ultimo de Fev[ereir].o de 1779

P[or]. que dei ao M[estr].e Pedr.o Gomes de Maya Brito e o seos off[icia].es de por mãos / na pedreira	58 [---]	
P[or]. que dei a Antonio Domingues de gasto que se fizerão com a Serrage / do taboado p[ar].a os andaimes e construções.	25 ½	
P[or]. que dei a Antonio Maria de Jezus, de Cozturaz e Lavagem de / Roupa da Capella	1[---] ^{3/4}	
P[or]. 38\$778 que dei a A[---]º da Cozta p[ara]. m[e]. vir R. ^o fitas p[ar].a medidas em oiro	2 ½	5
P[or]. que ao M[estr].e Carapina Manoel Marques de fazer os andaimes p[ar].a a pintura	5 ½	4
P[or]. que dei ao Secretario da rec[e]lita da Capella	7 ½	
P[or]. 371\$79 De que dei a Joze Roiz da Costa a conta do que mandou / vir do Rio de Jan[ei]r.o tintas, ovo, e outras miudezaz p[ar].a a Capella em oiro	30 ¾	2
P[or]. que dei ao Al[---] Castro da viagem de cal. a obra do adro		
P[or]. que dei ao [---]	85 [---]	//12
Vem da Lauda atrás	545 ½	1

P[or]. que dei por hu[m]ã [Goveizão] conta sepulturas na[---] ag. ^{te} da caza	3 ½	
P[or]. que dei a João R[oi]z. da Braga de pror para os [ortoxciros]	3 ½	
P[or]. qu dei a Joze de Souza Velloso de Carreto, do q[ue]’ trouxe do Rio p[ar].a a cap[e].la	12 ¾	
P[or]. que dei ao Ferreiro João da Cunha de ferrage p[ar].a a cap[e].la e caza do S[e]n[ho]r.	26	
P[or]. hum barril de vinho branco para as missas	6	
P[or]. eu dei ao M[estr].e M[anu].el Rioz Coelho de fazer o caixão mais obras para a / capella como conzta do Recibo	452 ½	6
P[or]. que dei ao Guarda Mor João Nepomuceno a conta da Pintura do Corpo / da capella	292 ¾	2
P[or]. q[eu] dei ao M[estr].e Pedro. Gomes de Maya Brito a conta do ajuzte do adro	107 ¾	
P[or]. que dei a Manuel Caetano Pr. ^a caxeta de gastos de ssua venda p[ar].a a caza	8	
P[or]. que dei ao M[estr].e Pedr.o Gomes de Maya e aos seos camarada de jornais da pedreira	48	3
P[or]. que dei de farinha p[ar].a o gasto da caza e officiais	16 ½	
P[or]. toussinhos e miudezas para a caza e officiais	24	3
P[or]. Coatro Surrões de Sal p[ar].a o gosto da caza	11 ¾	
P[or]. Carne de vaca para o gasto da caza	13 ¾	4
Este he a despeza que tenho feito desde o pr[imeir].o de Outubro / de 1777 em te o ultimo de Fev[erei]r.o de 1779.	1:573 ¼	6

Agnacio P[a]z Pr.^a

Despeza de caza do S[e]n[ho]r. de Matosinhos des o pr[imeir].o de marco de 1779 / em té o ultimo de Dezembro de 1782		
P[or]. que dei ao R[everendo]. Vig[a]r[i].o da Dezobriga da caza do S[e]m[ho]r. este anno de 1779	2 ¼	
P[or]. q[ue]’ dei ao Ferreiro Joze Gomes da S[ilv].a as ferrage p[ar].a a caza do S[e]n[ho]r.		
P[or]. que dei ao Pintor João Nepomuceno resto do pr[imeir].o ajuzte da pintura da Capella	36 ¾	1
P[or]. que dei por hum barril de azeite de mamano p[ar].a o gazto da caza	1 ¼	
P[or]. que dei ao carapina João G[onça]l[ve]s. Roza de obras que fez p[ar].a a capela	2	
P[or]. que dei ao viajante Antonio de Abreu por hum barril de vinho p[ar].a as missas	3	
P[or]. que dei por hu[m]ã pano de V. ^o p[o].r o gasto da caza	1 ½	
P[or]. que dei a Joze da Sylv ^a Coelho de Serrage de taboado para a capella	70 ½	7
P[or]. que dei ao Vereador Antonio da Costa de fazenda [---] p[ar].a o vistuario da caza	36 ½	6
P[or]. que dei ao Carapina que ajudou a serrar o taboado Fran[ci]sco Correa Campos	10 ½	
P[or]. que dei ao M[estr].e [---] Ro[---] Brito a conta do ajust[e] do adro	83 ½	
P[or]. três [---] de Sal p[o].r o [---] da caza a hún viajante	9 ¼	4

P[or]. [---] barril de azeite para gasto de caza	1	4
P[or]. dei as Carapina Gomes de Syv[---] consertar as cazas	16	¼
Porque ao R[everendo]. Coneg[o]. Mag. ^{al} João Roiz [---] p[o].r pagar os gastos de 3 breves [---]	808	½
[---]	1	¼
[---]	1	½
// 12 v.	396	

[V]Em da La[u]da em frente	396	½
P[or]. dei ao [Terfo] Baltazar Jorge de Oliv[ei]r.a por retalhar a Capela	18	¼ 4
P[or]. que dei ao [river] Dom[ing].os Alves. De Ar[auj].o por hun plandor e hú[m]a coroa de prata	8	¾ 2
P[or]. que dei a D[ona]. Ant[oni].a S[i]l[v].a de Jezus de jornal do Seo escravo Carapina que ajudou a Serrar	12	
P[or]. que paguei mais da farinha e fuba p[ar].a o gasto da caza em varias mãos	2	

Anno de 1780

P[or]. que dei do viajnte Ant[oni].o de Abreu por hú[m]a caixa de garrafas p[ar].a o v[inh].o das missas	11	¼
P[or]. que dei ao R[efenido]. Cônego Mag. ^{al} de Livro, escriptor, editais e outras despezas, que fez o promotor na camera		
Ecl[esiástico].a 8 breves q[u].e vierão de Roma p[ar].a capella	8	
P[or]. que dei ao carapina Joaq[ui].m Marques Fran[cis].co de armar os andaimes para a pintura da cap[e]La	2	¼
P[or]. q[ue]. dei ao Pintor João Nepomuceno do ajuzte da pintura	166	½ 5
P[or]. q[ue] dei ao Carapina Fran[cis].co Correa Campos, de Serrage de taboado p[ar].a a capella	8	½
P[or] does barris de azeite de mamona p[ar].a gasto da caza	2	
P[or]. que de a Miguel Pardo forro de doura. e que Serv.e a caza do S[e]n[ho]r	25	¼
P[or]. que ao M[estr].e carapina M[anu].el Roiz Coelho de forrar as paredes de toda a cap[e].la 50\$000	216	½
P[or]. q[ue]’ ao Muzico Caetano Roiz da S[ilv].a do Concerto do Órgão	8	
P[or]. q[ue]. de Missa cantada no dia em q[ue]’ se publicarão os Óbitos	2	
P[or]. que se geitou de Sera p[ar].a a t.e[r] função	8	½
P[or]. que dei a múzica	4	
P[or]. q[ue]’ dei por duas Termos [---] de fazer varios cadernos atrelados de graças	4	

P[or]. que dei a 10 RR. P. que assitirão a função de tres de Mayo do pres[ent].e anno	30	
P[or]. que dei a João Miranda pello Órgão da capella 100\$000 de oiro são	83 ¼	
P[or]. que dei pella missa cantada na sseção de 14 de D[ezem].bro e a 11. Sacerdotes que se tirão	20	
P[or]. q[ue]’ ao M[estr].e Pedr.o [---] Maya Brito p[o].r abrir nas paredes os buracos p[ar].a se assentar a obra	44	6
P[or]. [---] de Sal p[ara]. o gasto da caza e gado		6
P[or]. [---] panos de t.e p[ar].a o gasto da caza	3	
P[or]. Seis atg.e de farinha	1 ½	
P[or]. q[ue]. dei ao ferreiro João da Cunha Sobr.a[I] de obrar a capella	31 ½	4
P[or]. [---] barril de azeite de mamona p[ar].a a caza	1 ½	
P[or] q[ue]’ dei a Jose da Sylar.a de jornaes de Seos escravos que andarao no dezaterro da capella	6 ½	
P[or]. que dei ao Ver[nded].o Joze de Nazareth de curativos e remedios p[ar].a os doentes da caza	6	
P[or]. que dei de pão o efermo Marci[---] Jezus p[ar].a o doente da caza	4 ½	
P[or]. q[ue]. dei ao M[estr].e Pedr.o Gomes de Maya Brito de fazer as [Relas] de arame p[ar].a assentar	20 ¾	
P[or]. q[ue]. dei ao carniceiro Diogo Duarte de carne p[ar].a a caza	2 ¾	4
P[or]. que dei ao Ferr[eir].o João da cunha Sobr.a[I] de feitura [---] grades p[ar].a assentar na cap[e].la	24	
P[or]. que dei por hum barril de azeire de mamona [---] a caza	2	
P[or]. que dei ao R[everendo]. Capellão da caza da sua porção e missa dos domingos e dias santos		
Menção dos bom feitores da caza Im[ãõ]s. Vivos, e defuntos finda a 13 de 8. ^{bro} deste anno / comta da sua certidão que [---] Livro a folhas	100	
P[or]. hua bruaca de[---] que com o [---] viajante p[ar].a a caza e gado	3	2
P[or]. Seus panos da N. ^a e banhos p[ar].a o gasto da caza	4	
P[or]. que paguei em varias mãos de farinha fubá e milho p[ara]. [---] da caza		
P[or]. q[ue]. paguei ao R[everend].o [---]a dezobriga da caza	4	

Anno de 1781

P[or]. q[ue]. ao M[estr].e Pedr[---] Maya de [---]de oiro	96 ¼	
//13	1: [---]27 ½	6
Vem da Lauda atraz	1:627	6
P[or]. que dei ao carniceiro Diogo Duarte Couras, de carne p[ar].a a caza	13	6

P[or]. que dei ao Alf.er[es] Sylvestre F[e]rr[eir].a da S[ilv].a o cal preta p[ar].a as obras da capella	35	1
P[or]. que dei a M[estr].e Pedr.o Gomes de Maya Brito do Seo ajuste do adro	36	4
P[or]. duas bruacas de Sal a hú[m] viajante p[ara]. o gasto da caza, e gado	6	4
P[or]. hum barril de azeite de mamona	1	$\frac{3}{4}$
P[or]. 6 alq.er de farinha para o gasto da caza	[---]	$\frac{1}{2}$
P[or]. hú[m] pano de t.o e hú[m]a Roupa de cunho	3	
P[or]. q[ue]. dei ao cap[ita].m Joze Roiz da Costa 162\$960 para o contador ornam. q[ue]' mandou do Rio	135	$\frac{3}{4}$ 3
P[or]. que dei a o boticário Pedro de Freitas Rocha de remédio p[ar].a os doentes da caza	12	$\frac{1}{4}$
P[or]. duas bestas de farinha	1	$\frac{1}{2}$
P[or]. hum barril de azeite de mamonas	1	$\frac{1}{2}$
P[or]. que dei ao R[everendo]. Capellão da[---] do S[e]n[ho]r. o P[adr].e João Ribei.ro Roza da Sua porção e / missas das sextas p[ar].a [---] perfeição dos Irmãos, vivos, e defuntos venei/rada a 17 de julho do prez[ent].e anno de 41 a conta dadas cartidão neste L[ivr].o a 138	80	
P[or]. que dei ao M[estr].e Pedr.o Gomes de Maya Brito de jornais seos, de officiaes, e a escravos / Negros que andão na pedr.e[ira]	163	$\frac{3}{4}$
P[or]. que dei ao Pintor Manoel da Costa Atayde de encarnar duas Imagens de Christo	8	
P[or]. que dei David Vir. ^o Urzedo do concerto das cortinas da capella	$\frac{3}{4}$	
P[or]. que dei ao Pintor M[anu].el da Costa Atayde de dourar e pintar 20 medi[---]	2	$\frac{1}{2}$
P[or]. que dei ao R[everendo]. capellão da caza de sua porção e missa dos domingos e dias santos / menção dos bem feitores a comta da Sua certidão neste L[ivr].o f[olha]. 138	100	
P[or]. que dei a João de Carvalhas de feitio de duas Imagens de Christo, [---]	8	
P[or]. que dei ao pintor João Nepomuceno 304\$947 a conta dos [---] ajuste	256	$\frac{1}{2}$ 4
P[or]. que dei ao sinero M[anu].el Joze Gomes F[e]rr[eir].a p[ar].a [garrida] p[ar].a a cap[e].la e f[e]rr.a[gem] Euzébio da Costa pello badalo / da d[it].a que tudo consta em h[m]ú mesmo recibo como deve	30	4
P[or]. que dei ao mercado Vicente Fr.[ag]a de Andra.[d]a de fazenda p[ar].a a caza	45	$\frac{1}{4}$ 1
P[or]. que dei ao mascate Roberto Fran[cis].co Roíz de fazenda seu p[ar].a [---]	45	$\frac{1}{4}$ 1
P[or]. que dei a David Ver. ^a Urzedo de pão p[ar].a doentes da caza	7	$\frac{3}{4}$ 6
P[or]. que dei a 8 R.R. Pr. ^o de assitirem a função de 3 de Myao e a 10 de mais que / Assitirão a função de 14 de Setembro do prez[ente]. anno de 1783		
P[or]. que dei a Joze da Mota por hú[m]a aR[r]oba de banha		

P[or]. que dei ao mercador Vicente Fr[ag].a de Andr.[ad]e de fazenda sua p[ar].a a caza		
P[or]. que dei ao alfayate Bernado Nog[uei]r.a de Azevedo de obras feitas p[ar].a a caza	6	2
P[or]. que dei ao R[everendo]. Cônego Mag. ^{al} João Roíz Corr.[e]a de feitio e coberta [---] de oro	1 ¾	
P[or]. que dei ao Muzico Sylvestre Joze da costa por vir tocar o órgão em hu[m]a função	4 ¼	
P[or]. hum barril de azeite [---] p[ar].a a caza	1 ½	4
P[or]. [---] farinha, fubá, e milho em varias mãos	7 ½	

Despesa que tenho pagado desde o primeiro de outubro de 1777 até o último de fevereiro de 1779.

Por que dei ao mestre Pedro Gomes de Maya Brito e os seus officiais de por mãos na pedreira.	58 [---]	
Por que dei a Antônio Domingues de gasto que se fizera com a serragem do tabuado para os andaimes e construções.	25 ½	
Por que dei a Antônio Maria de Jesus de costuras e lavagem de roupa da capela.	1[---] ^{3/4}	
Por 38\$778 que dei a A[---] ^o da Costa para me vir R. ^o fitas para medidas em ouro .	2 ½	5
Por que dei ao mestre carapina Manoel Marques de fazer os andaimes para a pintura.	5 ½	4
Por que dei ao secretário da receita da capela.	7 ½	
Por 371\$79 de que dei a José Roiz da Costa a conta do que mandou vir do Rio de Janeiro tintas, ovo e outras miudezas para a capela em ouro.	30 ¾	2
Por que dei ao Al[---] Castro da viagem de cal para a obra do adro.		
Por que dei ao [---]	85 [---]	//12
Vem da lauda atrás.	545 ½	1
Por que dei por uma [Goveizão] conta sepulturas na[---] ag. ^{te} da casa.	3 ½	
Por que dei a João Roiz da Braga de pror para os [ortoxciros].	3 ½	
Por que dei a José de Souza Veloso do carroto do que trouxe do Rio para a capela.	12 ¾	
Por que dei ao ferreiro João da Cunha de ferragem para a capela e casa do Senhor.	26	
Por um barril de vinho branco para as missas.	6	
Por que dei ao mestre Manuel Roiz Coelho de fazer o caixão e mais obras para a capela, como consta no recibo.	452 ½	6
Por que dei ao guarda mor João Nepomuceno a conta da pintura do corpo da capela.	292 ¾	2

Por que dei ao mestre Pedro Gomes de Maya Brito a conta do ajuste do adro.	107 $\frac{3}{4}$	
Por que dei a Manuel Caetano Pr. ^a , da caxeta de gastos de sua venda para a casa.	8	
Por que dei ao mestre Pedro Gomes de Maya e aos seus camaradas de jornais da pedreira.	48	3
Por que dei de farinha para o gasto da casa e oficiais.	16 $\frac{1}{2}$	
Por toucinhos e miudezas para a casa e oficiais.	24	3
Por quatro surrões de sal para o gosto da casa.	11 $\frac{3}{4}$	
Por carne de vaca para o gasto da casa.	13 $\frac{3}{4}$	4
Este é a despesa que tenho feito desde o primeiro de outubro de 1777 até o último de fevereiro de 1779.	1:573 $\frac{1}{4}$	6
Agnação paz Pr. ^a		

Despesa de casa do Senhor de Matosinhos desde o primeiro de março de 1779 até o último de dezembro de 1782.		
Por que dei ao reverendo vigário da desobriga da casa do Senhor, este ano de 1779.	2 $\frac{1}{4}$	
Por que dei ao ferreiro José Gomes da Silva as ferragens para a casa do Senhor.		
Por que dei ao pintor João Nepomuceno do resto do primeiro ajuste da pintura da capela.	36 $\frac{3}{4}$	1
Por que dei por um barril de azeite de mamona para o gasto da casa.	1 $\frac{1}{4}$	
Por que dei ao carapina João Gonçalves Rosa de obras que fez para a capela.	2	
Por que dei ao viajante Antônio de Abreu por um barril de vinho para as missas.	3	
Por que dei por um pano de V. ^o para o gasto da casa.	1 $\frac{1}{2}$	
Por que dei a José da Sylv ^a Coelho de serragem de tabuado para a capela.	70 $\frac{1}{2}$	7
Por que dei ao vereador Antônio da Costa de fazenda [---] para o vestuário da casa.	36 $\frac{1}{2}$	6
Por que dei ao carapina que ajudou a serrar o tabuado, Francisco Correa Campos.	10 $\frac{1}{2}$	
Por que dei ao mestre [---] Ro[---] Brito a conta do ajuste do adro.	83 $\frac{1}{2}$	
Por três [---] de sal por o [---] da casa a um viajante.	9 $\frac{1}{4}$	4
Por [---] barril de azeite para gasto de casa.	1	4
Por que dei ao carapina Gomes de Syv[---] consertar as casas.	16 $\frac{1}{4}$	
Por que dei ao reverendo cônego Mag. ^{al} João Roiz [---] por pagar os gastos de 3 breves [---]	808 $\frac{1}{2}$	
[---]	1 $\frac{1}{4}$	
[---]	1 $\frac{1}{2}$	
// 12 v.	396	

Vem da Lauda da frente.	396 ½	
Por que dei ao [Terfo] Baltazar Jorge de Oliveira por retalhar a capela.	18 ¼	4
Por que dei ao [river] Domingos Alves de Araújo por um plandor e uma coroa de prata.	8 ¾	2
Por que dei a dona Antônia Silva de Jesus, por jornal do seu escravo carapina que ajudou a serrar.	12	
Por que paguei mais da farinha e fubá para o gasto da casa em várias mãos.	2	

Ano de 1780.

Por que dei do viajante Antônio de Abreu por uma caixa de garrafas para o vinho das missas.	11 ¼	
Por que dei ao referido Cônego Mag. ^{al} de livro, escritor, editais e outras despesas que fez o promotor na câmara eclesiástica de 8 breves que vieram de Roma para capela.	8	
Por que dei ao carapina Joaquim Marques Francisco de armar os andaimes para a pintura da capela.	2 ¼	
Por que dei ao pintor João Nepomuceno do ajuste da pintura.	166 ½	5
Por que dei ao carapina Francisco Correa Campos de serragem de tabuado para a capela.	8 ½	
Por dois barris de azeite de mamona para gasto da casa	2	
Por que dei a Miguel Pardo forro de dourar e que serve a casa do Senhor.	25 ¼	
Por que ao mestre carapina Manuel Roiz Coelho de forrar as paredes de toda a capela 50\$000.	216 ½	
Por que ao músico Caetano Roiz da Silva do concerto do órgão.	8	
Por que dei de missa cantada no dia em que se publicaram os óbitos.	2	
Por que se ajeitou de cera para ter função.	8 ½	
Por que dei a música.	4	
Por que dei por dois termos [---] de fazer vários cadernos atrelados de graças.	4	
Por que dei a 10 RR. P. que assistiram a função de três de maio do presente ano.	30	
Por que dei a João Miranda pelo órgão da capela 100\$000 de ouro são.	83 ¼	
Por que dei pela missa cantada na seção de 14 de dezembro e a 11 sacerdotes que se tiram.	20	
Por que dei ao mestre Pedro [---] Maya Brito por abrir nas paredes os buracos para se assentar a obra.	44	6
Por [---] de sal para o gasto da casa e gado.	6	
Por [---] panos de t.e para o gasto da casa.	3	
Por seis atg.e de farinha.	1 ½	
Por que dei ao ferreiro João da Cunha Sobral de obrar a capela.	31 ½	4
Por [---] barril de azeite de mamona para a casa.	1 ½	

Por que dei a José da Sylar.a de jornais de seus escravos que andaram no desaterro da capela.	6 ½	
Por que dei ao vendedor José de Nazareth de curativos e remédios para os doentes da casa.	6	
Por que dei de pão ao enfermo Marci[---] Jezus para o doente da casa.	4 ½	
Por que dei ao mestre Pedro Gomes de Maya Brito de fazer as [Relas] de arame para assentar.	20 ¾	
Por que dei ao carniceiro Diogo Duarte de carne para a casa.	2 ¾	4
Por que dei ao Ferreiro João da Cunha Sobral de feitura [---] grades para assentar na capela.	24	
Por que dei por um barril de azeite de mamona [---] a casa.	2	
Por que dei ao reverendo capelão da casa da sua porção e missa dos domingos e dias santos.		
Menção dos bons feitores da casa, irmãos vivos e defuntos, finda a 13 de 8. ^{bro} deste ano, conta da sua certidão que [---] Livro a folha.	100	
Por uma bruaca de[---] que com o [---] viajante para a casa e gado.	3	2
Por seus panos da N. ^a e banhos para o gasto da casa.	4	
Por que paguei em varias mãos de farinha, fubá e milho para [---] da casa.		
Por que paguei ao reverendo [---]a desobriga da casa.	4	

Ano de 1781

Por que dei ao mestre Pedr[---] Maya de [---]de ouro.	96 ¼	
//13	1: [---]27 ½	6
Vem da lauda atrás.	1:627	6
Por que dei ao carniceiro Diogo Duarte Couras de carne para a casa.	13	6
Por que dei ao alferes Sylvestre Ferreira da Silva a cal preta para as obras da capela.	35	1
Por que dei ao mestre Pedro Gomes de Maya Brito do seu ajuste do adro.	36	4
Por duas bruacas de sal a um viajante para o gasto da casa e gado.	6	4
Por um barril de azeite de mamona.	1 ¾	
Por 6 alq.er de farinha para o gasto da casa.	[---] ½	
Por um pano de t.o e uma roupa de cunho.	3	
Por que dei ao capitão José Roiz da Costa 162\$960, para o contador ornam que mandou do Rio.	135 ¾	3
Por que dei a o boticário Pedro de Freitas Rocha de remédios para os doentes da casa.	12 ¼	
Por duas bestas de farinha.	1 ½	
Por um barril de azeite de mamonas.	1 ½	

Por que dei ao reverendo capelão da[---] do Senhor o padre João Ribeiro Roza, da sua porção e missas das sextas para [---] perfeição dos irmãos vivos e defuntos, venerada a 17 de julho do presente ano de 41 a conta dadas a certidão neste livro a página 138.	80	
Por que dei ao mestre Pedro Gomes de Maya Brito de jornais seus de oficiais e a escravos negros que andam na pedreira.	163	$\frac{3}{4}$
Por que dei ao pintor Manoel da Costa Atayde de encarnar duas imagens de Cristo.	8	
Por que dei a David Vir.o Urzedo do concerto das cortinas da capela.	$\frac{3}{4}$	
Por que dei ao pintor Manuel da Costa Atayde de dourar e pintar 20 medi[---].	2	$\frac{1}{2}$
Por que dei ao reverendo capelão da casa de sua porção e missa dos domingos e dias santos, menção dos bem feitores a conta da sua certidão neste livro a folha 138.	100	
Por que dei a João de Carvalhas de feitio de duas imagens de Cristo, [---].	8	
Por que dei ao pintor João Nepomuceno 304\$947 a conta dos [---] ajuste.	256	$\frac{1}{2}$ 4
Por que dei ao sineiro Manuel José Gomes Ferreira para [garrida] para a capela e ferragem.		
Euzébio da Costa pelo badalo da dita, que tudo consta em um mesmo recibo como deve.	30	4
Por que dei ao mercador Vicente Fraga de Andrada de fazenda para a casa.	45	$\frac{1}{4}$ 1
Por que dei ao mascate Roberto Francisco Roíz de fazenda sua para [---].	45	$\frac{1}{4}$ 1
Por que dei a David Ver. ^a Urzedo de pão para doentes da casa.	7	$\frac{3}{4}$ 6
Por que dei a 8 R.R. Pr. ^e de assistirem a função de 3 de Maio e a 10, de mais que assistiram a função de 14 de setembro do presente ano de 1783.		
Por que dei a José da Mota por uma arroba de banha.		
Por que dei ao mercador Vicente Fraga de Andrade de fazenda sua para a casa.		
Por que dei ao alfaiate Bernardo Nogueira de Azevedo de obras feitas para a casa.	6	2
Por que dei ao reverendo Cônego Mag. ^{al} João Roíz Correa de feitio e coberta [---] de ouro.	1	$\frac{3}{4}$
Por que dei ao músico Sylvestre José da Costa por vir tocar o órgão em uma função.	4	$\frac{1}{4}$
Por um barril de azeite [---] para a casa.	1	$\frac{1}{2}$ 4
Por [---] farinha, fubá e milho em várias mãos.	7	$\frac{1}{2}$

Transcrito por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 23 de outubro de 2009.

Revisado por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 23 de novembro de 2009.

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

Anno de 1782²⁵⁰

		...//13 v.			
		...			
5	59	P. quedei ao Pintor João Nepomuceno a conta do ultimo ajuste da pintura	154		
		...			
	76	P. quedei ao Pintor João Nepomuceno a mais do ultimo ajuste	144 ¼	6	
	77	P. quedei ao Pintor João Nepomuceno de húa obra que fez fora do ajuste	5		
10		...//14			
	82	P. que dei ao Pintor João Nepomuceno Correa de Castro a contado ultimo ajuste da pintura da Capella 145\$65 que em oiro São	118	2	
		...			
15					
	9	Pello que dei a o Pintor Guarda Mor João Nepomuceno resto das pinturas das paredes de toda a Capella	156 ¾	1	
		...// 14 v.			
20	14	P. que dei ao Pintor o Guarda Mor João Nepomuceno de hum a cressimo q. ouve	83 ¼	3	
		...//15			

²⁵⁰. **AEAM**. Recibos de João Nepomuceno no santuário Bom Jesus de Matosinhos, 1782. *In*: Livro 1º de despesa do santuário de N. S. Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo. f. 13 v., 14, 14 v. e 15. Prateleira H, código 26.

Anno de 1782

...//13 v.

P[or]. que dei ao Pintor João Nepomuceno a conta do ultimo ajuste da pintura 154

...

P[or]. que dei ao Pintor João Nepomuceno a mais do ultimo ajuste 144 ¼ 6

P[or]. que dei ao Pintor João Nepomuceno de hú[m]a obra que fez fora do ajuste 5

...//14

P[or]. que dei ao Pintor João Nepomuceno Correa de Castro a conta do ultimo ajuste da pin/tura da Capella 145\$65 que em oiro São 118 2

...

Pello que dei ao Pintor Guarda Mor João Nepomuceno resto das pinturas das paredes de toda a Capella 156 ¾ 1

...// 14 v.

P[or]. que dei ao Pintor o Guarda Mor João Nepomuceno de hum acrescimo q[ue]. Ouve 83 ¼ 3

...//15

Ano de 1782.

...//13 v.

Por que dei ao pintor João Nepomuceno a conta do último ajuste da pintura. 154

...

Por que dei ao pintor João Nepomuceno a mais do último ajuste. 144 ¼ 6

Por que dei ao pintor João Nepomuceno de uma obra que fez fora do ajuste. 5

...//14

Por que dei ao pintor João Nepomuceno Correa de Castro a conta do último ajuste da pintura da capela 145\$65 que em ouro são.

118 2

...

Pelo que dei ao pintor guarda mor João Nepomuceno, resto das pinturas das paredes de toda a capela.

156 $\frac{3}{4}$ 1

...// 14 v.

Por que dei ao pintor o guarda mor João Nepomuceno de um acréscimo que houve

83 $\frac{1}{4}$ 3

...//15

Transcrito por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 23 de outubro de 2009.

Revisado por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 09 de novembro de 2009.

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

Termo q' sefas p.^a apintura do forro da capela²⁵¹

5 Termo de ajuste que fez o Juiz e mais Irmãos de meza
de Nossa Senhora do Rosário dos pretos desta freg.^a
das Congonhas do campo com a assistência do thezo
reitor escrivão procurador da mesma Irmandade
como Sr. Goardamor João Nepomuceno p.^a este pintar
a capela da mesma Snr.^a Na forma das condições adiante
10 escritos por preso e coantia de noventa e quatro outavas de ouro
pagas pelos bens da Irmandade na forma seguinte que se
lhedará logo no principio da obra trinta ou corenta oita
vas p.^a o custeio da obra e o resto no fim da obra por
rem no caso de carecer mais algum ouro p.^a aviaamentos da
mesma se lhe assistira com hele e por este ajuste estar a satisfação
15 de todos da meza mandarão anim escrivão da mes
ma Irmandade que fizece este termo em que se acinarão
Eu Antonio Gomes Barreiros que os crevi em que assim
nou tão bem o Sr. Goardamor cong.^{as} vinte oito de m

²⁵¹. **AEAM**. Termo que se faz para a pintura do forro da capela de Nossa Senhora do Rosário de Congonhas, 28 de março de 1784. *In*: Livro de termos, contratos, posse dos irmãos da mesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário das Congonhas. f. 23-23 v. Prateleira H, código 29.

- março de mil setesentos e oitenta e quatro annos.
- 20 Sinal do Juiz José + Alz.' Sinal de Dom.^{os} + Alz'
- Procurador Ant.^o Frr.^a S:Theago Sinal de Luis + Glz.'
- 25 Matheus Roiz dacosta João + da S.^a carvalho
 Jose Simoens Bg^{es} M.^{el} + Glz' Rosa Pedro + Glz Rosa
 João xcix^{mo} Matheus + da conha
 João Nepomuceno Corr.^a Castro Miguel + Glz' Pr.^a José + Luis
 Costodio + da Cunha Matheus + de Souza Jose + Gls Rosa
 Fran.^{co} + Frr.^a branco João + co Rea Juis Dom^{os} + Frr.^a
- 30 Condisois p.^a pintura
- Sera oteto pintado na forma seguinte nomeyo tera huã
 tarja grd.^e pintada de varias matizes com cores vivas e boas
 35 dentro da dita tarja se pintara N. Snr.^a do Rozario entre
 Nuvens e Resplandores e aos seus pes serafins todo com
 boas cores. Em cada canto do dito teto terá sua cantonera
 pintada com cores boas p.^a mais bem sahir ahobra ocam
 40 po do d.^o teto Sera de branco. asemalha sera fingidade
 pedra azul seu frizo branco as Linhas do teto serão fingi//23
 Ceirão fingidas de pedra atarja que fica na Semalha
 tera toda talha doirada de ouro bornido e os Lizos cor de
 perola e branco os anjos em carnados e as Ropas de Seda
 com matizes e com padrois de ouro etodo isto burnido as a
 45 zas dos ditos anjos estofadas; o Coro Se pintarão os ba

Laostes devermelho de pedra fingida occurimão deSima
 E Linha emq' discança os ditos sera todo de pedra azul
 oforro debaxo dod.^o coro se pintara nomeio huã tarja ê
 nos cantos suas cantoneras eomais campo branco aes
 50 cada fingida de Rais de nogr.^a o pulpito sera fingido
 depedras de varias cores eaes cada dod.^o de Rais denoguera
 todo isto feito acoLa os confisionarios tão bem fingidos
 de Rais de noguera com aLguma ser cadora honde sahir
 melhor deoutra cor; coja condisão fica autrade mão
 55 peLo mesmo thior desta eEu Antonio gomes Barreiros
 que aescrevi emq' seasina od.^o. Snr' Goarda mor.

João Nepomuceno Corr^a deCastro

Termo q[ue] se fas p[ar].a a pintura do forro da capela

Termo de aJuste que fes o Juis e mais Irmaos de meza / de No[s]Sa S[e]n[ho]r.a do Rozario dos pretos desta freg[uesi].a / das congonghas do campo com a[s]Sistencia do thezo[u]/reiro escrivão procorador da mesma Irmandade / com o S[enho].r Goarda mor João Nepomoseno p[ar].a este pintar / a capeLa da mesma S[e]n[ho]r.a Na forma das condiçoins adiante / escritos por preSo e coantia de noventa e coatro outavas de oiro / pagas pelos bens da Irmandade na forma Seguinte que Se / lhe dára[m] Logo no prencipio da obra trinta ou corenta oita/vas p[ar].a o costiamento da obra e o Resto no fim d.a obra po/rem no cazo de careser mais aLgu[m] oiro p[ar].a aviamentos²⁵² da / mesma se lhe a[s]Sistira com heLe e por este ajuste estar a Satis/fação de todos da meza mandarão a mim escrivão da mes/ma Irmandade que fizece este termo em que Se acinarão / eu Antonio Gomes Barreiros que os [es]crevi em que a[s]Si/nou tão bem o[n]d[e]. o S[e]n[ho]r Goarda mor cong[onh].as vinte oito de / março de mil setesentos e oitenta e coatro annos.

²⁵². “Aviamento; disposição, & ordem prompta, com que se dá principio à execução de hum negócio” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v 1. p. 374.

Sinal do Juiz José + Al[ve]z.’ Sinal de Dom[ing].os + Al[ve]z’

Procurador Ant[oni].o F[e]r[ei].r.a S[na]:Theago Sinal de Luis + G[onça]l[ve]z.’
 Jose Simoens B[ra]g[a]es M[anu].el + G[onça]l[ve]z’ Rosa Pedro + G[onça]l[ve]z Rosa
 João xcixmo Matheus + da conha
 João Nepomuceno Corr[e]a Castro Miguel + G[onça]l[ve]z’ P[e]r[ei].a José + Luis
 Costodio + da cunha Matheus + de Souza Jose + G[onça]l[ve]s Rosa
 Matheus Roiz da costa João + da S[ilv].a carvalho
 Fran[cis].co + F[e]rr[ei].a branco João + coR[r]ea Juis Dom[ing]os + F[e]rr[ei].a

Condisois p[ar].a pintura

Sera o teto pintado na forma seguinte no meyo tera hu[m]ã / tarja²⁵³ Gr[an]d.e pintada de varias matizes²⁵⁴ com cores vivas e boas / dentro da dita tarja se pintara N[ossa]. S[e]n[ho]r[a]. do Rozario entre / Nuvens e Resplandores e aos seos pes serafins todo com / boas cores. Em cada canto do dito teto terá sua cantonera²⁵⁵ / pintada com cores boas p[ar].a mais bem sahir ah obra o cam/po d[e] o[n]d[e]. o teto Sera de branco. a semalha²⁵⁶ sera fingida de / pedra azo[u]l seu frizo branco as Linhas do tetu serão fíngi//23
 Ceirão fingidas de pedra a tarja que fica na Semalha / tera toda talha doirada de oiro bornido²⁵⁷ e os Lizos cor de / perola e branco os anjos emcarnados²⁵⁸ e as Ropas de Seda / com matizis e com padrois de oiro e todo isto burnido as a/zas dos ditos anjos estofadas²⁵⁹; o Coro Se

²⁵³. “Tarja; peça de pintura, escultura ou talha, quase sempre com ornamentos em forma de ramos, flores, festões, etc., cercando um claro onde se vê um escudo, símbolo ou alguma inscrição” in: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p XX.

²⁵⁴. “Matiz; Mistura, & união de cores diversas em payneis, em tecidos, em obras de agulha, etc. com tão suave proporção, que não offenda, mas agrade a vista” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v 5. p. 199.

²⁵⁵. “Canto; pedra grande e aparelhada geralmente para servir no cunhal de um edifício, esquadra de pedra” in: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p 30

²⁵⁶. “Cimalha; arremate superior da parede que faz a concordância entre esta e o plano do forro ou do beiral” in: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p 31.

²⁵⁷. “Brunido; brunido, ou segundo o vulgo, bornido. Polido com brunidor. Ouro brunido” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v 2. p. 101.

pintarão os ba/Laostes de vermelho de pedra fingida o corrimão de Sima / E Linha em q[ue] discança os ditos sera todo de pedra azul / o forro de baxo d[e] o[n]d[e]. o coro²⁶⁰ se pintara no meio hu[m]ã tarja ê / nos cantos suas cantonerias e o mais campo branco a es/cada fingida de Rais de nog[uei]r.a o pulpito²⁶¹ sera fingido / de pedras de varias cores e a escada d[e] o[n]d[e]. o de Rais de nogue[i]ra / todo isto feito acoLa os confisionarios tão bem fingidos / de Rais de nogue[i]ra com aLguma sercadora honde sahir / melhor de outra cor; coja condisão fica outra de mão / peLo mesmo thior desta e Eu Antonio gomes Barreiros / que a escrevi em q[ue] se asina o[n]d[e]. o S[e]n[ho]r' Goarda mor.

João Nepomuceno Corr[e]a de Castro//23v.

Termo que se faz para a pintura do forro da capela;

Termo de ajuste que fez o juiz e mais irmãos da mesa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos desta freguesia das Congonhas do Campo, com assistência do tesoureiro, escrivão e procurador da mesma irmandade com o senhor guarda mor João Nepomuceno, para este pintar a capela da mesma senhora na forma das condições adiante escritas, por preço e quantia de noventa e quatro oitavas de ouro pagas pelos bens da irmandade na forma seguinte: que se lhe deram logo no princípio da obra trinta ou quarenta oitavas para o custeamento da obra e o resto no fim da obra, porém, no caso de carecer mais algum ouro para aviamentos da mesma, lhe assistir. Por este ajuste estar à satisfação de todos da mesa mandaram a mim escrivão da mesma irmandade que fizesse este termo, em que assinam eu Antonio Gomes Barreiros, que os escrevi e assinou também o senhor guarda mor. Congonhas, vinte oito de março de mil setecentos e oitenta e quatro anos.

²⁵⁸. “Encarnação (termo de pintor); A côr da carne em todas as partes nuas de hum corpo pintado” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v. 3, p. 208. “Encarnar: Dar cor de carne a pinturas ou imagens, aplicando polimento às partes do corpo que devem aparecer” in: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 143.

²⁵⁹. “Estofa; termo de pintor, figura, roupa, ou outra cousa estofada. O estofa de figuras, ou de roupas não se faz, se não sobre ouro brunido” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v. 3, p. 330. “Estofamento; diz-se do processo de policromia usado para fingir a indumentária de imagens de santos e anjos. Pode consistir na aplicação de pintura sobre o douramento da peça” in: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 144.

²⁶⁰. “Coro; balcão situado por cima da porta central de entrada da igreja, destinada a abrigar os cantores em cerimônias religiosas” in: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 34.

²⁶¹. “Púlpito; he nas igrejas o lugar levantado, em que se prega a palavra de Deos” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v. 5. p. 418-19.

Sinal do Juiz José Alvez sinal de Domingos Alvez

Procurador Antonio Ferreira Santheago sinal de Luis Gonçalves
 Jose Simoens Bragaes Manuel Gonçalves Rosa Pedro Gonçalves Rosa
 João Crisóstono Matheus da Cunha
 João Nepomuceno Correa Castro Miguel Gonçalves Pereira José Luis
 Costodio da Cunha Matheus de Souza José Gonçalves Rosa
 Matheus Roiz da Costa João da Silva Carvalho
 Francisco Ferreira, branco João Correa Juiz Domingos Ferreira

Condições para pintura;

Será o teto pintado na forma seguinte: no meio terá uma tarja grande pintada de várias matizes com cores vivas e boas, dentro da dita tarja se pintará Nossa Senhora do Rosário entre nuvens e resplendores e aos seus pés serafins, todos com boas cores. Em cada canto do dito teto terá sua cantoneira pintada com cores boas, para mais bem sair a obra o campo de onde o teto será de branco. A cimalha será fingida de pedra azul, seu friso branco, as linhas do teto serão fingidas de pedra, a tarja que fica na cimalha terá toda a talha dourada de ouro brunido e os frisos cor de pérola e branco, os anjos encarnados, as roupas de seda com matrizes e com padrões de ouro, e tudo isto brunido as azas dos ditos anjos estufadas. No coro pintaram os balaustres de vermelho de pedra fingida, o corrimão de cima e linha em que descansam os ditos será todo de pedra azul. No forro de baixo do coro, pintaram no meio uma tarja e nos cantos suas cantoneiras e o mais campo branco a escada fingida de raiz de noqueira, o púlpito será fingido de pedras de várias cores e a escada de onde a raiz de noqueira, tudo isto feito acolá os confessionários tão bem fingidos de raiz de noqueira, com alguma cercadora onde sair melhor de outra cor, cuja condição fica outra de mão pelo mesmo teor desta. Eu Antonio Gomes Barreiros que a escrevi, em que se assina o senhor guarda mor.

João Nepomuceno Correa de Castro

Transcrito por: Herinaldo Oliveira Alves

Em: 12 de junho de 2008.

Revisado por: Hudson Lucas Marques Martins
Em: 19 de maio de 2009.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

DOCUMENTO N.º 10

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

Despezas que tenho feito com a Capella de N. Snr. de Matosinhos de opr.º de Jan.º
A Dez de 1784 em thé o ultimo de dezembro do d.º anno de 1784²⁶²

5	6	...	
		P. que dei ao Pintor Guarda Mor João Nepomuceno de húa Lamina da Snr. ^a das Dores p. ^a a capella	20 8 ^a s
		...	
	9	P. que dei ao Pintor João Nepomuceno de estufar a imagem de S. Fran ^{co} de Paula	20 8 ^a s ³ / ₄
10			

Despezas que tenho feito com a Capella de N[osso]. S[e]n[ho]r. de Matosinhos de o pr.o de Jan[eir].o / A Dez de 1784 em thé o ultimo de dezembro do d[it].o anno de 1784

...

P[or]. que dei ao Pintor Guarda Mor João Nepomuceno de húa[m]a Lamina da S[e]n[ho]r.a das Dores p[ar].a a capella 20 8^as²⁶³

...

²⁶². AEAM. Recibos de João Nepomuceno no santuário Bom Jesus de Matosinhos, 1784. In: Livro 1º de despesa do santuário de N. S. Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo. f. 16. Prateleira H, códice 26.

²⁶³. Lê-se vinte oitavas.

P[or]. que dei ao Pintor João Nepomuceno de estufar²⁶⁴ a imagem de S[ão]. Fran[cis]co de Paula
20 8^as ¾²⁶⁵

Despesas que tenho feito com a capela de Nosso Senhor de Matosinhos de dez de janeiro de 1784, até o último de dezembro do dito ano de 1784.

...

Por que dei ao pintor guarda mor João Nepomuceno de uma lâmina da senhora das dores para a capela. 20 8^as

...

Por que dei ao pintor João Nepomuceno de estofar a imagem de são Francisco de Paula. 20 8^as ¾

Transcrito por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 23 de outubro de 2009.

Revisado por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 04 de novembro de 2009.

²⁶⁴. “Estofa; termo de pintor, figura, roupa, ou outra cousa estofada. O estofa de figuras, ou de roupas não se faz, se não sobre ouro brunido” *in*: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v. 3, p. 330. “Estofamento; diz-se do processo de policromia usado para fingir a indumentária de imagens de santos e anjos. Pode consistir na aplicação de pintura sobre o douramento da peça” *in*: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p XX.

²⁶⁵. Lê-se vinte oitavas e três quartos.

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

Termo de obrigação da pintura do Corpo e Capela mor da Capela de Nossa Senhora do Rozario da Freg.^a de Itabira²⁶⁶ na forma abaixo declarada.

5		Aos vinte e um dia do mez de Dezembro de mil settecentos oitenta e seis no consistorio da capela de N. Senhora do Rozario dos pretos da Freguezia da Itabira em ato de meza onde se achavão juntos os officiais pretos, brancos, e sendo ahi em formas se ajustarão e contratarão com o Guarda Mor João Nepomuceno
10		Correa para offeito de pintar o Corpo da Igr. ^a capela mor e ambas as Sacristias portas, e janelas tudo na forma do apontamento que Me apresentou pela quantia de trezentas oitavas de ouro Sem mais o mes algum, dando si Me algum
15	Este Termo ficou Sem e feito algum	ouro Logo, e o mais annualmente pelo, Rendimentos das mezas da mesma Irmandade tiradas as despesas precisas de juizamentos e poreão do capelão, e que Me a Sim se obrigacumprir pegando na obra logo, o que aceita a mesma Irmandade obrigando a dita quantia na forma estipulada suas pessoas e bens, e movies da mesma capella

²⁶⁶. **AEAM.** Termo de obrigação da pintura do corpo da igreja, capela-mor, ambas as sacristias, portas e janelas da capela de Nossa Senhora do Rosário de Itabirito, 21 de dezembro de 1786. *In*: Livro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Itabirito. f. 61 v. Prateleira L, código 23.

20	crivão Ribr. ^o	eRendimentos da mesma Irmandade Ré a ultima Sateifação, e decomu a Sim se ajustarão Euos, e outros a Signarão o presente termo cada hum na parte que É obrigado elle compete. eu Antonio da [Oreta] Ribeiro escrivam que o Sobicrevos.	
25		Manoel [Jas. ^a] [] midieras Signal do Juiz do aq. ^m [Reis] preto Joze da S. ^a + vila	Vitoriana dos Santos + [Couto] Rainha Signal do Procurador [e atual] preto Antônio de S. ^a Gueira Dom. ^{os} + dos Santos
30		Benedito + Miz' Caetano + Afonço Matheus + di Faria Antonio + Coelho Igr. ^{co} + Marques Joze + Vicente	Roque Affonso Mintr. ^o
35			[Mann ^o] Joze Ferreira // 61 v.

Termo de obrigação da pintura do Corpo e Capela mor da / Capela de Nossa Senhora do Rozario da Freg[uesi].a de Itabira na forma abaixo e declarada.

Aos vinte e hum dia do mez de Dezembro de mil settecentos / oitenta e seis no consistorio²⁶⁷ da capela de N[ossa]. Senhora do Rozario / dos pRetos da Freguezia da Itabira em ato de meza onde si achavão / juntos os officiais pretos, brancos, e Sendo ahi em formes se a-/justarão e contratarão com o Guarda Mor João Nepomuceno / Correa para o ffeito de pintar o Corpo da Igr[ej].a capela mor e am-/bas as Sacristias portas, e jinelas tudo na forma do aponta/mento que Me aprezentou pela quantia de trezentas oita/vas de ouro Sem mais o mes algum, dando si Me algum

²⁶⁷. “Consistório; sala localizada geralmente na parte posterior das igrejas, no piso superior, acima da sacristia, onde se reuniam os religiosos” in: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 33.

/ ouro Logo, e o mais annualmente pelo, Rendimentos / das mezas da mesma Irmandade tiradas as despezas pre-/cizas de juizamentos e poreão do capelão, e que Me aS[s]im / Se obriga cumprir pegando na obra logo, o que aceita / a mesma Irmandade obrigando a dita quantia na forma / estipulada suas pessoas e bens, e movies da mesma capella / e Rendimentos da mesma Irmandade Ré a ultima / Sateifacão, e de comu[m] aS[s]im se ajustarão Eu os, e outros / aS[s]ignarão o presente termo cada hum na parte que / É obrigado e lhe compete. eu Antonio da[Oreta] / Ribeiro escrevam que o Sobicrevos.

Manoel [Jas. ^a] []mideiras	Vitoriana dos Santos + [Couto]
Signal do Juiz do aq.[ue]m [Reis] preto	Rainha
Joze da S[ilv].a + vila	Signal do Procurador
	[e atual] preto
Benedito + M[art]i[n]z'	Antônio de S[ilv].a Gueira
Caetano + Afonço	Dom[ing].os + dos Santos
Matheus + di Faria	
Antonio + Coelho	
Igr. ^{co} + Marques	Roque Affonso Min[is]tr.o
Joze + Vicente	
	[Mann ^o] Joze Ferreira ²⁶⁸ //61 v

Termo de obrigação da pintura do corpo e capela mor da capela de Nossa Senhora do Rosário da Freguesia de Itabira, na forma abaixo declarada.

Aos vinte e um dias do mês de dezembro de mil setecentos e oitenta e seis, no consistório da capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da freguesia da Itabira, em ato de mesa onde se achavam juntos os oficiais pretos e brancos. Sendo aí informados, se ajustarão e contratarão com o guarda mor João Nepomuceno Correa para o feito de pintar o corpo da igreja, capela mor e ambas as sacristias, portas e janelas. Tudo na forma do apontamento que me apresentou pela quantia de trezentas oitavas de ouro, sem mais ou menos. Dando algum ouro logo e o mais annualmente pelos rendimentos das mesas da mesma irmandade, tiradas as despezas precisas de juizamentos e poreão do capelão, e que assim se obriga a cumprir pegando na obra logo, o que aceita a mesma irmandade obrigando a dita quantia na forma estipulada, suas pessoas,

²⁶⁸. Na margem esquerda, lê-se: Este / termo/ ficou / sem e/feito algum / [es]crivão / Rib[ei]r.o.

bens, móveis da mesma capela e rendimentos da mesma irmandade ré, a última satisfação e de comum assim se ajustaram. Eu e os outros assinamos o presente termo cada um na parte que é obrigado e lhe compete. Eu Antonio da[Oreta] Ribeiro escrivão que o subscrevo.

Manoel [Jas. ^a] []mideiras	Vitoriana dos Santos Couto
Signal do juiz aos reis pretos	Rainha
Joze da Silva Vila	sinal do procurador e atual preto
Benedito Martinz	Antônio de Silva Gueira
Caetano Afonço	Domingos dos Santos
Matheus di Faria	
Antonio Coelho	
Igr. ^{co} Marques	Roque Affonso ministro
Joze Vicente	
	[Mann ^o] Joze Ferreira//61 v.

Transcrito por: Hudson Lucas Marques Martins

Em: 15 de maio de 2009.

Revisão: Hudson Lucas Marques Martins

Em: 20 de agosto de 2009.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

DOCUMENTO N.º 12

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

		1787 ²⁶⁹	
	[---]		f ^l 1
5	12 n. 121 Fisco. Congonhas		
	O G. M. João Nepomuceno D. Germana Candida X. ^{er} de Noronha Cont. ^s		
10			Escr. ^{an} Ferrão
15	Anno do Nascimento denosso Senhor Jezus Cristo demil settecentos eoitenta, e sette an- nos aos oito dias domes de Janeiro do sobredito anno nestalealcidadeMa- rianna, ecartorio dacamera Episco- pal aondeEu Escrivam adianteno meado sirvo, esendo ai, porpartedos contrahentes João Nepomuceno, eDo- na GermanaCandida Xavier deNoro- nha cma peticam de passado pello		
20			

²⁶⁹. **AEAM**. Processo matrimonial de João Nepomuceno Correa de Castro e Germana Cândida Xavier de Noronha, 1786 - 1787. In: Processo matrimonial de João Nepomuceno Correia de Castro e Germana Cândida Xavier de Noronha. 11 f. Registro 3930, armário 04, pasta 393.

25 Moito Reverendo Doutor Francisco
 Pereira de Santo Apolonio Conego na
 Catedraldestacidade Vigário Geral e
 Juiz dos casamentos deste Bispado pedindo-
 me aceite e autorice com os procla-
 mas juntos para a feitura de seus
 depoimentos, e afinal Receberem-seem
 30 Matrimonio ao que Satisfis aceitei eu-
 treei, ele aque adiante recebe epa-
 ra constar fiseste termo, e Eu Jozé
 da Costa Ferrão E Scrivam da camera
 Episcopal que o escrevi. // 1

35 Ao R.º Escr.ºm Fer
 rão Conz.ºta de Jan de 1787
 S Anna

40 Diz o Goardamor João Nepomuceno Cor-
 rea de Castro n.ºal e baptizado na freguesia da
 Sé deste Cidade Marianna filho Ligitimo
 de Domingos Correa Rabello ja defunto, ede
 D. Paschoa da Resurreição, ede prez.ºte moradas
 na freguezia da Itabira, que Me está contrata
 do p.ºa se recebes em matrimonio com D. Germa
 45 na Candida X.ºer de Noronha filha Ligitima
 do Goardamor Cap.ºm Ant.º Montr.º de Noronha ja
 defunto e de D. Luiza Maria da Rocha natural
 e baptizada na m.ºma freguesia desta Catedral, ede
 prez.ºte moradora na freguezia de Congonhas do Cam

50 po; ep.^a que seMes con ceda a Provizão do estiMo
 aprezenção Certidoens de banhos, e baupimos
 sem empedim.^{to}, eque osup.^l ser ademitido a
 prestar em prezensa deum P.^c oseu depoi^{to}, supli
 55 cando p.^a adacontrahente mandado de comis-
 são derigido ao R.^{do} Vigr.^o do oiro Pr.^{to}, a tenta adis-
 tancia, em comodos do tempo: por tanto

De 8. Dezepassu
 a Comissão Requerida

60 [---]1085

Parem.^{cc} sedigne defiris = Res na
 forma q' requerem, ea final mo-
 dos = Re passas Provizão p.^a Se Re
 65 receberem na Irmida do Snr do
 Bom fim da fazenda onde rezide
 acontra hente na Paroupeda
 E. R. M./2

3

70 Com o favor deDeus querem cazar o Guardamor
 João Nepomuceno Correa deCastro filho Legitimo de
 Domingos Correa Rabello, edeD. Pascoa daRessurreição
 Castro natural, batizado naSanta Se Cathedral
 deMarianna, edeprezente assistente nafreg.^a da
 75 Itaubira; Com D. Germana Candida Xavier
 deNoronha filha Legitima doGuardamor oCap.^{am}

Antonio Monteiro de Noronha já falecido, e de D.
 Luiza Maria da Rocha natural e batizada na Ca-
 thedral de Marianna, e de presente moradora na
 freg.^a das Congonhas do Campo deste mesmo Bispado
 80 de Marianna.
 Manoel da Costa Negreiros Coadjutor na Cathedral desta Cidade
 certifico que foram denunciados os contrahentes supra entre dias
 festivos na forma do Sagrado concilio Tridentino, e Constituição
 85 p.^r Diocezana, e não lhes resultou impedimento algum canonico, que os
 invabilite, nem eu sei que o haja; o que afirmo Sub
 juramento. = E revendo os livros dos assuntos dos batizados
 em hum delles ap. 308, Pr.lla v.^{do} Seos seguinte = Aos des-
 asete de Maio de mil settecentos, e cincoenta e dois em esta
 90 Cathedral baptizou Solemnemente o Reverendo conego Francisco
 de Souza a João, filho de Domingos Correa, e D. Pascoa da Ress-
 sureição, de quem foram padrinhos Antonio Als Castro, e Dona
 Clara, todos desta cidade, de quem fiz este assento = o Coadjutor
 João Paes da Costa = Ap. 127 do m.^m livro esta outro as-
 cento na forma, que se segue = Aos doze de Setembro de-
 95 mil settecentos, e se senta, equatro nesta Cathedral de Marianna,
 batizou Solemnemente, e pos' os Santos oleos o Reverendo Coadjutor
 Francisco Manoel da Rocha a Germana inocente nascida a vinte
 nove do mesmo, filha legitima do Goarda Mor Antonio Monteiro
 de//3
 100 de Noronha, e de sua mulher D. Luiza Maria da Rocha; foram padrinhos
 o Conego Vicente Gls' Jorge de Almeida, e D. Francisca Joaquina
 de Almeida, filho do capitão Manoel Cardozo Crus, todos desta
 freguezia. E para constar fiz este assento, que assignei: = o Conego

- 105 cura Domingos Fernandes deBarros = E não secontinha mais
em os ditos assentos dolivro, aque me reporto. Marianna 22
deDezembro de 1786 4
- o Coadjuntor Manoel daCosta Negreiro
R.º p.º r.º verdad.º
SAnna//3 v.
- 110 Aos 17 de dezebr.º de 1786 apr.ª adm.
Aos 21 dod.º asseg.ª
Aos 22 dod.º a 3.ª aultima adm.
- 115 Com ofavor deDeos, querem cazar oGuardamor João
Nepomuceno Correa deCastro f.º Legitimo deDomingos
Correa Rabello, edeD. Pascoa daRessurreição, Castro na-
tural , ebatizado naSanta Se deMariana, edeprezente
assiztente na freg.ª deItaubira, com D. Germana
- 120 Candida Xavier deNoronha filha Legitima do
Guardamor oCap.º Antonio Monteiro deNoronha
ja, falessido, deD. Luiza Maria daRocha natural
batizada namesma Cathedral deMarianna, eApre-
zente moradora nafreguesia deCongonhas do Campo
- 125 deste mesmo Bispado de Mariana
- 130 ManoelAcursio Nunan Pereira, Vigario da Parochial
Igreja de N. Snr.ª da boaviagemda Itabira. Certifico,
que em tres dias festivos ae façam daMissaCon-
ventual publiquei os proclamados retro, enamfa-
zia impedimento algum, nem eu sei, q.º hajás, vj.º

- 135 tudo juro aos Santos Evangelhos aos 25 de Desbr.^o de 1786. 5
 O Vigr.^o M.^{el} Acursio Nunan Per.^a
 R.^e p.^r verdade
 SAnna//4
- 140 Com ofavor de Deos querem cazar o Goardamor João Nepomuceno Correa deCastro filho Legitimo de Domingos Correa Rabello, edeD. Pascoa daRessurreição Castro, natural, batizado na Se deMarianna, ede presente assistente nafreg.^a daItaubira com D. Ger mana Candida Xavier deNoronha filha Legitima do Goardamor oCap.^{am} Antonio Montr.^o deNoronha ja falecido, edeD. Luiza Maria daRocha natural, bati zada na Cathedral deMarianna, edepresente morada ra nafreguezia deCongonhas doCampo deste mesmo Bispado de Mariana
- 150 João Fran.^{co} daRocha vigr.^o e meo mandado nesta Parochial Igreja deSanto Antonio doOiro branco comarca deVillaRica Certifico que oscontrahentes assim forão proclamadoz nesta Matriz em tres dias festivos, aestação daMissa conven = tual, que disse aos meos freguezes, enão Rezultou impedi = mento, nem eu o Sei Passo oReferido naverdade, eo affirmo in Jide Parochi. Oiro branco 2 de Janr.^o de 1787 annos 6
 O vigr.^o João Fran.^{co} daRocha
 R.^e p.^r verdad.^e
 SAnna//5

- 160 Com o favor deDeos queria cazar oGoardamor João Nepomuceno Correa deCastro filho Legitimo deDomingos Correa Rabello, e de D. Pascoa daRessurreição, eCastro natural, e Batizado naSanta Se Cathedral de Marianna, e de presente assitente nafreg.^a daItaubira
- 165 Com D. Germana Candida Xavier deNoronha filha Legitima do Guardamor oCap.^{am} Antonio Monteiro deNoronha ja falessido, edeD. Luiza Maria daRocha; natural batizada namesma Santa Se Cathedral deMarianna, edeprezenes morada nafreg.^a deCongonhasdoCampo deste mesmo Bispa do deMarianna.
- 170 JozeAfonso Bragança Presbitero secular Coadjutor actual nesta Igreja Matriz das Congonhas do Campo. Certifico que: os Contrahentes supra forão proclamdos nesta Matriz das Congonhas do Campo, emtres dias festivos aEstação da Missa Parochial não ouve impedimento algum nem sei que o haja.Todo referido he verdade o que juro aos santos Evagelhos 1 de Janeiro de 1787 a
- 175 Ocoadjutor Joze Affonso Braganca
R.^e p.^r verdad.^e
SAnna//6
- 180
- 195 Depoim.^{to} doContr.^e
Aosoito dias domesdeJaneirode milSettecentos eoitentaeSette annosnestaLealcidadede Marianna

7

200 ECazasdemoradadoMuitoReveren
 do Doutor Vigario GeraleJuiz dos
 cazamentos desteBispado ondeu
 Escrivão aodiante nomeado creiviu
 daesendo ahi apareceo presente para
 dar oseudepoimento oGuarda
 mor João Nepomuceno Correaque
 reconheço peloproprio de quedoufe
 205 aquemosobre dito Muito Reveren
 doMinistro deferio osacramentos
 SantosEvangelhos emhumLivro
 dellesemque pós Suamãodireita
 eprometeu dizer verdade
 E SendoRefeita
 210 asperguntas necessarias desse que
 era o proprio JoãoNepomuce
 no CorreatfilhoLegitimo deDemin
 gosCorrea Rabello, edeDona Paschoa
 daRessurreição; que eranatural e bap
 215 tizado naFreguezia daSédestacida
 de, e morador aopresente na daItau
 bira, e quetambem tivess digo equetambem
 tivera assitido nadeCongo
 220 nhas doCampo, Sem que tivesse mais
 residencias em outros alguas como des
 te ou outroBispado, equetambem Socondu
 zir o sempre noestadodesolteiro, Li
 vre, edesempedido sem que jamais

225 tivesse contratado esporsas com
 mulher alguma a Rezervado con
 trahente Dona Germana Candida
 Xavier de quem não he parente por
 consanguinidade, afinidade,
 230 espiritualidade, ou Legalidade, e //7
 e com quem pretendia casar men
 to de sua Lei e vontade Sem conz
 tragimento, medo oueres fei
 to de pessoa al Goma, e que nun
 235 ca fizera voto de castidade, de Re
 ligião ou denão casar: e ultima
 mente disse que não tinha impe
 dimento, ou embaraço algum
 por que se deixe do matrimonio
 240 pretendido, e menos Sabia que
 o contraheute ofizesse; nada
 mais disse, e a Signou o se depoi
 mento como Muito Reverendo
 Ministro Eu Joze Joaquim de
 Santa Anna Escrevão do Regis
 250 to que a escrevi e vi enpedimento
 dada Camera
 [] João Nepomuceno Corr.^a e Castro.

255 Ajuntada
 Aos vinte e quatro dias do mez
 de Janeiro de mil Settecentos

- 260 tos eoitentaeSetteannosnesta
 LealcidadedeMarianna
 cartorio daCameraEpiscopal
 ondeeu Escrivãoaodiante no
 meadoSirvosendo ahi ajunto
 aestes Autos hunsdepoimentos
 decontrahente atrasdeclarada
 oqualheoqueaodiante SeSegue
 eparaconstar faço este termoEu
 Joze Joaquim deSanta Anna
 Escrivão queaescrivi//7 v. 8
- 270 OD.^f Francisco Pereir[---] deSanta Appollonia
 conego [---] nacatedral destacidade Ilm.^a
 nella eem todo oSeu Bispado Vigario geral Juiz
 das Justificaçoens cazam.^{os} Reziduos Adjunto
 nas de Genero por Sua Ex.^a Rm.^a [psa] Aos que oprezente
 mand.^o deComissão virem saude epax p.^a Sempre
 275 em Jezus Christo nossoSnr' q detodos heverdad.^o
 Remedio esalvação Faco Saber que attendendo
 eu ao q porSua petição me envirao adizer oGuar
 da mor Joao Nepomuceno CorreadeCastro
 natural eBatizado naFreguezia daSedestacid.^e
 280 filho Lig.^{mo} d.^e Dom.^{os} Corr.^a Rabello ja defunto e deD.
 Paschoa daRessurreição eD. Germana Candida
 Xavier de Noronha filha Leg.^{ma} do Guardamor Capitao
 Antonio Monteiro deNoronha jadefunto edeDona
 Luiza Maria da Rocha natural e baptizadanesta

285 mesma freg.^a hes porbem deMe mandar passar
o presente md.^o EComissão pelo qual dou ecometo
as minhas rezas ao Reverendo Parocho da Freg.^a do ouro
Branco p.^a com outro sacerdote q Meserão escrivão
290 deferendo lhe ojuram^{to} dos Santos Evagelhos Taubem
digo tambem do mesmo Reg. Sefaratermo temode
poem.^{to} daSobreditaContrahente oq feito ecumprido
digocobrados osSeos salareos f[---]emtes fazendo
nesta camara e Sera Reg.^{da} no L^o do Reg.^e g.^{el} Dada
295 nestacid.^e Ilm.^a do CoSello da San.^a E SuaEx.^a,
Rm.^a emcoSignacaos 9 de Jan.^{to} de 1787 eu Jozé
daCosta Ferrão osobscrevi.
Fr.^{co} Pr.^a de S.^a 8,6.88

Há um selo em
alto relevo.

300 Reg.^{da} p 63 do L.^o 22
do Reg.a gl fa
Ferrão [on] 825
selo 75
a seg 300 gr.
SAnna [farto] 310
305 Reg.^o 112 fr.

Mand.^o de con.^{ta} p.^a depoime.^{to} daContr.^e Supra comett^a
do ao R.^{do} Parocho daFreg.^a do ouroBranco
DRMAver//8

310 Aos dezecete dias do mes deFevr.^o digo deJaneiro demilSe
te centos eoitenta Sette annos nesta Aplecação daSnr.^a
da Boa Morte freguezia de Nossa Senhora daConcei
cão deCongonhas doCampo em caza demorada

9

315 do Reverendo João Francisco daRoxa donde eu
 Escrivão audiante nomiado fui vendo esendo ahi
 por parte da depuente Germana Candidade
 Xavier deNoronha me foi apresentada amandado
 deComiSSão doMuito Reverendo Senhor Doutor Vigário
 320 Geral Francisco Pereira Santa Apolonio cape^{al} pe
 llo Reverendo Juiz ComeSSario oReverendo João Fran
 cisco daRoxa foi aSeito contado adevidoReverendo
 para ofeito delhedar todo oSeu devido imterrogam
 primente digo recebeo o juramento dos doutos Evan
 325 gelhos em hum livro delles emq.' pos suamão direita
 pello mesmo Juiz comissario mefoi deferido o mesmo
 juramento debaixo doqual prometemos de fazer bem
 cada hum sua obrigação deque para constar meu
 [---] oReverendo Juiz Comissario fazer este termo
 que ambos aSignamos Eu oPe Sro' Antonio
 330 Rodrigues Paiva Escrivão eleito que o Escrivi.
 o vejo João Fran.^{co} da[---] P.^e An.^t Roiz.^a Paiva

335 Aos dezecete dias domes deJaneiro demil cetecen
 tos e oitenta sete annos nesta aplecação daCapella
 de NoSSo Senh.o daBoamorte freguezia deNoSSa
 senhora daCon^{cão} deCongonhas doCampo emcazas
 de morada do Reverendo João Francisco daRo
 xa aonele eu Escrivão eleito aodiante nomiado
 sendo ahi apareSeo presente Germana Candida
 340 Xavier de Noronha aqual Reconheso pella propria
 para dar seu depoimento pello Reverendo Juiz Co

meSSario lhe foi deferido o juramento dos Santos//9
 Dos Santos Evangelhos hemumlvro deLes emquepos suamão
 d.^{ta} em[coregios] deSede outra digo fazendo per
 345 guntas foiSSe oque prometeu fazer ESedoahi fei
 tas asperguntas neSSeSarias confome adeterminação
 da constituição deSSe que era a própria Germana Cadida
 Xavier deNoronha filha legitima doGardamor Capitão
 Antonio Monteiro deNoronha edha mulhe Dona Luiza
 350 Maria da Roxa, eque era da dafreguezia daCatr da Cd.^a
 Se natural eBaptizada aonele oSeteo alguns annos
 ele pais Se mudou p.^a afreguezia deSanto Antonio do ou
 ro Branco depoxima morada nafreguesia deNoSSa
 Senhora daConceição deCongonhas do Campo, deste Bis
 355 pado que nãoasitia emoutraalgua freguezia deste
 oudeoutro Bispado, eque tinha de idade vinte doisannos
 fazido mais ou menos, eque não tinha feito promeSSa
 decazamento apeSSoa alguma senão ao Guarda Mor
 João dePomuleno Correia deCastro comquem esta contra
 360 tado para secazarm.^t de deSua livre evontade sem constra
 gemento medo ou Respeito peSSoa, eque sempre vivera
 no Estado deSolteira, enão fizera voto algum deCasti-
 dade Religião oudenão Cazar, eque com odito Guarda
 Mor João de PomucenoCorreia deCastro não tinha paren-
 365 tesco algum desanguinidade Afinidadeou Espiritual
 eque não tenha outro algum legitimo ouCanonico in
 pediminte que impede o Matrimonio que pretemdem
 comtraher, emais não deSSe aSignou Eu oPadre An
 tonio Rodrigues Paiva Escrivão Eleito que oEscrevi-

370	<p style="text-align: center;">Germana Cândida Xavier de Noronha</p> <p>Rocha</p> <p>Elogio no mesmo dia mes era Supra Leu oRe verendo[---] comiSSaro esta dequeleu perfeita eman dou anim Escrivão eleito para fazer este termo de EnSerra mento hemedada Eu oP.^e Antonio Rodrigues Paiva Es crivão eleito qu oEscrevi Rocha</p>	10
375		
380	<p style="text-align: center;">D^l da abertu.^a</p> <p>Aosvinteequatrodomes deJaneirodemilSettecentos e oitenta eSete annosnestaLealci dadeMarianna eCartorio daCa mara EpiscopalOndeeuEscri vão aodiante nomeadoSirvo Sendoahi por parte doContraheente e pr.^o declaradamefoi entre seu oprezente depoimento o qual vinha fexado elacrado naforma doestillo, oqualSendo p.^lmim aberto eohei Sem vicio nem coiza que duvida faça epara constasfisestetermo que asignou oMuitoReverendoMinistroEu Jose Joaquim deSantaAnnaEs crivãoque aescrevi.</p>	
385		
390		
395		

SAnna

- 400 Ca^{am}
Emcazas fisAutos ao Rc^cN.
Mn.^o p.^a osdespaxarem em 24 deJan.^o de
1787
- 405 Cc.^{er}
- 410 JulgoEnbilitadz p.^aSeReceberem //10
em matrimonio oGMor João Nepo-
muceno CorreadeCastro eD
GermanaCandida Xavier deNo-
ronha OriundadosPays, e
415 Patrias expressada nosSeos
Depoim.^{tos} e Renunc.^{ca} feitas
nasfreg.^a competetens p.^a não
Sepultar destas impedim.^o al-
420 gum, nemfes este deprezumir
comoafim pronuncio emq.[---]
contr.^o se nãode minitr
Ordinr.^{am} Fe Portanto
SeMes passe Prov.^m p.^aSeRecebe-
425 rem em Soléni.^{de} na Hermida
soSr doBomFim daParaupeba
como dequem pagaz osAutos
Mn.^o 25 de Jan.^o de1787
Pro Min.^o Gratis
425 Fr.^o B.^a AP.87

Recb.^m
 PorMeR.^e Min.^o meforãodoscontas
 Autos comisuamSnr' supraaos 23 de Junh.
 De 1787//10 v.

430

P.^a oMeSSeMe.F.Gr.
 N Escr.^o

	A, eRosa	255		
435	ReconEcrim. ^{ao}	600		
	Depoim. ^{to}	250		
	Ao darM ^d p ⁸	310	=	2\$195
	Abertt.	300		
	Conc. Pub.	170		
440	P. ^o deProv. ^r	310		
	Ser. ^o filla deM. ^d q	900		
	Do SeProv. ^r	1725	=	2\$625
445	Reg.o du M. ^{do} p	112 [con]	=	\$225
	d. ^o SeProv. ^r	112 [con]		
	Destr. ^{am} e Contas			\$450
450	M. ^{na} 25 de Jan. De1787			

SAnna//11

1787

[---]
12 n[úmero]. 121
Fisco. Congonhas

O G[uarda]. M[or]. João Nepomuceno
D[ona]. Germana Candida X[avi].er de Noronha
Cont[a].s

Anno do Na[s]cimento / de nosso Senhor Jezus Cristo / de mil settecentos e oitenta, e sette an/nos aos oito dias do mes de Janeiro do / sobredito anno nesta leal cidade Ma/rianna, e[m] cartorio da camera Episco/pal a onde Eu Escrivam adiante no/meado sirvo, e sendo ai, por parte dos / contrahentes João Nepomuceno, e Do/na GermanaCandida Xavier de Noro/nha c[o]m a peticam de passado pello / Moito Reverendo Doutor Francisco / Pereira de Santo Apolonio Conego na / Catedral desta cidade Vigário Geral e / Juiz dos cazamentos deste Bispado pedindo-/me aceite e o autori[za]ce com os procla-/mas juntos para a e feito de de[i]xem seus / depoimentos, e afinal Receberem-se em / Matrimonio ao que Satisfis aceitei e [a]u/t[o]re[z]ei, ele a que adiante recebe e pa/ra constar fis este termo, e Eu Jozé / da Costa Ferrão²⁷⁰ EScrivam da câmera / Episcopal que o escrevi.// I

Ao R[ef].e[rido] Escr[iv].am Fer/rão Conzta de Jan[eiro] de 1787
S[anta]Anna²⁷¹

Diz o Goarda mor João Nepomuceno Cor/rea de Castro n[atur].al e baptizado na freguesia da / Sé deste Cidade Marianna filho Ligitimo / de Domingos Correa Rabello ja defunto, e de / D[ona]. Paschoa da Resurreição, e de prez[en].te moradas / na freguezia da Itabira²⁷², que Me está contrata/do p[ar].a se recibes em matrimonio com D[ona]. Germa/na Candida X[avi].er de Noronha filha Ligitima / do Goarda mor Cap[it].am Ant[oni].o Mont[ei].r.o de Noronha já / defunto e de D[ona]. Luiza Maria da Rocha natural / e bauptizada na m[es].ma freguesia desta Catedral, e de / prez[en].te moradora na freguezia de Congonhas do Cam/po; e p[ar].a que se Mes conceda a Provizão do estiMo / apresentão Certidoens de

²⁷⁰. Na margem direita lê-se: Escr[iv].an / Ferrão.

²⁷¹. Assinatura do escrivão SantaAnna

²⁷². Atual cidade de Itabirito, em Minas Gerais.

banhos, e bauprimos /sem empedim[en].to, e que o sup.l[icante] ser ademitido a / prestar em prezença de um P[adr].e o seu depoim[en]to, supli/cando p[ar].a a da contrahente mandado de comis/são derigido ao R[everen].do Vig[a]r[i].o do oiro Pr[e].to , a tenta a dis/tancia , em comodos do tempo: por tanto

De 8. Deze[mbro] passu / a Comissão Requerida
[---]1085

Parem.ce se digne defiris = Res na / forma q[ue]' requerem, e a final mo/dos = Re/passas Provizão p[ar].a Se Re/receberem na Irmida do S[e]n[ho]r do / Bom fim da fazenda onde rezide / a contrahente na Paroupeda
E[xcelentíssimo]. R[everendo]. M[inistro].// 2

Com o favor de Deus querem casar o Guarda mor / João Nepomuceno Correa de Castro filho Legitimo de / Domingos Correa Rabello, e de D[ona]. Pascoa da Ressurreição / Castro natural, batizado na Santa Se Cathedral / de Marianna, e de presente assistente na freg[uesi].a da / Itaubira; Com D[ona]. Germana Candida Xavier / de Noronha filha Legitima do Guarda mor o Cap[it].am / Antonio Monteiro de Noronha ja falecido, e de D[ona]. / Luiza Maria da Rocha natural e batizada na Ca-/thedral de Marianna, e de presente moradora na / freg[uesi].a das Congonhas do Campo deste mesmo Bispado / de Marianna.

Manoel da Costa Negreiros Coadjuntor na Cathedral desta Cidade / certifico que forão denunciados os contrahentes supra em trez dias / festivos na forma do Sagrado concilio Tridentino, e Constituição / Diocezana, e não lhes rezultou impedimento algum canonico, que os / invabilite, nem eu sei que o haja; o que afim afirmo Sub[re] / juramento. = E revendo os livros dos assuntos dos batizados / em hum delles a p[ágina]. 308, P[o]r. lla v[endo]. Se os seguinte = Aos des-/assete de Maio de mil settecentos, e cincoenta e dois em esta / Cathedral baptizou Solemnemente o Reverendo conego Francisco / de Souza a João, filho de Domingos Correa, e D[ona]. Pascoa da Ress/ssur[r]eição, de quem forão padrinhos Antonio Al[ve]s Castro, e Dona / Clara, todos desta cidade, de que fiz este assento = o Coadjuntor / João Paes da Costa = A p[ágina]. 127 do m[es].m[o] livro esta outro as/cento na forma, que se segue = Aos doze de Septembro de / mil settecentos, e SeSenta, e quatro nesta Cathedral de Marianna, / batizou Solemnemente, e pos' os Santos oleos o Revenrendo Coadjuntor / Francisco Manoel da Rocha a Germana inocente nascida a vinte / nove do mesmo, filha legitima do Goarda Mor Antonio Monteiro / de / de Noronha, e de sua mulher D[ona]. Luiza Maria da Rocha; forão padrinhos / o Conego Vicente G[onça]l[ve]s' Jorge de Almeida, e D[ona]. Francisca Joaquina / de Almeida, filha do capitão Manoel Cardozo Crus, todos desta / freguezia. E para constar fiz este assento, que assignei: = o Cônego / cura Domingos Fernandes de Barros = E não se continha mais / em os ditos assentos do livro, a que me reporto. Marianna 22 / de Dezembro de 1786 / o Coadjuntor Manoel da Costa Negreiro
R[eceb].e p[o].r verdade.

S[anta]Anna// 3

Aos 17 de deze[m]br.o de 1786 a pr[imeir].a adm[inistração].

Aos 21 do d[i].to a sseg[un].da

Aos 22 do d.[it]o a 3.^a a ultima adm[inistração].

Com o favor de Deos, querem cazar o Guarda mor João / Nepomuceno Correa de Castro f[ilh].o Legitimo de Domingos / Correa Rabello, e de D[ona]. Pascoa da Ressurreição, Castro na/tural , e batizado na Santa Se de Mariana, e de presente / assiztente na freg[uesi].a de Itaubira, com D[ona]. Germana / Candida Xavier de Noronha filha Legitima do / Guarda mor o Cap[it].am Antonio Monteiro de Noronha / já, falessido, de D[ona]. Luiza Maria da Rocha natural / batizada na mesma Catedral de Marianna, e A pre/zente moradora na freguesia de Congonhas do Campo / deste mesmo Bispado de Mariana

Manoel Acursio Nunan Pereira, Vigario da Parochial / Igreja de N[ossa]. S[e]n[ho]r.a da boa viagem da Itabira. Certifico, / que em tres dias festivos a e façam da Missa Con/ventual publiquei os proclamados retro, e nam fa/zia impedimento algum, nem eu sei, q[uan].do hajás, v[e]j.o / tudo juro aos Santos Evangelhos aos 25 de / Des[zem]br.o de 1786.

O Vig[a]r.[i]o M[anu].el Acursio Nunan Per[eir].a.

R[ec].e[bo] p[o].r verdade.

S[anta]Anna// 4

Com o favor de Deos querem cazar o Goarda mor / João Nepomuceno Correa de Castro filho Legitimo / de Domingos Correa Rabello, e de D[ona]. Pascoa da Ressurreição / Castro, natural, batizado na Se de Marianna, e de / presente assistente na freg[uesi].a da Itaubira com D[ona]. Ger/mana Candida Xavier de Noronha filha Legitima / do Goarda mor o Cap[it].am Antonio Mont[ei]r.o de Noronha já / falecido, e de D[ona]. Luiza Maria da Rocha natural, bati/zada na Cathedral de Marianna, e de presente morada / ra na freguezia de Congonhas do Campo deste mesmo / Bispado de Mariana

João Fran[cis].co da Rocha vig[a]r[i].o e meo mandado nesta Parochial / Igreja de Santo Antonio do Oiro branco comarca de Villa Rica / Certifico que os contrahentes assimã forão proclamadoz / nesta Matriz em tres dias festivos, a estação da Missa conven/tual, que disse aos meos

freguezes, e não Rezultou impedi/mento, nem eu o Sei Passo o Referido na verdade, e o affirmo / in fide Parochi²⁷³. Oiro branco 2 de Jan[ei]r.o de 1787 annos
 O vig[a]r[i].o João Fran[cis].co da Rocha
 R[ec].e[bo] p[o].r verdad.e
 S[anta]Anna// 5

Com o favor de Deos queria cazar o Goarda mor João / Nepomuceno Correa de Castro filho Legitimo de Domingos / Correa Rabello, e de D[ona]. Pascoa da Ressurreição, e Castro / natural, e Batizado na Santa Se Cathedral de / Marianna, e de presente assi[s]tente na freg[uesi].a da Itaubira / Com D[ona]. Germana Candida Xavier de Noronha / filha Legitima do Guarda mor o Cap[it].am Antonio Mon/teiro de Noronha ja falessido, e de D[ona]. Luiza Maria / da Rocha; natural batizada na mesma Santa / Se Cathedral de Marianna, e de presentes morada / na freg[uesi].a de Congonhas do Campo deste mesmo Bispa/do de Marianna.

Joze Afonso Bragança presbitero secular Coadjutor actual nes/ta Igreja Matriz das Congonhas do Campo. / Certifico que: os Contrahentes supra forão proclamdos / nesta Matriz das Congonhas do Campo, em tres dias fes/tivos a Estação da Missa Parochial não ouve impedimento / algum nem sei que o haja.Todo referido he verdade / o que juro aos santos Evangelhos 1 de Janeiro de 1787 a
 O Coadjutor Joze Affonso Braganca
 R[ec].e[bo] p[o].r verdad.e
 S[anta]Anna// 6

Depoim[en].to do Contr[aent].e

Aos oito dias do mes de Janeiro de / mil Settecentos e oitenta e Sette / annos nesta Leal cidade de Marianna / e Cazas de morada do Muito Reveren/do Doutor Vigario Geral e Juiz dos / cazamentos deste Bispado ond[e] eu / Escrivão ao diante nomeado cre i viu / dae sendo ahi apareceu presente para / dar o seu depoimento o Guarda / mor João Nepomuceno Correa que / reconheço pelo proprio de que dou fe / a quem o sobredito Muito Reveren/do Ministro de ferio o sacramento dos / Santos Evangelhos em hum Livro / delle sem que pós Sua mão direita / e prometeu dizer verdade / E Sendo Refeita / as perguntas necessarias desse que / era o proprio João Nepomuce/no Correa filho Legitimo de Domin/gos Correa Rabello, e de Dona Paschoa / da Ressurreição; que era natural e bap/tizado na Freguezia da Sé desta cida/de, e morador ao presente na da Itau/bira, e que tambem tivess digo e que / tambem tivera assi[s]tido na de Congo/nhas do Campo, Sem que tivesse mais / rezidencias em outros alguas como des/te ou outro Bispado, e que So condu/zir o sempre no estado de solteiro, Li/vre, e desempedido sem que

²⁷³. Termo em latim; na fé do pároco.

jamais / tivesse contrahido esporsas com / molher alguma a Rezervado com/trahente Dona Germana Cândida / Xavier de quem não he parente por / consanguinidade, afinidade, / espiritualidade, ou Legalidade, e // 7 / e com quem pretende cazarmen/to de sua Lei e vontade Sem conz/tra[n]gimento, medo ou eres fei/to de pessoa alGoma, e que nun/ca fizera voto de castidade, de Re/ligião ou de não cazar: e ultima/mente disse que não tinha impe/dimento, ou embaraço algum / por que se deixe do matrimonio / p[r]ertendido, e menos Sabia que / o contrahente o fizesse; nada / mais disse, e a[s]Signou o seo depoi-/mento com o Muito Reverendo / Ministro Eu Joze Joaquim de / SantaAnna Escrevão do Regis/t[r]o que a escrevi e vi enpedimento / da da Camera
[] João Nepomuceno Corr.^a e Castro.

Ajuntada

Aos vinte e quatro dias do mez / de Janeiro de mil Settecen/tos e oitenta e Sette annos nesta / Leal cidade de Marianna / cartorio da Câmara Episcopal / onde eu Escrivão ao diante no/meado Sirvo sendo ahi ajunto / a estes Autos huns depoimentos / de contrahente atrás declarada / o qual he o que ao diante Se Segue / e para constar faço este termo Eu / Joze Joaquim de Santa Anna / Escrivão que a escrevi.// 7

O D[outo].r Francisco Pereir[a]²⁷⁴ de Santa Appollonia / conego [---] na cathedral desta cidade Il[ustrissi]m.a / nella e em todo o Seu Bispado Vigario geral Juiz / das Justificaçoens cazam[ent].os Reziduos Adjunto / nas de Genero por Sua Ex[celentíssim].a R[everendíssi]m.a [p[es]s[o]a] Aos que o presente / mand[ad].o de Comissão virem saude e pax p[ar].a Sempre / em Jezus Christo nosso S[e]n[ho]r' q[ue] de todos He verdad[eir].o / Remedio e salvação Facó Saber que attendendo / eu ao q[ue] por Sua petição me envirao a dizer o Guar/da mor Joao Nepomuceno Correa de Castro / natural e Batizado na Freguezia da Se desta Cid[ad].e / filho Lig[íti].mo d.e Dom[ing].os Corr[e].a Rabello ja defunto e de D[ona]. / Paschoa da Ressurreição e D[ona]. Germana Cândida / Xavier de Noronha filha Leg[íti].ma do Guarda mor Capitão / Antonio Monteiro de Noronha ja defunto e de Dona / Luiza Maria da Rocha natural e baptizada nesta / mesma freg[uesi].a hes porbem de Me mandar passar / o presente m[anda]d.o E Comissão pelo qual dou e cometo / as minhas rezas ao Reverendo Parocho da Freg[uesi].a do ouro / Branco p[ar].a com outro sacerdote q[ue] Me serão escrivão / deferendo lhe o juram[en]to dos Santos Evagelhos Taubem / digo tambem do mesmo Reg[istro]. Se fara termo tem o de/poem[en].to da Sobre dita Contrahente o q[ue] feito e cumprido / digo cobrados os Seos salareos f[---] jentes fazendo / nesta camara e Sera Reg[istra].da no L[ivr]o do Reg[istr].o g.e[ra]l Dada / nesta Cid[ad].e Il[ustrissi]m.a do CoSello da San[tíssim].a E Sua Ex[celentíssim].a, / R[everendíssi]m.a em coSignacaos 9 de Jan[ei].ro de 1787 eu Jozé / da Costa Ferrão o subscrevi.
Fr[ancisc].co P[ereir].a de S[ant].a 8,6.88

Reg[istra].da p[ágina] 63 do L[ivr].o 22

²⁷⁴. Esse trecho está ilegível no manuscrito.

	do Reg[istr].o g[era]	fa[tura]
Ferrão	[on]	825
	selo	75
	a seg[unda]	300 gr[amas].
	S[anta]Anna [farto]	310
	Reg[istr].o	112 fr.

Mand.o de con.ta p[ar].a depoime[n].to da Contr[uent].e Supra come[n]t[a]ta / do ao R[everen].do Parocho da Freg[uesi].a do ouro Branco

DRMA ver//8

Aos dezecete dias do mes de Fev[ereir].o digo de Janeiro de mil Se/te centos e oitenta Sette annos nesta Aplecação da S[e]n[ho]r.a / da Boa Morte freguesia de Nossa Senhora da Concei/cão de Congonhas do Campo em casa de morada / do Reverendo João Francisco da Roxa donde eu / Escrivão au diante nomiado fui vendo e sendo ahi / por parte da depuente Germana Candida de / Xavier de Noronha me foi apresentada a mandado / de ComiSSão do Muito Reverendo Senhor Doutor Vigário / Geral Francisco Pereira Santa Apolonio capeal pe/llo Reverendo Juiz ComeSSario o Reverendo João Fran/cisco da Roxa foi aSeito contado a devido Reverendo / para o feito de lhe dar todo o Seu devido imterrogam / p[ri]miente digo recebeo o juramento dos doutos Evan/gelhos em hum livro delles em q[ue].’ pos sua mão direita / pello mesmo Juiz commissario me foi deferido o mesmo / juramento debaixo do qual prometemos de fazer bem / cada hum sua obrigação de que para constar meu / [---] o Reverendo Juiz Commissario fazer este termo / que ambos aSignamos Eu o P[adr]e S[enh]or’ Antonio / Rodrigues Paiva Escrivão eleito que o Escriví.

O vejo João Fran[cis].co da[---] P[adr].e An.t[onio] Roiz.a Paiva

Aos dezessete dias do mes de Janeiro de mil cetecen/tos e oitenta sete annos nesta aplecação da Capella / de NoSSo Senh.o[ra] da Boa morte freguesia de NoSSa / senhora da Com[cei]ção de Congonhas do Campo em cazas / de morada do Reverendo João Francisco da Ro/xa ao nele eu Escrivão eleito ao diante nomiado / sendo ahi apareSeo presente Germana Cândida / Xavier de Noronha a qual Reconheso pella própria / para dar seu depoimento pello Reverendo Juiz Co/meSSario lhe foi deferido o juramento dos Santos//9 Dos Santos Evangelhos hem um livro deLes em que pos sua mão / d[irei].ta em[coregios] de Sede outra digo fazendo per/guntas foiSSe o que prometeu fazer E Sedo ahi fei/tas as perguntas neSSeSarias confome a determinação / da constituição deSSe que era a própria Germana Cadida / Xavier de Noronha filha legitima do Gardamor Capitão / Antonio Monteiro de Noronha e dha mulhe[r] Dona Luiza / Maria da Roxa, e que era da da freguesia da Cat[edr]al da C[ri]d.a[de] / Se natural e Baptizada ao nele o Sete o alguns annos / ele pais Se mudou p[ar].a a freguesia de Santo Antonio do ou/ro Branco de proxima morada na freguesia de NoSSa / Senhora da Conceição de Congonhas do Campo, deste Bis/pado que não asitia em outra alguma freguesia deste /

ou de outro Bispado, e que tinha de idade vinte dois annos / fazido mais ou menos, e que não tinha feito promeSSa / de casamento apeSSoa
 algua senão ao Guarda Mor / João de Pomuleno²⁷⁵ Correia de Castro com quem esta contra/tado para se cazarm[en].t[o] de de Sua livre e vontade
 sem constrangimento medo ou Respeito peSSoa, e que sempre vivera / no Estado de Solteira, e não fizera voto algum de Casti/dade Religião ou
 de não Cazar, e que com o dito Guarda / Mor João de Pomuceno Correia de Castro não tinha paren/tesco algum de sanguinidade Afinidade ou
 Espiritual / e que não tenha outro algum legitimo ou Canonico in/pediminte que impede de o Matrimonio que pretemdem / contraher, e mais não
 deSSe aSignou Eu o Padre An/tonio Rodrigues Paiva Escrivão Eleito que oEscrevi-

Germana Cândida Xavier de Noronha

Rocha

Elogio no mesmo dia mes era Supra Leu o Re/verendo [---] comiSSaro esta de que leu perfeita e man/dou a mim Escrivão eleito para fazer este
 termo de EnSerra/mento He me da Eu o P[adr].e Antonio Rodrigues Paiva Es/crivão eleito qu[e] oEscrevi

Rocha

D[ec]l[aração] da abertu[r].a

Aos vinte e quatro do mes /de Janeiro de mil Settecentos e / oitenta e Sete annos nesta Leal ci/dade Marianna e[m] Cartorio da Ca/mara
 Episcopal Onde eu Escri/vão ao diante nomeado Sirvo / Sendo ahi por parte do Contrahente / e por. declarada me foi entre / seu o presente
 depoimento / o qual vinha fexado e lacrado / na forma do estillo, o qual Sendo / p[o].r mim aberto e o hei Sem vicio / nem coiza que duvida faça
 e para / constas fis este termo que as[s]ignou / o Muito Reverendo Ministro Eu / Jose Joaquim de SantaAnna Es/crivão que a escrevi.

S[anta]Anna

Ca[s]am

Em cazas fis Autos ao R[e]c[eb]e[r] N[osso]. / M[i]n[istr].o p[ar].a os despaxarem em 24 de Jan[neir].o de / 1787

Cc.^{er}

Julgo Enbilitad[e]z p[ar].a Se Receberem //10 / em matrimonio o G[uarda] Mor João Nepo/muceno Correa de Castro e D[ona] / Germana
 Candida Xavier de No/ronha Oriunda dos Pays, e / Patrias expressada nos Seos / Depoim[en].tos e Renunc.ea[s] feitas / nas freg[uesi].a
 competetens p[ar].a não / Sepultar destas impedim[ent].o al/gum, nem fes este de presumir / como afim pronuncio em q[ue]. [---] / contr[act].e
 se não de mini[s]tr[o] / Ordin[a]r.am Fe Portanto / Se Mes passe Prov[isa].m p[ar].a Se Recebe/rem em Soléni[da].de na Hermida / do S[enho]r
 do Bom Fim da Paraueba / como de quem pagaz os Autos / M[aria]n.a 25 de Jan[neir].o de 1787

²⁷⁵. O escrivão registra o nome de João Nepomuceno Correa Castro de forma incorreta.

Pro[vedor] Min[istr].o Gratis
Fr.º B.ª AP.87

Rec[e]b[e].m

Por Me R[ever].e[ndo] Min[istr].o me forão dados contas / Autos comisuam S[e]n[ho]r' supra aos 23 de Junh[o]. / de 1787//10 v.

P[ar].a o MeReSSe. F[oi]. [G[e]r[al].]
N Escr[ivã].o

A, e Rosa	255		
Recon[hecimento] E[s]criv.ao	600		
Depoim[en].to	250		
Ao dar M[anda]d[o] p[as]S[a]	310	=	2\$195
Abertt[ura].	300		
Conc[ulta]. Pub[lica].	170		
P.º de Prov[edo].r	310		
Ser.º filla de M[anda].d[o] q[ue]	900		
Do Se[nhor] Prov[edo].r	1725	=	2\$625
Reg[istr].o du M[anda].do p[ara]	112 [con]	=	\$225
d[it].o Se[nhor] Prov[edo].r	112 [con]		
Destr.am e Contas			\$450

M[aria].na 25 de Jan[eiro]. de1787

S[anta]Anna//11

1787

12 número 121.
Fisco de Congonhas.

O guarda mor João Nepomuceno e
dona Germana Cândida Xavier de Noronha
Contas:

Ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de mil setecentos e oitenta e sete anos, aos oito dias do mês de janeiro do sobredito ano, nesta leal cidade de Mariana, no cartório da câmara episcopal onde eu escrivão adiante nomeado sirvo, e ai sendo por parte dos contraentes João Nepomuceno e dona Germana Cândida Xavier de Noronha, procurado com a petição de passado pelo muito reverendo doutor Francisco Pereira de Santa Apolônio, cônego na catedral desta cidade, vigário geral e juiz dos casamentos deste bispado. Pedindo-me que aceitasse e autorizasse com os proclamas juntos para a o feito de deixem seus depoimentos, e afinal receberem-se em matrimônio. Ao que satisfiz, aceitei e autorizei, ele a que adiante receba. E para constar fiz este termo. Eu Jozé da Costa Ferrão, escrivão da câmara episcopal que o escrevi.

Ao referido escrivão Ferrão, consta de janeiro de 1787
SantaAnna

Diz o guarda mor João Nepomuceno Correa de Castro, natural e batizado na freguesia da Sé desta cidade de Mariana, filho legítimo de Domingos Correa Rabello, já defunto, e de dona Páscoa da Ressurreição. De presente morada na freguesia da Itabira, onde está contratado para receber em matrimônio com dona Germana Cândida Xavier de Noronha, filha legítima do guarda mor capitão Antonio Monteiro de Noronha, já defunto, e de dona Luiza Maria da Rocha, natural e batizada na mesma freguesia desta catedral, e de presente moradora na freguesia de Congonhas do Campo. Para que se me conceda a provisão do estimo apresentam certidões de banhos, batismos e sem impedimento, para o suplicante ser admitido a prestar em presença de um padre o seu depoimento, suplicando para a contraente o mandado de comissão dirigido ao reverendo vigário do Ouro Preto, a tanta a distância em cômodos do tempo.

De 8 de dezembro, passo a comissão requerida.
1085

Parecer digno, deferi na forma que requerem. Ao final repassas provisão para se receberem na ermida do Senhor do Bom Fim, da fazenda onde reside a contraente, em Paroupeda.
Excelentíssimo Reverendo Ministro.

Com o favor de Deus querem casar o guarda mor João Nepomuceno Correa de Castro, filho legítimo de Domingos Correa Rabello e de dona Páscoa da Ressurreição Castro, natural e batizado na santa Sé catedral de Mariana, e de presente assistente na freguesia da Itaubira. Com dona Germana Cândida Xavier de Noronha, filha legítima do guarda mor o capitão Antonio Monteiro de Noronha, já falecido, e de Dona Luiza Maria da Rocha, natural e batizada na catedral de Mariana, e de presente moradora na freguesia das Congonhas do Campo, deste mesmo bispado de Mariana.

Manoel da Costa Negreiros coadjutor na catedral desta cidade, certifico que foram denunciados os contraentes supra, em três dias festivos, na forma do sagrado concílio Tridentino e constituição diocesana. E não lhes resultou impedimento algum canônico que os inabilite e nem eu sei que o haja; o que afirmo sobre juramento. Revendo os livros dos assuntos dos batizados, em um deles, a página 308, por lá vendo o seguinte: aos dezessete de maio de mil setecentos e cinquenta e dois, em esta catedral batizou solenemente o reverendo cônego Francisco de Souza a João, filho de Domingos Correa e de dona Páscoa da Ressurreição, de quem foram padrinhos Antonio Alves Castro e dona Clara, todos desta cidade de que fiz este assento. O coadjutor João Paes da Costa. À página 127 do mesmo livro está outro assento na forma que se segue: aos doze de setembro de mil setecentos e sessenta e quatro, nesta catedral de Mariana, batizou solenemente e pôs os santos óleos o reverendo coadjutor Francisco Manoel da Rocha a Germana, inocente nascida a vinte nove do mesmo, filha legítima do guarda mor Antonio Monteiro de Noronha, e de sua mulher dona Luiza Maria da Rocha; foram padrinhos o cônego Vicente Gonçalves Jorge de Almeida e dona Francisca Joaquina de Almeida, filha do capitão Manoel Cardozo Crus, todos desta freguesia. E para constar fiz este assento, que assinei. O cônego cura Domingos Fernandes de Barros. E não se continha mais em os ditos assentos do livro, a que me reporto. Mariana 22 de dezembro de 1786. O coadjutor Manoel da Costa Negreiro.
Recebe por verdade.
SantaAnna.

Aos 17 de dezembro de 1786 a primeira administração.

Aos 21 do dito a segunda.

Aos 22 do dito a 3.^a e última administração.

Com o favor de Deus querem casar o guarda mor João Nepomuceno Correa de Castro filho legítimo de Domingos Correa Rabello e de dona Páscoa da Ressurreição Castro, natural e batizado na santa Sé de Mariana e de presente assistente na freguesia de Itaubira. Com dona Germana Cândida Xavier de Noronha, filha legítima do guarda mor, o capitão Antonio Monteiro de Noronha, já falecido e de dona Luiza Maria da Rocha, natural e batizada na mesma catedral de Mariana, e de presente moradora na freguesia de Congonhas do Campo, deste mesmo bispado de Mariana.

Manoel Acursio Nunan Pereira, vigário da paroquial igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem da Itabira. Certifico que em três dias festivos façam na missa conventual pública os proclamados retro, e não fazia impedimento algum, nem eu sei quando hajam, vejo tudo juro aos santos evangelhos, a 25 de dezembro de 1786.

O Vigário Manuel Acursio Nunan Pereira.

Recebo por verdade.

SantaAnna.

Com o favor de Deus querem casar o guarda mor João Nepomuceno Correa de Castro, filho legítimo de Domingos Correa Rabello e de dona Páscoa da Ressurreição Castro, natural e batizado na Sé de Mariana, e de presente assistente na freguesia da Itaubira. Com dona Germana Cândida Xavier de Noronha, filha legítima do guarda mor o capitão Antonio Monteiro de Noronha, já falecido e de dona Luiza Maria da Rocha, natural e batizada na catedral de Mariana, e de presente morada na freguesia de Congonhas do Campo, deste mesmo bispado de Mariana.

João Francisco da Rocha, vigário em mandato nesta paroquial igreja de Santo Antônio do Ouro Branco comarca de Villa Rica. Certifico que os contraentes acima foram proclamados nesta matriz em três dias festivos, a estação da missa conventual que disse aos meus fregueses e não resultou impedimento, nem eu o sei. Passo o referido na verdade e o afirmo *in fide parochi*. Ouro Branco 2 de janeiro do ano de 1787.

O vigário João Francisco da Rocha.

Recebo por verdade.

SantaAnna.

Com o favor de Deus querem casar o guarda mor João Nepomuceno Correa de Castro, filho legítimo de Domingos Correa Rabello e de dona Páscoa da Ressurreição e Castro, natural e batizado na santa Sé catedral de Mariana, e de presente assistente na freguesia da Itaubira com dona Germana Cândida Xavier de Noronha, filha legítima do guarda mor e capitão Antonio Monteiro de Noronha, já falecido, e de dona Luiza

Maria da Rocha; natural e batizada na mesma santa Sé catedral de Mariana, e de presente morada na freguesia de Congonhas do Campo deste mesmo bispado de Mariana.

Depoimento do contraente:

Aos oito dias do mês de janeiro de mil setecentos e oitenta e sete anos, nesta leal cidade de Mariana, em casa de morada do muito reverendo doutor vigário geral e juiz dos casamentos deste bispado, onde eu escrivão adiante nomeado crê i viu, daí sendo apareceu presente para dar o seu depoimento o guarda mor João Nepomuceno Correa que reconheço pelo próprio de que dou fé, a quem o sobredito muito reverendo ministro deferiu o sacramento dos santos evangelhos em um livro dele, em que pós sua mão direita e prometeu dizer verdade. Aí sendo refeita as perguntas necessárias, disse que era o próprio João Nepomuceno Correa, filho legítimo de Domingos Correa Rabello e de dona Páschoa da Ressurreição; que era natural e batizado na freguesia da Sé desta cidade, e morador ao presente na da Itaubira. E que também tivera assistido na de Congonhas do Campo, sem que tivesse mais residências em outros alguma como deste ou outro bispado, e que só conduzir o sempre no estado de solteiro, livre e desimpedido sem que jamais tivesse contraído esposa com mulher alguma, há reservado contraente dona Germana Cândida Xavier de quem não é parente por consanguinidade, afinidade, espiritualidade ou legalidade, e com quem pretende casamento de sua lei e vontade, sem constrangimento, medo ou algum feito de pessoa alguma. E que nunca fizera voto de castidade, de religião ou de não casar, e ultimamente disse que não tinha impedimento ou embaraço algum por que se deixe do matrimonio pretendido, e menos sabia que o contraente o fizesse; nada mais disse, e assinou o seu depoimento com o muito reverendo ministro, eu José Joaquim de SantaAnna escrivão do registro que a escrevi e vi impedimento da câmara.

João Nepomuceno Correa e Castro.

Ajuntada;

Aos vinte e quatro dias do mês de janeiro de mil setecentos e oitenta e sete anos, nesta leal cidade de Mariana, em o cartório da câmara episcopal onde eu escrivão ao diante nomeado sirvo sendo, aí ajunto a estes autos uns depoimentos de contraente atrás declarada, o qual é o que ao diante se segue e para constar faço este termo, eu José Joaquim de SantaAnna escrivão que a escrevi.

O doutor Francisco Pereira de Santa Appollonia, cônego na catedral desta cidade ilustríssima, nela e em todo o seu bispado vigário geral, juiz das justificações, casamentos, resíduos adjunto nas de gênero e por sua excelentíssima reverendíssima pessoa. Aos que o presente mandado de comissão virem saúde e paz para sempre em Jesus Cristo nosso senhor, que de todos é verdadeiro remédio e salvação faço saber que atendendo eu ao que por sua petição me enviaram a dizer o guarda mor João Nepomuceno Correa de Castro, natural e batizado na freguesia da Sé desta cidade, filho legítimo de Domingos Correa Rabello, já defunto e de dona Páschoa da Ressurreição. E dona Germana Cândida Xavier de Noronha, filha legítima do guarda mor capitão Antonio Monteiro de Noronha, já defunto, e de dona Luiza Maria da Rocha natural e batizada

nesta mesma freguesia, és por bem de me mandar passar o presente mandado e comissão pelo qual dou e cometo as minhas rezas ao reverendo pároco da freguesia do Ouro Branco, para com outro sacerdote que será escrivão, deferindo lhe o juramento dos santos evangelhos também do mesmo registro se fará termo o depoimento da sobredita contraente, o que feito e cobrado os seus salários. Fazendo nesta câmara e será registrada no livro do registro geral, dado nesta cidade ilustríssima do conselho da santíssima, e sua excelentíssima reverendíssima em consignação. 9 de janeiro de 1787, eu José da Costa Ferrão o sob escrevi.
Francisco Pereira de Santa 8,6.88

Registrada página 63 do livro 22 do registro geral

	fatura	825
Ferrão	selo	75
	a segunda	300 gramas
	SantaAnna	310
	registro	112 fr.

Mando de conta para depoimento da contraente supra comentado, dou ao reverendo pároco da freguesia do Ouro Branco
DRMA ver.

Aos dezessete dias do mês de fevereiro, digo de janeiro de mil setecentos e oitenta e sete ano,s nesta aplicação da senhora da Boa Morte, freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Congonhas do Campo, em casa de morada do reverendo João Francisco da Roxa, donde eu escrivão ao diante nomeado fui vendo e sendo, ai por parte da depoente Germana Cândida de Xavier de Noronha me foi apresentada a mandado de comissão do muito reverendo senhor doutor vigário geral Francisco Pereira Santa Apolônio, capelão pelo reverendo juiz comissário o reverendo João Francisco da Roxa foi aceito, contado a devido reverendo para o feito de lhe receber os juramentos dos doutos evangelhos em um livro deles, em que pôs sua mão direita. Pelo mesmo juiz comissário me foi deferido o mesmo juramento debaixo do qual prometemos de fazer bem cada um sua obrigação, de que para constar, o reverendo juiz comissário mandou fazer este termo que ambos assinamos, eu o padre senhor Antonio Rodrigues Paiva, escrivão eleito que o escrevi.

O vejo João Francisco da Roxa Padre Antonio Roiza Paiva

Aos dezessete dias do mês de janeiro de mil setecentos e oitenta sete anos, nesta aplicação da capela de Nossa Senhora da Boa Morte, freguesia de Nossa senhora da Conceição de Congonhas do Campo, em casas de morada do reverendo João Francisco da Roxa, ao nele eu

escrivão eleito, ao diante nomeado sendo, ai apareceu presente Germana Cândida Xavier de Noronha a qual reconheço pela própria para dar seu depoimento. Pelo reverendo juiz comissário lhe foi deferido os juramentos dos Santos Evangelhos em um livro deles, em que pôs sua mão direita, fazendo perguntas foi se o que prometeu fazer e sedo ai feitas as perguntas necessárias conforme a determinação da constituição, disse que era a própria Germana Cândida Xavier de Noronha filha legítima do guarda mor capitão Antonio Monteiro de Noronha e da mulher dona Luiza Maria da Roxa, e que era da freguesia da cathedral da cidade Sé, natural e batizada nela. A sete ou alguns anos, seu pais se mudou para a freguesia de Santo Antonio do Ouro Branco, de próxima morada na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Congonhas do Campo, deste bispado, que não assistia em outra alguma freguesia deste ou de outro bispado, e que tinha de idade vinte dois anos feitos mais ou menos, e que não tinha feito promessa de casamento a pessoa alguma senão ao guarda mor João de Pomuleno Correia de Castro com quem está contratada para se casar de sua livre vontade, sem constrangimento, medo ou respeito à pessoa, e que sempre vivera no estado de solteira, e não fizera voto algum de castidade, religião ou de não se casar, e que com o dito guarda mor João de Pomuceno Correia de Castro não tinha parentesco algum sanguíneo, de afinidade ou espiritual e que não tenha outro algum legítimo ou canônico impedimento que impede de o matrimonio que pretendem contrair, e mais não disse. Assinei eu o padre Antonio Rodrigues Paiva escrivão eleito que o escrevi.

Germana Cândida Xavier de Noronha

Rocha

Elogio no mesmo dia e mês, supra leu o reverendo comissário esta, de que leu perfeito e mandou a mim escrivão eleito para fazer este termo de encerramento e me dá, eu o padre Antonio Rodrigues Paiva escrivão eleito que o Escrevi

Rocha

Declaração da abertura

Aos vinte e quatro do mês de janeiro de mil setecentos e oitenta e sete anos, nesta leal cidade de Mariana em o cartório da câmara episcopal, onde eu escrivão adiante nomeado sirvo, sendo aí por parte do contraente e por ela declarada me foi entregue o presente depoimento, o qual vinha fechado e lacrado na forma do estilo, o qual sendo por mim aberto o há sem vício nem coisa que dúvida faça e para constar fiz este termo que assinou o muito reverendo ministro eu José Joaquim de SantaAnna escrivão que a escrevi.

SantaAnna

Casam

Em casas fiz este auto ao receber nosso ministro para os despacharem em 24 de janeiro de 1787

Cc.^{er}

Julgo embilidadez para se receberem em matrimônio o guarda mor João Nepomuceno Correa de Castro e dona Germana Cândida Xavier de Noronha, oriunda dos pais e pátrias, expressada nos seus depoimentos e renuncia feitas nas freguesias competentes para não sepultar deste impedimento algum, nem fez este de presumir como assim pronunciou a contraente, os ministros ordenaram fé. Portanto, se me passe provisão para se receberem em solenidade na ermida do Senhor do Bom Fim da Paraupeba , como de quem paga os autos. Mariana 25 de janeiro de 1787.

Provedor Ministro Gratis.

Fr.º B.ª AP.87

Recebem

Por mim, reverendo ministro foi dado conta aos autos de comissão do senhor supra aos 23 de junho de 1787.

Para merecer foi geral;

Escrivão.

A, e Rosa	255		
Reconhecimento do escrivão	600		
Depoimento	250		
Ao dar mandado passar	310	=	2\$195
Abertura	300		
Consulta pública	170		
P.º de provedor	310		
Ser fila de mandado que	900		
do senhor provedor	1725	=	2\$625
Registro do mandado para	112 [con]	=	\$225
dito senhor provedor	112 [con]		
Destram e Contas	\$450		

Mariana 25 de janeiro de 1787.
SantaAnna

Transcrito por: Hudson Lucas Marques Martins.
Em: 02 de maio de 2009.

Revisado por: Hudson Lucas Marques Martins.
Em: 04 de novembro de 2009.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

DOCUMENTO N.º 13

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

Despeza q' tenho feito com aCapella do S. de Mat.^{os} desde o pr.^o de Jnr.^o em the
oultimo de Dez.^o de 1787 ²⁷⁶

5	15	...	P. que dei ao Pintor João Nepomuceno da pintura dacapella	132 8 ^a s
---	----	-----	---	----------------------

²⁷⁷Despeza q[ue]' tenho feito com a Capella do S[enhor]. de Mat[osinh].os desde o pr[imeir].o de J[a]n[ei]r.o em the o ultimo de Dez[embr].o
de / 1787

...	P[or]. que dei ao Pintor João Nepomuceno da pintura da capella	132 8 ^a s ²⁷⁸
-----	--	-------------------------------------

Despeza que tenho feito com a capela do Senhor de Matosinhos desde o primeiro de janeiro, até o último de dezembro de 1787.

...	Por que dei ao pintor João Nepomuceno da pintura da capela.	132 8 ^a s
-----	---	----------------------

²⁷⁶. **AEAM**. Recibo de João Nepomuceno do santuário Bom Jesus de Matosinhos, 1787. *In*: Livro 1º de despesa do santuário de N. S. Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo. f. 18 v.. Prateleira H, códice 26.

²⁷⁷. Lê-se na margem esquerda: 15. Referente a este ser o décimo quinto item anotado pelo escrivão naquele ano.

²⁷⁸. Lê-se cento e trinta e duas oitavas.

Transcrito por: Hudson Lucas Marques Martins.
Em: 23 de outubro de 2009.

Revisado por: Hudson Lucas Marques Martins.
Em: 04 de novembro de 2009.

Em: 04 de novembro de 2009.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

DOCUMENTO N.º 15

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

Despezaq' fis com aCap.^{la doS.r Matoz.os} neste anno²⁸¹
De 1790

...//21 v.

5

...

P. q. ao Pintor João Nepomuceno deencarnar 4 bustos p.^a a Cap.^{la}

32 8^as

Despeza q[ue]' fis com a Cap[e].la^{do S[enho].r Matoz[inh].os} neste anno / De 1790

...//21 v.

...

P[or]. q[ue]. [dei] ao Pintor João Nepomuceno de encarnar²⁸² 4 bustos p[ar].a a Cap[e].la

32 8^as²⁸³

Despesa que fiz com a capela^{do S[enho].r Matoz[inh].os} neste ano de 1790.

Por que dei ao pintor João Nepomuceno de encarnar 4 bustos para a capela.

32 8^as

²⁸¹. **AEAM**. Recibo de João Nepomuceno do santuário Bom Jesus de Matozinhos, 1790. *In*: Livro 1º de despesa do santuário de N. S. Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo. f. 21 v. e 22. Prateleira H, códice 26.

²⁸². “Encarnação (termo de pintor); A côr da carne em todas as partes nuas de hum corpo pintado” *in*: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v. 3, p. 208. “Encarnar: Dar cor de carne a pinturas ou imagens, aplicando polimento às partes do corpo que devem aparecer” *in*: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 143.

²⁸³. Lê-se 32 oitavas.

Transcrito por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 23 de outubro de 2009.

Revisado por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 04 de novembro de 2009.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

DOCUMENTO N.º 16

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

6 Recebi²⁸⁴ doS. Alferes Francisco Jozé
 Fernades seis oitavas de ouro Qme pagou
 como sindico da Veneravel Ordem 3^a
 deS. Fran.^{co} desta cid.^e de Mnn.^a de in
 5 carnar hua Imagem de S. Fran.^{co} e [pedi]
 [ves] d.^o passo este por mim feito eaSigna
 do Marianna 29 de Agosto de 1791
 João Nepom.^o Corr.^a Castro

Recebi do S[enhor]. Alferes Francisco Jozé / Fernades seis²⁸⁵ oitavas de ouro Q[ue] me pagou / como sindico da Veneravel Ordem 3^a / de S[ão].
 Fran[cis].co desta cid[ad].e de M[aria]nn.a de in/carnar²⁸⁶ hu[m]a Imagem de S[ão]. Fran[cis].co e [pedi] / [ves] d[it].o passo este por mim feito
 e aS[s]igna/do Marianna 29 de Agosto de 1791
 João Nepom[ucen].o Corr[e].a Castro

²⁸⁴. AHSFM. Recibo pago a João Nepomuceno Correa Castro, 1791. In: Livro 1º de recibos da ordem 3ª de São Francisco. f. 5 v.

²⁸⁵. Lê-se na margem esquerda: 6.

²⁸⁶. “Encarnação (termo de pintor); A côr da carne em todas as partes nuas de hum corpo pintado” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v. 3, p. 208. “Encarnar: Dar cor de carne a pinturas ou imagens, aplicando polimento às partes do corpo que devem aparecer” in: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 143.

Recebi do senhor alferes Francisco Jozé Fernades seis oitavas de ouro que me pagou como sindico da Venerável Ordem 3^a de São Francisco desta cidade de Mariana, por encarnar uma imagem de São Francisco e [pedi] [ves] dito passo este por mim feito e assinado. Mariana, 29 de agosto de 1791.

João Nepomuceno Correa Castro.

Transcrito por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 25 de novembro de 2009.

Revisado por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 25 de novembro de 2009.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

DOCUMENTO N.º 17

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

13/8 ³/₄ Recebi²⁸⁷ do Snr. Pedro de Almeida Maria como sindaco da Veneravel Ordem de S. Francisco, quinze oitavas, e tres quartos, prosedidas de Varias Obras de Pintura q' fes p.^a a mesma ordem, e p.^a [---] passo este Marianna o primeiro de Dezembro de 1794
João Nepomuceno Corr.^a Castro// 15

Recebi do S[e]n[ho]r. Pedro de Almeida Maria / como sindaco da Veneravel Ordem de S[ã]o. Fran/cisco, quinze oitavas, e tres quartos²⁸⁸, prosedidas / de Varias Obras de Pintura q[ue]' fes p[ar].a a mesma / ordem, e p[ar].a [---] passo este Marianna / o primeiro de Dezembro de 1794

João Nepomuceno Corr[e].a Castro

Recebi do senhor Pedro de Almeida Maria como síndico da Venerável Ordem de São Francisco, quinze oitavas e três quartos procedidas de várias obras de pintura que fez para a mesma ordem, para [---] passo este. Mariana, o primeiro de dezembro de 1794.

João Nepomuceno Correa Castro.

Transcrito por: Hudson Lucas Marques Martins.

²⁸⁷. AHSFM. Recibo pago a João Nepomuceno Correa Castro, 1794. *In*: Livro 1º de recibos da ordem 3ª de S. Francisco. f. 15.

²⁸⁸. Na margem esquerda: 13/8 ³/₄.

Em: 25 de novembro de 2009.

Revisado por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 25 de novembro de 2009.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

DOCUMENTO N.º 18

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

			<u>1803</u> ²⁸⁹	[---]
	Cid. ^e I. OR. ^{do}			
	5	M [---] 18	Conego Prom ^{or} do Juizo e[---]	
	10		D. Catharina Clara deJezus tita deSeu Irmam João Nepomoce no Corr. ^a deCastro	
			Escr. ^{am}	Contas dettt. ^o
				Coêlho
				Re
28 de março de 1803.	15		Annodo Nascimento deNossoSenhor JezusChristo demile oito centos etres anos aos vinte e oito diasdo mesdeMarço dodito ano nestaLealCidaudeMarianna eaudiencia publica que aos	

²⁸⁹. **AEAM**. Contas de testamento de João Nepomuceno Correia Castro, 1794 - 1806. *In*: Testamento de João Nepomuceno Correia Castro. 13 f. Testamentos, pasta 619.

Essa parte do documento está muito ruim para leitura.

30 feitos e partes ahus Procuradores
 oestam fazendo Como Escrivão
 atualdeste Juizo o Muito Revê
 rendo Doutor Quintiliano Al
 ves Teixeira Jardim Providor
 Vigario Geral deste Bispado
 ahi na mesma audiencia por
 35 Antonio FernandesVieira Solicita
 dor deCausas nos auditorios desta
 cidaude Procurador dos Residuos
 foi dito eRequerido aoMuitoRe
 verendo Ministro que requeria
 40 fose Citada Dona Catharina Clara//I
 [---]lara de Jesus ComoTestamentei
 [---]a deseu Irmam João Nepo
 [---]uceno Correa deCastro para em
 [---]em termo Com assinas daley
 45 [---]via aJuizada Contas deamesma
 Testamentenia pos hão Sendo atem
 po aquem tudo Sendo Visto com
 de [perito] orto Merito Reveren
 do eMinistro Seu Requerimento
 50 Ja firmado deste nos assim deferio
 na forma Le [---] dequem para
 Contas faço aqui oprezente reque
 rimento deaudiencia que otirei
 dacota tomada emfe nafranca
 55 no Prazocerto porhadito Escrivão e
 posse desta oque foi aqui nestes autos

60 quem meReporto em Joaquim []
 na deSilva Escrivão Ajudante
 quem Escrevi.
 Certifico, oque [cotei] aD. Catherina
 Clara deJezuz tta deseu marido
 digo deseu Irmaum Joam Nepo
 moceno Corr^a deCastro p^a em
 65 termo comas enas daleis em [aZo]
 dar contas dad^a tta. p.^{or} serfin
 do otermo Emfé Seg faco
 oprezenteMarianna 30 de
 30 de julho de 1804. D.º 400 julho de 1804.
 70 Joaq^m M^o daSilva D[---]
 Ajuntada
 Aos trintadias domes deJulho de
 mil oito centos equatro annos nesta
 leal cidade de Marianna em
 75 ocartorio demimEscrivam adi
 ante nomeado Sendo ahi por
 partedaRe Dona Catherina
 Clara deJezus comotestamentei
 ra deseu Irmam Joam Nepomu
 80 ceno Correia deCastro mefez da
 da hum asua peticam como
 des parte nella proferido
 pelo Muitissemo, eReverendi
 ssimo Ministro oDoutor Quinte
 85 lianno Alves Texeiras Jardim//I v.

Jardim pedir de meo esse

90 mesma faz men cam o que

em rrazamdo meo officio
 eorrequerimento dadita
 parteoaceitei comos data
 95 mentos mencionados queto
 dos samos que aodiante se
 sesseguem eabaixo. Eu Joa
 quim Coelho deOlviveiraDu
 arte Escrivam docontenciozo
 100 Geral, eRezi duas, queoescre
 vi

28 de dezembro de
 1794.

105 Diz D. Cátherina Clara de Jezus naqualid.^e de tta de
 seuIrmão João Nepomuceno Corr.^a. q.^e Autor Ci.^{to}ela o Reque
 riment^o do R.^{do} Conego Promo^{tor} do Juizo p.^a dar Contas das
 m.^{ma} ttr.^a eobedecendo apresenta o proprio ttt^o deSeu
 Tes.^{tado} Com as Certidoins de Con.^{tas}. eRecibo q.^e MeRespei
 tão, eporisso Req.^f as. S. p.^a q'. Seja Send.^o m.^{dar} q.^e o Escr.^{am}
 110 docontenciozo junte esta aos auto que Ouverem eos Faça
 Com es.^{ta} aoR. Conego Promotor p.^a expor edizes oq.^e SeMe
 Oferecer

Com ref.

115 Pas. S. aSim aover por
 bem m.^{dar}

Jardim

E. Pb. M.^{os} //2

1
 Ja [---]
 [---] 3

Em nome de Deos Amem

120 Saibão quantos este publico escritum.^{to} de testam^{to},
 ultimas, e derradeiras vont.^e Virem que sendo no
 anno de nascim^{to} de N. S.^r Jezus Chisto de mil
 Sete centos, e noventa equatro annos aos vinte
 125 oito dias do mes de Dezebr^o. do dito anno nesta
 Cid.^e Marianna eo João Nepomuceno Correa
 deCastro, estando infermo, edecama, temen-
 dome da morto quer ho certo, faço este meo tes-
 tam^{to} naforma Seg.^{te}

130 Primeiram^{te} encomendo
 mina Alma aSantissima Trin^{de}. que a
 Criou, queho ao P.^a Eterno pelos merecim^{tos} da
 Sagrada paixão, e morte deSeo Onigenito Fi-
 lho aqueira receber, q.^{do} deste mundo Jaz,
 135 edarMe agloria p.^a quefoi criada: Protesto
 que creio em tudo quanto cre, e ensinas a
 Sta Madre Igreja Catholica Romana, e
 nesta fe, proem^{te} protesto viver, emorrer.

140 Declaro
 que sou n.^{al} dafreg.^a ecathedral desta cid^a
 Mm.^a filho Leg.^o de Domingos Correa já,
 falecido, e de D. Paschoa da Resurreição,
 eCastro que ainda vive.

145 Declaro que Sou
 casado emfacie Eclesi.^a Con D. Germana
 Candida X.^{as} de Noronha, decujo matrimo-

150 nio não tenho filho algum, p^a cuja cauza
 depois depagas as minhas dividas que ficar
 devendo ao tempo de meo falecim^{to}, e instituo
 a minha Mae D. Paschoa da Resurreição p.^a
 universal herd.^a das duas p.^{tes} da menção dos
 meosbens, eno cazo deque seja falecida eo
 tempo de meo falecim.^{to} instituo p.^a minha
 155 herd.^a aminha Irmá D. Catharina Cla-
 ra de Jezus.

Declaro//3

160 Declaro, pesso, erogo em pri.^o Lugar aminha Irmá
 D. Catharina Clara de Jezus, em Seg.^{do} Lugar o meo
 Irmão o P.^e Fran^{co} Correa Rabello, en 3^o aminha
 m.^{er} D. Germana Candida X^{as}. de Noronha, queirão
 p.^a no fazerem m.^a Ser meos testament.^{os} Con suces-
 são huns aos outros, benfeitores, Administradores, e
 Arrecadores de todos os meosbens, efazenda, com Li-
 165 vre, egeral administração, p.^a o que os hei p.^f abo-
 nados, ao que ajutar esta minha testamentaria
 Ha deixo en premio do Seo trabalho trinta mil
 réis, enão será obg.^{do} a dar Contas desta testamen-
 taria Serão dodia de meo falecim^{to} a dois an-
 170 nos, e Se Me Levarão en Conta todas as despe-
 zas que fizer na administração da m.^{ma} testa-
 mentaria tanto pedecias, como extra judiciaes
 jurando Som^{te} a verd.^e dellas.

175 Meo corpo será Se-
 pultado na capella da vem.^{el} ordem 3a da Peniten-
 cia desta Cid.^e de q^m sou indigno Irmão, amortalha-

		do no habito da m ^{ma} ordem, acompanhado à Sepultura do R. ^{do} Cura, e dos mais R. ^{dos} Sn. ^e sacerdotes que p ^r esmollas oqueirem fazer, aos quais todos sedará eserá do estiMo.	
	180	No dia de meo falecim ^{to} sedirão doze Missas decorporo prezente de esmollas deoitava cada hua, dittas, na capela da minha vem. ^l ordem, edistribuidas p. ^r meo ttt. ^o	
Irmão da Irmandade do Santíssimo Sacramento, das Ordens Terceiras de Nossa Senhora do Carmo, de Nossa do Rosário e de São Francisco	185	Declaro que sou irmão da Irm ^{de} . Do Santíssimo Sacram. ^{to} , da Vem. ^l ordem 3. ^a de N. Snr. ^a do monte doCarmo, ede N. Snr. ^a do Rozares dos pretos, os quais todas (não havendo inconveniente) tem como aminha ven ^l orden 3. ^a da Penitencia acompanharão meo corpo a sepultura, eSelhes pagará tudo, oque lhes ficar devendo.	
	190	Meo <u>testamentr</u> ^o mandará dizer p ^r minha alma trinta Missas de esmola// 3 v.	
	195		
	200	de esmollas de meia oitava cadahua, dittas no Altar priviliado daCapella da ven ^l ordem 3. ^a daPenitencia desta Cid. ^e	
Seus aprendizes Fran ^{co} de Paula X ^{er} e Bernardino de Serra.	205	Declaro que todas as Estampas que tenho, riscos, edebuxos os deixo a Fran ^{co} X ^{er} . e Bernardino meos Aprendizes, digo os deixo à Fran ^{co} dePaula, eBernardino deSerra meos Aprendizes	2 Ja[---] [---]1,
		Declaro q.'	

		dos remanecentes da minha 3. ^a instituo p. ^r herd. ^a a minha Irmã D. Catharina Clara de Jezus.
		Declaro
	210	que osbens que possuo são dois Escravos p. ^r nomes Pedro de nação Angola = Domingos de nação An- gola = hum cavallo sellado, ifreiado = meia duzia decolheres, egarfos deprata Com duasfacas con cabostaobem de prata = E uma Lavra de prata, huasEsporas deprata, Baús, Arcas, Livros Caixas, tudo oque pertence ao meo officio dePin- tor, bem Como duas Escravas p. ^r nomes Fabianna de nação Angola, eLucinha Criola, os quais estão Servindo aminha m. ^{er} , Mefarão todas em dottes.
“officio de pintor”.	215	
Presença de “livros caixa”.	220	Declaro que emprestei ao B. ^e João Fran. ^{co} daSilva noventa mil reis, a Alferes Dm. ^s Fran. ^{co} vinte tantas oitavas que lhe emprestes p. ^a ttação dos Bens cartoriais.
Considera ser pintor um ofício.	225	Declaro que ajustei hua obra con ocap. ^{an} Silvestre de A. ^l que fis pintar, e doirar asua capella deN. Snr. ^a daConceição p. ^r tres mil Cruzados, p. ^a acerto destes tenho recibido algumas parcellas; ecomo ainda não conclui esta o- bra p. ^r faltarem dois altares, Semterão Louvados, Convindo os herd. ^s do d. ^o Capitão, p. ^a estes julgarem VeSe mis resta alguma Couza daobra que fis, por que julgo, Seg. ^{do} me pairesse que ainda les não hade nestas.
	230	Declaro que p. ^r ordem do ditto

235 cap.^{am} fis m^{tos} acessimos naditta obra, Como
 huns Azuleijo nas paredes, apintura p^r Sima//4
 Sima da Simalha do arco cruzeiro dehua eoutra p^{te}, encer-
 nes hua Imagem deS Bento estufada detres pal-
 mos, apia Batismal, mais do ajuste tt. e meo ttt.^o
 240 fazendo lhe Cota mandar, acabes aobra, ou
 procederá na Louvação, como assima digo, oquais tudo
 deixo aSua Meição.

Declaro que devo a Joaq.^m da Nati-
 vid.^e meo Aprendis trinta tantas oitavas, que meo
 245 ttto Sarisfará Cego, aSeo tempo de meo faleci-
 m^{to} hoa ver alguma posser devend.^o que diga lhes
 fique devendo alguma cousa, meo ttto. lhe sates-
 faça sem ostenda de justiça.

Novam.^{te} torno aque-
 250 dei no p^a aminha Irmã D. Catharina Clara de Jezus
 em pr.^o Lugar, em seg.^{do} a meo Irmão oP.^e Fran.^{co} Cor-
 rea Rabelho, e en 3^o a minha m.^{er} D. Germana Can-
 dia, queirão ajuizar esta minhas testamentária
 Ser meos testamentr^{os} Bemfeitores, Administrado-
 255 res, Arrecadadores, detoda a minha fazenda
 conLivre egeral administração, p.^a oque os
 o chamo, hei p.^r chamados. Emesta forma hei p.^r
 findo este meo testam.^{to}, última, e derradeira
 vont.^{es}, e p.^r Me revogo outras qual q.^r, ainda co-
 260 dessiette que honrar feito, p.^a que só aestes quero
 sede inteira fe, credito, valid.^e, Sep.^a esta lhes
 faltas alguma clauzula, a clauzulas em direi-
 to nele havias, os hei p.^r expirhadas, como se-
 decada hua fizeha exponho, e declarada menção,

265 epora as Justiças de Sua Mag.^{de} o facção como
 farir, guardar, como nelle se contém; ep.^r
 Verd.^e pedi, eroguei ao P.^e Fran.^{co} Soares Ber
 nardes que este p.^r mim fizesses, como testas
 adigna fe, e eu no aSignei con o mes nome
 270 signal deque uzo. Dia cera ut Supra.
 João Nepomuceno Corr.^a Castro
 Como tes.^{ta} que este gerais rogo do Testados
 Fran.^{co} Soares e Bernardes
 e,
 275 Aprovação
 Saibão quantos esto publico instrumento de//4 v.
 de provação de testamento ultima derradeira
 vontade é como em direito mais valido se jahai
 remquerendo no Anno do Nascimento de nosso
 280 Senhor Jezus Christode mil Settecentos enoventa
 esinco aos vinte e oitodias do mesde Dezembro de
 mil eSettecentos enoventa e quatro nesta Lealcida
 dede Marianna em casas de moradado testador
 João Nepomuceno Correia Castro onde eu Tabelião
 285 ao diante nomeado fui vendo e Sendohai apareceu
 presente o testador dito João Nepomuceno que reco-
 nheço pelo proprio de quem doufe em seu perfeito juizo
 e entendimento seguindo ao parecer de mim Tabe-
 lião e das testemunhas a diante nomeadas, esse
 290 gnadas avista dar respostas quem duas per-
 guntas que lhe fiz rogadas Suas maons para
 as minhas me foidado este papele escrito em
 duas meias do Bens que ocupão quatro Laudas

28 de dezembro de
 1794.

3

295 fui da onde esta a provação prenupici de
 zem da-mehua oSeu Solene testamento ulti
 ma e deRadeira vontade oqual oseu roguo
 fizera o Padre Francisco Soares Bernades, e
 como testemunha ovenera quedepois defeito
 300 o lerapalavra por palavra, ejuroachar asegos
 to em tudo conforme o havia dexado claro
 suavontade ao veneracom oseu nome seu
 legal costumado equapor este revogavota do
 equalquer testamento e co delito quantos
 305 deste haja feito porqueSó quer que apizen
 te tenho sua sinatura a amigos pedia e reguo
 as Justiça aSuaMagestade assemSecula
 res como Ecclesiasticas este testamentocumprã
 farão cumprir comonelle Secontem decoza
 310 omeu Tabelião que lhoa provou oqual vi
 com é pela vista epelo achar semvi eo forrão
 e menda entrelinha à couzaque deve do fosse
 [onu] [nurio], e Rabisqui com a minha rubri
 caquedei = Se Sua = eanovo, ohei para
 315 provado conte quanto euder estedevo
 po poe sou obrigadoemrazão do meu
 officio sendo testemunhas presentes
 Matheus Texeirada Silva, Joaquim Alves
 dosSantos João Francisco deAzevedo, Fran
 320 cisco Xavier Teixeira, Franciscode Paula
 deOliveira Sena todos moradores nesta
 eda cidade pelaas [cores] [emacores] de
 quantoze annos edemim Reconhecidos dos pe//5
 pelos proprios dequedoufé quese aSinão

325 [amigo] dotestador quecomelles tão bem Se
 aSina depois destelhes servido por mim
 Franciscode Paula deOliveiraeSilva
 Tabelião queo creves eove pos com publico
 ameza

330 Emtt.^o []
 Fran.^{co} dePaula Oliv.^a e S.^a
 João Nepomuceno Corr.^a Castro
 Matheus Texr.^a daS.^a
 Joaq.^m Alves Dos Santos
 João Francisco de Azevedo
 335 Francisco Xavier Fer.^a
 Fran.^{co} de Paula Oliveira Senna
 Tr.^o de abertura

01 de janeiro 1795.

340 Aoprimeiro dia do mes de Janeiro de mil settecentos
 enoventa eSinco annos nestalial cidade deMarian
 na em caza de morada do Capitão Domingos Joze
 deSouza vereador mais velho ocorrente efzeno nela
 morador to cida de Juiz pelaordenação nestadita
 cidade eseutermo ondeeu Tabelião à adiante nomea
 do fui vendo esendoahi apareceu presente oRe
 345 verendo Padre Francisco Correa Rabello quereco
 nheço peloproprio dequedoufe epor Me foi entre
 gue este testamento oadito Ministro dizendo Serfa
 ça cedootestador delle aqui oa[frice], e Sendo aber
 to oachou emtudo conforme aSuaaprovação e pa
 350 ra conzta fassoeste termo en queSeaSinaodito Me
 nistro como dito representante eu FranciscodePaula
 deOliveira Escrivão oescrevi.

			Fr. ^{co} Corr. ^a Rabello	
	355	Laer [---] Cumpra-ze, e leg.º	Cumpraze Leg.º Botelho	
15 de janeiro de 1795.	360	S. Nogueir//5 v. Tr.º deAjustefaz Aosquinze dias domes deJaneiro demil sette centos enoventa e Sinco anos nestaLealcidade de Mariana eCartorio demim Escri- vão ao diante nomeado sendo 365 ahi presente Dona Catharina Cla- ra deJesus quem reconheço pela propria deque doufé epor ela mefes dito emprezenna dasTes- temunhas abaixo aSinadas 370 que como primeira Testamentei- ra nomeada nopresente Testa- mento dofalecido Seu Irmão João Nepomuceno Correa eCastro fazia ahi [Tass[f]ao] damesma edeSeusEm 375 Cargos edas Contas tendo to- cassem osbens Com oprotesto do Bens aSi opremio o deixado pe- La amesma edecomofim odisse Asignado as Testamunhas a 380 baixo aSignadas eu Joaquim Correa daSilva EscrivaEs- crevi		6

Catharina Clara de Jezus, e Castro
 o P.^e Fran.^{co} Corr.^a Rebello
 Joaquim Luiz Spinolada [---]

385

Leg^{do} a 25p^a do L.^o de Reg.^e
 N.^o 22^o em 7 de maio de
 1799
 Rubrica = 24^o ng

390

Coêlho//6

Testam^{to} do G M João Nepomuceno Corr.^a Castro a
 provado p.^r mim Tab.^{am} abaixo aSignado cozido com
 Sinco pontos delinha azul sengela com outros tan
 tas pingos de lacar vermelho por cada p.^{te} ced.^o de
 Mar.^{na} 28 de Dezembro de 1794

7

395

Fran.co dePaulade Oliv.^a eS.^a
 Oliveira no
 por deJanr^o de 1795
 Souza [---] Frans //6 v.

400

405

Caetano GomezdeSanta Rita, Presbitero Secular do habita de
 S. Pedro, Coadjutos actual, edeprez. Cura interino daSanta Igreja
 Cathedral deste Bispado deMarianna V.^a Certifico, que falecendo
 davidaprez.^e oGuardamor João Nepomuceno Correa, Castro Com
 Seo Solemne testamento foi Seo corpo encomendado, eSepultado na
 Cappella daVeneravel Ordem 3.^a de S. Francisco, fazendosse
 aSeguinte dispeza =

	410	Ao Parocho de acompanhar ^{to} , encomendação ^e , e Missa de Corporez ^e - 4 '' '' Ao Sacristão de acompanhar portando a Cruz, e obras do Sinos - 1 72 '' A Fabrica - - - - - '' 72 '' Do habito, em que foi involto - - - - - 5 '' ''
	415	Importancia da Cera mandada distribuir em Seo Testam. ^{to} - - - - - 32 '' '' Certidam de Missaz duas poprez. ^e em Altar privilegiado = doze - - - - 12 '' '' Certidão de trinta e Missaz em Altar privilegiado - - - - - 15 Soma = 70 '' ''
11 de fevereiro de 1795.	420	A importancia das ediçoens assima declaradas Somão aquantia de Settenta oitavas dioiro, que pagou D. Catharina Clara de Jesus, como Testamenteira do d. ^o Seo Irmão falecido o Guardamor João Nepomuceno Correa, Castro. Passo tudo naverd. ^e o q ^e juro in Verbo Paracho: Ci= d. ^e M ^a nn. <u>11</u> de Fevereiro de <u>1795</u>
	425	Coadjuntor Caetano Gomez de Santa Rita R. ^{co} Coêlho//7
16 de abril de 1795.	430	Fra ^{co} Corr ^a Rabello e Castro, Presbitero Secular. Ortex: co q' disse, e fiz dizer por outros Rd. ^{os} Sacerdotes q' Satesfi zerão trinta Missas todas ditas em o Altar privilegiado da Capella da S. Ordem 3 ^a da penitencia do Serafico P. ^{co} I. Fr. ^{co} desta Cid. ^e , recomendadas p. ^a Alma do falecido G. M. João Nepomuceno
	435	Corr. ^a Castro, Seg. ^{do} a verba do Seu testam ^{do} , recomendados as mesmas Missas por seo testament. ^a D. Catharina Clara de Jesus e Castro, req. ^m a es

	440	molla de meya oitava de oiro por cada hua oq' tudo Pg. ^a as Contas q' Emle dar a mesma ttr. ^a passo o prez, eojuro aos St. ^s Evangelhos Mnn ^a 16 de Abril de 1795	
	445	O P. ^e Fr. ^{co} Corr. ^a Rabello R. ^{co} Coelho//8	
			9
	450	R. ^{cc} da Snr. ^a D. Catharina Clara de Jezus Como ttestan menteira do Snr' G. M. João NepomuCeno Corr. ^a Meu Mestre a q. ^m D'. o aja em Gloria as estanpaz eRiscos q'. me dei xou od. ^o Meu Mestre epor verd. ^e passo este para sua descarga Hoje oe Marianna 7 de Junio 1795.	
7 de junho de 1995.			
	455	Bernardino de Serra e [Peraja] [---] R. ^e Coelho//9	
			10
	460	Recibo do Bernadinho da testamentaria doG.M. João Nepomuceno. //9 v.	
	465	Dec. ^{la} Aos trinta dias domes deJulho de mil oito centos equatro annos nesta Leal cidadedeMarian	
30 de julho de 1794.			

470 na em cartório de mim Escri-
 vam audiante nomeado
 e Sendo ahi faço os prezentes
 Autos com vista ao Reveren-
 do conego Francisco Soares
 Bernardes Promotor deste
 475 Juizo Ecleziastico para [premo]
 ver edizer o mais que delheo
 [feresser] deque para aferir conz-
 tas faço o prezente termo de
 vista Eu Joaquim Coelho de
 480 Oliveira Duarte Escrivam do Con-
 tenciozo Geral, Rezo duas que
 a escrevi

Ao R.^{do} Con.^o Pro.^{mor}

485 João Nepomuceno Correa
 dispós de maneira Seg.^{te}

1^a

490 Declara sua naturalid.^e e filiação

2

495 Que he cazado com D. Germana
 Candida, de cujo matrimonio não
 tem filhos: que pagas as suas divi-
 das institui p.^a Sua herd.^a nas duas
 p.^{tas} de Sues Bens a Sua Mai D. Pas-
 choa da Ressurreição, ena sua falta

- 500 aSua Irma D. Catharina Clara de
Jesus.
- 3
Nomeia tt.^a com Livre, egeral//10
e geral administração: trinta mil reis
505 depremio: dois annos p.^a aconta, e que ju-
rando averd.^e das despezas q' fizer judeciaes
e extra judeciais as, selhe levão em conta.
- 4
510 Sepultado na Capella daOrdem de S.
Fran.^{co} desta Cid.^e: amotalhado no habito
della, acompanhado do R.^{do} Cura, edos
mais R.^{dos} Sacerdotes q' f.^r esmolla oqui-
zer em fazer, Sathesfará eSera do es-
teMo.
- 5
515 Doze missas deCorpo pres.^{te} no dia de
Seo falecien.^{to}: de esmolla deoitava, e di-
tas na Capella daOrdem deS. Fran.^{co}
- 6
520 Declara ser Irmão da Irm.^{de} doSacrant.
daOrdem do Carmo, edo Rozario dosPre-
tos, q' todas acompanha seo corpo
525 eadeS. Fran.^{co}, não havendo inconve-

	niente, Selhes pogue o fui deved.	
	7	
530	Dita empaz pelasua alma de esmolla demeia oitava no altar preveligiao daCapella deS. Fran. ^{co} daordem 3 ^a desta cid. ^e	
	8	
535	Deixa todas as Estampas, Riscos, ede- buxos a Fran. ^{co} de Paula, eBernar- din da Serra Seus aprendizes	
	9	
540	Institui herdeira do remanecente//10 v. Remanecente deSua 3 ^a aSua Irmã D. Catharina Clara de Jezus.	11
	10	
545	Declara osbens que possue	
	11	
550	Que emprestara o P. ^e João Fran. ^{co} da Rocha noventa mil reis, ao Alferes Dom. ^{os} Fran. ^{co} vinte tantas oitavas.	
	12	
555	Que ajustava hua obra com oCap. ^{am} Silvestre deAl. p. ^r três mil cruzados, que recebera algumas parcellas que ainda não concluire aobra, que se	

meterem Louvados convido os herd.^s
do dito Cap.^{am}, p.^a estes jugarem se
delle resta algua coisa daobra.

560

13

Que fora p.^r ordem do dito Cap.^{am}
m.^{tos} acessimos nadita obra, como
hum azulejo nas paredes, a feitura
p.^r Sima daSimalha do Arco cru-
zeiro. Sua Seo ttr. Fazendo
lhe conta mandará acabar aobra
ou procederá naLouvação como assi-
ma declara, oq' deixa aSua Meição.

565

570

14

Declara dever a Joaq.^{im} da Nati-
vid.^e Seo aprendíz tantas tantas//11
tantas oitavas eSe ao tempo deSeo fale-
cim.^{to} algua quehar devend.^o desse lhe
dem, So tt.^a Satesfaça Sem Contenda
dejust.^a

575

Estas as disposições do tt.^{or} Apro-
va aCertidão p77 p.^a averba 4.^a
mas deve a R tt.^a apresentar
Certidão do R.^{do} Con.^o Privista,
e q.^m Compete passar a Certidão
do diaacontas. As.^{mo} Certidão sa-
tesfaz averba 5.^a. = A Certidão
7 Cumpre com averba 5.^a
Afins ore cibo 6 p.^a averba

580

590

595 9ª Tudo mais esta p.^r
 Cumprir: requeriu que em
 hum termo mostra inteiram.^{te}
 Satesfeito avont. do tt.^{or}, prima
 da Lei

EC
 Bernardes

600 Datta
 Aos oito dias domez de Agosto demil oito
 centos, eSeis annos nestaLeal cidade
 de Marianna em ocartorio demim
 605 Escrivam aodiante nomeado, esendo
 ahi por prte doReverendo Cônego
 FranciscoSoares Bernardes Promo
 tor deste Juízo Ecleziastico meforam
 dados os presentes Autos com aSua
 resposta eaprozicam retro, esupra
 610 Seg me para assimconztar faço apre
 zentetermo deDattaEuJoaquim
 Coelho deOliveira Duarte Escrivamdo
Conteniozo Geral, Rezi duas que aesCre//11 v.
 oEscrevi

615

12

9 de agosto de
 1806.

620

De tt.^{am}
 Aos novedias do mez deAgosto
 demil oito centos eseiz annos nes
 taLeal cidade de Marianna em

625 ocartorio demimEscrivam aodiante
 nomeado, esendo alei faço os prezentez
 Autos comMuzaz ao Illustressimo
 eReverendissimo Ministro oDou
 tor Quintiliano Alves Teixeira
 Jardim para os Les parhar como lhe
 paresser dejustiça deque paraassim
 constas faço oprezentetermo de
 comMizamEu JoaquimCoelho de
 630 OliveiraDuarte Escrivam docon
 teniozo Geral, Rezo duas queaes
 crevi

635 R.º
 Saber faça

640 Jardin
 Pub^{cam}

14 de agosto de
 1806.

645 Aos quatroz dias domez deAgosto de
 mil oito centos, eseiz annos nestaLe
 al cidadedeMarianna empubli
 ca audiencia que aos feitos partes efa
 ez procuradores que nella reque
 riamfazendo estava comimngoEscri
 vam ao diante nomeado, emcazaz

680 ves Oliveira Jardim Vigario Collado
na Parochial Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Congonhas do campo [Prerizos] Vigario Geral Juiz das justificasseonez cazamentos Residuos

685 e Governador deste Bispado de Marianna por sua Excelencia Reverendissima, esendo ahi nareferida audienciapello Alferes Antonio Fernandes Vieira Solicitador decauzaz nos Auditorias desta dicitade e procurador interino deste Juizo, e Residuos porelle foi requerido audito Ministro quenos Autos de contas de testamento que este

690 Juizo passo Reverendo Conego Promotor move a Re Dona Catharina Clara de Jezuz como testamenteira desseo marido Joam Nepomoceno Correia de Castro requeria lhe ficasse assignado hum termo para cumprir como que se acha mandado intimar

700 da sua Re testamenteira por namter procurador presente o que se notou ouvido pello Sobredito Ministro Seo requerimento informado dos termos dos Autos por mim Escrivam de Mez deferiu que mandava ficasse assignado hum termo a Re testamen

705

710

teira para dentro deste cumprir
 como que Seacha mandado i iti
 mados sea Re testamenteira por
 namter procurador presente tudo
na forma requerida segue para//12 v.
 Para assim conztar Lanco aqui o pre
 zente requerimento de audiencia
 que otirei de carta pormim tomada
 em lembrança no [Orotatazo] de Mas de
 onde passei aqui a estes Autos o que
 mereporta Eu Joaquim Coelho de Olivei
 ra Duarte Escrivam do contenoiozo
 Geral, e Rezi duas que a escrivi//13

13

1803

Conego Prom[ot]or do Juizo e[---]

D[ona]. Catharina Clara de Jezus / t[es]t[amen]t[eir]a de Seu Irmam João Nepomoce/no Corr[e].a de Castro

Contas de t[es]t[amen]t.o

Escr.[iv]am

Coêlho

Anno do Nascimento / de Nosso Senhor Jezus Christo de mil e / oitocentos e tres anos aos vinte e oito / dias do mes de Março do dito ano / nesta
 Leal Cidaude Marianna / e audiencia publica que aos / feitos e partes a hu[n]s Procuradores / o estam fazendo Como Escrivão / atual deste Juizo
 o Muito Reve/rendo Doutor Quintiliano Al/ves Teixeira Jardim Providor / Vigario Geral deste Bispado / ahi na mesma audiencia por / Antonio
 Fernandes Vieira Solicita/dor de Causas nos auditorios desta / cidaude Procurador dos Resíduos / foi dito e Requerido ao Muito Re/verendo
 Ministro que requeria / fose Citada Dona Catharina Clara//I/[---]lara de Jezus Como Testamentei / [---]a de seu Irmam João Nepo/[---]uceno
 Correa de Castro para em / [---]em termo Com assinas da ley / [---]via a Juizada Contas de a mesma / Testamentenia pos hão Sendo a tem/po a
 quem tudo Sendo Visto com / de [perito] orto Merito Reveren/do e Ministro Seu Requerimento / Ja firmado deste nos assim deferio / na forma
 Le [---] de quem para / Contas faço aqui o presente reque/rimento de audiencia que o tirei / da cota tomada em fe na franca / no Prazo certo por

há dito Escrivão e / posse desta o que foi aqui nestes autos / a quem me Reporto em Joaquim [] / na de Silva Escrivão Ajudante / quem Escrevi.

Certifico, o que co[n]teí a D[ona]. Catherina / Clara de Jezuz t[es]t[amen]t[eir]a de seu marido / digo de seo Irmaum Joam Nepo/moceno Corr[e]a de Castro p[ar]a em / termo com as e nas da leis em [azo]/dar contas dada t[es]t[amen]t[eir]a. p.or ser fin/do o termo Em fé Seg[undo] faco / o presente Marianna 30 de / julho de 1804.

Joaq[ui]m M^o da Silva D[---]

Ajuntada

Aos trinta dias do mes de Julho de / mil oitocentos e quatro annos nesta / leal cidade de Marianna em / o cartorio de mim Escrivam adi/ante nomeado Sendo ahi por / parte da Re Dona Catherina / Clara de Jezus como testamentei/ra de seo Irmam Joam Nepomu/ceno Correia de Castro me fez da/do hum a sua peticam como / des parte nella proferido / pelo Muitissemo, e Reverendi/ssimo Ministro o Doutor Quinte/lianno Alves Texeiras Jardim//I v./ Jardim pedir de meo esse / queremdo me Que aceitasse / com os datamentos que na / mesma faz mencam o que / em rrazam do meo officio / e o rrequerimento da dita / parte o aceitei com os data/mentos mencionados que to/dos sam os que aodiante se / sesseguem e abaixo. Eu Joa/quim Coelho de Oliviveira Du/arte Escrivam do contenciozo²⁹⁰ / Geral, e Rezi duas, que o escre/vi

Diz D[ona]. Cátherina Clara de Jezus na qualid[ad].e de t[es]t[amen]t[eir]a de / seu Irmão João Nepomuceno Corr[e]a. q[u].e Autor Cito ela o Reque/rimento do R[everen]do Conego Promotor do Juizo p[ar].a dar Contas das / m[es]ma t[es]t[aman]t[ar]i]a e obedecendo apresenta o proprio t[es]t[amen]to de Seu / Testado Com as Certidoins de Contas. e Recibo q[u].^c Me Respei/tão, e por isso Req[ue]r[em] as. S[ua]s. p[ar].a q[ue]. Seja Send.o m[an].dar q[u].e o Escr[iv].am / do contenciozo junte esta aos auto que Ouverem e os Faça / Com estas ao R[everendo]. Conego Promotor p[ar].a expor e dizes o q[u]e Se Me / Oferecer

Com ref[erido].

Pas[so]. S[ua]. aS[s]im ao ver por / bem m[na]dar

Jardim

E[m]. P[úb]lico. M[od].os//2

Em nome de Deos Amem

Saibão quantos este publico escritum[en].to de testam[en]to, / ultimas, e derradeiras vont[ad].e Virem que sendo no / anno de nascim[en]to de N[osso]. S[enho].r Jezus Chisto de mil / Setecentos, e noventa e quatro annos aos vinte / e oito dias do mes de Deze[m]bro. do dito anno nesta /

²⁹⁰. “Contencioso; letigioso, verdade letigiosa” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v 2. p. 357.

Cid[ad].e Marianna eo João Nepomuceno Correa / de Castro, estando infermo, e de cama, temen/do me da morto quer ho certo, faço este meo tes/tam[en]to^o na forma Seg[ui]n.te

Primeiram[en]te encomendo / min[h]a Alma a Santissima Trin[da]de. que a / Criou, que ho ao P.a[i] Eterno pelos merecim[en]tos da / Sagrada paixão, e morte de Seo Onigenito Fi/lho aqueira receber, q[uan].do deste mundo Jaz, / e dar Me a gloria p[ar].a que foi criada: Protesto / que creio em tudo quanto cre, e ensinas a / S[an]ta Madre Igreja Catholica Romana, e / nesta fe, proemeto protesto viver, e morrer.

Declaro / que sou n[atur].al da freg[usi].a e cathedral desta cida[de] /M[aria]n.a filho Leg[ítim].o de Domingos Correa já, / falecido, e de D[ona]. Paschoa da Resurreição, / e Castro que ainda vive.

Declaro que Sou / casado em facie Eclesi[ástic].a Con D[ona]. Germana / Candida X.a[vier] de Noronha, de cujo matrimo/nio não tenho filho algum, p[ar]a cuja cauza / depois de pagas as minhas dividas que ficar / devendo ao tempo de meo falecim[en]to, e instituo / a minha Mae D[ona]. Paschoa da Resurreição p[ar].a / universal herd[eir].a das duas p[ar].tes da menção dos / meos bens, e no cazo de que seja falecida eo / tempo de meo falecim[en].to instituo p[ar].a minha / herd[eir].a a minha Irmá D[ona]. Catharina Cla/ra de Jezus.

Declaro//3 / Declaro, pesso, e rogo em pri[meir].o Lugar a minha Irmá / D[ona]. Catharina Clara de Jezus, em Seg[un].do Lugar o meo / Irmão o P[adr].e Fran[cis]co Correa Rabello, em 3^o a minha / m[ulh].er D[ona]. Germana Candida Xa[vier]. de Noronha, que irão / p[ar].a no fazerem m[esm]a Ser meos testament[eir].os Con suces/são huns aos outros, ben feitores, Adiministradores, e / Arrecadadores de todos os meos bens, e fazenda, com Li/vre, e geral administração, p[ar]a o que os hei p[o].r abo/nados, ao que aju[s]tar esta minha testamentária / Ha deixo em premio do Seo trabalho trinta mil / réis, e não será ob[ri]g[a].do a dar Contas desta testamen/taria Serão do dia de meo falecim[en]to a dois an/nos, e Se Me Levarão em Conta todas as despe/zas que fizer na administração da m[es]ma testa/mentaria tanto pede[n]cias, como extra judiciais / jurando Som[en]te a verd[ad].e dellas.

Meo corpo será Se/pultado na capella da ven[eráv].el ordem 3a da Peniten/cia desta Cid[ad].e de q[ue]m sou indigno Irmão, amortalha/do²⁹¹ no habito da m[es]ma ordem, acompanhado à Se/pultura do R[everen].do Cura, e dos mais R[everen].dos S[e]n[hor].es / sarcedotes que p[o]r esmollas o queirem fazer, aos / quais todos se dará e será do estiMo.

No dia de / meo falecim[ent].o se dirão doze Missas de corpo pré/zente de esmollas de oitava cada hua, dittas, / na capela da minha vem[eráve].l ordem, e distribui/das p[o].r meo t[es]t[amen]t[eir].o

²⁹¹. “Amortalhar; envolver o corpo do defunto numa mortalha” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v 1. p. 229. “Mortalha; o lençol, em que se envolve o corpo do defunto” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v 5. p. 312.

Declaro que sou irmão da Irm[anda]de. Do / Santíssimo Sacram[en].to, da Ven[eráve].l ordem 3.^a de N[ossa]. / S[e]n[ho]r.a do monte do Carmo, e de N[ossa]. S[e]n[ho]r.a do Roza/res dos pretos, os quais todas (não havendo in/conveniente) tem como a minha ven[eráve].l orden / 3.^a da Penitencia acompanharão meo corpo a / sepultura, e Se lhes pagará tudo, o que lhes / ficar devendo.

Meo testament[ei]ro mandará di/ dizer p[o]r minha alma trinta Missas de esmola// 3 v. / de esmollas de meia oitava cada hu[m]a, dittas no Altar / privilegiado da Capella da ven[eráve].l ordem 3.^a da Peni/tencia desta Cid[ad].e

Declaro que todas as Estampas que / tenho, riscos, e debuxos²⁹² os deixo a Fran[cis]co X[avi]er. e Bernar/dino meos Aprendizes, digo os deixo à Fran[cis]co de Pau/la, e Bernardino de Serra meos Aprendizes

Declaro q[ue]. / dos remanecentes da minha 3.^a instituo p[o]r herd[eir].a / a minha Irmã D[ona]. Catharina Clara de Jezus.

Declaro / que os bens que possuo são dois Escravos p[o].r nomes / Pedro de nação Angola = Domingos de nação An/gola = hum cavallo sellado, i freiado = meia / duzia de colheres, e garfos de prata Com duas facas / con cabos tão bem de prata = E uma Lavra de prata, / huas Esporas de prata, Baús, Arcas, Livros Caixas, / tudo o que pertence ao meo officio de Pin/tor, bem Como duas Escravas p[o].r nomes Fabianna / de nação Angola, e Lucinha Criola, os quais / estão Servindo a minha m[ulh].er, Me farão todas em / dottes.

Declaro que emprestei ao B.e[ato] João Fran[cis].co da Silva / noventa mil reis, a Alferes D[o]m[íng]o.s Fran[cis].co vinte / tantas oitavas que lhe emprestes p[ar].a t[es]t[amen]tação dos / Bens cartoriais.

Declaro que ajustei hu[m]a obra con / o cap[it].an Silvestre de A.l[meida] que fis pintar, e doirar / a sua capella de N[ossa]. S[e]n[ho]r.a da Conceição p[o].r tres mil / Cruzados, p[ar]a acerto destes tenho recebido algumas / parcelas; e como ainda não conclui esta o/bra p[o]r faltarem dois altares, Sem terão Louvados, / Convindo os herd[eiro].s do d[it].o Capitão, p[ar]a estes julgarem /Ve Se mis resta alguma Couza da obra que fis, / por que julgo, Seg[un].do me parese que ainda lês / não há de nestas.

Declaro que p[o].r ordem do ditto / cap[it].am fis m[ui]tos acessimos na ditto obra, Como / huns Azuleijo nas paredes, a pintura p[o]r Sima//4 / Sima da Simalha²⁹³ do arco cruzeiro de hua e outra p[ar]te , encer/nes²⁹⁴ hua Imagem de S[ão] Bento estufada²⁹⁵ de tres pal/mos, a pia Batismal,

²⁹². “Debuxar; Diz do que se obra na pintura sem dar cor, nem sombras, mas só com lápis, & pena” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v 3. p. 16.

²⁹³. “Cimalha; arremate superior da parede que faz a concordância entre esta e o plano do forro ou do beiral” in: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p XX.

mais do ajuste t[es]t[ado]. e meo t[es]t[amen]t[eir].o / fazendo lhe Cota mandar, acabes a obra, ou / procederá na Louvação, como assima digo, o quais tudo / deixo a Sua Meição.

Declaro que devo a Joaq[ui].m da Nati/vid[ad].e meo Aprendis trinta tantas oitavas, que meo / t[es]t[amen]t[eir]o Sarisfará Cego, a Seo tempo de meo faleci/m[en]to ho aver algua posses devend.o que diga lhes / fique devendo alguma cousa, meo t[es]t[amen]t[eir]o. Lhe sates/faça sem ostenda de justiça.

Novam[en].te torno a que / dei no p[ar]a a minha Irmã D[ona]. Catharina Clara de Jezus / em pr[imeir].o Lugar, em seg[un].do a meo Irmão o P[adr].e Fran[cis].co Cor/rea Rabelho, e en 3º a minha m[ulh].er D[ona]. Germana Can/dia, que irão ajuizar esta minhas testamentária / Ser meos testament[ei]ros Bem feitores, Administrado/res, Arrecadadores, de toda a minha fazenda / con Livre e geral administração, p[ar].a o que os / o chamo, hei p[o].r chamados. Em esta forma hei p[o].r / findo este meo testam[en].to , última, e derradeira / vont[ad].es, e p[o].r Me revogo outras qualq[ue].r, ainda co/dessiette que honrar feito, p[ar].a que só a estes quero / sede inteira fe, credito, valid[ad].e, Se p[ar].a esta lhes / faltas algua clauzula, a clauzulas em direi/to nele havias, os hei p[o].r expirhadas, como se / de cada hu[m]a fizeha exponho, e declarada menção, e por a as Justiças de Sua Mag[esta].de o facão como / faz ir, guardar, como nelle se contén; e p[o].r / Verd[ad].e pedi, e roguei ao P[adr]e Fran[cis].co Soares Ber/nardes que este p[o].r mim fizesses, como testas / a digna fe, e eu no aSignei con o mes nome / signal de que uzo. Dia cera ut Supra.

João Nepomuceno Corr[e].a Castro

Como tes.ta que este gerails rogo do Testados
Fran[cis].co Soares e Bernardes e,

Aprovação

Saibão quantos esto publico instrumento de//4 v / de provação de testamento ultima e derradeira / vontade é como em direito mais valido seja hai / remquerendo no Anno do Nascimento de nosso / Senhor Jezus Christo de mil Settecentos e noventa / e sinco aos vinte e oito dias do mes de

²⁹⁴. “Encarnação; termo de pintor A côr da carne em todas as partes nuas de hum corpo pintado” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v. 3, p. 208. “Encarnar: Dar cor de carne a pinturas ou imagens, aplicando polimento às partes do corpo que devem aparecer” in: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 143.

²⁹⁵. “Estofa (termo de pintor); figura, roupa, ou outra cousa estofada. O estofa de figuras, ou de roupas não se faz, se não sobre ouro brunido” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v. 3, p. 330. “Estofamento; diz-se do processo de policromia usado para fingir a indumentária de imagens de santos e anjos. Pode consistir na aplicação de pintura sobre o douramento da peça” in: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979.

Dezembro de / mil e Settecentos e noventa e quatro nesta Leal cida/de de Marianna em casas de morada do testador / João Nepomuceno Correia Castro onde eu Tabelião / ao diante nomeado fui vendo e Sendo hai apareceu / presente o testador dito João Nepomuceno que reco/nheço pelo proprio de que dou fe em seu perfeito juízo / e entendimento seguindo ao parecer de mim Tabe/lião e das testemunhas aodiante nomeadas, essi/gnadas a vista dar respostas quem duas per/guntas que lhe fiz rogadas Suas maons para / as minhas me foi dado este papel escrito em / duas meias do Bens que ocupão quatro Laudas / fui da onde esta aprovação prenupici de/zem da-me hua oSeu Solene testamento uli/ma e deR[r]adeira vontade o qual o seu roguo / fizera o Padre Francisco Soares Bernades, e / como testemunha o venera que depois de feito / o lera palavra por palavra, e juro achar a seo gos/to em tudo conforme o havia dexado claro / sua vontade ao venera com oseu nome seu / legual costumado e que por este revoga vota do / e qualquer testamento e co[m] delito quantos / deste haja feito porque Só quer que aprezen/te tenho sua sinatura a amigos pedia e reguo / as Justiça a Sua Magestade assem Secula/res como Ecclesiasticas este testamento cumpra / farão cumprir como nelle Se contem de coza / o meu Tabelião que lhoa provou o qual vi / com é pela vista e pelo achar sem vi e o forrão / emenda entrelinha à couza que deve do fosse / [onu] [nurio], e Rabisqui com a minha rubri/ca que dei = Se Sua = e a novo, o hei para / provado conte quanto eu der este devo / po poe sou obrigado em razão do meu / officio sendo testemunhas presentes / Matheus Texeira Silva, Joaquim Alves / dos Santos João Francisco de Azevedo, Fran/cisco Xavier Teixeira, Francisco de Paula / de Oliveira Sena todos moradores nesta / e da cidade pela as [cores] [emacores] de / quantoze annos e de mim Reconhecidos dos pe//5/ pelos proprios de que dou fé que se aSinão / [amigo] do testador que com elles tão bem Se / aSina depois deste lhes servido por mim

Franciscode Paula de Oliveira e Silva

Tabelião que o [es]creves e o ve pos com publico / a meza

Em t[es]t[ad].o

Fran[cis].co de Paula Oliv[eir].a e S[ilv].a

João Nepomuceno Corr[e].a Castro

Matheus Tex[ei]r.a da S[ilv].a

Joaq[ui].m Alves Dos Santos

João Francisco de Azevedo

Francisco Xavier Fer[reir].a

Fran[cis].co de Paula Oliveira Senna

Tr[abalh].o de abertura

Ao primeiro dia do mes de Janeiro de mil settecentos / e noventa e Sinco annos nesta lial cidade de Marian/na em caza de morada do Capitão Domingos Joze / de Souza vereador mais velho o corrente e f[a]zeno nela / morador to cida[de] de Juiz pela ordenação nesta dita / cidade e seu termo onde eu Tabelião à adiante nomea/do fui vendo e sendo ahi apareceu presente o Re/verendo Padre Francisco Correa Rabello que reco/nheço pelo proprio de que dou fe e por elle foi entre/gue este testamento ao dito Ministro dizendo Ser fa/ça cedo o testador delle aqui

oa[frice], e Sendo aber/to o achou em tudo conforme a Sua aprovação e pa/ra conztar fasso este termo en que Se aSina o dito Me/nistro com o dito reprezentante eu Francisco de Paula / de Oliveira Escrivão o escrevi.

Fr[ancis].co Corr[e].a Rabello

Laer [---]

Cumpraze Leg[ítim].o

Cumpra-ze, e leg[ítim].o

Botelho

S[ilva]. Nogueir//5 v.

Tr[abalh].o de Ajuste faz

Aos quinze dias do mes de Janeiro / de mil settecentos e noventa e / Sinco anos nesta Leal cidade de / Mariana e Cartorio de mim Escri/vão ao diante nomeado sendo / ahi presente Dona Catharina Cla/ra de Jezus quem reconheço pela / propria de quem dou fé e por ela / me fes dito emprezensa dasTes/temunhas abaixo aSinadas /que como primeira Testamentei/ra nomeada no presente Testa/mento do falecido Seu Irmão João Nepomuceno Correa e Castro fazia / ahi [Tass[f]ao] da mesma e de Seus Em/Cargos e das Contas tendo to/cassem os bens Com o protesto do / Bens aSi o premio o deixado pe/La a mesma e de como afim o disse / Asignado as Testamunhas a/baixo aSignadas eu Joaquim / Correa da Silva Escriva[o] Es/crevi

Catharina Clara de Jezus, e Castro

o P[adr].e Fran[cis].co Corr[e].a Rabello

Joaquim Luiz Spinola da [---]

Leg[ítima]do a 25 p[agin]a do L[ivr].o de Reg[istr].o / N[umer].o 22^o em 7 de maio de / 1799

Rubrica = 24^o ng

Coelho//6

Testam[en]to do G[uarda] M[or] João Nepomuceno Corr[e].^a Castro a/provado p[o].r mim Tab[eli].am abaixo aSignado cozido com / Sinco pontos de linha azul sengela com outros tan/tas pingos de lacar vermelho por cada p[ar].te ce[n]d.o de / Mar[ia].na 28 de Dezembro de 1794

Fran[cis].co de Paula de Oliv[eir].a e S[ilv].a / Oliveira no / por de Jan[ei]ro de 1795

Souza [---] Fran[ci]s[co] //6 v.

Caetano Gomez de Santa Rita, Presbitero Secular do habita de / S[ão]. Pedro, Coadjutos actual, e de prez[ente]. Cura interino da Santa Igreja / Cathedral deste Bispado de Marianna V[oss].a. Certifico, que falecendo / da vida prez[ent].e o Guardamor João Nepomuceno Correa, Castro Com / Seo Solemne testamento foi Seo corpo encomendado, e Sepultado na / Cappella da Veneravel Ordem 3.^a de S[ão]. Francisco, fazendosse A Seguinte dispeza =

Ao Parocho de acompanham[en]to, encomendação e, e Missa de Corpo prez[ent]e – 4 “ “ “

Ao Sacristão de acompanhar portando a Cruz, e dobras do Sinos – 1 72 “

A Fabrica - - - - - “ 72 “

Do habito, em que foi involto - - - - - 5 “ “ “

Importancia da Cera mandada distribuir em Seo Testam[en].to - - - - - 32 “ “ “

Certidam de Missaz duas po prez[ent].e em Altar privilegiado = doze - - - - 12 “ “ “

Certidão de trinta e Missaz em Altar previlegiado - - - - - 15

Soma = 70 “ “ “

A importancia das ediçoens assima declaradas Somão a quantia de Settenta / oitavas di oiro, que pagou D[ona]. Catharina Clara de Jezus, como / Testamenteira do d[it].o Seo Irmão falecido o Guardamor João Nepomuceno / Correa, Castro. Passo tudo na verd[ad].e o q[ue] juro inVerbo Parocho: Ci/d[ad].e Ma[ria]nn[a]. 11 de Fevereiro de 1795

Coadjuntor Caetano Gomez de Santa Rita

R[eceb].eo Coêlho//7

Fra[ncis]co Corr[e]a Rabello e Castro, Presbitero Secular. Ortex:

co[m] q[ue]’ disse, e fiz dizer por outros R[everen]d.os Sacerdotes q[ue]’ Satesfi/zerão trinta Missas todas ditas em o Altar privilegiado da Capella da S[antíssima]. Ordem 3.^a da penitencia do / Serafico P[adr].e’ I[nácio]. Fr[ancis].co desta Cid[ad].e, recomenda das p[ar].a / Alma do falecido G[uarda]. M[or]. João Nepomuceno / Corr[e].a Castro, Seg[un].do a verba do Seu testam[en]to, recom/mendados as mesmas Missas por seo testament[eir].a / D[ona]. Catharina Clara de Jezus e Castro, req[ueria].m a es/molla de meya oitava de oiro por cada hu[m]a / o q[ue]’ tudo P[a]g.a as Contas q[ue]’ Em le dar a mesma t[es]t[amen]t[ei]r.a / passo o prez[ente], e o juro aos S[an]t[íssimo].s Evangelhos M[aria]nna 16 de Abril de 1795

O P[adr].e Fr[ancis].co Corr[e].a Rabello

R[**cecb**]eo / Coelho//8

R[**e**].ce[**bo**] da S[**e**n[**ho**]r.a D[**ona**]. Catharina Clara de Jezus Como ttestan/menteira do S[**e**n[**ho**]r' G[**uarda**]. M[**or**]. João NepomuCeno Corr[**e**].a Meu Mestre / a q[**ue**].m D[**eus**]' o aja em Gloria as estanpaz²⁹⁶ e Riscos q[**ue**]' me dei/xou o d[**it**].o Meu Mestre e por verd[**ad**].e passo este para sua / descarga Hoje o e Marianna 7 de Junio 1795.

Bernardino de Serra e [Peraja] [---]

R[**ec**].e[**bo**]

Coelho//9

Recibo do Bernadinho / da testamentaria do G[**uarda**]. M[**or**]. / João Nepomuceno. //9 v.

Dec.la[**ro**]

Aos trinta dias do mes de Julho de / mil oito centos e quatro annos / nesta Leal cidade de Marian/na em o cartorio de mim Escri/vam audiante nomeado / e Sendo ahi faço os prezentez / Autos com vista ao Reveren/do cônego Francisco Soares / Bernardes Promotor deste / Juizo Ecleeziastico para [premo] / ver e dizer omais que de lhe o / [feresser] de que para aferir conz/tas faço o prezente termo de / vista Eu Joaquim Coelho de / Oliveira Duarte Escrivam do Com/tenciozo Geral, Rezo duas que / a escrevi

Ao R[**everen**].do Con[**eg**].o Pro.mo[**to**]r / João Nepomuceno Correa / dispós de maneira Seg[**uin**].te

1^a

Declara sua naturalid.e e filiação

2

Que he cazado com D[**ona**]. Germana / Candida, de cujo matrimonio não / tem filhos: que pagas as suas divi/das institui p[**ar**].a Sua herd[**eir**].a nas duas / p[**ar**].tas de Sues Bens a Sua Mai D[**ona**]. Pas/choa da Ressurreição, e na sua falta / a Sua Irma D[**ona**]. Catharina Clara de / Jezus.

3

²⁹⁶ “Estampa; estampa de figura” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v 3. p. 321. Eram como os artífices chamavam desenhos e ilustrações que serviam de modelo para seus trabalhos.

Nomeia t[es]t[amen]t[eir].a com Livre, e geral//10 / e geral administração: trinta mil reis / de premio: dois annos p[ar].a a conta, e que ju/rando a verd[ad].e das despezas q[ue]' fizer judeciaes / e extra judeciais as, se lhe levão em conta.

4

Sepultado na Capella da Ordem de S[ão]. / Fran[cis].co desta Cid[ad].e: amotalhado²⁹⁷ no habito / della, acompanhado do R[everen].do Cura, e dos / mais R[everen].dos Sacerdotes q[ue]' f[aze].r esmolla o qui/zer em fazer, Sathesfará e Sera do es/teMo.

5

Doze missas de Corpo pres[en].te no dia de / Seo falecien.to: de esmolla de oitava, e di/tas na Capella da Ordem de S[ão]. Fran[cis].co

6

Declara ser Irmão da Irm[anda].de do Sacra[me]nt[o]. / da Ordem do Carmo, e do Rozario dos Pre/tos, q[ue]' todas acompanha seo corpo / e a de S[ão]. Fran[cis]co, não havendo inconve/niente, Se lhes pogue o fui deve[n]d[o].

7

Dita em paz pela sua alma de / esmolla de meia oitava no altar / preveligiao da Capella de S[ão]. Fran[cis].co / da ordem 3^a desta cid[ad].e

8

Deixa todas as Estampas, Riscos, e de/buxos²⁹⁸ a Fran[cis].co de Paula, e Bernar/din da Serra Seus aprendizes

9

Institui herdeira do remanecente//10 v./ Remanecente de Sua 3^a a Sua Irmã / D[ona]. Catharina Clara de Jezus.

10

Declara os bens que possue

11

²⁹⁷. “Amortalhar; envolver o corpo do defunto numa mortalha” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v 1. p. 229. “Mortalha; o lençol, em que se envolve o corpo do defunto” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v 5. p. 312.

²⁹⁸. “Debuxar; Diz do que se obra na pintura sem dar cor, nem sombras, mas só com lápis, & pena” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-28. v 3. p. 16.

Que emprestara o P[adr].e João Fran[cis].co da / Rocha noventa mil reis, ao Alferes / Dom[ing].os Fran[cis].co vinte tantas oitavas.

12

Que ajustava hu[m]a obra com o Cap[it].am / Silvestre de Al[meida]. p[o].r três mil cruzados, / que recebera algu[m]as parcelas que / ainda não concluíra a obra, que se / meterem Louvados convidou os herd[eiro].s / do dito Cap[it].am, p[ar].a estes jugarem se / delle resta algu[m]a coisa da obra.

13

Que fora p[o].r ordem do dito Cap[it].am / m[ui].tos acriamos na dita obra, como / hum azulejo nas paredes, a feitura / p[o].r Sima da Simalha²⁹⁹ do Arco cru/zeiro. Sua Seo t[es]t[amentei]r[o]. Fazendo / lhe conta mandará acabar a obra / ou procederá na Louvação como assi/ma declara, o q[ue]’ deixa a Sua Meição.

14

Declara dever a Joaq[ui].im da Nati/vid[ad].e Seo aprendíz tantas tantas//II/ tantas oitavas e Se ao tempo de Seo fale/cim[en].to alguma que har devend.o desse lhe / dem, So t[estamen]t[ei]r[o].a Satesfaça Sem Contenda / de Just[iç].a

Estas as disposições do t[esta]t.or Apro/va a Certidão p[ágina] 77 p[ar].a a verba 4.^a / mas deve a R[everida] t[estamen]t[ei]r[o].a apresentar / Certidão do R[eferi].do Con[eg].o Privista, / e q[ue].m Compete passar a Certidão / do dia a contas. As[si].mo Certidão as/tesfaz a verba 5.^a. = A Certidão / 5 Cumpre com averba 7.^a / Afins o recibo 6 p[ar].a a verba / 9.^a Tudo mais esta p[o].r / Cumprir: requeriu que em / hum termo mostra inteiram[en].te / Satesfeito a vont[ade]. do t[esta]t.or, prima / da Lei

E[x]C[utado]

Bernardes

Datta

Aos oito dias do mez de Agosto de mil oito/centos, e Seis annos nesta Leal cidade / de Marianna em o cartorio de mim / Escrivam aodiante nomeado, e sendo / ahi por p[ar]te do Reverendo Cônego / Francisco Soares Bernardes Promo/tor deste Juízo Ecleziastico me foram / dados os presentes Autos com a Sua / resposta e aprozicam retro, e supra / Seg[undo] me para assimconztar faço a pre/zente termo de Datta Eu Joaquim / Coelho de Oliveira Duarte Escrivam do / Conten[c]iозo Geral, Rezi duas que a esCre//II v./ o Escrevi

²⁹⁹. “Cimalha; arremate superior da parede que faz a concordância entre esta e o plano do forro ou do beiral” in: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p XX.

De t[es]tam

Aos nove dias do mez de Agosto / de mil oitocentos e seiz annos nes/ta Leal cidade de Marianna em / o cartorio de mim Escrivam aodiante / nomeado, e sendo a lei faço os prezentez / Autos com Muzaz ao Illustressimo / e Reverendissimo Ministro o Dou/tor Quintiliano Alves Teixeira Jardim para os Les parhar como lhe / paresser de justiça de que para assim / constas faço o prezente termo de / com Mizam Eu Joaquim Coelho de / Oliveira Duarte Escrivam do com/teniozo Geral, Rezo duas que a es/crevi

[Deau^{da}]/12

[Deaud^a] em q[ue]' por parte / do R[everen].do Con[eg].o Pro.mo[tor]r Ser e q[eu]r[em], q[ue]' fique / assignado hum termo o Re t[es]t[amen]t[eir]o p[ar].a / Satisfazer intimasse por não ter / procurador prezente.

Aos dezoito dias do mez de Agosto de mil / oitocentos, e Seiz annos nesta Leal / cidade de Marianna em publica / Audiencia que aos fintas partes, e Juiz / procuradores que nella requeriam / fazendo estava commigo Escrivam / aodiante nomeado em cazaz de Sua / Residencia o Ilustrissimo, e Reveren/dissimo Doutor Quintiliano Al/ves Oliveira Jardim Vigario Collado / na Parochial Igreja de Nossa Senho/ra da Conceiçam de congonghas do cam/po [Prerizos] Vigario Geral Juiz das juz/tificasseonez cazamentos Resíduos / e Governador deste Bispado de / Marianna por ssua Excelência Re/verendissima, e sendo ahi na refe/rida audiência pello Alferes Anto/nio Fernandes Vieira Solicitador de / cauzaz nos Auditorias desta dita / cidade e procurador interino deste / Juizo, e Reziduos por elle foi reque/rido au dito Ministro que nos Au/tos de contas de testamento que este / Juizo passe o Reverendo Conego Pro/mutor move a Re Dona Cathari/na Clara de Jezuz como testamentei/ra desseo marido³⁰⁰ Joam Nepomoceno / Correira de Castro requeria lhe ficasse / assignado hum termo para cumprir / como que Se acha mandado intimar / da ssua Re testamenteira por nam ter / procurador prezente o que Sendo tudo / ouvido pello Sobredito Ministro Seo / requerimento informado dos ter/mos dos Autos por min Escrivam de / Mez deferiu que mandava ficasse / assignado hum termo a Re testamen/teira para dentro deste cumprir / com o que Se acha mandado i iti/madosse a Re testamenteira por / nam ter procurador prezente tudo / na forma requerida segue para//12 v./ Para assim conztar Lanco aqui o pre/zente requerimento de audiência / que o tirei de carta por mim tomada / em lembrança no [Orotatazo] de Mas de / onde passei aqui a estes Autos o que / me reporta Eu Joaquim Coelho de Olivei/ra Duarte Escrivam do conteniozo / Geral, e Rezi duas que a escrevi//13

1803

Cônego Promotor do Juízo Eclesiástico

³⁰⁰. Erro cometido pelo escrivão, pois dona Catarina Clara de Jesus é irmã de João Nepomuceno Correa Castro.

Dona Catharina Clara de Jesus testamenteira de seu irmão João Nepomuceno Correa de Castro.

Contas de testamento

Escrivão Coelho

Ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e três anos, aos vinte e oito dias do mês de março do dito ano nesta leal cidade de Mariana, em audiência pública que para os feitos e partes os procuradores está fazendo como escrivão atual deste juízo, o muito reverendo doutor Quintiliano Alves Teixeira Jardim, provedor e vigário geral deste bispado e na mesma audiência por Antônio Fernandes Vieira solicitador de causas nos auditórios desta cidade. Pelo procurador dos resíduos foi dito e requerido ao muito reverendo ministro que fosse citada dona Catharina Clara de Jesus como testamenteira de seu irmão João Nepomuceno Correa de Castro, para em termo como assina a lei ajuizar contas da mesma testamentaria, por a tempo e tudo sendo visto pelo perito orto muito reverendo ministro. Seu requerimento já firmado, assim deferiu na forma lei, para contas faço aqui o presente requerimento de audiência que o tirei da conta tomada em fé e no prazo certo pelo dito escrivão, em posse desta, foi aqui nestes autos, a que me reporto, eu, Joaquim da Silva, escrivão adiante que escreveu.

Certifico o que contei a dona Catherina Clara de Jesus, testamenteira de seu marido, digo de seu irmão João Nepomuceno Correa de Castro, para em termo com as e nas da lei, em prazo dar contas. Testamenteira por ser findo o termo em fé, segundo faço o presente. Mariana 30 de julho de 1804.

Joaquim M. da Silva D.

Ajuntada;

Aos trinta dias do mês de julho de mil oitocentos e quatro anos, nesta leal cidade de mariana e no meu cartório, escrivão adiante nomeado, sendo ai por parte da ré dona Catherina Clara de Jesus, como testamenteira de seu irmão João Nepomuceno Correia de Castro, me fez dar uma petição como de parte nela proferido pelo muitíssimo e reverendíssimo ministro o doutor Quintiliano Alves Texeiras Jardim, pedir para mim esse requerimento que o aceitasse com os datamentos que na mesma faz menção, o que em razão do meu ofício e o requerimento da dita parte o aceitou com os datamentos mencionados e que todos são os que adiante se seguem e abaixo. Eu Joaquim Coelho de Oliveira Duarte, escrivão do contencioso geral, reze duas que o escrevi.

Diz dona Catharina Clara de Jesus na qualidade de testamenteira de seu irmão João Nepomuceno Correa, que o autor citou ela no requerimento do reverendo cônego promotor do juízo, para dar contas da mesma testamantaria e obedecendo apresenta o próprio testamento de seu testado com as certidões de contas e recibo que lhe respeitam, e por isso requerem as suas para mandar que o escrivão do contencioso junte esta aos auto que houver e os faça com estas ao reverendo cônego promotor para expor e dizer o que se oferecer.

Com o referido passo a sua assim, ao ver por bem mandar.
Jardim

Em público modo

Em nome de Deus, amém.

Saibam que este é público escrituramento de testamento, últimas e derradeiras vontades, sendo no ano de nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de mil setecentos e noventa e quatro, aos vinte e oito dias do mês de dezembro do dito ano, nesta cidade de Mariana, eu João Nepomuceno Correa de Castro estando enfermo e de cama, temendo a morte que é certa, faço este meu testamento na forma seguinte:

Primeiramente encomendo minha alma a Santíssima Trindade que a criou, ao Pai Eterno pelos merecimentos da sagrada paixão e morte de seu primogênito filho, a queira receber quando deste mundo jaz, para a glória que foi criada: protesto que creio em tudo quanto crê e ensinas a santa madre Igreja Católica Romana e nesta fé prometo viver e morrer.

Declaro que sou natural da freguesia e catedral desta cidade de Mariana, filho legítimo de Domingos Correa, já falecido e de dona Paschoa da Resurreição e Castro, que ainda vive.

Declaro que sou casado em face eclesiástica com dona Germana Cândida Xavier de Noronha, de cujo matrimônio não tenho filho algum. Depois de pagas as minhas dívidas que ficar devendo ao tempo de meu falecimento, instituo a minha mãe dona Paschoa da Resurreição para universal herdeira das duas partes da menção dos meus bens, e no caso de que seja falecida ao tempo de meu falecimento, instituo para minha herdeira a minha irmã, dona Catharina Clara de Jesus.

Declaro, peço e rogo em primeiro lugar a minha irmã dona Catharina Clara de Jesus, em segundo lugar a meu irmão, o padre Francisco Correa Rabello, em 3º a minha mulher dona Germana Cândida Xavier de Noronha, que irão ser meus testamenteiros com sucessão uns aos outros, bem feitores, administradores e arrecadadores de todos os meus bens e fazenda, com livre e geral administração, para o que serão abonados. Ao que ajustar esta minha testamentária, deixo em prêmio do seu trabalho trinta mil réis, e não será obrigado a dar contas desta testamentária. O prazo será do dia de meu falecimento há dois anos, e se leve em conta todas as despesas que fizer na administração da mesma testamentária, tanto pendências como extrajudiciais, jurando somente a verdade delas.

Meu corpo será sepultado na capela da venerável ordem 3ª da Penitência desta cidade, de quem sou indigno irmão, amortalhado no hábito da mesma ordem, acompanhado à sepultura pelo reverendo cura e dos mais reverendos senhores sacerdotes que por esmolas o queiram fazer, aos quais todos se dará e será de estima.

No dia de meu falecimento se dirão doze missas de corpo presente, dê esmolas de oitava cada uma, ditas na capela da minha venerável ordem 3ª e distribuídas por meu testamenteiro.

Declaro que sou irmão da Irmandade do Santíssimo Sacramento, da Venerável Ordem 3.ª de Nossa Senhora do Monte do Carmo e de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, as quais todas, (não havendo inconveniente) assim como a minha Venerável Ordem 3.ª da Penitência, acompanharão meu corpo à sepultura, e lhes pagará tudo o que ficar devendo.

Meu testamenteiro mandará dizer por minha alma trinta missas de esmola de meia oitava cada uma, ditas no altar privilegiado da capela da Venerável Ordem 3.^a da Penitência desta cidade.

Declaro que deixo todas as estampas, riscos e debuxos a Francisco Xavier e Bernardino meus aprendizes, digo, os deixo a Francisco de Paula e Bernardino de Serra, meus aprendizes.

Declaro que dos remanescentes da minha 3.^a, instituo por herdeira a minha irmã dona Catharina Clara de Jesus.

Declaro que os bens que possuo são dois escravos por nomes Pedro de nação Angola = Domingos de nação Angola = um cavalo selado e freado = meia dúzia de colheres e garfos de prata, com duas facas com cabos também de prata = Um [lavra] de prata, umas esporas de prata, baús, arcas, livros caixas, tudo o que pertence ao meu ofício de pintor, bem como duas escravas por nomes Fabianna de nação Angola e Lucinha crioula, as quais estão servindo a minha mulher, me farão todas em dotes.

Declaro que emprestei ao beato João Francisco da Silva noventa mil reis, ao alferes Domíngos Francisco vinte tantas oitavas que lhe emprestei para testamentação dos bens cartoriais.

Declaro que ajustei uma obra com o capitão Silvestre de Almeida que fiz pintar e dourar a sua capela de Nossa Senhora da Conceição por três mil cruzados, para acerto destes tenho recebido algumas parcelas e como ainda não conclui esta obra, por faltarem dois altares sem terem sido louvados, convindo os herdeiros do dito capitão para estes julguem vê se resta alguma a fazer na obra, porque julgo segundo me parece, que não há nada nesta.

Declaro que por ordem do dito capitão fiz muitos acréscimos na dita obra, como uns azulejos nas paredes, a pintura por cima da cimalha do arco cruzeiro, de uma a outra parte; encarnei uma imagem de São Bento, estofei três palmas, a pia batismal e mais do ajuste. Testador e meu testamenteiro fazem contas e mandarão que acabe a obra ou procederá na louvação, como acima digo, os quais tudo deixo a sua menção.

Declaro que devo a Joaquim da Natividade meu aprendiz trinta tantas oitavas, que meu testamenteiro satisfará cego. Se ao tempo de meu falecimento houver alguma pessoa devendo, ou que diga que fique devendo alguma coisa, meu testamenteiro lhe satisfaça sem contenta de justiça.

Novamente digo que o dei para a minha irmã dona Catharina Clara de Jesus em primeiro lugar, em segundo o meu irmão o padre Francisco Correa Rabelo e em 3.^o a minha mulher dona Germana Cândida, que irão ajuizar esta minhas testamentárias, ser meus testamenteiros, bem feitores, administradores, arrecadadores de toda a minha fazenda com livre e geral administração, para o que os chamo e o há por chamados. Desta forma há por findo este meu testamento, última e derradeira vontade e revogo outra qualquer, ainda que consciente feito honrar, para que só a estes quero que seja de inteira fé, crédito e validade, se para esta lhes faltar alguma clausula, a clausulas em direito nele havia. E por justiça de sua majestade o facão, como faz ir e guardar como nele se contém e por verdade pedi e roguei ao padre Francisco Soares Bernardes que este por mim fizesse como testa a digna fé e eu o assinei com o meu nome e sinal de que uso. Dia cera ut supra.

João Nepomuceno Correa Castro.

Como atesta estes gerais, rogado pelo testado;

Francisco Soares e Bernardes.

Aprovação.

Saibam por este público instrumento de provação de testamento sua última e derradeira vontade, como é direito válido seja aí requerido no ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de mil setecentos e noventa e cinco, aos vinte e oito dias do mês de dezembro de mil setecentos e noventa e quatro nesta leal cidade de Mariana em casas de morada do testador João Nepomuceno Correia Castro, onde eu tabelião ao diante nomeado fui vendo e sendo, aí apareceu presente o testador dito João Nepomuceno que reconheço pelo próprio de que dou fé, em seu perfeito juízo e entendimento seguindo o parecer de mim tabelião e das testemunhas adiante nomeadas e assinadas à vista dar respostas a duas perguntas que lhe fiz rogadas suas mãos, para as minhas me foi dado este papel escrito em duas meias dos bens que ocupa quatro laudas, foi onde pronunciei a aprovação do seu solene testamento, última e derradeira vontade, o qual o rogo fizera o padre Francisco Soares Bernades, e como testemunha o venera que depois de feito o lera palavra por palavra. Jurou achar a seu gosto tudo conforme o havia deixado claro sua vontade, ao venerar com o seu nome e por este revoga a qualquer testamento, porque só quer que o presente tenha sua assinatura, a amigos pedia e rogava a justiça e à sua majestade, assim seculares como eclesiásticas. Este testamento fará cumprir como nele se contém o meu tabelião que lhe aprovou, o vi sem emendar entrelinhas à coisa que deva ou fosse, e rabisquei com a minha rubrica que dei. O há aprovado, pois sou obrigado em razão do meu ofício, sendo testemunhas presentes Matheus Texeira da Silva, Joaquim Alves dos Santos, João Francisco de Azevedo, Francisco Xavier Teixeira e Francisco de Paula de Oliveira Sena todos moradores nesta e da cidade, reconhecidos pelos próprios de que dou fé, assinam amigos do testador que com ele também se assina, depois este é servido por mim.

Franciscode Paula de Oliveira e Silva

Tabelião que o escreveu e o vê por público à mesa.

Em testado,

Francisco de Paula Oliveira e Silva.

João Nepomuceno Correa Castro.

Matheus Texeira da Silva.

Joaquim Alves dos Santos.

João Francisco de Azevedo.

Francisco Xavier Ferreira.

Francisco de Paula Oliveira Senna.

Trabalho de abertura,

Ao primeiro dia do mês de janeiro de mil setecentos e noventa e cinco anos, nesta leal cidade de Mariana em casa de morada do capitão Domingos José de Sousa, vereador mais velho do corrente e fazendo nela morador da cidade, juiz pela ordenação nesta dita cidade e seu termo, onde eu tabelião adiante nomeado fui vendo e sendo, aí apareceu presente o reverendo padre Francisco Correa Rabello que reconheço pelo próprio de que dou fé e por ele foi entregue este testamento ao dito ministro, dizendo se faça cedo o testador dele aqui. Sendo aberto o achou em

tudo conforme a sua aprovação e para constar faço este termo em que se assina o dito ministro com o dito representante, eu, Francisco de Paula de Oliveira, escrivão que o escrevi.

Francisco Correa Rabello.

Laer [---]

Cumpra-se legítimo.

Cumpra-se e legítimo.

Botelho Silva Nogueira.

Trabalho de ajuste,

Aos quinze dias do mês de janeiro de mil setecentos e noventa e cinco anos, nesta leal cidade de mariana em o cartório de mim escrivão adiante nomeado, sendo aí presente dona Catharina Clara de Jesus, quem reconheço pela própria de que dou fé. E por ela me foi dito em presença das testemunhas abaixo assinadas, que como primeira testamenteira nomeada no presente testamento do falecido seu irmão João Nepomuceno Correa e Castro, fazia aí a mesma e seus encargos e contas, tendo os bens e prêmios o deixado pelo mesmo, e de como assim o disse. Assinado as testemunhas abaixo, assino eu Joaquim Correa da Silva, escrivão que o escrevi.

Catharina Clara de Jesus e Castro.

O padre Francisco Correa Rebello.

Joaquim Luiz Spinola da [---].

Legitimado à página 25 do livro de registro número 22, em 7 de maio de 1799.

Rubrica = 24º ng

Coelho.

Testamento do guarda mor João Nepomuceno Correa Castro aprovado por mim tabelião abaixo assinado, cosido com cinco pontos de linha azul singelo, com outros tantos pingos de lacar vermelho, por cada parte. Sendo Mariana 28 de dezembro de 1794.

Francisco de Paula de Oliveira e Silva, Janeiro de 1795.

Souza [---] Francisco.

Caetano Gomez de Santa Rita presbítero secular do hábito de São Pedro, coadjutor atual e de presente cura interino da Santa Igreja Catedral deste bispado de Mariana. Certifico que falecendo da vida presente o guarda mor João Nepomuceno Correa Castro com o seu solene testamento. Seu corpo foi encomendado e sepultado na capela da venerável ordem 3.^a de São Francisco, fazendo-se a seguinte despesa:

Ao pároco do acompanhamento, encomendação e missa de corpo presente.

4 '' ''

Ao sacristão de acompanhar portando a cruz e dobras dos sinos.

1 72 ''

A fábrica.	'' 72 ''
Do hábito em que foi envolto.	5 '' ''
Importância da cera mandada distribuir em seu testamento.	32 '' ''
Certidão de missas, duas missas de corpo presente em altar privilegiado = doze.	12 '' ''
Certidão de trinta missas em altar privilegiado.	15

Soma = 70 '' ''

A importância das edições acima declaradas soma a quantia de setenta oitavas de ouro que pagou dona Catharina Clara de Jesus, como testamenteira do dito seu irmão falecido, o guarda mor João Nepomuceno Correa Castro. Passo tudo na verdade, o que juro *in verbo paracho*: cidade de Mariana, 11 de fevereiro de 1795.

Coadjutor Caetano Gomez de Santa Rita.

Recebeu Coelho.

Francisco Correa Rabello e Castro, presbítero secular. Ortex:

Com que disse e fiz dizer por outros reverendos sacerdotes que satisfizeram trinta missas, todas ditas em altar privilegiado da capela da santíssima ordem 3^a da Penitência do seráfico padre Inácio Francisco desta cidade. Recomenda dar para alma do falecido guarda mor João Nepomuceno Correa Castro segundo a verba do seu testamento, recomendados as mesmas missas por sua testamenteira dona Catharina Clara de Jesus e Castro, requeriam a esmola de meia oitava de ouro por cada uma, o que tudo pago as contas pela mesma testamenteira passo o presente e o juro aos santíssimos evangelhos.

Mariana 16 de abril de 1795.

O padre Francisco Correa Rabello.

Recebeu Coelho.

Recebo da senhora dona Catharina Clara de Jesus como testamenteira do senhor guarda mor João Nepomuceno Correa meu mestre, a quem Deus o aja em glória, as estampas e riscos que me deixou o dito meu mestre e por verdade passo este para sua descarga. Hoje, Mariana 7 de junho 1795.

Bernardino de Serra e [Peraja] [---].

Recebo,

Coelho.

Recibo do Bernadinho da testamentária do guarda mor João Nepomuceno.

Declaro,

Aos trinta dias do mês de julho de mil oitocentos e quatro anos, nesta leal cidade de Mariana, em o cartório de mim escrivão adiante nomeado e sendo aí faço os presentes autos à vista do reverendo cônego Francisco Soares Bernardes, promotor deste juízo eclesiástico, para ver e dizer o mais. Para aferir contas faço o presente termo de vista, eu Joaquim Coelho de Oliveira Duarte escrivão do contencioso geral, rezo duas que a escrevi.

Ao reverendo cônego promotor, João Nepomuceno Correa dispôs de maneira seguinte;

1^a

Declara sua naturalidade e filiação.

2

Que é casado com dona Germana Cândida, de cujo matrimônio não tem filhos: que pagas as suas dívidas institui para sua herdeira nas duas partes de seus bens a sua mãe, dona Páscoa da Ressurreição e na sua falta a sua irmã dona Catharina Clara de Jesus.

3

Nomeia testamenteira com livre e geral administração e trinta mil réis de prêmio: dois anos para fazer a conta, jurando a verdade das despesas que fizer, judiciais e extrajudiciais.

4

Sepultado na capela da ordem de São Francisco desta cidade: amortalhado no hábito dela, acompanhado do reverendo cura e dos mais reverendos sacerdotes, fará esmolos, satisfará e será de estima.

5

Doze missas de corpo presente no dia de seu falecimento: de esmola de meia oitava ditas na capela da ordem de São Francisco.

6

Declara ser irmão da irmandade do Sacramento, da ordem do Carmo e do Rosário dos Pretos, que todas acompanharam seu corpo e a de São Francisco, não havendo inconveniente. Se lhes pague o que fiquei devendo.

7

Dita em paz pela sua alma, de esmola de meia oitava no altar privilegiado da capela de São Francisco da ordem 3^a desta cidade.

8

Deixa todas as estampas, riscos e debuxos a Francisco de Paula e Bernardin da Serra seus aprendizes.

9

Institui herdeira do remanescente de sua 3^a a sua irmã dona Catharina Clara de Jesus.

10

Declara os bens que possui.

11

Que emprestará ao padre João Francisco da Rocha noventa mil réis, ao alferes Domingos Francisco vinte tantas oitavas.

12

Que ajustava uma obra com o capitão Silvestre de Almeida por três mil cruzados, que receberá algumas parcelas e ainda não concluirá a obra, que para se meterem louvados convido os herdeiros do dito capitão, para estes julgarem se dela resta alguma coisa da obra.

13

Que fora feitos por ordem do dito capitão muitos acréscimos na dita obra, como uns azulejos nas paredes e a feitura por cima da cimalha do arco do cruzeiro. Seu testamenteiro fazendo lhe conta, mandará acabar a obra ou procederá na louvação como acima declara, o que deixa a sua menção.

14

Declara dever a Joaquim da Natividade seu aprendiz tantas oitavas e se ao tempo de seu falecimento algo ficar devendo, disse lhe que sua testamenteira satisfaça sem contenta de justiça.

Estas disposições o testador aprova a certidão página 77, para a verba 4.^a deve a referida testamenteira apresentar certidão do referido cônego, a quem compete passar a certidão do dia e as contas. Assim, a certidão satisfaz a verba 5^a. A certidão 5 cumpre com a verba 7^a. Assim o recibo 6 para a verba 9^a. Tudo mais está por cumprir: requereu que em um termo mostra inteiramente satisfeito a vontade do testador, prima da lei.

Executado.

Bernardes.

Data;

Aos oito dias do mês de agosto de mil oitocentos e seis anos, nesta leal cidade de Mariana em o cartório de mim escrivão adiante nomeado e sendo aí procurado por parte do reverendo cônego Francisco Soares Bernardes, promotor deste juízo eclesiástico, me foram dados os presentes autos com a sua resposta e posição retro e supra. Segundo assim consta faço o presente termo de data, eu Joaquim Coelho de Oliveira Duarte, escrivão do contencioso geral, reze duas que o escrevi.

[De testam];

Aos nove dias do mês de agosto de mil oitocentos e seis anos, nesta leal cidade de Mariana em o cartório de mim escrivão adiante nomeado e sendo a lei faço os presentes autos com musas ao Ilustríssimo e reverendíssimo ministro o doutor Quintiliano Alves Teixeira Jardim, para o lê e como lhe parecer de justiça, de que para assim constar faço o presente termo de comissão, eu Joaquim Coelho de Oliveira Duarte escrivão do contencioso geral, rezo duas que a escrevi.

[Deau^{da}];

[Deaud^a] em que por parte do reverendo cônego promotor querem que fique assinado um termo, pois o réu testamenteiro para satisfazer intimasse por não ter procurador presente.

Aos dezoito dias do mês de agosto de mil oitocentos e seis anos nesta leal cidade de Mariana, em pública audiência que as partes, juiz e procuradores que nela requeriam, estava comigo o escrivão adiante nomeado em casa de sua residência e o ilustríssimo reverendíssimo doutor Quintiliano Alves Oliveira Jardim, vigário colado na paroquial igreja de Nossa Senhora da Conceição de Congonhas do Campo, precioso vigário geral, juiz das justificações, casamentos, resíduos e governador deste bispado de Mariana. E sendo aí na referida audiência pelo alferes Antônio Fernandes Vieira, solicitador de causas nas auditorias desta dita cidade e procurador interino deste juízo e resíduos. Por ele foi requerido ao dito ministro que nos autos de contas de testamento o juiz o passe à ré dona Catharina Clara de Jesus, como testamenteira de seu marido Joam Nepomoceno Correira de Castro, requeria lhe ficasse assinado um termo para cumprir, como que se acha mandado intimar sua ré testamenteira por não ter procurador presente, o que sendo tudo ouvido pelo sobredito ministro, seu requerimento informando dos termos dos autos por mim escrivão do mês. Deferiu que mandava que ficasse assinado um termo, a ré testamenteira para dentro deste cumprir com o que se acha mandado. Intimando-se a ré testamenteira por não ter procurador presente, tudo na forma requerida segue, para assim constar faço aqui o presente requerimento de audiência, que o tirei de carta por mim tomada. Passei aqui a estes autos o que me reporto, eu Joaquim Coelho de Oliveira Duarte, escrivão do contencioso geral e reze duas que a escrevi.

Transcrito por: Hudson Lucas Marques Martins

Em: 03 de dezembro de 2007.

Revisão: Hudson Lucas Marques Martins
Em: 24 de novembro de 2009.

Revisão: Hudson Lucas Marques Martins
Em: 17 de agosto 2009.

JOÃO NEPOMUCENO CORREA CASTRO

Monografia de Bacharelado — DEHIS/ICHS/UFOP — maio de 2010

DOCUMENTO N.º 20

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

	Despezaque fiz Com a Capella, e outras comais que pertence a Casado Snr. Jezus de Matozinhos por ordem da meza no anno de 1818 ³⁰³ .	
5	...	
6	Pque dei a Manoel da Costa Ataíde da Pintura een Carnam. ^{tos} de Catorze Imagens de 2 Paços do Orto da Prizão Como Consta do Recibo no Seu ap.3	110\$000
10	// 86	
	Deszas que fis Com a capella, e oubras, eo mais que pertence a Caza do Snr. Jezus de Matozinhos por ordem dameza no anno de 1819.	
15	...	
1	P. que dei a Manoel da Costa Ataíde Pintor de Retocar a Capella mor, e Pintar duas capellas dos Paços do Orto e prizão, do Resto de en Carnam. ^{to} das Imagens dos d. ^{os} Paços, Como consta do Recibo no Seo Livro ap. 4.	140\$000
20	//87 v.	

³⁰³. **AEAM**. Recibos pagos à Manuel da Costa Ataíde, 1818-19. *In*: Livro 1º de despesa do santuário de N. S. Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo. f. 86 e 87 v.. Prateleira H, códice 26

Despeza que fiz Com a Capella, e outras com [m]ais que pertence / a Casa do S[e]n[ho]r. Jezus de Matozinhos por ordem da meza no anno / de 1818.

...

P[elo] que dei a Manoel da Costa Ataíde da Pintura e enCarnam[en].tos³⁰⁴ / de Catorze Imagens de 2 Paços do Orto da Prisão Como Consta do / Recibo no Seu a p[ágina].3 110\$000
//86

Des[pe]zas que fis Com a capella, e oubras, e o mais / que pertence a Caza do S[e]n[ho]r. Jezus de Matozinhos por ordem da meza no anno de 1819.

...

P[elo]. que dei a Manoel da Costa Ataíde Pintor de Retocar a Capella mor, e Pintar duas capellas dos Paços do / Orto e prizão, do Resto de enCarnam[en].to das Imagens / dos d[it].os Paços, Como consta do Recibo no Seo Livro a p[ágina]. 4. 140\$000
//87 v.

Despesa que fiz com a capela, e outras com o que mais pertence à casa do Senhor Jezus de Matozinhos, por ordem da mesa no ano de 1818.

...

Pelo que dei a Manoel da Costa Ataíde da pintura e encarnamento de quatorze imagens dos 2 Paços: o Horto e a Prisão como consta no recibo, no seu livro a página 3. 110\$000
//86

Despesas que fiz com a capela, obras e o mais que pertence à casa do Senhor Jezus de Matozinhos, por ordem da mesa no ano de 1819.

³⁰⁴. “Encarnação; termo de pintor A côr da carne em todas as partes nuas de hum corpo pintado” in: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, áulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico...* Coimbra: Colegio das Artes da Companhia de Jezus, 1712-28. v. 3, p. 208. “Encarnar: Dar cor de carne a pinturas ou imagens, applicando polimento às partes do corpo que devem aparecer” in: ÁVILA, Affonso. *Barroco mineiro*; glossário de arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979. p. 143.

...

Pelo que dei a Manoel da Costa Ataíde pintor de retocar a capela mor e pintar duas capelas dos Paços: do Horto e Prisão, do resto de encarnamento das imagens dos ditos Paços, como consta no recibo no seu livro a página 4.
//87 v.

140\$000

Transcrito por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 21 de maio de 2010.

Revisado por: Hudson Lucas Marques Martins.

Em: 28 de maio de 2009.